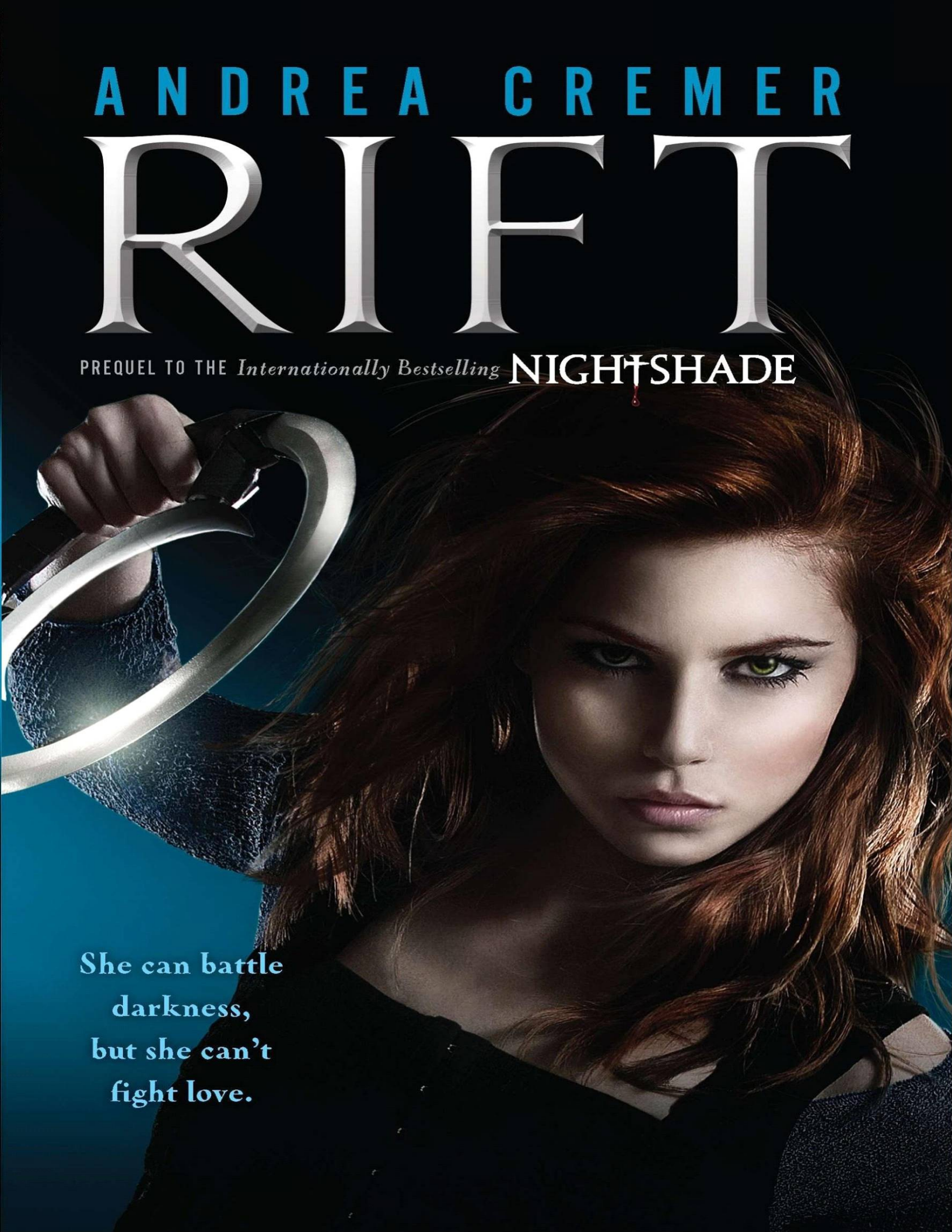


ANDREA CREMER RIIFT

PREQUEL TO THE *Internationally Bestselling* NIGHTSHADE



She can battle
darkness,
but she can't
fight love.



Narrando a ascensão dos Guardiões, este é o prequel impressionante do best-seller internacional, trilogia Nightshade de Andrea Cremer!

Ember Morrow, dezesseis anos, está prometida a um grupo chamado Conatus após um de seus curadores salvar a vida de sua mãe. Uma vez que ela chega à Tearmunn, encontra a alegria em empunhar espadas, aprender magia e lutar contra a escuridão invasora solta no mundo. Ela também se encontra apaixonada por seu mentor, o arrojado, cismado e poderoso Barrow Hess.

Quando os cavaleiros percebem que Eira, uma de suas líderes, está envolvida com magia negra, Ember e Barrow devem escolher se querem seguir Eira para o reino inferior ou prometer pelas suas vidas destruir ela e sua espécie.

Com ação, aventura, magia e uma sensualidade tentadora, este livro é tão envolvente e de tirar o fôlego como os romances Nightshade.

CAPÍTULO 01

1404 dC – Terras Baixas Escocesas

EMBER TROUXE SUA espada para baixo sem aviso, e sua mira foi certa. A lâmina assobiou pelo ar, batendo na marca e suavemente dividindo o adversário ao meio.

Seu inimigo podia ser apenas um manto velho que tinha sido preenchido com palha. Mesmo assim, o manto agora estava em pedaços, e pequenos fiapos dourados flutuavam no ar em torno de Ember como se celebrando sua vitória. Com um grito de alegria, ela girou, brandindo sua espada.

Ember ergueu a lâmina, deixando a superfície apanhar a luz do sol. Estava contente, não só porque tinha destruído sua boneca, mas também porque seu sucesso significava que tinha dado a sua arma a atenção que precisava. Sua espada estava brilhante e nítida. A lâmina não mostrava sinais de ferrugem, embora tivesse que mantê-la escondida no pequeno nicho que cavou no seu esconderijo, onde não estava completamente protegida dos elementos.

Ela levantou a espada mais uma vez e a balançou para baixo em um amplo arco, seu corpo virou seguindo o caminho da lâmina. O caminho sem esforço terminou abruptamente quando a espada encontrou resistência. O som de aço contra aço chegou aos seus ouvidos um momento antes do choque do impacto abalar o seu braço.

— Pensei que te encontraria aqui. — A voz familiar fez o grito de horror se transformar em um de encanto. Apesar de suas roupas terem mudado, Alistair Hart não tinha. Seus cachos ainda brilhavam ao sol, e os olhos ainda rivalizavam com o céu de primavera.

Ember começou a abaixar a espada, mas Alistair deu um passo à frente. Sua lâmina raspou, pressionando na dela e a forçando a recuar.

Ele sorriu para ela. — Tsc, tsc. Não abaixe suas defesas, Em. É assim que você responderia a uma emboscada?

— Mas... — Suas sobrancelhas se uniram. Não conseguia acreditar que ele estava aqui.

— Teremos uma reunião apropriada depois de você me mostrar o que tem praticado — ele disse, olhando para os restos da boneca. — É um desafio um pouco maior quando seu adversário pode lutar de volta.

Seus olhos azuis brilhavam com tanta alegria que a fez querer rir, mas Ember cerrou os dentes. Com uma torção do pulso, ela empurrou a espada de Alistair para longe e golpeou. Ele se esquivou, habilmente manejando a espada para evitar seu balanço. Ela encontrou seu golpe e empurrou suas espadas para que pudesse mirar um pontapé no estômago de Alistair. Pegando o movimento repentino, Alistair tentou pular para trás, mas não foi rápido o suficiente. Ele grunhiu quando o calcanhar dela cravou em seu estômago. Se dobrando, ele tropeçou. Ember gritou, soltando a espada.

— Ah, Alistair, me desculpa. — Ela correu para ele. — Eu me empolguei.

Os ombros dele estavam tremendo e ela os agarrou, inclinando-se para baixo, na esperança de ver o seu rosto. — Eu não queria te machucar.

Quando ele olhou para cima, sorrindo, ela bateu o pé.

Seu corpo não estava tremendo com dor, mas sim com risadas.

— Você é horrível. — As bochechas dela estavam quentes com embaraço. — Eu pensei que tinha te machucado.

— Só o meu ego, doce Ember. — Alistair disse, ainda rindo. — Felizmente, meu estômago pode suportar um chute gentil.

Ember estremeceu com a palavra “gentil”. Certamente não tinha a intenção de ser “gentil”.

— Estou impressionado — Alistair continuou. — Você tem praticado.

Embora quisesse ficar brava com ele, Ember não pôde deixar de sorrir. — Eu tenho... se não vir até aqui, vou ser forçada a fiar. E não gosto de fiar.

Seus dedos se contraíram com o pensamento. Ember não se importava com os calos que deixaram suas mãos ásperas por segurarem a espada, mas ela se ressentia das bolhas que cobriam os dedos após o tédio da cardagem da lã e puxar fio de uma roda. Com um suspiro, ela se virou para resgatar a lâmina da sujeira onde a deixou cair, mas Alistair pegou seu braço e a puxou para trás.

— Você já se esqueceu? — Ele perguntou com um sorriso travesso. — Agora que você se provou, é hora de me receber em casa.

Ember riu e se jogou em seus braços abertos. Ele a esmagou em seu peito, então ela não conseguia respirar, mas não se importava. Sentia falta de Alistair.

todo dia desde que ele deixou sua casa. Ele era a única pessoa que saberia procurar por Ember no vale escondido. A única pessoa a quem confiava seus segredos. O único que tinha escondido uma espada para ela e a ajudou a aprender como usá-la. Nesse último ano, sua ausência tinha significado que não tinha nenhum parceiro de treinamento, e ninguém para tranquilizá-la que desejar uma vida de aventura não era um sonho idiota para uma garota.

Ele riu e a girou tão rápido que seus pés voaram através do ar. — Ah, eu senti sua falta, Em.

Ela contorceu-se contra ele até que fosse capaz de respirar. A questão batendo-lhe nas veias correndo para fora. — Você veio para me levar embora?

Alistair apoiou o rosto no topo da cabeça dela. — Você teve dúvidas? Eu mantenho minhas promessas.

— Mas meu pai... — ela tentou se afastar, mas os braços dele estavam apertados em torno de seu corpo, segurando-a perto.

— Existem alguns poderes nesse mundo que até mesmo o seu pai deve obedecer — disse a ela. — E eu estou aqui representando um deles.

Embora ele parecesse relutante em soltá-la, Ember conseguiu se esforçar para sair do abraço de Alistair. — É maravilhoso eles terem te mandado.

— Foi decidido que as coisas seriam mais fáceis se eu viesse — disse. — Para todos nós. — Ele estendeu a mão, deixando seus dedos descansarem na bochecha dela. — Depois de hoje, as coisas ficarão melhores. Para sempre.

Ember assentiu, embora o toque persistente de sua mão fosse estranho. Sua mente estava trabalhando muito rapidamente para dar importância ao gesto. Mesmo com a volta de Alistair, não acreditava que seu pai a deixaria ir embora de casa, ser livre de suas regras, até que estivesse bem longe da propriedade da família.

Quando Alistair tinha deixado a mansão do próprio pai – apenas à uma hora de distância a pé da casa de Ember – para se juntar a Conatus, ela tinha ficado encantada em receber a notícia de que ele tinha sido escolhido para servir na Guarda da elite deles. Ele sempre superou seus irmãos em combate. Ele fez sua preferência conhecida, e não muitos desistiriam dos confortos da vida doméstica para uma vida de guerra, mesmo a guerra sagrada da Igreja. Mas Alistair era o terceiro filho de um nobre, o que significava que a fortuna de seu pai passaria a seus irmãos mais velhos. Embora ele pudesse ter pedido a mão de

uma herdeira, alegou que preferia viver com sua espada a ganhar sua fortuna através de um casamento.

A situação dela era inversa. Era a noiva ideal para alguém na posição de Alistair. Ele até brincou que eles poderiam se casar para agradar suas famílias. Mas duas coisas a mantiveram longe de considerar aquele caminho. Primeiro, ela sabia que se casar com Alistair não agradaria seu pai. Ele tinha um olho sobre os maridos que iriam aumentar seus negócios na França ou Escócia. Alistair pode ser nobre de nome, mas ele não trouxe nada para a tabela que ganharia a preferência de seu pai: nenhuma herança, nenhuma terra própria.

Segundo, e muito mais importante, era o protesto de seu espírito. Ember tinha certeza de que se sufocaria presa em uma mansão como a esposa de um lorde. Mesmo quando era uma garota desejava escapar da monotonia da fiação, tecelagem e bordado. Ela tinha sido atormentada pelo ciúme quando Alistair e seu irmão aprenderam esgrima e equitação, enquanto ela e Agnes estavam confinadas na mansão. Alistair tinha se tornado seu amigo mais próximo e confidente por causa de sua disposição de evitar o costume, saindo para encontrá-la no seu esconderijo para que ela pudesse ao menos provar o treinamento marcial.

Ember ansiava por uma vida onde poderia viver com sua espada e sua coragem. Uma vida indisponível para a filha de um nobre. Exceto por essa possibilidade única. A dívida de seu pai com Conatus significava que podia ser chamada para servir em Tearmunn. Em que competência não podia saber. Mesmo com suas obrigações com Conatus ainda podia ser destinada a uma união politicamente conveniente.

Suas esperanças eram em vão, sabia disso. Mas durante o ano passado, muitas vezes se permitiu imaginar o contrário. As cartas de Alistair tinham incentivado o seu sonho, insinuando que a adesão à ordem mudaria para sempre o trajeto de sua vida.

Nenhum trabalho poderia ser maior do que os deveres sagrados de Conatus, ele tinha escrito. Mas o que era aquele trabalho? Apesar de suas garantias, ela ainda se encontrava duvidando de que teria um lugar dentro desta ordem estranha. Talvez tivesse sido uma garota que brincava com espadas e bonecas de palha abatidas, mas agora era uma mulher. E mulheres guerreiras eram aberrações, criaturas das lendas, mas não do mundo que habitava. Embora

estivesse nos confins da Terra, Tearmunn ainda era deste mundo, e isso significava que tinha que viver como as mulheres viviam. Como uma esposa. Como uma mãe.

Mas agora Alistair havia retornado como tinha prometido. Seu pulso saltou ao pensar que seus devaneios de outra vida podiam ser realizados. Com correntes opostas de esperança e medo chocando-se umas contra as outras em sua mente, Ember subiu a colina após Alistair.

O cavalo dele, uma égua baia lustrosa, se empanturrava de brotos verdes da primavera que apareciam em tufos espessos por todo o pasto. O cavalo soprou em aborrecimento por ter uma refeição tão adorável interrompida, quando Alistair tomou as rédeas. Eles começaram a atravessar os campos verdes em direção à alta mansão que pairava sobre o vale. A égua bufou, esticando o pescoço em uma tentativa de roubar outro pedaço da grama.

— Ela é linda — Ember disse, olhando para as longas linhas que formavam a égua.

— Seu nome é Alkippe. Os cavalos em Tearmunn são excepcionais — ele disse. — Tudo lá é excepcional.

— E eles não te transformaram em um monge? — ela perguntou, facilmente caindo em seu antigo padrão de provocar um ao outro sobre romance. Ele tinha sempre se vangloriado de que um dia, nenhuma mulher resistiria ao seu charme. E Ember tinha respondido que nenhum homem jamais poderia ter charme o suficiente para fazê-la querer se casar.

Esperando a risada de Alistair, o repentino aperto severo de sua boca a assustou. — É claro que não — ele disse. — Conatus pode ser um braço da igreja, mas nós não somos monges.

— Eu só estava brincando — ela disse. — Suas cartas falavam de tomar votos.

— Os votos são de lealdade. — O ritmo dele acelerou. — Não de castidade.

— Mas você disse que sendo um cavalheiro de Conatus, você não pode se casar — ela argumentou. — E que você continua a cruzada dos Templários – que eram castos, não eram?

As palavras saíram de sua boca e o seu coração ficou apertado como um punho quando se lembrou de que os Templários haviam sido dissolvidos, e muitos torturados e queimados, acusados de terem quebrado seus votos.

Alarmada, ela murmurou. — Eu não deveria ter brincado sobre algo tão sério.

Ele fez uma careta. — Você não entende a função dos votos. Eles existem apenas por causa do perigo... não importa. Você vai aprender a verdade disso cedo o suficiente por você mesma. Agora nossa tarefa é a de lidar com seu pai.

Ember ficou em silêncio, perdida em seus próprios pensamentos sobre o mundo estranho que Alistair tinha chamado de casa no ano passado. O mundo que pretendia ser a casa dela também.

— Você está muito preocupada com as minhas perspectivas para casamento? — ele sorriu e tentou pegar a mão dela.

Ember se esquivou. Sentia falta dele, mas entrelaçar os dedos não era algo que eles tinham o hábito de fazer. Ele franziu a testa, quando Ember puxou a mão para trás, causando uma pontada no peito que a fez lamentar por sua escolha. Ela rapidamente pegou sua mão, apertando e ficou agradecida quando ele sorriu.

— Você sabe que eu não me preocupo com essas coisas — ela disse. — Meus pais têm os planos deles. Eu tenho outros. Vamos ver quem ganha o dia.

Suas palavras carregavam a coragem que não sentia. Na verdade, tinha fugido de casa naquela manhã em uma tentativa desesperada de manter sua mente ocupada, assim como fazia todas as manhãs desde seu décimo sexto aniversário. Temia que um emissário de Conatus nunca chegasse, que suas esperanças não fossem cumpridas, isso a tinha deixado sem sono noite após noite.

— Vamos. — O tom de Alistair ficou sério. Parou, cobrindo a mão dela com ambas as dele. — Sua chegada a Conatus é considerada um prenúncio de uma futura ordem. De uma forma ou de outra.

Ele soltou sua mão, mas só depois de roçar levemente os dedos dela em seus lábios. Um arrepio desagradável a percorreu. A inundação de felicidade com o seu retorno estava acabando, deixando um pressentimento frio em seu rastro. Porque ele estava agindo de modo tão estranho? Tocando-a tantas vezes de maneiras que eram desabituais na amizade deles?

— Como pode ser isso? — Ember perguntou, na esperança de evitar mais interações embaraçosas. Se continuasse falando com ele sobre sua vida em Tearmunn, talvez tornasse as coisas mais confortáveis entre eles.

— Você é a filha de um nobre — ele disse.

— Você é nobre de nascimento — ela respondeu. — Sua chegada não foi igualmente auspiciosa?

Ele balançou a cabeça. — Eu fui para Tearmunn voluntariamente. Você está sendo chamada, porque sua vida é devida a Conatus.

Ember ficou quieta. Embora não se lembrasse disso, a história nunca deixou de perturbá-la. Quando as dores do parto de sua mãe começaram, o nascimento não tinha progredido como deveria. A morte pairava sobre a mãe e a criança. A chegada repentina de uma extraordinária curadora – uma mulher treinada por Conatus – tinha oferecido salvação. Mas os milagres vinham com um preço. E o preço mencionado seria pago quando a pequena garota chegasse ao décimo sexto ano.

Crescer com aquela memória seguindo-a como uma sombra tinha sido estranho. Que estava prometida à Conatus não tinha sido escondido dela, mas sempre que isso era mencionado, sua mãe se afligia e seu pai bradava. Mesmo não tendo sua própria recordação do evento, sentia como se as circunstâncias de seu nascimento a tivessem deixado apenas vagamente amarrada a este mundo. Que sua sobrevivência havia sido um erro, deixando-a com uma incompleta e caótica alma. E era por isso que queria coisas que não devia ter e sonhos impossíveis. Porque sua própria existência era efêmera. Involuntária.

Quando a mansão apareceu diante deles, a sua forma desmedida que pairava sobre os campos da propriedade de seu pai e de trabalho dos seus camponeses, o coração de Ember caiu como uma pedra em um poço. Alistair tinha ficado em silêncio como se perdido em seus pensamentos enquanto ela nos dela. Ela se perguntava se a confiança extrema de seu amigo contradizia as próprias dúvidas dele.

Um cavaliário interceptou-os no pátio, pegando o cavalo de Alistair e levando o animal para os estábulos.

— Seu pai está no grande salão — Alistair disse a ela quando passaram pelas portas altas de carvalho da mansão. — Com um banquete e tanto preparado.

— Ele estava esperando impressionar Conatus — Ember disse. — E ele provavelmente está desapontado por ter gastado uma fortuna só para ter o jovem Alistair Hart aparecendo para me buscar.

— Não sou apenas eu — ele disse com uma torção em seus lábios que poderia ter sido um sorriso ou uma careta.

— Alguém mais está aqui? — Ember podia ouvir a voz de seu pai, crescendo à medida que se aproximavam do grande salão. Ele estava usando o tom expansivo que sabia que significava que queria transmitir a sua importância.

Alistair se inclinou para perto, sussurrando: — Alguém mais intimidante do que o jovem Mestre Hart. Embora eu esteja relutante em admitir que tal homem exista. Mas, na verdade, é alguém que seu pai seria menos provável de dispensar.

Tomada pela curiosidade, Ember andou tão rápido quanto podia sem correr. O salão estava estourando com cor, cheiro e som. Lorde Edmund Morrow sentou em uma cadeira de madeira entalhada, mais alta do que dos seus correspondentes. Uma longa mesa estava coberta por bandejas de prata carregadas de faisão assado, carne de veado e leitão. Tigelas de madeira estavam perto de tombar sob o peso de pães, ensopado de peixe quente fervendo, e caldo temperado. Servos corriam pelo salão, repondo copos vazios com vinho vermelho e cidra âmbar.

Apesar de seu coração tamborilar, o estômago de Ember roncou. Esse banquete era maior do que até mesmo a celebração de Natal que seu pai tinha ordenado. Ele estava tão preocupado com sua reputação com Conatus? Afinal, ele não tinha falado deles como uma seita estranha e isolada que tinha pouco a ver com o mundo da corte e reis?

A mãe de Ember, Lady Ossia Morrow, sentou-se à esquerda de seu marido. Estava vestida em um dos seus melhores vestidos de seda ébano. Seu cabelo estava puxado em um complicado nó e adornado com pedras preciosas. A sua irmã, Agnes, sentou-se à esquerda de sua mãe. Ela também estava vestida com o vestido favorito, de seda rosa e creme. Seus olhos estavam abatidos enquanto olhava as carnes em seu prato.

Os outros convidados na refeição eram guerreiros – os homens de armas que serviam Lorde Morrow. Corpulentos e exasperados com um excesso de comida e bebida, eles brindavam e empurravam um aos outros, aproveitando ao máximo desta generosidade inesperada.

A única pessoa na sala que não reconhecia era o homem sentado à direita de seu pai. Ao contrário dos outros festejadores, o comportamento do estranho

era duro. Tanto inquieto quanto desconfiado. Mesmo que ele estivesse sentado, podia dizer que era mais alto que seu pai.

Avistando os recém-chegados, a mãe de Ember estendeu as mãos. — Alistair! Você a encontrou.

Edmund direcionou a ponta da faca para eles. — Bom garoto, Alistair. Quanto a você, garota errante, poderia ter tomado um momento para vestir roupas apropriadas para esse banquete em homenagem aos nossos convidados.

Ember olhou para seu vestido simples e amarrotado, sua bainha coberta de terra. — Eu estava andando no pasto — ela disse, as bochechas corando.

— Agnes, leve sua irmã e a ajude a ficar apresentável, — disse seu pai. Ele olhou para o homem alto à sua direita.

Agnes começou a levantar, mas o estranho franziu a testa. — Não há necessidade de sua filha se adornar.

Ele acenou para Agnes voltar ao seu assento, mas ela pairou, sem saber o que fazer. Quando os olhos de seu pai se estreitaram, ela se levantou e correu para o lado de Ember.

— Você pode ser do norte selvagem, bom cavaleiro — Edmund respondeu a ele. — Mas eu espero que a minha filha haja como convém sua posição, não como uma camponesa que corre por aí com palha no cabelo.

Ember levantou as mãos cautelosamente passando-as pelo cabelo emaranhado. Corando mais profundamente, pegou vários pedaços de palha em seu cabelo. O estranho a observou de perto, e pensou que ele podia estar à beira de sorrir. Seu embaraço se transformou em irritação. Vê-la sendo repreendida como uma criança era divertido para este homem?

Ainda segurando o seu olhar, o cavaleiro se levantou. Ele era pelo menos uma cabeça mais alto do que o seu pai, e até um pouco mais alto do que Alistair. Olhou para o rapaz ao lado dela. Ambos os cavaleiros de Conatus tinham cabelo escuro, mas onde Alistair tinha cachos tão brilhantes quanto à asa de um corvo, o cabelo do estranho era liso, cortado de um modo que caía um pouco abaixo das orelhas e tinha uma cor rica, como casca de árvore depois da chuva.

Olhou para longe dele somente quando Agnes pegou sua mão. — Venha, irmã. Eu acho que o vestido de seda verde seria uma ótima escolha.

— Espere! — O chamado do cavaleiro parou Ember de seguir sua irmã. Antes que seu pai pudesse falar algo novamente, o desconhecido disse para ela:

— Lady Morrow, eu sou Barrow Hess. Lorde Hart e eu viemos escoltá-la para Conatus de Tearmunn em Glen Shiel.

Ember libertou a mão do controle apertado de Agnes, e se curvou em uma reverência. — Eu entendo, milorde.

— A senhorita está preparada para ir agora? — Barrow pergunta a ela. — Já nos deleitamos muito com a generosa hospitalidade de seu pai. Se estiver de acordo, nós levaremos comida para a viagem e sairemos dentro de uma hora.

Ao lado de Barrow, o pai dela começou a gaguejar. Sua mãe engasgou em horror. Agnes agarrou seu braço, como se aquele gesto por si só a mantivesse na casa de seu pai.

Ember olhou de seu pai para o cavaleiro alto. — Eu...

— Que tipo de insulto é esse? — Edmund saltou, enquadrando os ombros. — Eu preparei um banquete para você e você não pode nem se incomodar em compartilhar isso.

Barrow deu-lhe um olhar medido. — Eu comi à vontade, Lorde Morrow. Esse gesto foi um presente rico, mas desnecessário. Lorde Hart e eu estamos aqui apenas para recolher o que você deve a Conatus. Agora que sua filha está aqui, devemos seguir nosso caminho.

Um arrepio rastejou sobre a pele de Ember. *O que você deve.* Isso era tudo o que ela significava para Conatus? Uma dívida a ser paga?

Ela se sentiu ainda mais fria, quando Alistair avançou, ganhando a atenção do pai dela.

— O Círculo pediu-me para lhe recordar, Lorde Morrow — Alistair disse lentamente. — Uma vida por outra. Esses são os termos.

Os dedos de Agnes cavaram na sua pele, mas Ember não vacilou nem falou, mesmo quando sua irmã começou a chorar baixinho.

Seu pai empalideceu. — Vocês são mercenários. Cruéis e exigentes.

— Uma vida por outra — Alistair disse novamente. Seu olhar caiu sobre a mãe de Ember. Os lábios de Ossia tremiam, mas colocou a mão sobre a do marido.

— Você não pode renegar seu juramento, milorde — ela murmurou.

Edmund arrebatou sua mão da dela e se levantou. — Não. Eu não devo renegar a mim mesmo. Mas vou viajar para o norte com vocês. Nós todos vamos.

Agnes lançou um olhar suplicante para a mãe e fungou. — Mas o meu casamento...

Ossia assentiu, voltando-se para o marido. — Milorde, nossa filha está a um mês de sua viagem marítima.

— As coisas dela podem ser empacotadas por servos. — Edmund bufou. — Ela não precisa estar aqui. Nossa casa viaja para Tearmunn logo que amanheça.

Barrow tossiu. — Lorde Morrow. Minhas ordens são para levar a senhorita Morrow para Conatus hoje.

— Amanhã é tão bom quanto hoje — Edmund olhou furioso para o cavaleiro. — Vocês não devem mais me ofender recusando-se a compartilhar esse banquete e passar a noite como convidados em minha casa. Nós partiremos ao amanhecer.

— Se você insistir em fazer essa viagem ao norte — disse Barrow, com um movimento leve de cabeça. — Nós partiremos em uma hora.

O rosto de Edmund avermelhou. — Você se atreve a me dar ordens em minha própria casa.

Seus guerreiros agitaram-se com a troca. Ember sentiu como se alguém tivesse agarrado-a pelo pescoço quando viu vários homens de seu pai alcançar suas armas. Ela pôde sentir Agnes tremendo.

— Pai, por favor. — Ember começou a avançar, mas Alistair levantou a mão, sinalizando para ficar quieta.

— Apenas espere — ele murmurou.

— Eu não estou lhe dando ordens — Barrow disse ao pai dela calmamente. — Mas não vou falhar em meus próprios deveres. Eu levarei a sua filha para Tearmunn hoje. Se você viajar conosco, vai retardar nosso progresso. Três cavaleiros fariam a viagem rápida. A comitiva que você parece estar sugerindo vai tornar nossa viagem mais longa por dias. O atraso é simplesmente insustentável.

Ember estava segurando a respiração, o olhar fixo em Barrow. Ele se elevou sobre o pai dela com ombros retos, rosto calmo, mas firme. Ela não conseguia afastar o olhar dele. Nunca um homem tinha falado deste modo com seu pai. Sem medo. Sem desculpas. Seu pulso se agitou em antecipação. Isso era surpreendente.

O pai de Ember estufou o peito. — Eu não vou sofrer esta humilhação. Nem vou mandar minha filha para fora em um cavalo com dois homens como uma mulher comum. Ela deve chegar a Tearmunn com suas donzelas e seus pertences.

Barrow olhou para ela. — A senhorita vai retornar conosco hoje, sozinha. Você pode enviar suas coisas para o norte como deseja. Mas não há lugar para as donzelas dela em Tearmunn.

— Basta! — Edmund trouxe seu punho sobre a mesa, a força do golpe derrubando vários pratos e tombando os copos. — Não ouvirei mais nada disso.

— Talvez possamos resolver nossas diferenças de outra forma — Barrow disse calmamente.

Com o rosto vermelho e bufando de raiva, Edmund fez uma careta. — E qual seria?

— Escolha os seus melhores homens — Barrow acenou para o grupo de guerreiros no corredor. — Se eles conseguirem me derrotar em combate, partiremos amanhã.

Edmund olhou para Barrow. — Você quis dizer *homens*?

Os guerreiros gargalharam, sorrindo com a negociação. Edmund levantou as mãos e o salão ficou em silêncio.

Todos os traços de raiva no rosto pai de Ember se apagaram. Com uma gargalhada, ele disse: — Estou tentado a prendê-lo por suas palavras, cavaleiro. E garantir minha própria vitória.

— Eu não pronunciei errado, milorde — Barrow respondeu sem hesitar. — Seus melhores homens. Nomeie-os.

As gargalhadas dos homens de Lorde Morrow acalmaram e logo se tornaram irritados burburinhos.

— Um desafio ousado — Edmund disse, seu sorriso rígido. Seu olhar varreu seus homens. — Hugh! Gordon! Felix!

Ember se aproximou de sua irmã quando os três guerreiros levantaram-se de suas cadeiras. Seu pai tinha escolhido bem. Esses não eram somente os cavaleiros mais experientes, mas estavam entre os menos favoritos dela. Hugh não era horrível, mas quando era uma menina, seu rosto cheio de cicatrizes e dentes faltando tinha a assustado. Gordon e Felix tinham o hábito de olhar maliciosamente para ela e sua irmã quando passavam no corredor. Pior ainda, Felix tinha uma reputação de crueldade com os servos da mansão e com seus cães de caça. Esses homens lutariam muito e, se tivessem chance, não hesitariam em ferir gravemente Barrow por despeito.

Barrow acenou para os três homens. — Meus senhores, escolham suas armas. — Ele se virou para a mãe de Ember. — Minha senhora, eu não mancharia sua casa com o combate. Poderíamos ir para o pátio?

Ossia assentiu, pegando o braço do marido. Edmund levou sua esposa para fora da sala, acenado a seus campeões escolhidos para segui-lo.

O burburinho de expectativa no salão se quebrou em um rugido baixo. Os guerreiros seguiram atrás de seu lorde, deixando o salão e movendo-se para o pátio. Alistair ficou para trás, oferecendo seu corpo como uma barreira entre a turba de homens e Ember e Agnes.

Assistindo a maré vazante de guerreiros da sala, Ember saltou de surpresa quando uma voz baixa, muito próxima, disse: — Peço desculpas por esse espetáculo, Lady Morrow. Espero não tê-la ofendido.

Barrow tinha aparecido de repente afastado da multidão, de pé perto de seu ombro. Olhou para cima e encontrou-o buscando seu rosto atentamente. O que ele estava procurando ela não poderia dizer, mas seu próprio olhar foi pego no escuro azul acinzentado de seus olhos, sua sombra como a de uma tempestade do mar. Incapaz de encontrar sua voz, Ember simplesmente balançou a cabeça.

— Tem certeza de que isso é necessário? — Alistair perguntou para Barrow.

— Lorde Morrow está precisando de uma lição — Barrow respondeu.

Alistair franziu a testa. — Talvez, mas o pai de Ember vai gostar menos ainda de nós depois disso, o que dificilmente vai agradar o Círculo. Além disso, eu conheço esses homens. Você está em uma luta suja.

— Não se preocupe comigo. — Um sorriso cintilou sobre a boca de Barrow. Ele tirou a capa e entregou-a a Alistair.

Alistair suspirou, murmurando: — Me pergunto se Kael poderia ter evitado uma luta.

— Seu mentor na Guarda? — Ember perguntou, se lembrando do nome em uma das cartas de Alistair.

— Sim — ele disse. — Ele tem um toque mais leve do que Barrow — mas nosso comandante não acha que um semblante alegre seria capaz de persuadir Lorde Morrow.

— Seu comandante provavelmente está certo — Ember disse, e a única resposta de Alistair foi uma risada áspera.

Quando ela e sua irmã correram para acompanhar os longos passos dos dois cavaleiros Conatus, Agnes sussurrou: — Que horrível! Você não pode parar isso?

Olhou para ela. — Como eu poderia parar isso?

— Eles estão lutando por você — Agnes disse. — Alistair tem sido nosso amigo desde que éramos crianças. Implore sua causa a ele. Certamente ele vai convencer Lorde Hess a libertá-la da promessa de nosso pai. Você era um bebê e nosso pai estava desesperado. Esse encargo não deve cair em você.

Rangendo os dentes, Ember disse: — Você sabe como você é importante para mim, Agnes. Mas eu não tenho vontade de ser liberada. Eu quero ir com eles.

Agnes suspirou. — Você diz isso agora, mas o que você conhece de Conatus?

Ember afastou o olhar para longe do rosto preocupado da irmã, frustrada pela verdade em suas palavras. Conatus era envolto em mistérios – uma ordem de cavaleiros sancionados pela Igreja, mas cujas tarefas eram conhecidas apenas por seus membros.

— Você me disse que as cartas de Alistair falavam de votos. — Agnes olhou para as costas dele enquanto falava. — Votos em que você abandonaria sua própria vida.

— Minha vida agora não é minha — Ember assobiou entre os dentes. — Se eu ficar aqui, eu serei do papai para me dar a qualquer nobre que ele escolher.

Um som choramingado de dor emergiu da garganta de Agnes e Ember colocou o braço em torno de sua irmã.

— Perdoe-me, Agnes — disse, encolhendo-se com sua própria negligência. — Eu não deveria dizer essas coisas.

— Eu sei que você olha para casamentos com desprezo — Agnes manteve os olhos no chão enquanto caminhavam. — Mas isso é só porque você não foi atingida pela flecha do amor.

Ember teria bufado, mas já tinha machucado Agnes o suficiente. — Espero que você encontre o amor que procura na França.

Agnes olhou para cima, mas para Alistair ao invés dela. — Eu também.

A luz solar brilhante a fez semicerrar os olhos, quando eles emergiram no pátio. Os guerreiros de seu pai já tinham formado um anel no espaço aberto.

Dentro do círculo, Hugh, Gordon e Felix brandiam as armas. Hugh tinha uma espada curta e um escudo preso a seu braço esquerdo. Gordon carregava uma alabarda^[1] e Felix uma clava.

Os homens de Lorde Morrow se afastaram para deixar Barrow entrar no ringue. Alistair levou Ember e Agnes para uma encosta nas proximidades, onde seus pais estavam, com vista para o círculo. Barrow tinha tirado sua espada. Ao contrário da lâmina de espessura baixa de Hugh, a espada de Barrow era elegante e curva. Os homens prestes a lutar se assemelhavam tanto entre si quanto as armas. Como o pai de Ember, os três guerreiros que ele havia escolhido para enfrentar Barrow eram musculosos com uma largura impressionante de peito e ombros. Seus corpos gigantes eram construídos como pilhas de grandes pedras. Em contraste, Barrow era alto e magro, sua forma desenhada em linhas longas e tensas.

Barrow procurou pelo pátio até encontrar Edmund. — Milorde?

— Quem não cair ou se render — Edmund gritou. — Meus homens ou esse cavaleiro de Conatus, será declarado o vencedor!

Um grito selvagem subiu do anel de guerreiros. Agnes estremeceu, implorando a irmã mais uma vez: — Como você pode suportar isso, Ember?

Mal ouviu a questão de sua irmã. O sangue dela estava rugindo em seus ouvidos, seu coração batendo forte contra as costelas. Suas mãos se moviam inquietas, abrindo e fechando os punhos. Desejou que pudesse segurar sua espada, mesmo que fosse só para imitar o jogo emocionante que estavam jogando ante ela.

Barrow levantou a espada em saudação ao seu trio de adversários. Eles grunhiram e deram de ombros em resposta. Hugh e Felix trocaram sorrisos, sinalizando sua expectativa de uma vitória fácil.

Quando os guerreiros ao redor deles gritaram por sangue, os homens dentro do círculo começaram a se mover. Barrow manteve sua espada baixa, observando seus adversários. Gordon gritou, atirando-se em Barrow, a alabarda destinada a empalar. Barrow esquivou, deixando o impulso de Gordon levá-lo além do ponto de ataque. Quando Gordon passou por ele, Barrow torceu e trouxe o cabo de sua espada no crânio de Gordon. O estalo do aço no osso fez Agnes gritar.

— Eu não posso ver! — Ela escondeu o rosto no seu ombro. Ember não piscou. Era como se pudesse sentir os músculos de Barrow se enrijecendo e explodindo em ação enquanto ele lutava. O corpo dela zumbia com a força e o encanto dele. Nunca se sentiu mais viva.

Gordon se contorceu e ficou imóvel. Com as costas de Barrow ainda viradas, Felix e Hugh atacaram. Felix correu para o cavaleiro, balançando sua clava em um amplo arco, enquanto Hugh correu em torno de seu adversário, mantendo o escudo, mas a espada baixa.

Barrow mergulhou, rolando no chão enquanto a clava de Felix assobiava perto de seu ouvido. Hugh golpeou quando Barrow estava deitado de costas, mas o cavaleiro conseguiu chutar o estômago de Hugh com os dois pés. Barrow pôs-se de pé, Felix girou sua clava ao redor. Um grito de alerta subiu pela garganta de Ember, mas o campeão de Conatus girou ao redor, sua lâmina varrendo para encontrar a clava de Felix num golpe. Metal tiniu quando eles atacaram mais e mais.

Recuperando-se de ter a respiração expulsa de seus pulmões, Hugh levantou do chão para juntar-se à luta. Ele deixou de lado seu escudo e jogou-se nas costas desprotegidas de Barrow. Quando Felix balançou sua clava, Barrow rolou para o chão liso como uma tábua. Hugh tropeçou em Barrow e caiu para frente. Ouviu-se o som de osso triturado, e um gemido subiu dos guerreiros que circulavam quando a clava de Felix se enterrou no ombro de Hugh.

Hugh gritou quando Felix praguejou e arrancou sua arma livre. Sangue derramou da ferida de Hugh e seu braço esquerdo pendeu inerte ao seu lado. Barrow já havia rolado para longe deles e estava de pé novamente. Sem pausa, ele correu na direção de Felix, sua lâmina curvada movendo-se rapidamente pelo ar. Cortes começaram a aparecer nos braços e ombros de Felix, que estremeceu, tropeçando para trás. Com um grito estrangulado ele se virou, debatendo-se quando Barrow continuou seus ataques implacáveis. A camisa de Felix estava em frangalhos, com o peito coberto de cortes que pareciam contusões. Respirando com dificuldade, ele caiu de joelhos. Só então a lâmina de Barrow parou.

— Eu me rendo — Felix murmurou, de cabeça baixa.

Barrow assentiu. Ele virou-se para Hugh, que apesar de sangrando e gemendo de dor, ainda estava de pé no ringue.

— Você se rende? — Barrow perguntou a ele.

Hugh cuspiu no chão exatamente abaixo dos pés de Barrow, mas ele acenou. Quando Barrow embainhou sua espada e virou-se para sair do ringue, Hugh começou a rir. Felix tinha se levantado do chão, os olhos arregalados de indignação. Sem um grito de batalha, Felix investiu contra Barrow, movendo sua clava em um arco alto para que pudesse esmagar seu crânio.

Em um movimento estranhamente similar à submissão de Felix, Barrow girou e caiu sobre um joelho, mas sua mão estava se movendo, deslizando a lâmina de sua bainha e cortando o ar. Ele facilmente interceptou o balanço de Felix, mas Barrow não tinha apontado seu golpe para bloquear o ataque. Um grito rasgou o ar quando a clava de Felix e seu antebraço caíram no chão, cortado de seu corpo pela espada de Barrow.

Felix caiu no chão, ainda gritando e segurando o toco sangrento de seu braço. Sem olhar para o guerreiro caído, Barrow deixou o círculo. Ele não quebrou o passo até que esteve diante dela. A ligeira inclinação sobre a qual estava os colocou cara a cara, e descobriu que não conseguia respirar.

Ember olhou para o cavaleiro alto. Cada músculo em seu corpo estava tenso, como se ela mesma estivesse no ringue. Seu olhar permanecia nos braços dele, seu peito, os músculos de suas coxas. Em seus dezesseis anos na propriedade de seu pai tinha visto dezenas de homens lutando. Nunca tinha visto alguém se mover do jeito que Barrow se movia.

Embora não conseguisse entender porque merecia tal gesto, Barrow se inclinou para ela.

— Milady.

Ember ainda estava tremendo quando ele se virou para o pai dela e disse: — Nós vamos para Tearmunn em uma hora.

Edmund Morrow, pálido de raiva, respondeu: — Uma hora.

CAPÍTULO 02

EMBER ASSISTIU enquanto as empregadas carregavam outra caixa cheia de vestidos do quarto que ela compartilhou com sua irmã por toda sua vida.

— Receio que o papai tenha me dado alguns dos seus vestidos — Ember disse à Agnes, que estava sentada ao seu lado, no pé da cama. — Não me lembro de ter tantos.

Agnes riu e pegou a mão dela. — Os vestidos são seus. A maioria dos meus já foram embalados para a França.

— Você não devia ter que viajar conosco — disse, franzindo a testa. — Não agora. Você esteve doente recentemente. Essa viagem não vai fazer bem para você.

— Eu posso suportar se isso significar que a nossa despedida vai ser adiada — Agnes ofereceu à sua irmã um sorriso fraco. Ela pausou, e então disse muito calmamente: — Eu invejo você.

Ember franziu a testa. — Me inveja? Irmã, eu vou entrar em algo desconhecido que não oferece perspectivas de casamento ou todas essas coisas que você deseja. Você tem me pedido para encontrar uma maneira de sair dessa obrigação.

— Eu sei que tenho. — Um rubor suave cobriu o rosto de Agnes. — E eu temo o lugar que te requer. Mas... você vai com Alistair.

— Vai ser um conforto ter um amigo em Tearmunn — Ember refletiu. — Talvez ele vá impedir que eu faça papel de boba... — ela parou quando percebeu o jeito que Agnes estava observando-a e o jeito que os olhos da irmã estavam brilhando. — Agnes? Você está doente de novo?

Embora Agnes tivesse sempre sido a mais delicada das duas irmãs, ultimamente ela tinha sido sujeita a crises de choro sem provocação.

Agnes balançou a cabeça, afastando as lágrimas de suas bochechas. — Estou bem o suficiente.

— Não me inveje — Ember disse, pegando as mãos da irmã. — Porque provavelmente eu vou ser uma copeira para esses misteriosos cavaleiros, enquanto você será em breve uma condessa envolta de seda e coberta de joias.

Sua irmã não respondeu, mas manteve os olhos baixos. Outra lágrima deslizou sobre sua pele pálida.

— E você sabe que dizem que o Conde de La Marche é muito bonito — Ember brincou. — Você certamente é a irmã afortunada.

— Eu desejo... — Agnes murmurou.

Ember apertou os dedos dela. — Você não quer ir pra França? Eu vou apoiá-la se quiser pedir para o papai libertá-la desse noivado.

Agnes balançou a cabeça, puxando a mão do aperto de Ember. Estendeu a mão e tocou o broche preso ao vestido.

— Um marido que envia presentes tão encantadores, sem dúvidas, idolatra você — disse Ember, na esperança de animar sua irmã.

Com um soluço suave e sufocante, Agnes cobriu o broche com a palma da mão, pressionando-o contra o peito. — Esse presente não foi do Conde.

— Então quem... — A pergunta dela foi cortada por alguém limpando a garganta.

Barrow estava na porta do quarto das irmãs.

Agnes levantou-se e fez uma reverência. Ela desculpou-se em silêncio, correndo para fora do quarto.

Ember suspirou e se levantou da cama.

— Não tive a intenção de assustar a sua irmã — Barrow disse enquanto rapidamente examinava o quarto.

— Você não a assustou — Ember disse a ele. — Ela não tem estado bem ultimamente.

— É uma pena que seu pai insista que ela nos acompanhe — ele franziu a testa. — Que ninguém além de você viaje para o norte, na verdade.

Ela sorriu fracamente. — Sinto muito por isso.

— Eu vim para ver se havia mais caixas — Barrow disse a ela. — Se houver, precisaremos de outra carroça.

— Acredito que aquelas eram as últimas. — Ember riu. — E eu ficaria feliz o suficiente em acompanhá-lo sem minha família ou as caixas.

Barrow se aproximou com o olhar curioso e atento. Ela enrijeceu, sentindo o pulso acelerar com seu escrutínio.

— Acredito nisso — ele disse. — E eu teria argumentado sobre o peso que ele colocou nessa caravana se eu não tivesse aleijado um de seus homens.

Engoliu em seco, lembrando-se do sangue e dos gritos quando Felix caiu no chão. — Isso não foi culpa sua.

Na pausa depois que ela falou, Barrow observou seu rosto, exatamente como havia feito no pátio. A pele dela estava quente e seus dedos começaram a tremer, mas se recusou a quebrar o olhar.

Por fim, ele disse: — Estou contente que você entenda isso.

Barrow suspirou, e quando tirou os olhos dela, Ember foi atingida por uma estranha sensação de perda.

— Eu vim para me despedir, Lady Morrow — ele disse a ela. — Uma vez que a caravana estiver preparada, eu vou viajar a frente de sua família. Nos esperam em Tearmunn muito mais cedo do que agora será o caso. Eu preciso informar o Círculo deste atraso e da iminente chegada da sua família.

O calor de seu sangue havia desaparecido. Suas mãos pareciam úmidas. — Você não vai ficar conosco?

Ele se virou para encará-la e ao ver o medo em seus olhos, disse: — Lorde Hart vai estar com vocês para garantir que não haja mais atrasos.

Ember olhou para o chão. Não queria falar mal de Alistair, mas sabia que seu pai iria vê-lo apenas como o companheiro de infância de suas filhas. Era Barrow quem seu pai temia agora. Com o cavaleiro ausente, se perguntou se estaria viajando realmente para o norte.

Respirou assustada quando os dedos de Barrow tocaram levemente seu rosto, levantando seu queixo para que pudesse encontrar seu olhar. Os olhos azul-acinzentados dele eram duros como aço.

— Seu pai sabe que se ele dificultar ainda mais a sua chegada, vai perder muito mais do que o braço de um homem com uma espada.

Os dedos de Barrow mal a tocavam, mas o contato de luz poderia ter sido uma marca de ferro. Não se atreveu a mover nem respirar. Tudo o que ela conseguia pensar era no jeito em que a mão dele queimava em sua pele, mas com um fogo que não causava dor, apenas a consciência de sua carne e de seu sangue, vivo com sensação, como nada que ela já conheceu.

— Você é forte, Lady Morrow — Barrow disse calmamente. — Posso ver isso em seu rosto. No modo como se comporta. Não importa o quanto ele tente te controlar, seu pai não pode te quebrar. E logo você estará livre dele.

Sua respiração veio rapidamente. Como esse cavaleiro conhecia a esperança que ela tinha escondido em seu coração? Como ele podia dizer as palavras que tanto havia desejado, mas temido? Que estava destinada a algo maior do que a vida que seu pai planejava para ela, a vida que a sua querida irmã estava prestes a começar.

Barrow recuou, deixando sua mão cair para o lado, e mais uma vez ela sentiu um aperto no peito, um nó de tristeza e remorso.

Ele sorriu e o nó soltou um pouco.

— Nós vamos nos encontrar novamente em breve. — Depois de uma curta reverência, ele deixou Ember sozinha.

Ela fechou os olhos, apegando-se em suas palavras. *Você é forte, Lady Morrow.*

Agora, mais do que nunca, estava determinada a tornar essas palavras verdadeiras.

Ember encontrou Agnes com Alistair no pátio. A caravana de carroças, guerreiros montados e uma carruagem para as três senhoras aguardavam a ordem de Lorde Morrow para partir.

— Você deve me informar se ficar doente — Alistair estava dizendo para Agnes. — Nós podemos pausar para descansar.

Agnes sorriu, mas balançou a cabeça. — Não vou poupar minha irmã de sua aventura. Embora ainda não consiga entender porque ela anseia por uma vida no Norte.

— Onde os homens são selvagens e os animais são monstros? — Alistair riu.

— Eu sempre quis ver uma ovelha que cospe fogo — Ember disse secamente. — Vamos partir logo?

— Seu pai está preparando a montaria dele — Alistair disse a ela.

— É uma pena que você não possa ficar por alguns dias — Agnes disse. — Você está tão perto da propriedade da sua própria família e ainda assim não conseguiu visitá-los.

— Outra hora — ele disse. — E eu soube que eles estão bem. Meus pais supervisionam sua mansão como sempre, embora deva ser diferente sem nós.

— E seus irmãos? — Agnes perguntou.

— Robert está na Corte, espero que não se metendo em encrencas — ele disse. — Você sabe que bagunça a sucessão tem sido. Ele espera ganhar preferência pela nossa família com o rei... quem quer que seja.

Houve uma falha na voz de Agnes, quando perguntou: — E Henry?

Alistair olhou para longe, mas respondeu: — Henry está construindo uma nova mansão em Yorkshire. Ele e Lady Howard esperam morar lá no próximo verão depois que se casarem.

As bochechas de Agnes ficaram um pouco pálidas. Ela balançou a cabeça, e disse: — Eu acho que prefiro esperar na carruagem.

— Claro, milady — Alistair ajudou Agnes na carruagem, e então virou-se para Ember, oferecendo sua mão.

— Não — ela recuou. — Eu não quero ser trancada naquela caixa até que tenha que estar.

Alistair riu. — Não te culpo. É muito mais agradável andar ao ar livre, sobretudo tendo em conta as estradas que vamos passar.

— Maravilhoso — murmurou.

— Mas eu acho que você está prestes a ser colocada na caixa. — Alistair olhou por cima de seu ombro. Ember se virou para ver o pai sentado em cima de seu cavalo preto, gritando ordens aos criados e aos guerreiros.

A mãe dela saiu da mansão, linhas de preocupação passando por seu rosto.

— Gostaria que essa maldita viagem acabasse antes de ter que começar — Ossia murmurou, enquanto Alistair a ajudava a entrar na carruagem. — Venha, Ember, seu pai vai ficar zangado se você demorar.

Ember suspirou e pegou a mão de Alistair, enquanto subia na carruagem.

CAPÍTULO 03

1404 dC – Terras Baixas Escocesas

AS IRMÃS GUERREIRAS estavam discutindo novamente, mas o motivo de sua fúria permaneceu em segredo entre elas. Vozes abafadas desmentiam a tensão que fervia no ar de seus quartos compartilhados. Ainda furiosa, Eira virou as costas para Cian e contemplou o lado de fora pela fenda de uma janela que brilhavam na parede de pedra de modo triste. Cian olhou para os ombros tensos de sua irmã e suspirou.

— Não há nada a ser feito.

— Eu não posso aceitar isso — Eira disse, sem se virar. — E eu me recuso a acreditar que você aceitou tão facilmente.

— Claro que não — disse Cian. — Isso não muda o nosso destino. Não vou me cansar tentando tirar sangue de uma pedra

Eira girou, dando a sua irmã um sorriso frio. — Nossos adversários não são de pedra. E eles vão sangrar.

Cian inspirou. — Silêncio, irmã. Suas brincadeiras tem um custo.

— O nosso sacrifício é caro demais. — Eira passou as mãos sobre o relevo de seu vestido. — Olhe para essa farsa.

— Eu acho que você está linda. — O sorriso provocante de Cian rendeu um olhar fulminante de Eira. — Sedas italianas são difíceis de encontrar, você deve ser grata por esses presentes luxuosos de nossos benfeitores.

— Não é um presente, é um traje através do qual nossas mentiras são compradas — disse Eira. — Estou cansada de ser a marionete do abade e dos nobres.

— Suas visitas são raras — disse Cian.

Eira puxou os cordões do vestido e, em seguida, começou a desabotoar as mangas apertadas. — Não raras o suficiente. E cada vez que eles aparecem, pedem mais.

Cian apertou os lábios, enquanto Eira tirou sua túnica e deslizou fora de seu vestido, deixando apenas uma chemise^[2] de linho. Eira respirou de alívio quando trocou as roupas femininas pesadas por uma calça resistente, sobre o

qual ela puxou o colete de Conatus. A lã preta resistente deslizou até o meio de suas coxas. O compasso de prata bordado de rosa – o símbolo de sua ordem – se propagava da largura do peito, desencadeando um brilho sutil contra a vastidão escura do tecido.

— Eu simplesmente desejo ser verdadeira sobre nossos negócios — Eira disse enquanto afivelava o cinto e pegava a bainha.

— A verdade pode nos destruir — Cian disse calmamente. — Eu prefiro usar um vestido do que queimar na fogueira. Você conhece o destino dos Templários tão bem como eu.

— Se negarmos o que somos, vamos destruir a nós mesmas — disse Eira. O aço sibilou enquanto ela puxava a espada. A lâmina brilhava enquanto ela a segurava sobre o pedaço de luz fraca. — A Igreja precisa de nós mais do que nós precisamos dela. E estamos muito mais poderosas do que os Templários já estiveram.

— Mas nós existimos como um legado dos Templários, e tão rapidamente quanto eles, nós poderíamos ser condenadas como hereges — Cian deixou seu próprio vestido deslizar para o chão. — Conatus existe em segredo, e é aí que está a fonte do nosso poder. A Igreja e os nobres legitimam nossa existência, ajudando a nos manter escondidos. Nós não poderíamos servir ao mundo como é necessário sem o auxílio deles.

— Não poderíamos? — Eira bufou, olhando para sua lâmina. — Nossos então chamados benfeitores passam tanto tempo absortos em seus próprios negócios, que nós mal merecemos sua atenção. O Círculo encolhe quando deve comandar.

Cian olhou para cima, vestindo seu próprio colete. — Comandado por quem? Somos servos da Terra, não reis dela.

Eira embainhou sua espada, balançando a cabeça. — Estou falando coisas sem sentido. É claro que você está certa. Servimos ao mundo como deveríamos.

— Eu não a culpo por estar frustrada, Eira. — Cian disse. — Mas temos muito mais do que outros nascidos por causa da nossa sorte.

— Você quer que eu seja grata por não ser esposa de um criador de porcos? — Eira riu.

— Ou uma freira? — Cian sorriu.

— Somos um pouco mais do que freiras. — A risada de Eira desapareceu.

— Nos entregamos tanto quanto qualquer homem ou mulher que tomou os votos sagrados.

— Diz aquela que declara que o amor não é nada mais do que uma coisa para tolos — Cian disse, avaliando sua irmã com um olhar astuto. — Tem um galante jovem cavaleiro que conquistou seu coração indescritível? Barrow, talvez? Ele é muito bonito, embora dada a forma como ele luta, eu apostaria que ele é semelhante a um javali selvagem na cama.

Ela esperou que Eira lhe lançasse um olhar reprovando-a e lhe recordasse que os homens da Guarda eram supostamente castos como as suas mulheres, e talvez ela até riria, mas Eira apenas fez uma careta.

— Não seja ridícula. O amor é uma coisa de tolos, e não tenho tempo para me preocupar sobre qual dos Guardas é bonito ou feio. Eu só me importo o quão hábil eles são com uma espada — disse Eira. — Mas a minha visão do amor é compartilhada por poucos. Quantos perdemos por causa do decreto da Igreja — tanto homens quanto mulheres?

— A Igreja novamente. — Cian franziu a testa. — Eu gostaria que você deixasse sua raiva, irmã. O decreto não dissuadiu a Guarda de buscar o amor. Seus inimigos estão em outros lugares e bem mais perigosos do que o abade.

— Isso dissuade as mulheres — disse Eira. — Estamos aqui somente porque a praga nos deixou órfãs.

— E a Igreja nos acolheu — Cian continuou, erguendo as sobrancelhas. — Padre Michael nos salvou e nos trouxe para Conatus.

— Padre Michael serve a Deus e Conatus. Ele entende o que aconteceria se nós não existíssemos. — Eira olhou para a irmã. — O abade serve apenas aos seus cofres.

— E o abade não é a Igreja — disse Cian. — Ele é simplesmente um homem ganancioso, embora poderoso.

— Eu sei que é verdade. — Os ombros de Eira caíram. — Ainda assim, eu não posso suportá-lo mais.

— Mas agora ele se foi e nós podemos retornar aos nossos negócios — Cian falou. — Vamos agora. Não podemos chegar atrasadas a cerimônia.

Eira passou as mãos através de seu longo cabelo ondulado cor de cobre. — Vou ter que deixá-lo solto, eu suponho.

— Sim, você vai. Nós não temos tempo para trançar nossos cabelos —

Cian disse, balançando seus próprios cachos loiro avermelhados. — Basta ser grata pelos nobres não terem nos dado aqueles cocares que as nobres espanholas atualmente adoram. Eles são horríveis.

Eira estremeceu. — Antes disso eu usaria uma rede cheia de pixies vivos na minha cabeça.

— O que poderíamos arranjar. — Cian sorriu. — Mas eles arrancariam todo o seu cabelo.

— E então eu teria que usar uma touca — Eira disse com um sorriso triste. — Eu não posso vencer.

— Não, irmã — Cian disse, olhando por cima do ombro enquanto passava pela porta. — Você provavelmente não pode.

Eira hesitou após Cian desaparecer no corredor. Seus dedos envolvidos em torno do punho de sua espada, sua forma familiar e reconfortante em sua mão. Tinha sido a mesma por vinte anos. Desde o dia em que ela e Cian foram chamadas para se juntar à Guarda, tinha sido pedido para que elas se disfarçassem. Quando os nobres ou funcionários da igreja visitavam a fortaleza, elas eram forçadas a se vestirem e agirem como as demais mulheres. Mesmo depois de terem sido convidadas a participar do Círculo, não poderiam exercer suas autoridades na presença de estranhos. Ao invés disso, elas seguiram quando normalmente liderariam, submetidas quando teriam que governar. Vinte anos, Eira pensava. É desgastante. Deve haver outra maneira.

• • •

Uma das rodas da carruagem caiu em um buraco profundo na estrada, no barro escorregadio, fazendo o veículo sacudir. Agnes engasgou e agarrou-se à mãe, enquanto Ember se inclinava para frente, tentando mais uma vez ter um vislumbre da paisagem. A estrada que estavam seguindo não era muito grande, provavelmente uma trilha de tropeiros. Apesar da estrutura bem construída da carruagem, os cavalos se esforçavam para arrastá-la em frente através do terreno áspero. Ember se apoiou contra a porta, pressionando seu rosto contra a pequena fenda onde o ar fresco da neblina entrava.

— Pare de agitação, Ember — Ossia Morrow disse, acariciando a bochecha de Agnes. Sua irmã sempre a encolhida, Ember pensou, ninguém teria adivinhado

que Agnes com sua pele pálida e cabelos louros era a mais velha das duas meninas. No entanto, ela tinha 18 anos, enquanto Ember, dezesseis.

Ember se forçou a sentar, embora quisesse estar livre da carruagem fechada o qual ia entendiada desde a mansão de seu pai até a fortaleza solitária de Tearmunn. A viagem tinha sido irritantemente lenta, e o tempo estava trabalhando contra eles. Foi exigido q ue Ember estivesse presente em Tearmunn nesta Oestara^{3} – o equinócio da primavera que se seguiu a seu décimo sexto aniversário. As estradas do sul tinham sido lotadas com os peregrinos fazendo seu caminho para catedrais e locais sagrados para a Páscoa. Embora eles se afastassem da carruagem e da sua comitiva de cavaleiros, ainda havia bastante viajantes enchendo as estradas para impedir o progresso de sua partida. Sem dúvida, alguns dos peregrinos tinham tomado mais tempo limpando a estrada, roubando mais alguns minutos para se embasbacar com a companhia de soldados que os escoltavam, ambos servindo para afastar bandidos e sinalizar ao mundo exterior a gravidade daquela viagem. Ember tinha certeza que os sussurros dos aldeões preencheriam o ar por muito tempo depois após a passagem deles. Desejava que seu pai não tivesse insistido em fazer a viagem. Se Alistair e Barrow fossem suas únicas companhias, estava certa de que teria montado sozinha. A presença dela montando ao lado de dois homens teria dado aos peregrinos ainda mais motivo para fofocar, o que a teria encantado. Teria montado ao lado Barrow. Em vez disso, era uma prisioneira na carruagem escura com apenas sua irmã choramingando e sua mãe severa como companhia. Agnes gritou e quase pulou no colo de sua mãe, quando houve uma batida forte na porta da carruagem.

— Paz, queridas ladies. — A voz calorosa de Alistair era apenas ligeiramente abafada pela barreira. — Chegamos ao extremo norte de Glen Shiel e temos apenas Tearmunn e Loch Duich pela frente.

Resistiu ao impulso de aplaudir em alegria, sabendo que sua mãe iria castigá-la. Ela esperou até sua mãe responder.

— Obrigada, Alistair. — Ember engoliu um suspiro, invejando Alistair que passara a viagem longe das portas, montado em seu cavalo.

Mesmo com a chuva constante perseguindo sua partida, teria preferido suportar os elementos do que o seu confinamento.

— Finalmente esta viagem miserável acabou. — Ossia torceu as mãos, olhando para ela. — Ainda que se tudo correr como esperamos, vamos voltar no

dia seguinte. — Ember não respondeu. Suas esperanças e as de sua família divergiram sem nenhuma esperança de reconciliação.

— Somente se Mackenzie estiver presente. — Agnes tocou o broche em sua capa, enquanto Ember franzia a testa. Agnes era profundamente ligada ao que Ember havia assumido ser um sinal de amor enviado da França por seu noivo.

Tinha até tentado roubá-lo e escondê-lo, só para ver se Agnes poderia sobreviver um dia sem ele. Mas Agnes havia confessado que o broche não era um presente de seu noivo. De quem poderia ser? Desde que tinham partido da casa de seu pai, ela não foi capaz de falar com sua irmã sozinha. Se preocupava com a palidez cinzenta persistente de Agnes e suas dores frequentes.

— O pai disse que tem de pagar seus respeitos ao Mackenzie, já que ele é o líder do clã mais próximo de Tearmunn — Agnes continuou, tentando manter a conversa agradável.

— Claro, claro — disse Ossia. — Mas, certamente, Mackenzie vai estar lá.

A mãe de Ember tinha uma expressão cada vez mais azeda. Ela odiava viajar, sendo mais feliz em sua própria mansão, controlando as atividades da cozinha. Para grande desespero dela, sua mãe acreditava que tecer lã, fiar fios, e, ocasionalmente, bordar eram maneiras deliciosas de passar o tempo e insistiu para suas filhas passassem o tempo fazendo o mesmo.

— Se Mackenzie está aqui, seu filho também está. — O olhar de Agnes parou em Ember, e preocupação se apoderou de seu rosto. — Eu suspeito que o Pai espera que um acordo seja feito. — Ember deu a sua irmã um sorriso tolerante e voltou a meditar sobre o seu futuro, que esperava não envolver competições de qualquer espécie. A carruagem sacudiu novamente e Agnes grunhiu, apertando o estômago.

— Estamos quase lá. — Ossia pegou a mão trêmula de Agnes. Ela acenou com a cabeça, o rosto pálido. As entranhas de Ember haviam começado se agitar também, mas não tinha nada a ver com a incapacidade de seu respectivo transporte para gerir as precárias condições da estrada.

Logo eles iriam chegar à fortaleza de Conatus em Tearmunn, e no dia seguinte o destino dela seria decidido. Ember fechou os olhos, oferecendo uma oração silenciosa para que os cavaleiros encontrassem uma finalidade para ela, melhor do que se casar com o filho de Mackenzie.

— Você está indisposta também? — A pergunta de sua mãe fez com que

abrisse os olhos.

— Não. — ela disse. Ossia sorriu, voltando-se para Agnes ainda choramingando. Ember observava sua irmã com preocupação, cada vez mais preocupada de que o sofrimento de Agnes fosse muito mais do que um estômago dispéptico. Uma hora depois, a carruagem parou de balançar e sua porta foi aberta revelando o rosto corado e barbudo do seu pai. Embora ele não parecesse tão doente como Agnes, estava obviamente de mau humor, enquanto estendeu a mão para sua esposa.

— Milady. — Com a sua ajuda, Ossia cuidadosamente desceu da carruagem. Ember deixou Agnes descer primeiro, apesar do fato de que ela estava desesperada para se jogar longe dos limites estreitos da carruagem.

Agnes manteve um lenço pressionado em sua boca enquanto se apoiava pesadamente sobre seu pai. Ela deu um pequeno grito quando os cavalos, inquietos e ansiosos para ser livres dos seus chicotes relincharam alto e começaram a arranhar a terra.

— Pronto, pronto, moça — disse ele. Quando Agnes estava em segurança aos cuidados de sua mãe, ele se virou para ela. — Ember. — Sua voz oferecendo nada do tom carinhoso com o qual se dirigiu a sua irmã. Embora ela não quisesse ou precisasse, tomou sua mão estendida, permitindo-lhe ajudá-la a sair do carro.

Ela tinha feito o suficiente para suportar sua ira nos últimos tempos e não tinha vontade de provocá-lo ainda mais. No momento em que o pé dela tocou o chão, o pai dela se afastou, movendo-se para se juntar à sua esposa e filha mais velha.

— Eu não acho que Agnes ficará bem quando for enviada para a França. — Alistair se aproximou dela. — Viagens marítimas podem ser muito piores do que as viagens terrestres.

Ember riu, mas a culpa a fez oferecer uma desculpa por sua irmã. — Não é inteiramente culpa dela. As estradas eram terríveis. — Sua mente voltou para a forma que Agnes segurava o broche. Quão frequente parecia prestes a chorar. O que estava escondendo dela?

— Isso é porque elas são raramente usadas. — As palavras de Alistair romperam seus pensamentos. — Tearmunn está nos confins da terra, porque não incentivamos e nem queremos os visitantes.

Os confins da terra, Ember pensou com um arrepio nascido do medo e

entusiasmo, *e esta será a minha nova casa.*

Alistair estava olhando para ela, apenas mostrando um meio sorriso. — Primeiras impressões?

Franziu a testa em confusão.

— A fortaleza? — ele perguntou.

Tendo estado tão aliviada por estar livre daquela carruagem, ela não se preocupou em olhar ao seu redor. Agora, ela se virou e engasgou. A carruagem parou do lado de fora de uma estrutura de pedra imensa que estava aninhada entre as ladeiras íngremes do vale Shiel. Picos de luz traspassavam os pesados céus cinzentos, formando manchas de brilho na água sobre o pano de fundo para a fortaleza, Loch Duich, por alguns momentos, antes de desaparecerem novamente, deixando as águas escuras e secretas.

Tearmunn era uma imponente fortaleza solitária, a sua forma de pedra cinzenta tão sombria quanto o céu que pairava acima dela. As paredes exteriores mantinham protegidos os edifícios interiores da fortaleza. De baixo, viu arqueiros vigiando-os de seus poleiros na parte superior das paredes.

— Por que nós paramos aqui? — ela perguntou, vendo como sua família subia um caminho íngreme para os portões de Tearmunn.

— Viajantes de fora devem entrar a pé — disse Alistair. — O transporte deve permanecer aqui até que seja inspecionado.

— Inspecionado por quê? — perguntou.

— Eu não posso lhe dizer até que você seja uma de nós — disse ele, oferecendo-lhe o braço. — Mas isso será em breve.

— Espero que sim — disse ela, segurando levemente o cotovelo.

Alistair lançou um olhar de soslaio para ela quando começaram a subir o caminho. — Eu fiz tudo o que eu pude.

— E por isso sou grata a você — disse ela. — Mas meu pai...

— Seu pai vai descobrir que sua influência é muito menor aqui do que entre os nobres — disse ele.

Ember não respondeu. Suas longas saias fizeram a subida complicada. O tecido perto de seus pés foi logo escurecido pela lama. Imaginou que Agnes e sua mãe deviam estar enlouquecendo de indignação por subirem pela lama. Não queria imaginar qual seria a reação de seu pai. Não estava surpresa em encontrá-lo aguardando Alistair, quando passaram pelos portões de Tearmunn,

seu rosto uma nuvem de tempestade.

— Que espécie de bárbaros é o seu povo? — Ele sacudiu o punho no rosto de Alistair. — Eu vim aqui de boa fé para cumprir minha dívida e esta é a maneira que sou tratado.

Alistair se curvou diante Edmund. — Minhas desculpas, Lorde Morrow. Sei que a subida é inconveniente, mas todos os visitantes devem entrar na fortaleza a pé.

— Ridículo!

— Acabou de chegar e já está furioso? — Um homem corpulento, cujo rosto achatado estava escondido pelos cabelos vermelho-cenoura com listras pratas, caminhou até Edmund, com os braços estendidos.

— Lá está ele! — O humor azedo de Edmund desapareceu quando ele abraçou o outro homem. — Seu velho safado, é bom ver você.

— E a você, Lorde Morrow — disse o homem de cabelos vermelhos.

Edmund chamou sua esposa para frente. — Lady Morrow, deixe-me apresentar-lhe Lorde Mackenzie.

A mãe de Ember fez uma reverência. — Milorde.

Mackenzie agarrou a mulher assustada e ruidosamente beijou suas bochechas. — Uma boa mulher, de fato. Bem-vinda ao norte selvagem.

Ossia balbuciou, com o rosto em chamas.

Ember esperou que seu pai entrasse em erupção com maldições, mas ele caiu na gargalhada.

— Nunca muda, não é? — Mackenzie deu de ombros.

— Por que eu mudaria? — Ele examinou Agnes e Ember como se fossem gados premiados. — Quem mais você trouxe para eu beijar?

Edmund riu novamente. — Minhas filhas, Agnes e Ember.

Ember parou de prender a respiração, quando viu que Mackenzie não falou sério sobre seu pronunciamento de beijos, mas calculou que não estava tão aliviada quanto Agnes, que se agarrava à manga do vestido de sua mãe.

— Belas moças. — Mackenzie levantou uma sobrancelha. — Não são casadas?

— Minha filha mais velha, Agnes, está noiva do Conde de La Marche. — Edmund sorriu, enquanto Agnes enrubesceu e segurou o broche em sua capa.

— E essa aqui? — O olhar de Mackenzie caiu sobre Ember. — A menina de

cabelos castanhos?

Ember sabia que não devia falar, mas queria desesperadamente dar a este espectador não convidado uma chicotada com sua língua.

— Ember é a razão pela qual fomos chamados aqui — disse Edmund. — Tenho uma dívida com Conatus.

— Não temos todos? — disse Mackenzie. — Não tenha medo, meu amigo. É provável que eles treinem a menina como uma curandeira e a manterão por perto. — Sua voz tornou-se um pouco persuasiva ao olhar para ela mais uma vez. — Meu filho Gavin está precisando de uma esposa.

— Ele está? — Embora tivesse saído como uma pergunta, tinha certeza de que seu pai já estava bem ciente de que Mackenzie tinha um filho solteiro. Ember se perguntava, se Gavin tinha deixado crescer sua barriga tão grande quanto a do seu pai.

— Após a cerimônia, conversaremos — disse Mackenzie, batendo no ombro de Edmund. — Nossas propriedades estão próximas o suficiente de Tearmunn para que sua Ember possa servir Conatus e a um marido.

Ember queria gritar. Essa trama minaria todas as suas esperanças sobre o que sua chegada em Tearmunn poderia significar. Agnes estava sorrindo para ela encorajadoramente e Ember estava trabalhando tão duro para manter seu temperamento sob controle que pulou quando a voz de Alistair estava de repente em seu ouvido.

— Eu vou te roubar antes que isso possa acontecer — ele sussurrou.

A raiva dela morreu em uma risadinha. — Meu salvador.

— É claro — disse ele. — Você esperaria algo menos?

Ela balançou a cabeça, agora feliz em ignorar seu pai e Mackenzie, enquanto lamentavam coisas sobre impostos e invasões inglesas.

— Além disso — Alistair prosseguiu, — não vai chegar a esse ponto. Eu não prometi?

— Eu sei — ela disse, mas apesar da confiança de Alistair, tinha dificuldade em acreditar ele pudesse manter tanto domínio sobre o seu destino quanto se gabava. Ele só chegou ao Conatus no ano anterior.

Alistair levantou a voz para que todos pudessem ouvi-lo. — Perdoe a interrupção, meus senhores, mas preciso escoltar Lord Morrow e sua família até os seus aposentos.

Mackenzie assentiu. — Claro. Conversaremos novamente em breve, Morrow.

— Com certeza, iremos. — Seu pai diminuiu o passo até estar ao seu lado, enquanto Alistair os levava pelo pátio. — Talvez encontremos um lar adequado para você neste desastre depois de tudo. — Ele sorriu para ela, mas Ember via apenas os cálculos de sua mente, e não pensamentos relacionados a sua felicidade, em sua expressão.

— Sim, pai — ela disse, sabendo que qualquer argumento receberia apenas um tapa de seu pai e um olhar de desaprovação de sua mãe.

Conforme Lorde Morrow começava a recitar características desejáveis do clã Mackenzie e a riqueza de suas propriedades rurais, Ember permaneceu com seu olhar vago. As grossas paredes exteriores incluíam um amplo pátio movimentado. Passaram os estábulos em primeiro lugar, afiados e doces aromas de feno e grão preenchiam o ar. Ela beliscou seu nariz enquanto caminhavam pelo curtume, mas seus olhos foram atraídos com fascinação para o brilho misterioso e o choque das faíscas da ferraria. Era quase tão grande quanto os estábulos, e ficou surpresa ao ver mulheres entre os musculosos ferreiros vestindo aventais de couro. Seguindo seu olhar, Edmund bufou.

— Amazonas sangrentas. Devemos deixá-la longe deste lugar, assim que um casamento for arranjado. Eu sou um homem de palavra e te trouxe aqui, como prometido, mas não terei Conatus torcendo sua mente. Ordens religiosas tem uma estranha maneira de agir.

— Sim, pai — Ember disse novamente, mas suas esperanças foram se expandindo a cada momento. Este lugar, escondido dos olhos do mundo, no deserto de terras altas da Escócia, tinha se diferenciado da sociedade e suas regras. Ele oferecia a única saída que ela poderia encontrar dos desígnios de seu pai sobre sua vida.

— Esse é o quartel. — Alistair olhou por cima do ombro, apontando para um edifício atarracado à sua direita. — Os alojamentos da Guarda.

Ember sorriu quando ele piscou para ela.

— A cozinha é em frente e, é claro, vocês ficarão na mansão — continuou, levando-os para um prédio maior à esquerda deles. — Os quartos de hóspedes estão aqui assim como o grande hall, onde a cerimônia será realizada amanhã de manhã.

Ember olhou para a cozinha quando passaram. Fogueiras rugiam nos fornos enormes com servos moldando pães, virando os espetos, e atando aves de caça. Sua boca começou a salivar, enquanto os odores salgados derramavam sobre eles.

Alistair deve ter visto a fome em seu rosto porque disse: — A grande festa será realizada amanhã à noite, mas os funcionários trarão refeições para seus aposentos hoje à noite.

— Agradecemos a você, Alistair — disse Ossia. — Nossa jornada nos deixou cansados e precisamos nos refrescar.

— Claro, minha senhora — disse Alistair. — Nós estamos aqui para servi-los.

Ele levou-os para a mansão, um edifício muito mais atraente do que o quartel severo. As paredes românicas de pedra da grande casa destacavam frisos de cenas de batalha antigas e grandes aventuras da mitologia clássica. O interior do edifício acolheu-os com paredes revestidas de madeira escura esculpida.

— Cuidado onde pisam enquanto subimos as escadas para seus aposentos — disse Alistair. — O quarto degrau é terrivelmente instável. Em breve será corrigido, mas, infelizmente, não durante suas estadias.

— Humpf. — Edmund fez uma careta, enquanto testava o degrau quebrado e o achou instável de fato. A sala em que Alistair os deixou era pequena, mas bem decorada. Ember vagou imediatamente para a janela, que oferecia uma vista de todo o pátio e sobre a extensão do lago.

Apesar do ambiente desconhecido, se sentiu estranhamente em paz, um sentimento não compartilhado por sua família. Ossia estava cantarolando para Agnes, que ainda se queixava de uma dor de estômago.

Edmund passeou ao redor da sala. — Vamos jantar, dormiremos, e amanhã toda essa bobagem estará terminada.

Ember abaixou a cabeça e se voltou para o relógio da janela. Respirou fundo, desejando que amanhã não trouxesse um fim à sua estadia em Tearmunn, mas sim um novo começo.

CAPÍTULO 04

O TEMPO DESLIZOU pelos dedos de Ember, forçando-a pelo corredor em um ritmo sem fôlego. Sua família havia partido mais cedo, seu pai esperava falar com lorde Mackenzie antes da cerimônia. Com sua mãe e sua irmã ausentes, ela fora deixada a sua própria sorte e havia passado muito tempo encarando pela janela estreita do quarto as duas figuras praticando no campo abaixo. Um cavaleiro alto, de ombros largos, emparelhado equilibradamente com um rival magro e rápido. Ember estava sem fôlego enquanto assistia eles lutarem. Toda vez que pensava que um iria superar o outro, o soldado vacilante desviava, rolava ou girava de um jeito que pensava ser impossível, equilibrando a luta novamente.

Apesar de certamente estar imaginando isto, dada a grande distância de sua janela até o campo abaixo, os sons da batalha deles soavam em sua cabeça. Mesmo de longe, Ember não pôde deixar de acreditar que conhecia o guerreiro mais alto. Seus movimentos fortes e confiantes, a curva da sua cintura e a largura de seus ombros: era Barrow. Tinha certeza disso.

Mas aquela pequena noção era ridícula. Tinha o encontrado apenas uma vez e apesar de o ter visto lutar, isso dificilmente significava que ela poderia reconhecê-lo a essa distância. Sem mencionar que o rosto dele estava escondido por um elmo de aço.

Assobios de ar perseguiram as lâminas deles, pontuado pelo súbito som interrupto sempre que suas armas se encontravam. Ember pressionou seu rosto contra a janela, tentando vê-los mais claramente, mas principalmente querendo confirmar sua suspeita de que era Barrow que estava vendo. Enquanto os cavaleiros mergulhavam, saltavam e circulavam, sentiu como se presenciasse não somente alguns exercícios selvagens, mas uma dança macabra sem fim, definido pela habilidade excepcional e a graça perversa. Imaginou uma partida fingindo que era a oponente de Barrow, pensando como ela poderia atacar e esquivar, imaginando o tipo de lâmina que iria manejar se fosse uma guerreira. Quão magnífico seria dominar as habilidades que combinassem com as dele. Isso era um devaneio, ambos impossíveis e maravilhosos. Não tinha percebido quanto

tempo havia ficado assistindo-os até os sinos da igreja começaram a soar, sinalizando o início da cerimônia.

Temia chegar atrasada, tanto que esqueceu o alerta de Alistair sobre o degrau faltando, enquanto descia correndo pelas escadas. A pedra cambaleou e estremeceu sobre o seu peso, torcendo seu pé e diminuindo seu passo. Perdeu o equilíbrio, tombando sobre a pedra, enquanto caía em um amontoado no corredor central.

— Em, eu pensei que você tinha se perdido. Eu estava quase indo te procurar pelos quartos de hóspedes, mas parece que você estava meramente aperfeiçoando sua entrada.

Ela rolou para o lado para ver Alistair se inclinando sobre ela, seus cachos pretos como carvão roçavam as maçãs do seu rosto, as quais estavam suavizadas pelo sorriso que moldava sua boca.

— Ugh. — Ela tinha tentado amortecer sua queda apoiando-se sobre a palma das mãos. Levantou suas palmas para examiná-las, estava aliviada em ver que o chão de pedra lisa não havia deixado cortes ou arranhões, mas podia ver os hematomas se formando.

O sorriso de Alistair se foi. — Você está machucada?

Ela balançou a cabeça, apesar de que não estava convencida de haver escapado ilesa. Mas não estava disposta a entreter o pensamento de que iria mancando para a cerimônia. Fragilidade era a última impressão que queria passar quando fosse apresentada ao Círculo.

Alistair estendeu suas mãos, mas ela as afastou.

— Estou bem — disse, ignorando o fato de que ainda era um emaranhado de membros e tecidos. Sua capa de lã finamente tecida no cinza da névoa matutina, um presente de sua irmã para usar na cerimônia, enrolou-se em suas pernas e a impediu de ficar em pé.

Alistair afastou sua capa para trás de um ombro, revelando a túnica com cinto e calças de couro que usava por baixo. Ela pegou um sinal da longa espada que ele carregava em uma bainha ao lado. Sua mente viajou até os cavaleiros lutando e ela se perguntou se Alistair já esteve no campo de prática com algum deles – e como ele se saiu.

Ele abaixou seus braços e cheirou o ar, fingindo desprezo. — Boa demais para receber ajuda como sempre, eu vejo.

— Segure sua língua — ela disse.

Enquanto Ember se inclinava para frente para soltar suas pernas, passos pesados chegaram aos seus ouvidos. Atrapalhou-se com a longa capa, desesperada para ficar em pé antes que alguém chegasse. Ter Alistair vendo-a desse jeito era uma coisa, mas outra pessoa...

— O que é isso?

Ela cerrou os dentes, não olhando para o interlocutor, o qual a voz mostrava clara diversão.

— Ela caiu da escada — Alistair disse. Ember lhe deu um olhar venenoso.

O homem que Alistair tinha falado olhou para ela, levantando uma sobrancelha. — Essa é a moça que você tem tagarelado durante todo o ano passado? Ela está ansiosa para o seu chamado? Eu nunca considerei que você que poderia chegar mais rápido na cerimônia rolando em vez de andando. Mas eu quero descobrir. Você gostaria de começar de novo do topo da escada?

— Segure sua língua, Kael, e mostre algum respeito pela Lady Morrow — Alistair disse, enquanto Ember finalmente se soltou da capa. — Não é culpa dela que ninguém quer consertar aquele degrau.

— Claro, Alistair. — Os olhos azuis de Kael dançavam sob seus cabelos loiro trigo. — Milady, eu não quis ofender.

Ele piscou para Ember antes de balançar suas sobrancelhas. Ela levantou-se, horrorizada com a avalanche de carmesim em sua bochecha, e tentou recuperar algum semblante de dignidade.

— Nós estávamos tão ansiosos para conhecê-la depois de todos os elogios que o nosso Alistair amontoava sobre você. — Kael ofereceu uma extensa medida, enquanto sorria para Alistair. — Mas e você campeão? Por que não pegou a moça quando caiu?

— Ela estava no chão antes de eu chegar — Alistair protestou. — Eu a teria pego se tivesse a chance.

Agora em pé, Ember encarou Alistair. — Você não iria. Não vou ter nenhum homem me levantando.

— Mal-humorada como sempre. — Alistair riu e acotovelou Kael. — O que eu te disse? Ela foi feita para o Conatus.

— Agora que todos estão em pé, vamos fazer as apresentações adequadas — Kael disse. — Eu sou Kael MacRath, um cavaleiro da Guarda.

Ember curvou-se em reverência. — Ember Morrow. É uma honra, Lorde MacRath.

Kael riu. — Eu não consigo me lembrar a última vez em que alguém me chamou de Lorde MacRath. É Kael, por favor.

Ela corou de novo e deu a ele um sorriso tímido. — Então você deve me chamar de Ember.

Ele sorriu, mas sua testa franziu. — É um nome incomum.

— Minha mãe me deu esse nome — Ember disse, deslocando seu peso inquieta. Seu pai sempre ficava uma fúria quando tentava saber sobre as circunstâncias de seu nascimento. — Eu não sei muito sobre isso – apenas que a parteira disse que nem eu ou minha mãe sobreviveria, mas uma curandeira de Conatus veio ao nosso feudo e nos salvou. Minha mãe disse que a curandeira pegou as pequenas brasas da vida que eu havia me agarrado e soprou-as no fogo.

A atenção encantada de Kael a deixou nervosa, então ela disse: — Minha irmã, Agnes, teve um nome cristão adequado escolhido por meu pai.

— Sua irmã, Agnes? — Kael olhou para Alistair. — Ela não...

— O que você está fazendo aqui, de qualquer maneira? — Alistair perguntou, cortando sua pergunta. — Você já não deveria estar no salão?

— Nós estávamos lutando. — Kael fez um gesto para sua bota coberta de lama. — Você conhece Barrow – faz de tudo para evitar a cerimônia. Na verdade ele provavelmente ficará longe, mas eu achei melhor aparecemos.

Barrow? As bochechas dela estavam queimando, mas elas ficaram frias quando uma figura alta de elmo apareceu no corredor. Enquanto assistia a batalha embaixo de sua janela, queria apenas descobrir se havia reconhecido Barrow. Mas agora que ele havia aparecido, estava apreensiva.

— Flertando, Kael? — Barrow perguntou enquanto se aproximava. — Você foi o único que insistiu para que saíssemos do campo. Eu pensei que não ousaríamos perder a importante ocasião.

Embora Ember não conseguisse ver seu rosto por causa do elmo de aço escondendo sua fronte, nariz e bochechas, sua voz profunda e calma agitou seus ossos. Apesar dos risos vindos de Kael e Alistair, Barrow não achou graça. Encontrá-lo aqui, depois de ela ter caído e sofrido a provocação de Alistair, a ideia de estar em um confronto com Barrow em uma luta de espadas pareceu tão idiota que fez seus ossos doerem.

A capa muito preta de Barrow cobria seus ombros largos, suave como a noite, fazendo com que ficasse mais envergonhada por causa do tecido amassado da sua própria capa. Tentou restaurar algum ar de dignidade, ficando mais ereta que podia e inclinando sua cabeça para o guerreiro. Ele não teve conhecimento do gesto, olhando para Kael em vez disso. Ao lado dela, Alistair se endireitou, olhando para Barrow cuidadosamente.

Kael encolheu os ombros, empurrando o queixo para Ember. — Nossa convidada de honra está praticando acrobacias à caminho da cerimônia.

Alistair riu, o que valeu um olhar severo de Barrow antes que ele olhasse para ela.

— É bom ver você novamente, Lady Morrow. Eu espero que sua viagem tenha sido sem nenhum incidente — Barrow disse. — O Circulo estará esperando sua chegada.

Mantendo sua cabeça abaixada, Ember empurrou Alistair para o lado, murmurando: — Claro. — Não tinha ideia se Barrow a tinha ouvido, mas sentia o sangue sendo drenado de seu rosto. Já tinha tido o suficiente por hoje. Não precisava que nenhum outro cavaleiro da Guarda pensasse que era incapaz, especialmente Barrow.

Tentou ignorar o som da risada de Kael, enquanto ele continuava a falar com Barrow. O som de passos rápidos anunciou a presença de Alistair ao seu lado.

— Você devia ter me deixado te ajudar. Nós já estaríamos no salão com os outros — ele sussurrou. — Agora Barrow, acha que somos idiotas, e Kael nunca deixará isso passar.

Ela não respondeu, estava ofendida com suas palavras, mas sentindo que ele estava certo. Isso fez seus pulsos cerrarem.

Ele ainda não tinha terminado. — Por que você tem que ser tão teimosa?

— Desculpe-me — ela disse. Não queria deixá-lo bravo, mas era difícil dizer um sincero pedido de desculpas, enquanto eles se aproximavam do grande salão, e medo começava a rastejar como geada em sua pele.

Alistair tocou seu braço, lhe dando um sorriso que dizia que estava satisfeito pela troca, mesmo que ela ainda estivesse irritada.

O calor em seus olhos mexeu com os nervos dela, trazendo a pergunta que esteve tentando ignorar. — Você disse que eu serei testada. O que vai acontecer

se eu falhar? Eu não sei nada sobre o que eles esperam de mim.

— Você não vai — Alistair disse. — Eu sei que seu lugar é conosco. Tenha fé e um pouco de paciência. Perdoe-me por não falar mais, mais é proibido.

— Eu sei, mas... — abaixou sua cabeça. — E se eu falhar, serei mandada pra casa?

Com um grunhido frustrado, Alistair disse: — Não posso dizer nada além disso: o teste não é um que você consiga falhar. Isso mostra onde você pertence.

Suas palavras a fizeram parar. Ela se virou para encará-lo. — Onde eu pertenço?

— Sim. — Ele continuou caminhando e ela se apressou para alcançá-lo. — E eu não deveria ter dito tanto.

— É desse jeito que você se tornou parte da Guarda? — perguntou.

— Eu já disse demais. — Ele manteve sua voz dura, mas o canto da sua boca subiu e Ember sabia que tinha pensado corretamente.

Alistair parou, segurando os ombros dela e virou seu rosto para ele. — Eu juro, Em, isso é o que você deveria ser. Você sempre soube disso. Eu sei disso. Nós vamos ficar juntos.

Ember deu a ele um sorriso fraco. — Talvez. — Mas sua esperança tinha sido drenada.

— Você está pronta? — Ele perguntou.

Eles se aproximaram das portas do grande salão, as quais se mantiveram abertas hoje, esperando por ela. A mente de Ember estava girando mais rápido que uma roda, mas assentiu.

— Deus te proteja, Em — ele sussurrou.

Ela conseguiu dizer uma suave resposta, apesar de sua garganta fechada. — A você também, meu amigo.

Eles entraram no espaço imenso. Luz solar se espalhou pelos intrincados vitrais aquecendo as paredes escuras, enchendo a sala com uma mistura de cores brilhantes. O mais impressionante de tudo era a árvore impossivelmente ampla e alta no centro do cômodo. Com galhos tortos, coberta em profundos ramos verdes, servindo como uma cobertura para o cômodo. O cheiro da árvore se espalhou pelo ar, quente e vivo. Sabia que a árvore era de especial alguma forma, ou importante, ou ambos.

O grande salão fazia jus ao seu nome. Os lábios dela se curvaram em um sorriso enquanto imaginava a cara azeda de seu pai quando colocasse os olhos em uma sala muito mais rica que o salão de seu feudo.

Visitantes circulavam pela galeria sobre o espaço aberto, onde outro iniciante já estava à espera, apreensivo. Diferente dela, esses jovens, homens e mulheres, tinham vindo até o Conatus por causa do infortúnio, como Alistair tinha lhe dito. Conatus atraía seus membros entre aqueles que não tinham um lugar no mundo. Alguns vieram à procura de caridade e decidiram ficar. Outros, como Alistair, procuravam fortuna, quando lhes tinha sido negada de onde vieram. Mas casos como o dele eram raros, e hoje ela era a única iniciante a ser chamada de uma família nobre.

Uma nuvem de sussurros encheu o salão enquanto se apressava em pegar seu lugar ao lado de seus iguais. Alistair havia se movido para longe dela, mas ainda conseguia vê-lo pelo canto do olho, enquanto ele se juntava a Guarda.

Estava aqui como o Conatus queria. Mas sua presença era apenas o primeiro passo. Depois viria o julgamento.

Onde eu pertenço, pensou. Se a recompensa era o verdadeiro lugar onde pertencia, estava disposta a qualquer julgamento. Esperava que conseguisse.

Seu coração começou a apertar. A garota a sua esquerda estava tremendo. O garoto à sua direita permaneceu com os olhos fechados bem forte, lábios sussurrando uma oração febril.

Um padre de cabelo grisalho veio ao centro do salão, parando em frente a eles. — Eu sou o padre Michael.

Ele sorriu docemente para cada um deles. — “Nós temos muitos membros em um só corpo, e todos os membros não a mesma função”. Assim escreveu Paulo em sua carta aos romanos. Sua presença aqui significa o seu desejo em servir no corpo do Conatus e então realizar o santo ofício.

Da porta atrás deles, ouviu sons de pés se aproximando. Seis pessoas, quatro homens e duas mulheres, andaram pela linha de iniciantes e formaram um meio círculo ao redor do padre Michael.

— Antes de vocês se juntarem ao corpo, o ofício deve ser determinado — o padre disse. Ele assentiu para os homens e mulheres que estavam ao seu lado e atrás dele. — Os seis que estão atrás de vocês são o Círculo – chamado de dentro

do Conatus para nos liderar, escolhidos visto que cada um se sobressaiu em seu ofício.

Ember olhou para os membros do Círculo enquanto o padre falou. Era como encarar um espelho estranho, uma reflexão de algumas possibilidades futuras. Seis iniciantes no auge da maioridade, seis anciões: veteranos no Conatus. Os olhos de Ember estavam em duas mulheres do grupo. Podia imaginar suas identidades pelas cartas de Alistair: as irmãs, Cian e Eira, estava surpresa que elas tinham cabelos longos e soltos. Suas mechas brilhantes, caindo em cascatas ofereciam um contraste ruidoso ao manto da Guarda. Apesar de aparentarem ser suaves e mais femininas, seus cabelos não domesticados deram as irmãs uma aparência selvagem – como a lenda das Amazonas ou a rainha pagã Boadicea, histórias que ela havia ouvido quando criança, procurando por algum sinal de que aquela garota podia achar seu lugar na vida dos guerreiros. Já não eram velhos contos para Ember eram sua única esperança. Respirando em sua frente, agora, estava o exemplo vivo do que desejava ser. Alistair havia escrito que todos no Conatus se referiam a elas como “as irmãs” apesar de que alguns indivíduos ou outros sussurravam “as irmãs estranhas” em tons sarcásticos. Cedendo ao seu fascínio pela história delas, Alistair tinha explicado que as irmãs eram órfãs e inseparáveis desde que elas chegaram à fortaleza. Elas haviam ganhado lugar no Círculo em virtude de sua coragem nos campos. Dentro do Conatus, as irmãs eram tão lendárias quanto qualquer guerreiro ou mito da história.

— ...nós somos abençoados por sua orientação. — Padre Michael continuou falando. — Duas almas que representam cada uma o maior ofício de nossa ordem.

Ele pausou, fazendo um gesto para dois homens em robes encapuzados que permaneciam a sua esquerda. — Conhecimento.

Alongando suas mãos e apontando para trás dele, o padre reconheceu os próximos dois homens – ambos vestidos em um traje simples de plebeus. — Habilidade.

Padre Michael estendeu sua mão para as duas irmãs, que permaneceram a sua direita. — Guerra.

Guerra. Ember respirou rapidamente, imaginando que guerra estava sendo travada naquele lugar. Sabia que uma guerra estava acontecendo entre

Inglaterra e a França, mas não apenas uma guerra santa em favor da igreja. Outra possibilidade era a discussão sobre o trono escocês, o qual poderia ficar mortal a qualquer momento. E não era a igreja dividida contra ela mesma por causa da cisma papal? Seu coração gaguejou. O Conatus estava simplesmente agindo sob ordens do papa em Roma ou Avignon para garantir um resultado específico? Por qual lutaria, se se tornasse um soldado sob suas ordens?

— Qualquer papel realizado na Tearmunn cai em um destes três ofícios — Padre Michael disse. — Hoje seu dever é achar o ofício de seu verdadeiro chamado.

Apesar de suas atormentadas especulações, Ember focou na voz calma do padre.

Um verdadeiro chamado. Onde eu pertenço. Isso deve ser algo além das políticas insignificantes.

— Olhem lá — padre Michael disse, apontando para a parede à sua esquerda. — Atrás da porta, vocês irão achar três salas. Cada sala contém outra porta. Você deve escolher a sala que melhor refletir o seu coração. Passe pela porta naquela sala. Você não deve voltar atrás de qualquer escolha que tenha feito. Para se certificar que foi verdadeiro buscando sua alma para achar seu ofício entre nós, você deve encarar um julgamento no outro lado da porta que você escolheu. Se falhar nesse teste, você não deve servir aqui.

Ember mal pode se conter de vacilar. Poderia falhar. Poderia ser mandada embora. Alistar tinha mentido para ela.

— Vão agora. — A porta a qual o padre Michael apontou era uma simples porta de madeira escura, nem ameaçadora ou acolhedora. — Façam sua escolha.

Em uma fila única os iniciantes se viraram e andaram até a porta. Ember era a terceira a passar por ela. No outro lado da porta havia uma antecâmara oval dividida por três arcos. Como seus companheiros, ela hesitou na pequena sala. Virou-se para trás quando a porta do grande salão foi fechada fortemente atrás deles. E trancada.

CAPÍTULO OS

EMBER E OS OUTROS jovens se amontoaram em um grupo apertado como pintinhos que tinham perdido sua mãe galinha. Ninguém falou. Cada iniciante entendeu que isso era um esforço individual e conversar iria somente bagunçar qualquer clareza na mente de cada um que tinha a tarefa em mãos.

Olhando para cada um dos portais arqueados, Ember não conseguia ver o que estava dentro das câmaras. Enquanto os outros faziam suas próprias escolhas, decidiu investigar a sala da direita, atraída pelo toque sutil de velas de dentro. Sentiu dois plebeus seguindo atrás dela. Olhou por cima do ombro e viu o resto do grupo se espalhando pelas outras salas.

Quando passou pelo arco, o a visão que a esperava lhe tirou o ar. O teto da sala arqueado se esticava para os céus. Cada parede, cada canto, cada abertura da sala estava repleta de pergaminhos ou volumes encadernados. Cambaleou para frente, hipnotizada pela visão de tanto conhecimento coletado. Em adição aos trabalhos que estavam espalhados pelas paredes, uma massa de livros grossos estava aberta em cima da mesa em toda parte. Ela tentou seguir em frente para espreitar pelos volumes abertos, hipnotizada pelos textos iluminados. As páginas tinham uma manifestação de cores que rivalizavam com os vitrais; sua arte delicada teria sido moldada pelas mãos de anjos.

O único espaço no quarto que não estava coberto pelas barreiras de livros ou pergaminhos bem apertados era uma porta restrita na parede distante.

Dando um olhar discreto para a garota e o garoto que haviam se juntado a ela nesta sala, viu que eles estavam sem fôlego em antecipação. A garota caiu ao chão com um livro do tamanho do seu torso enfiado em seu colo enquanto o garoto subiu em uma escada para explorar as partes mais altas das prateleiras carregadas. Ember continuou a vagar pela sala. Levaria algumas vidas para absorver os escritos contidos naquela uma única sala. Imaginou se essa sala era a biblioteca de Tearmunn, mas suspeitou que mesmo essa coleção enorme era apenas um gostinho do conhecimento sem limites que os clérigos tinham na ponta dos dedos.

Apesar de estar tentada a ler algumas páginas, a curiosidade a trouxe de volta ao arco. Olhou de volta para seus companheiros, mas eles estavam perdidos lendo e não dando nenhum sinal de que queriam sair da sala.

O que o padre Michael havia dito? *Cada sala contém outra porta. Você deve escolher a sala que melhor reflete o seu coração. Passe pela porta naquela sala. Você não pode voltar uma vez que a escolha foi feita.*

Independente de quão maravilhosa a sala dos livros fosse, ainda não estava disposta a escolher a porta sem ver as outras três opções. Ela entrou na sala central e estava surpresa por se encontrar sozinha na câmara. Essa sala não tinha a arquitetura marcante da primeira. Apesar do teto arqueado, a câmara tinha um design sombrio. Diversas mesas longas estavam posicionadas em linhas retas no centro da sala. Ao inspecionar as mesas, descobriu que elas estavam cobertas com mapas. Os mapas não mostravam simplesmente características da terra e suas cidades, mas também estavam cheios de notas e símbolos: setas sugerindo movimento, locais delimitados por significância. Enquanto comparava os mapas, percebeu que eles serviriam tanto para aulas de história quanto navegacional. Aqui estava o progresso da guerra do Peloponeso. Lá poderia ver a ação dos movimentos de Alexandre o Grande pela Ásia. Outro mapa mostrou a invasão Normanda da Inglaterra.

Guerra. O centro da sala retratava o ofício da guerra. O pulso de Ember ficou mais rápido, sua mente em alerta enquanto se debruçava sobre os mapas. Os modelos nos mapas estavam a fascinando. Quebra cabeças do passado esperando para serem resolvidos. Por que o sucesso desse exército enquanto a maior força fracassou? Por que esse meio de invasão quando a rota do mar oferecia um curso mais rápido?

Ember levantou-se de cima dos mapas para examinar as paredes. Uma parede estava coberta com ferramentas de guerra. Espadas de todos os tamanhos estavam suspensas no ar. Machado de dois gumes, porretes, bastões e manguais de guerra estavam pela parede com uma abundância de armas que não sabia o nome.

Seus olhos vagaram de volta para os mapas, então sacudiram para a parede de armas. Isso era a contradição da guerra – estratégia em parceria com brutalidade. Tremeu e andou pela sala então pode olhar para a parede oposta, onde encontrou outra contradição. Encarando o armamento havia imagens tão

bonitas que sentiu sua garganta fechar. Pinturas alinhavam a parede, enchendo o espaço do chão até o teto. As cenas retratavam grande variedade: aqui encontrou os gregos saindo do Cavalo de Tróia, assistiu enquanto Judith levantava a cabeça de Holofernes em triunfo. Apesar de muitas pinturas serem ásperas por sua violência, outras eram sublimes. Os olhos de Ember arderam enquanto olhava o retrato de uma jovem mulher arrancando seus cabelos enquanto lamentava um guerreiro caído, e a batida do seu coração acelerou quando encontrou a pintura dos Templários fazendo seus votos.

As pinturas mostravam vivamente o terceiro aspecto da guerra. Não apenas a prática da mente e do corpo, esse ofício era também o do coração. Dentro desses quadros encontrou coragem, tristeza, sacrifício e esperança.

Ember pausou, fechando seus olhos e deixando a coleção da sala mergulhar em sua memória. Quando abriu os olhos, estava olhando para a porta na parede oposta da câmara. Uma parte dela estava tentada a correr até ela, arremessando-se para abri-la e lançar sua sorte por essa sala com impulsos de batalha, beleza e horror.

Ela se forçou a virar as costas para a porta atrativa. Não havia como voltar uma vez que sua escolha fosse feita. Passou por um garoto em seu caminho para fora da sala e imaginou se ele iria escolher a porta pela qual tinha saído.

A primeira impressão da terceira sala foi feita através do aroma ao invés da visão. A mistura de odores era tão intensa e confusa que Ember teve que parar e reorientar-se. A temperatura nessa sala era marcadamente maior que nas outras câmaras. A razão para essa diferença era fácil de descobrir. Uma forja severamente quente estava no centro da sala. O fogo dentro de suas entranhas rugiu apesar da ausência de um ferreiro para atizar as chamas.

Diferente das duas primeiras salas, essa câmara era um perfeito círculo. Ember andou até a ponta, e mesmo mantendo distância da forja, suor descia de sua testa. No círculo em volta do fogo ardente, encontrou as ferramentas e moldes do artesão mestre. Ela fez uma pausa em meio aos aromas rigorosos do trabalho de um curtidor, maravilhada pela habilidade que seria necessária para criar uma peça da armadura de couro que parecia tão resistente quanto aço e ainda tão suave como seda. Seguindo em frente, seu nariz se contorceu não por causa do mau cheiro, mas em desgosto quando rapidamente passou por uma roda de fiar girando e diversos teares. Enquanto apreciava a roupa fina e a maravilhosa

tapeçaria espalhadas ao lado das ferramentas do tecelão, as memórias de sentar-se com sua mãe e Agnes, forçada a uma dolorosa rotina de girar, lhe afligiam demais para querer ficar ali.

Ember passou por mercadorias e barris de todos os tamanhos criados por um tanoeiro. De todas as salas essa era a que oferecia uma vasta variedade de visões e aromas. O ofício do artesanato abrangia de tantos meios de subsistência que pensou que deveria escolher a porta nesta sala. Assistiu enquanto a garota passou por ela, correndo até a porta. Virou, dando a Ember um tímido sorriso antes de desaparecer pela outra porta desta sala. Apesar das muitas possibilidades apresentadas pela sala, sabia que isso não era o que ela desejava.

Voltando para a sala de espera, sentiu como se um pulso tivesse fechado ao redor de seu coração. Olhou pelo arco que levava a sala cheia de pergaminhos e ao que conduzia à guerra. Qual devia escolher?

A primeira sala prometeu um mundo de segredos revelados. Uma vida de aprendizagem – uma rara e preciosa vocação, uma que desejaria que pudesse dividir com Agnes. A irmã de Ember ficaria feliz de estar para sempre naquele quarto. O segundo seria exatamente como parecia: imprevisível, perigoso, cheio de contradição. Embora mergulhar no oculto não seria sem risco, uma vida de estudante seria cheia com um perigo mais sutil do que os riscos evidentes da guerra. Sabia o que sua família iria querer. Sua mãe e sua irmã ficariam aliviadas se ela fosse isolada do mundo com os escribas. Seu pai talvez tivesse esperanças de que continuaria seus estudos enquanto ainda se tornasse esposa de Gavin Mackenzie. Se ela se rendesse a vida de desejos de Lorde Morrow, talvez fosse possível passar algum tempo com Agnes. Não era estranho entre irmãs passar uma temporada ou mais na casa uma da outra, particularmente depois do nascimento de uma criança. Valeria a pena escolher uma sala cheia de livros se pudesse manter Agnes em sua vida?

Apesar do risco para seu corpo fosse menor na escolha da primeira sala, o risco para seu espírito era muito grande. A esperança que mantinha, imaginando que talvez pudesse se realizar através da dívida de seu pai para o Conatus, era que pudesse ter uma vida onde não seria enjaulada.

E o casamento iria deixá-la presa a um marido e a sua mansão para o resto de sua vida.

Ember respirou fundo e virou para a sala do centro. Andou rapidamente em direção ao arco, passando pelas mesas cobertas de mapas. A porta na parede distante era simples e estreita. Esperava por ela. Sem pausar, Ember agarrou a maçaneta e abriu a porta.

— Esta é minha escolha — ela murmurou, e andou para as sombras.

Piscando para deixar seus olhos se adaptarem a luz obscura, descobriu que tinha entrado em um tipo de passagem.

Ember deu um grito assustada, quando uma mão tocou em seu ombro e a virou. Seu medo se tornou constrangimento quando se encontrou olhando para Barrow.

— Você fez sua escolha, mas você deve ser testada — ele disse a ela. — Venha comigo.

Ela não conseguia ler a sua expressão, por mais que tentasse tirar alguma dica do que estava por vir de dentro de seus olhos cinza-tempestade.

— Onde estamos indo? — perguntou.

Ele não respondeu, e a breve emoção que tinha sentido olhando para ele se tornou ressentimento mal-humorado. No amplo corredor viu uma linha de figuras alinhadas ao lado do salão. Seu pulso trovejou em seus ouvidos, enquanto percebia que eles eram membros da Guarda parados em atenção. Eles assistiram solenemente enquanto passava por eles, doze de cada lado seu, embora Alistair, Kael e Barrow fossem os únicos guerreiros que reconhecia. Por que todos da Guarda estavam amontoados aqui? E o que eles estavam esperando que fizesse?

No fim da linha de cavaleiros, Alistair andou em frente e parou um passo atrás dela. Seu sorriso malicioso facilitou um pouco a sua mente.

— Boa escolha, Em — ele sussurrou, e ela sorriu para ele.

Barrow parou, virando olhos de pedra em Alistair. — Volte para o seu lugar. Ela não terminou.

Alistair o ignorou e se aproximou de Ember. — Não se preocupe. Nós todos fizemos isso.

— Alistair. Pare. — Barrow deu um passo na direção dele. — Você sabe que isso não é permitido.

Alistair fez uma careta para o alto cavaleiro.

— Por que você está interrompendo o teste? — Barrow deu a ele um olhar severo.

— Apenas me oferecendo para acompanhar minha amiga até eu puder — Alistair disse a ele secamente.

O frio cobriu Ember intensamente. As palavras de Alistair sugeriram que daquele ponto, ele não poderia permanecer com ela – não importava onde eles estivessem indo. E Barrow pareceu pensar que Alistair não deveria estar com ela em tudo.

Barrow endureceu, mas não ofereceu nenhuma objeção. Ele voltou seus olhos para Ember.

— Siga-nos.

Alistair colocou sua mão no cotovelo dela, andando ao seu lado enquanto Barrow os conduziu pelo salão. Ember pegou vários olhares das duas linhas de cavaleiros pelo canto do olho. Todos estavam assistindo-a. Qualquer lugar que estivesse indo, o que fosse que estivesse para acontecer, era importante. Isso era importante para todos eles.

Ember estremeceu e Alistair apertou seu braço. — Ember, eu juro que...

— Já chega, Alistair! — Barrow virou o rosto para eles.

Alistair encarou o cavaleiro mais alto. — Que mal poderia fazer se eu explicasse o que vai acontecer? Você deve entender que Ember é diferente. Ela não tem...

Suas palavras foram cortadas, quando Barrow o empurrou para longe de Ember. — Se ela é para ser uma de nós, não poderá haver exceções.

— Você não a conhece como eu. Eu apenas quero ter certeza... — Alistair rosnou para ele.

— Eu disse, já chega. — Barrow assentiu para Kael, que estava assistindo a troca de hostilidades de seu lugar na linha de soldados e veio para o lado de Alistair. — Você deve permanecer aqui com os outros.

Alistair empalideceu, mas ao sentir a mão de Kael em seu ombro, seguiu seu mentor de volta a linha de cavaleiros.

Barrow não disse nada a Ember, simplesmente se virou e seguiu ao longo do corredor. Ela se apressou para manter o passo com ele, seu coração acelerado tanto pela raiva da virada de ombros de Barrow como pela antecipação do que estava por vir. Também sentiu a picada das palavras de Alistair. Ele acreditava que era tão fraca para viver pelas regras da Guarda? Parte dela estava ressentida

por sua pobre opinião sobre ela, mas a outra parte estava preocupada sobre o que podia fazê-lo ficar com tanto medo por ela.

Barrow parou quando eles chegaram à outra porta no final do corredor.

— Eu vou te deixar aqui — Barrow disse, procurando algo em baixo de sua capa. — Leve isso e use quando você achar necessário.

Ele entregou a Ember um lampião e uma adaga. A pequena, grossa lâmina era revestida em um líquido cor de bile viscoso, que tinha um odor picante.

A porta gemeu em protesto, quando Barrow a empurrou para abrir. Tudo que Ember pode ver foi os três primeiros degraus de pedra de uma escada que descia em espiral.

— Esse é o seu caminho — Barrow disse.

Ember olhou dentro dos olhos de aço acinzentados do cavaleiro, mas não encontrou nenhuma dica dos sentimentos dele lá, apenas o olhar parado. Dúzias de questões circulavam em sua mente, mas já sabia que elas não seriam respondidas com sucesso. Forçou-se a assentir e começou a descer a escadas. Mal pisou dentro da escuridão quando a porta foi fechada atrás dela, fazendo-a arfar. Seu coração começou a parar quando ouviu o clique da trava da porta. O único caminho agora era em frente, dentro da escuridão.

Com o lampião em sua mão esquerda e a adaga agarrada na direita, Ember desceu as escadas. A escuridão se fechou ao seu redor enquanto a vela no lampião balançava e tremeluzia. Ela podia ver pouco, apenas o que era revelado pela pálida nuvem de luz feita pelo lampião – a escada espiral apertada, as paredes de pedras ásperas. Sua descida não era longa, e em breve se encontrou no final das escadas. A escuridão diminuiu, e ela andou cautelosamente, tentando identificar os sons. O ar estava mofado e cheio de um ar frio.

Formas começaram a aparecer no limite de visão da lanterna. Alto e arredondado, os objetos surgiam do chão ao teto baixo. Ember esticou suas mãos correndo-as pelos barris de madeira. A adega de vinho. Estava na adega de vinhos.

Ember não sabia se ria ou se gritava, porque isso não poderia ser nada mais do que alguma piada com intenção de amedrontá-la para entreter os cavaleiros mais experientes. Pobre Alistair, por isso ele tentou lhe avisar. Ele apenas estava tentando salvá-la da humilhação.

Tinha imaginado o rosto duro de Barrow e fez uma promessa silenciosa para si mesma de que um dia iria enganá-lo em uma situação igualmente embaraçosa, quando algo se afastou dos barris.

Tinha havido um barulho?

Suas reflexões vingativas haviam capturado a maior parte da sua atenção, mas seu instinto a fez sentir algo. Um chiado. A respiração fraca de um homem doente.

Ember Levantou seu lampião, mantendo suas costas para os barris de madeira. Permaneceu ereta, prestando tanta atenção no que ouvia que sua têmpora começou a latejar. A escuridão permaneceu silenciosa. Ela amaldiçoou seu coração, que estava batendo contra suas costelas.

Seus olhos se alargaram. Havia algo ali. Dessa vez acompanhada com um som de tosse. Pés se arrastando. O som úmido de respiração.

— Quem está aí? — Ember manteve seu controle apertado sobre a adaga e deu um passo adiante.

Algo veio assobiando do meio da escuridão, além do brilho do seu lampião. Um vaso de barro quebrou em seu pulso. Ela gritou, deixando cair seu lampião. Ele não se apagou quando atingiu o chão, mas rolou para longe, deixando as sombras serem despejadas sobre ela. O vaso esmagou contra o chão e cerveja foi derramada sobre seu pé.

Uma figura corcunda saltou para ela.

Ember gritou outra vez, caindo de volta contra os barris de vinho. A coisa vinha em sua direção. Se era homem ou mulher, não poderia dizer. Ele ficou sobre duas pernas, mas sua pele era cinza e alguns pedaços estavam soltos e se agitavam como um pano quando a criatura se movia. Estava encarando-a, mas não tinha olhos. Apenas pontos negros que eram de algum jeito, cheios de fome.

E fedia. Terror foi tudo que a impediu de vomitar. A coisa cheirava a carne estragada ou pior. Cada tosse e respiração irregular faziam parecer que criatura estava se engasgando com seus próprios pulmões putrefatos.

A coisa abriu a boca para ela, mostrando suas presas. Não sabia se a coisa estava tentando falar. A boca da coisa abria e fechava, cheia de lama, sons balbuciados emergiam. Foi em sua direção e ela não conseguiu se mover. Uma larva caiu da carne podre da mandíbula e se contorceu em cima da bochecha de Ember. Ela gritou. Conseguia ver os dentes da coisa. Ver quão afiados eles eram.

O instinto de sobrevivência libertou o seu corpo da paralisia do medo. Ela caiu de joelhos, e rastejou pelo chão em direção ao seu lampião. Ela o alcançou vacilante e rolou para o lado, empurrando a luz na direção da coisa que a tinha seguido e já estava se curvando sobre ela. A coisa gemeu. Mãos com garras cobriram seu rosto como se a luz fosse dolorosa. Enquanto a coisa se afastava do seu braço estendido, Ember ficou em pé.

A criatura se afundou nas sombras, sua respiração mais rápida agora, gemendo frustrada. A coisa a queria. Ember sabia que a luz iria mantê-lo longe apenas por pouco tempo. Ela tinha que achar uma maneira de sair da adega. Mantendo-se de costas para os barris de vinho, começou a se mover junto com seu comprimento. Ela segurou o lampião à frente de seu corpo, criando uma barreira de luz entre ela e a coisa. Consequia ouvi-lo se movendo com ela, seguindo-a.

Sem aviso, a coisa se lançou com um grito rouco saindo de sua garganta. Ember virou a lanterna para a criatura. A coisa vacilou lançando um braço para proteger seu rosto, ao mesmo tempo em que procurou pela garganta dela com a outra mão. Com a coisa meio cega, Ember golpeou a criatura com sua adaga. Mas rapidamente descobriu que lutar com essa fera não era nada parecido com atacar seus alvos de palha, muito menos suas batalhas de brincadeira com Alistair. A criatura desviou de sua mão inábil, e a lâmina acabou pegando nos trapos esfarrapados que pendiam da pele do monstro.

Ember tropeçou para trás, enquanto a coisa a atacava com uma fúria renovada agitando seus braços. Uma de suas mãos acertou e jogou para longe o lampião, e dessa vez o vidro se despedaçou após cair no chão. A vela apagou-se e Ember estava mergulhada na escuridão. Ela soluçou, segurou a adaga em suas duas mãos. Vagarosamente, moveu-se para trás, deslizando cada pé pelo chão.

Ela não conseguia ver a criatura, mas podia sentir o cheiro e ouvi-la. Sabia que a criatura estava apenas alguns metros à sua frente. Sabia que a atacaria de novo.

O farfalhar de suas roupas rasgadas chegou aos seus ouvidos um momento antes que a coisa batesse nela, derrubando-a no chão. Ela estava por sua conta. As mãos da criatura estavam em seus ombros, segurando-a.

Ember sentiu a agitação da respiração quente e podre em seu rosto. Engasgou com o ar fétido, enquanto levantava a adaga com ambas as mãos,

usando toda a força que conseguia reunir.

A adaga atingiu o alvo, rasgando carne e triturando osso. O guincho da coisa tornou-se um gemido. Seu corpo estremeceu e depois todo seu peso caiu sobre ela.

Ember empurrou a forma flácida e rolou sobre suas mãos e pés. Engasgou, engolindo ar como se nunca fosse o suficiente. Então começou a soluçar. Seus músculos tremeram enquanto tentava se levantar, mas suas pernas não a aguentavam.

Outro gemido atingiu seus ouvidos. Ember curvou sua cabeça, fechando seus olhos, esperando que criatura a dominasse. Mas nenhum outro som a seguiu. Sem briga. Sem chiado.

Ela levantou o olhar e viu uma luz onde antes não havia nenhuma. Um raio de sol caía de uma escada, uma escada em linha reta diferente da espiral pela qual tinha entrado. Lutando pelo controle dos seus membros trêmulos, ela se arrastou até a base das escadas.

CAPÍTULO 06

EMBER MEIO CORREU, meio que escalou os degraus de pedras. Suas mãos estavam trêmulas, mas se recusava a soltar a adaga enquanto empurrava a si mesma adiante. O sangue da criatura manchou de carmim sua pele pálida, o líquido vermelho e morno deslizava de seus dedos para seus pulsos.

Ela explodiu através da porta no topo das escadas. Luz e aconchego a rodearam, levando embora o pesadelo da adega. Ela girou, levantando a adaga para lançá-la longe, quando escutou a porta sendo fechada e trancada.

Uma figura encapuzada num robe marrom levantou as mãos. — Paz, Lady Morrow. Você está a salvo agora.

Ember reconheceu o padre de rosto enrugado da cerimônia.

— Deus lhe abençoe, minha criança — Padre Michael disse. Ele tocou sua testa, fazendo o sinal da cruz. Água pingou por sua sobrancelha — Você completou sua provação.

— Padre. — Ember caiu de joelhos, sua voz falhando. Finalmente soltou seus dedos da adaga, que bateu contra o chão de pedra. — Aquela coisa... eu não entendo o que aconteceu.

Padre Michael se inclinou, recolhendo a arma e guardando-a entre as dobras de seu robe. — Nós vemos apenas um pobre reflexo como num espelho, mas nós devemos ver cara a cara. Onde você sabia apenas em parte, agora deve saber completamente. — O padre esticou os braços ajudando-a a se levantar. Ember reconheceu suas palavras das escrituras, mas não encontrava sentido algum nelas.

Ele pegou o braço dela, conduzindo-a para longe da porta fechada e do horror que detinha. Enquanto o choque perdia seu poder sob ela, Ember levantou seu rosto para a luz que brilhava através das altas janelas. O vidro manchado transformou os raios de sol, deixando a madeira escura das paredes em tons de joias. Padre Michael a guiou da pequena antessala até uma longa e estreita sala cheia de filas de bancos de madeira. Bem no final da sala, um altar estava fixo entre outra janela com vidro manchado, sendo essa larga e redonda. Suspenso

dentre as brilhantes cores estava um anjo, seu rosto orgulhoso e firme, suas mãos sustentando espadas de fogo.

— Meu homônimo — o padre disse, olhando para cima para a janela com um breve sorriso. — O Arcanjo Michael que expulsou Lúcifer dos céus.

Ela simplesmente assentiu, enquanto eles passavam de uma capela para outra, um pouco menor que continha uma cadeira, uma mesa e um simples palete de madeira.

— Meus humildes alojamentos. — Padre Michael fez um gesto para que ela se sentasse. Um copo com um líquido flamejante estava na mesa e o padre colocou-o na sua frente quando ela sentou.

— Um simples tônico de ervas — ele disse. — Irá acalmar seus nervos e seu espírito.

Ember pegou o copo, cheirando-o antes de tomar um gole. Reconheceu camomila, lavanda e menta. Quando bebeu o tônico, longos calafrios percorreram seu corpo.

— Onde estão os outros iniciantes? — ela perguntou. — Eles não tiveram desafios?

Ele sorriu amavelmente. — Sim. Um desafio aguardou cada um. Mas só você escolheu o escritório de guerra, que requer uma provação mais perigosa e assustadora que a do conhecimento ou da habilidade. Estou aqui, porque eu quero oferecer-te a segurança que é necessária em tal provação e para ter certeza de que, após encarar a escuridão, você continua firme nesse caminho.

Ember não sabia o que dizer, então se contentou em apenas beber mais do tônico.

— Tenho certeza que você tem muitas outras perguntas — Padre Michael disse. — E eu farei meu melhor para respondê-las.

Ele parecia pronto para falar sobre todos os medos dela, então esperou e escutou.

— O que aconteceu na adega foi o significado pelo qual você saberá o propósito da Conatus. E as tarefas da Guarda em particular.

Ele atravessou o quarto, as mãos cruzadas nas costas. — Nós buscamos dar continuidade ao trabalho de Michael. Livrar a terra do mal.

Ember tomou outro gole do tônico. — Aquela criatura na adega. Era má... sobrenatural.

Ele assentiu.

— O que era?

— Um revenant^[4] — O padre falou para ela. — O animal sujo de um necromante.

— Aquele que ressuscita os mortos? — Ember perguntou. — Alguém pode realmente dominar tal poder?

Padre Michael suspirou. — Embora sejam ocasionais as criaturas das trevas que você irá encarar, na verdade são seus mestres que devemos deter: aqueles que conduzem o mal para o nosso mundo para suprir sua fome de poder.

— Quem são eles? — A sua mente vacilava. Ela conhecia sobre maldições de bruxas e espíritos maldosos, mas apenas da forma que as crianças temem o que está escondido nas sombras.

— Eles têm muitos nomes, nenhum dos quais eu suspeito que sejam verdadeiros: feiticeiros, bruxos, magos, mágicos. São poucos os que encontram uma forma de invocar a escuridão, mas o suficiente para manifestar males que causam muitas catástrofes. Nosso trabalho aqui é procurá-los e acabar com suas maldades.

— Como você os encontra? — Ela perguntou.

— Infelizmente, geralmente seguindo o rastro de violência deixado pelos seus servos. — Padre Michael inclinou a cabeça. — Somos caçadores seguindo uma trilha de sangue. Pela graça de Deus, nós temos meios de criar ciladas para detê-los antes que eles machuquem inocentes.

Ember permaneceu sentada quietamente, deixando as palavras entrarem.

Padre Michael a observou. — Agora a escolha é sua, Lady Morrow.

— E o que é escolha minha? — perguntou.

— Não pedimos a ninguém para servir contra a própria vontade — o padre disse. — Nosso trabalho, é continuar a guerra travada por Michael e o exército de Deus contra o mal que se ergue, é perigoso e vital demais para ser feito com dúvida ou hesitação. Se você der a sua vida para a Guarda de Conatus, abandonará todo o resto. Os confortos da família e da carne serão negados a você. Seu corpo, sua vontade, seu espírito nos pertencerá, e pertencerá a essa luta. Mas a guerra não é travada apenas pela espada. Você viu o quarto dos outros, mas escolheu a guerra. Eu peço a você para confirmar agora a sua escolha, a fim de que não vá hesitar em seu serviço, colocando em risco nosso objetivo.

Ember encontrou o olhar calmo do padre, não vendo julgamento, esperança, nem expectativa, apenas amabilidade e paciência. Ela poderia caminhar para longe da violência que escolhera ao passar pela porta da guerra. O fedor da morte que a perseguiu pela adega seria esquecido.

Fora terrível, sim, mas também fora algo mais. Ember estremeceu pela emoção disso. Havia sido lançada na escuridão para encarar um terror sem precedentes. E venceu. Seu sangue cantou ao perceber isso.

— Como você luta com essas criaturas? — perguntou.

Padre Michael caminhou de volta para a cadeira dele. — Você sabe dos Templários. Os guerreiros da esperança, nascidos fora das Cruzadas e sancionados pelo próprio papa.

Ember assentiu, embora desconforto deslizasse por seus membros, levando parte de seu excitamento. Falar dos Templários não oferecia nenhum conforto. Fazia quase cem anos desde que esses guerreiros, embora renomados, haviam encontrado um fim terrível. Um fim repleto de traições. Pecados punidos por fogo.

— Mas não há mais deles — ela falou suavemente.

O padre balançou sua cabeça lentamente. — Quando o servo se torna forte demais, obstinado demais para reverenciar seu mestre, o mestre algumas vezes irá destruir o servo para salvar a si mesmo.

Os olhos dela se arregalaram; era mais que um pouco surpreendente ouvir um padre sugerir que os Templários haviam se tornado mais poderosos que o papa. Ao ver o rosto chocado dela, o padre Michael riu. — Você pensa que eu blasfemo, criança?

Ela corou, olhando para suas mãos, que estavam fechadas em punhos e ainda trêmulas sobre a superfície da mesa.

— Não tema, Lady Morrow. Eu não falo mal do Santo Pai, apenas da natureza do poder. Uma natureza que não se curva a compartilhar.

Quando não replicou, padre Michael continuou: — Conatus nasceu pela ordem dos Templários. Onde os cavaleiros perseguiam a conquista da Terra Sagrada, nosso pequeno contingente confrontava os segredos do oculto, os mistérios além do véu.

Ember engoliu o nó em sua garganta. Tinha tantas perguntas, mas não tinha ideia de como verbalizá-las. As perguntas giravam incontrolavelmente em sua mente.

O olhar do padre era simpático. — A igreja ensina sobre espíritos do mal, da escuridão e do ofício de bruxas e magos.

Ember assentiu, mal conseguindo respirar em sua ânsia de ouvir a história.

— As Cruzadas ofereceram os significados pelos quais nós devemos nos fixar a fonte do conhecimento e usá-la para o bem — ele disse.

— Por quê? — Ember franziu a testa.

— Conatus surgiu quando alguns dos cavaleiros aprenderam os segredos e a sabedoria dos nossos vizinhos sarracenos — disse ele.

Ela sentou-se reta na cadeira. — Os pagãos?

O padre levantou sua mão. — O que faz de nossa ordem única é que mantemos o valor do bem sobre o do mal. O próprio papa concorda.

— Eu não compreendo — ela disse.

— Encontros no Leste nem sempre acabam em derramamento de sangue, — O padre Michael respondeu. — E nós temos aprendido muito dos textos sagrados de nossos adversários. Por exemplo, você sabia que o Rei Salomão tinha o poder de comandar demônios?

Ember por pouco conseguiu segurar sua risada. Apenas os calmos e sérios olhos de Padre Michael pararam o aperto que tentava subir pela sua garganta.

Ele manteve seu olhar. — Ele submetia o vento para si, e então soprava suavemente para a direção que ele quisesse, e os demônios também, entre os quais estavam construtores e diversos outros presos por correntes...

— A quais palavras você se refere? — Ela franziu a testa.

— Aquelas dos textos sagrados de nossos adversários ao Leste — contou. — Um que contém muitos mistérios dos quais devemos aprender.

O franzir dela se aprofundou. — Que mistérios?

— Talvez você pense em espíritos, demônios e bruxas como contos assustadores para crianças? — Ele parou, cruzando suas mãos atrás das costas. — Creio que sua passagem pela adega lhe fez ver a verdade.

O pulso dela voltou a tamborilar. Padre Michael estava certo. Ela não havia acabado de encarar horrores inexplicáveis na escuridão lá embaixo? O revenant havia sido uma criatura dos pesadelos, e não algo que teria acreditado como sendo parte da criação, exceto pelo caso de vida ou morte que enfrentou. E era inacreditável.

— O Rei Salomão, em sua sabedoria, podia lidar com as forças sombrias sem deixá-las o corromperem. — Padre Michael passou por ela. — Mas seu espírito era algo raro. Sabemos que em algum outro lugar, um lugar sombrio, seres monstruosos prosperam. Às vezes as bestas invadem nosso mundo, corrompendo tudo o que tocam. Algumas chegam por sua própria vontade, caçando pobres almas que cruzem seu caminho. Mas algumas são convocadas pela vontade e pelo poder de um feiticeiro arrogante, ou um bruxo, ou mago que acredita ser capaz de comandar a escuridão.

O padre parou na sua frente, se inclinando para fixar seu olhar no dela. — O mal errante é a presa que caçamos e matamos. Mas a missão real da Conatus é encontrar esses malfeitores que por vontade própria trazem esses monstros para nosso mundo.

— Você caça bruxas? — Ela observou padre Michael encantada.

Ele sorriu. — Entre outras coisas. Os assuntos dos homens estão sempre repletos de sangue, violência e pecado. — Padre Michael se endireitou, virando-se parcialmente para ela — Isso não pode ser evitado, pois somos pecadores com necessidade de redenção. Mas convidar mais escuridão, mal sobrenatural, para nosso meio – isto é um pecado maior que qualquer outro. Isso deve ser detido. Conatus serve a esse propósito.

— E a Igreja? — Ember perguntou, lembrando-se do destino dos Templários.

Padre Michael assentiu. — Quando os Templários foram dissolvidos, e muitos foram executados por heresia, Conatus estava ilesa, porém permaneceu escondida. A Igreja sabe que nosso trabalho nos mistérios do mundo espiritual mantém sua essência. Nós não lidamos com o mundo dos homens, mas com o mundo da escuridão e dos demônios. Nossa guerra não tem fim, e não podemos permitir que nosso inimigo fique sem controle. E nós não peregrinamos sozinhos. O mal que combatemos vai além do nosso mundo. Assim como nossos aliados. Lukasz nos uniu como uma prova de boa vontade de nossos irmãos do Leste. E nos beneficiamos dos contínuos estudos de nossos congêneres na Terra Santa.

Ember estava balançando a cabeça. — Está dizendo que ainda confia no conhecimento dos Sarracenos?

— Qualquer sabedoria que ilumina a escuridão que encaramos não pode ser ignorada, não importa a fonte — falou. — As bibliotecas de nossos inimigos se

vangloriam de conjuntos de conhecimentos muito mais antigos e mais amplos que qualquer um encontrado na Cristandade. As raízes de nossa ordem descansam na Terra Sagrada. Você reconhece a árvore no grande salão?

— Não — disse ela. — Mas é linda.

— Uma árvore excepcional com um propósito excepcional — Padre Michael disse a ela. — Aquela árvore foi carregada pelos Templários da Terra Sagrada e plantada aqui a cerca de cem anos atrás. É um cedro do Líbano. Cada ano nós renovamos nossa fidelidade em servir a Terra e pela busca do conhecimento desses mistérios, além do compartilhamento desse conhecimento com nossos irmãos e irmãs do Conatus. A árvore é o símbolo desse compromisso.

Ember falou cuidadosamente. — O papa sabe disso? — Não podia acreditar que a Igreja perdoaria amizade com os inimigos de sua fé. Guerras demais haviam sido travadas para separar Cristandade dos pagãos.

— A qual dos três papas você se refere? — Sua pergunta tranquila a fez engasgar. Ele sorriu ironicamente antes de continuar. — Enquanto por nome nós servimos a Igreja, nosso trabalho não é como o de qualquer outra ordem. — O olhar do Padre Michael mudou-se para longe. — Há alguns elementos da Conatus que permanecem escondidos, mesmo de seus benfeitores mais poderosos. Especialmente, enquanto a Igreja está em guerra consigo mesma.

Ember ficou muito quieta.

— Eu sou um homem de deveres, Lady Morrow — ele falou, — Eu posso apenas lhe oferecer minha garantia que meu papel aqui é assegurar que nossas tarefas servem ao grande trabalho de Deus. Mesmo que não sejamos capazes de revelar a extensão desse trabalho para meus superiores.

— Você não tem medo que tais segredos sejam descobertos? — Ela perguntou.

Ele assentiu. — É um perigo constante. Não importa o quanto nosso trabalho é necessário, se a igreja acreditar que sua autoridade aqui tem sido questionada, nosso destino seria o mesmo destino dos Templários. Essa é a razão pela qual nos isolamos na selva da Escócia, por isso que raramente nos envolvemos nos assuntos dos reinos ou dos homens em geral. Nossas vidas estão separadas. E seguimos as ordens dos sagrados homens e mulheres, esquecendo os confortos da carne e da família por nosso serviço. Ao colocar livremente tais restrições sobre nossas ações e vidas, a Igreja é a garantia de que a nossa força é

temperada, o nosso orgulho mantido sob controle. Devemos demonstrar submissão e humildade para que o nosso objetivo possa ser cumprido.

— Compreendo — Ember disse suavemente. O que ela entendia ainda mais era que os perigos de servir Conatus variam para bem além da existência de monstros e da expectativa de lutar contra eles. Esse lugar abrigava segredos e encorajava práticas que podiam facilmente ser consideradas como heresias.

Padre Michael observou as emoções correndo por seu rosto. — São muitos riscos.

Ember não podia fingir que não estava assustada. Fugir significaria um casamento seguro e confortável que iria agradar seu pai. Proveria netos que sua mãe apreciaria. Nunca iria temer a morte pelas mãos de um monstro ou pelas chamas reservadas para traidores da fé.

Mas algo em seu interior, incansável e nostálgico levou-a em direção ao desconhecido. Havia ido para a adega armada com uma adaga, e não a familiar espada. Havia encarado uma criatura além da sua imaginação. E sobrevivera.

Ficar significava que iria continuar a batalhar com pesadelos, mas também receberia a habilidade e o conhecimento para destruí-los. Os segredos da Conatus seriam os dela. Isso era poder com o qual nunca havia sonhado antes, e essa atração era intoxicante.

Padre Michael perguntou. — O que me diz, criança?

— Eu fui chamada — ela disse, talvez um pouco instável. Limpou a garganta antes de continuar. — Eu servirei

— E assim deve ser. — Ele pegou suas mãos nas dele e a ajudou a levantar. — Venha comigo, Lady Morrow.

Ele a guiou do simples quarto de volta a capela. Ember seguiu o padre debilmente, e uma pequena parte de sua mente estava gritando por sua estupidez. Como iria sobreviver aqui? Mas outra voz, mais profunda – uma que acreditava ser o seu espírito – sussurrava que sua escolha fora correta, a única escolha. Saber da existência do mal, o verdadeiro mal que corrompe o mundo, tinha alterado seu coração e mente para sempre. Se tivesse escolhido um caminho diferente, não teria dormido outra noite. Sua mente ficaria inquieta, enquanto pensava apenas nos horrores que poderiam estar rastejando do lado de fora da sua porta, esperando para rasgar sua carne. Ela não viveria uma vida como a caça; seria a caçadora.

Padre Michael a levou por uma porta na parte traseira da capela e através do jardim para o quartel. A estrutura se assemelhava a uma mansão, mas em menor escala.

— Essa é sua casa agora, Lady Morrow — o padre a disse. — Seus novos companheiros estarão esperando-a no hall.

Ember deixou o padre Michael na entrada do quartel. Como ele dissera, a Guarda que estivera ao longo do corredor que a conduzia para sua provação estava reunida, esperando por ela.

— Iniciante! — Uma voz retumbante exigiu atenção. O seu olhar foi para o dono da voz. Ele era um homem impossivelmente alto, perto de dois metros de altura, seu cabelo e olhos escuros como terra. Apesar de ser a primeira vez que o via, não tinha dúvida quanto a identidade do homem: Lukasz, comandante da guarda. Alistair falou dele perto da veneração. As características acentuadas do guerreiro, o nariz curvo e os olhos brilhantes deixaram claro o porquê Alistair o chamava de “O falcão”. Ele era distinto dos outros guerreiros em aparência e comportamento. Diferente da maioria daqueles residentes, Lukasz veio dos reinos nos limites orientais da Cristandade, carregando com ele um ar de experiência e mundanidade que tanto intimidava quanto a fascinava. Poder fluindo dele enquanto se movia através da sala, seu olhar penetrante por fim encontrando o dela.

Ela estremeceu quando ele disse: — Passo a frente.

Nunca se sentira tão só, uma figura solitária, enquanto os vinte e alguma coisa que compunham toda a Guarda, formavam um anel ao redor dela.

Lukasz tirou a claymore^[5] de sua bainha, que estava amarrada nas suas costas. A espada era maior que ela, e Ember sabia que um oscilar dos fortes músculos do braço do guerreiro iria facilmente parti-la ao meio, como sem dúvida já havia acontecido a muitos dos seus inimigos.

Ele apontou a lâmina para ela. Ember cerrou os punhos, forçando seus músculos gritantes a permanecerem quietos. Cada parte de seu ser estava gritando para pular para longe da espada, até mesmo fugir do quarto.

— Quem reivindicou essa garota e irá suportar o fardo de guiar seus passos? — Lukasz perguntou.

Suas palavras não vieram com uma surpresa. Alistair havia explicado que teria um mentor, um guerreiro experiente para treiná-la, enquanto avançava de

iniciante para um membro total da Guarda. É claro, isso havia sido totalmente especulado. Agora que permaneceria com os guerreiros de Conatus e havia escolhido ser um deles, a neblina de espanto que a rodeara soprou-se para longe. Não iria voltar para o feudo de seu pai. Não se casaria com o filho de Lord Mackenzie.

Ember deixou seus olhos deslizarem pelo meio círculo de guerreiros a encarando. Um desses estaria ao seu lado dia após dia, ensinando-a a lutar. Ela estremeceu, desejando que Kael MacRath já não fosse o mentor de Alistair. Embora acabasse de conhecê-lo, seu comportamento animado era muito menos assustador que os rostos endurecidos a encarando agora. Lançando um olhar para sua direita, Ember encontrou o olhar de uma mulher cujos olhos penetrantes pareciam em guerra com sua boca, um lado de cada contraia-se como com divertimento. Ao contrário das selvagens madeixas soltas de Eira e Cian, essa mulher com cabelos acastanhados tinha o colocado em um nó sério. Como a única mulher que vira entre a Guarda além das irmãs, podia apenas assumir que essa devia ser Sorchá – que de acordo com Alistair era tão feroz quanto qualquer homem num campo de batalha. Enquanto, Ember mantinha seu olhar, o meio sorriso de Sorchá quebrou num sorriso completo, o qual ela se encontrou respondendo com um sorriso incerto. A expressão aberta de Sorchá era confiante, se não um pouco maliciosa.

Deve ser ela, Ember pensou aliviada. Seu mentor sendo a única mulher da Guarda era tranquilizador. Por mais que tivesse esperado, com todo o seu ser, para ser parte disso, esse era um mundo dos homens e sabia que precisaria da sabedoria e experiência de Sorchá se quisesse conseguir. Ela começou a respirar mais fácil. Embora a expressão de Sorchá fosse tão astuta quanto um gato selvagem, pensou que a sua astúcia e coragem fizeram dela a guerreira da qual Alistair havia falado.

Sorchá piscou para ela, e Ember quase riu, mas conseguiu permanecer parada. A guerreira havia dado um passo para frente quando gritos encheram o quarto, levando toda a atenção para a entrada.

Lukasz franziu o cenho, balançando a cabeça. Sua altura o permitia ver através do anel de guardas para quem quer que tenha entrado na sala. — Você não deveria estar aqui, Lord Morrow. Estamos no meio de nossa própria cerimônia. Apenas membros da guarda podem estar presentes.

— E é por isso que estou aqui! Encontrei seu padre e ele disse que minha filha passou por um tipo de provação. Essa loucura deve acabar.

Seu estômago torceu quando seu pai abriu caminho para dentro do círculo, lançando um olhar para ela.

— Eu imploro apenas por racionalidade. Certamente ocorreu um erro. — Seus olhos estavam brilhantes com ultraje. — Ember, sua mãe e sua irmã lhe imploram para reconsiderar. Assim como eu.

— Por qual razão? — ela perguntou, seu temperamento queimando. Não só seu pai continuava lhe negando o que sempre quis, como também estava humilhada por ele confrontá-la sobre isso com toda a Guarda como testemunha da explosão dele.

— Por todas as razões! — Ele avançou e agarrou os braços dela. — Você irá jogar sua vida fora para beber sangue com o resto desses brutos?

— É isso o que você pensa que fazemos aqui? — Kael perguntou sorrindo. — Quão lisonjeiro.

Ele havia pisado fora do círculo de cavaleiros e ido ficar ao lado de Ember. Alistair imitou as ações de seu mentor, tomando um lugar próximo ao ombro de Kael. Assustou-se quando Barrow se materializou atrás dela, encarando seu pai.

O pai dela empalideceu, olhando ao redor para o resto da Guarda. — Perdoem-me. É claro que eu não lhes dou nada além de honra pelos seus sacrifícios, mas essa é minha filha. Ela é apenas uma criança e não compreende o custo.

— Isso é verdade? — A pergunta de Barrow fora dirigida não para seu pai, mas para Ember.

— Não. — Ember afastou-se do agarre de seu pai, sustentando o olhar severo do cavaleiro. — Essa é a minha escolha. Eu pertencço à Guarda.

A boca de Barrow se torceu como se estivesse prestes a rir, mas a risada melancólica de seu pai estragou o momento.

— Você é uma mulher, não uma guerreira. — Edmund disse, encarando-a. — Você deveria honrar sua família com o casamento, tomando conta de sua posição e das crianças que carregarão nosso legado, não a maldade e o derramamento de sangue que você encontrará aqui.

Atrás dele, Sorchu bufou.

— Agnes lhe dará seus netos, Pai — disse. — Deixe-me. — ela quase acrescentou o ‘por favor’, mas se preocupou que isso iria fazê-la soar como fraca. Se pudesse ter implorado para ele ir embora, o faria, mas membros da Guarda não imploravam... ao menos ela pensava que não fizessem.

Ignorando-a, o pai de Ember girou, empurrando o punho para Sorchia. — Como você enfeitiçou minha filha? Apenas você poderia ter requerido ela para servir.

A mão de Sorchia pairou no cabo da espada. — Essa é uma acusação e tanto, milorde. Eu seria mais cuidadoso com sua língua se eu fosse o senhor. E lembraria que duas participantes da Guarda, ambas mulheres, agora pertencem ao círculo. Você está em débito com Conatus. Esse é o preço.

Os olhos de Edmund se arregalaram. Seu rosto era um tom claro de vermelho diminuindo lentamente em violeta. Queria gritar sua fúria para ele, mas estava relutante em agir como criança temperamental diante de seus novos companheiros.

— Paz, Lorde Morrow. — Barrow entrou na frente de seu pai, quebrando sua linha de visão para Sorchia. — Não foi Sorchia que escolheu Ember.

— Então, quem? — Disse o pai, com os punhos cerrados tremendo. — Quem se atreve a reclamar a minha filha como um escudeiro?

— Eu fiz — Barrow disse.

Ember ficou boquiaberta, enquanto Sorchia batia a mão sobre sua própria boca. Não poderia dizer se era de choque ou se estava rindo e tentava escondê-lo.

A cor se foi do rosto de Edmund, deixando sua pele amarelada. — Mas por quê? Por que você iria escolher uma menina para atendê-lo?

— Essa é uma questão para a Guarda e só da Guarda — disse Barrow.

Edmund engasgou e balbuciou, encarando Barrow em descrença.

— Você tem sua resposta, Milorde — Barrow disse. — Deixe-nos agora ou você será expulso desse quarto pelo uso da força.

Encarando Barrow por um longo momento, Edmund finalmente inclinou a cabeça. Questionar a afirmação de Barrow seria desafiar a honra dele – um ato estúpido para qualquer homem. Edmund virou-se, passando por ela enquanto ia para a porta.

— Garota estúpida — ele silvou por baixo de sua respiração. — Eu juro que você não ouviu o fim disso.

Quando ele deixou o quarto, Kael fechou as portas da câmara, bloqueando com um grosso e longo pedaço de madeira.

— Eu diria que é o suficiente de interrupções por hoje. — Ele sorriu para ela.

O estômago de Ember se agitou com uma mistura de embaraço, alívio e um ligeiro medo. Seu pai era um homem poderoso e orgulhoso. Se ainda acreditasse que poderia levá-la da Guarda, ficaria atrás disso como um cão atrás de uma raposa.

Sorcha riu, batendo no ombro de Barrow.

— Mostre-me sua língua, milorde — ela disse. — Eu não sabia que era bifurcada.

Barrow lhe deu um sorriso fugaz. — O homem pisou fora de seu lugar, como ele tem o hábito de fazer. Ele precisava ser lembrado disso... de novo.

Um aperto passou pelo peito de Ember. Barrow estivera mentindo. Por um breve momento acreditara que o guerreiro mais temido da Conatus a havia escolhido como aprendiz, provando além de qualquer dúvida que estava destinada a estar na Guarda, mas isso fora apenas uma estratégia. Virou-se esperando que os outros não vissem suas bochechas queimando. Dando as costas para os outros, estava encarando Alistair. Observava seu rosto e seus olhos estreitos. Ele foi para o lado dela, se abaixando para sussurrar.

— O que lhe aflige?

Cada medo enterrado, cada dúvida persistente plantada por baixo de sua pele por sua família foi à superfície. Se Barrow duvidava de seu lugar entre a Guarda, talvez não pertencesse ali. E se seu pai estivesse certo? Não poderia suportar.

Alistair tocou seu ombro, levando-a suavemente para longe dos outros e espreitou seu rosto com interesse. — Ember?

Conseguiu sufocar sua confissão. — Barrow não me quer.

Algo sobre suas palavras fez Alistair enrijecer.

— É claro que não — ele disse. — E por que você desejaria o contrário? Ele é brutal demais para guiar uma iniciante. E é melhor para você ser treinada por uma mulher – Sorcha tem esperado por um escudeiro, e nenhum homem teria uma mulher ensinando-o a esgrimir.

Suas palavras a atingiram mais do que a mentira de Barrow. Ele pensava tão pouco dela? Quando lhe deu uma espada e a ensinou a usá-la, isso tivera sido apenas em divertimento?

Sorcha continuava rindo. — Você está preso em sua própria rede agora, meu amigo. Você terá que levá-la ou seu pai irá chorar pela sua falta.

— Certamente você está brincando. — Alistair bufou. — Barrow não tem desejo por um aprendiz.

— Você me conhece tão bem, menino? — As sobrancelhas de Barrow subiram.

Alistair fez uma careta para a palavra *menino*, mas inclinou a cabeça em relutante reconhecimento ao posto de Barrow. — Perdoe-me, meu senhor. Ember é uma amiga querida. Eu só falava por preocupação com seu bem-estar.

— Você crê que eu daria a uma iniciante da Guarda um tratamento ruim? — Barrow perguntou.

— Eu... — Alistair lutou, olhando ao redor da sala para encontrar todos os olhares sobre ele. — Eu não quis dizer nenhum insulto. Sorcha tinha reivindicado Ember, por isso parece certo que ela seria a única a treiná-la.

— A política supera a intenção — disse Sorcha, sorrindo para Alistair. — Você verá que é frequentemente o caso, mesmo quando se trata da Guarda. Valorizamos nossas espadas, mas sabemos que nem sempre é possível ganhar o dia.

— Tendo em conta que o jovem Alistair ainda está servindo como escudeiro de Kael, decidi que eu deveria reivindicar essa garota — Barrow disse. — Nós completaremos seu treinamento juntos.

O rosto de Alistair escureceu enquanto escutava Barrow. — Você permanecerá como mentor de Ember, então?

Ember não podia compreender o olhar carrancudo de Alistair, enquanto estava pronta para gritar de alegria. Não apenas se uniria a Guarda, mas sua vida seria treinar lado a lado com seu melhor amigo.

Barrow continuava considerando o comportamento de Alistair. Ele se virou para ela. Ember ficou reta, esperando que todos os traços de embaraço tivessem sumido de seu rosto.

— Se a garota me considerar — ele disse, — Eu estaria honrado em treiná-la.

Ela considerou suas palavras. Aceitar o treinamento com Barrow Hess? Que loucura a manteria longe de aceitar? Bem, que loucura se não o instintivo medo da reputação feroz de Barrow. Ela se perguntou se conseguiria enfrentar uma rodada no campo de treino contra ele. Mas ele acabara de dizer que isso significava que ela e Alistair iriam lutar juntos. O senso de humor de Kael e amizade de Alistair para compensar o severo comportamento de Barrow seriam reconfortantes enquanto encontrava seu lugar na Guarda. Sem dúvida, teria que suportar uma enorme quantidade de provocação de Kael e Alistair, mas valeria a pena.

Barrow continuou mantendo seu olhar em Ember, embora pensasse que ele falava para o benefício de Alistair. — Ember vem de uma família com grande influência. Mesmo o Círculo deve, às vezes, conceder à vontade dos nobres. Nós não podemos mostrar sinais de dúvidas em frente a eles. Se Edmundo Morrow dúvida quanto a mulheres lutando na Guarda, isso irá apenas tornar mais forte seu pensamento se colocarmos Ember sob os cuidados de Sorch. Se ele for levar suas reclamações para outros nobres, isso causaria um grande problema.

Alistair assentiu, mas lançou um olhar para Barrow antes de lançar seu olhar para Sorch.

— Eu concordo — Sorch disse. — Eu retiro minha reivindicação pela garota. Deixe-a ser treinada por Barrow.

Barrow desembainhou a espada, colocou a lâmina plana sobre as palmas das mãos, e ajoelhou-se diante dela. O sangue rugia em suas veias.

— Lutar, liderar e ensinar são as funções da Guarda — disse ele, prendendo-a em seu olhar. — As duas primeiras obrigações eu tenho cumprido. Estou em débito com a última. Não possuo grande conhecimento para transmitir, nem mesmo acredito que sou um professor sábio, mas seria uma honra orientá-la.

Ember estendeu a mão, deixando a ponta dos dedos repousam sobre a parte plana da lâmina. — E eu ficaria honrada em atendê-lo, milorde.

Atrás dela, Ember ouviu Alistair expulsar uma respiração sibilante.

Kael gargalhou. — Barrow, meu amigo, você sabe como agitar um ninho de vespas. Espere até o padre Michael ouvir sobre isso!

Barrow levantou, acenando para ela antes de piscar um sorriso para Kael.
— Padre Michael fala bem de pacificadores. Que ele agora faça a paz.

Enquanto os cavaleiros do Conatus se juntaram ao redor dela, aceitou os parabéns e as saudáveis palavras de boas-vindas com sorrisos forçados. Não podia deixar de se perguntar que tipo de batalha provocaria por estar na Guarda.

CAPÍTULO 07

CIAN SENTOU-SE na borda da cama, enquanto Eira terminava de amarrar o cabelo e, em seguida, prendia sua pesada capa de equitação.

— Você vai perder a festa — Cian disse.

— Os nobres não se importarão se uma das irmãs estranhas não aparecer no jantar — disse Eira.

Cian se encolheu por sua irmã usar o nome desagradável que as perseguia.

Capturando a carranca de Cian, Eira riu friamente. — Você sabe que eu falo a verdade.

— Mesmo assim. — Cian deu de ombros. — Você não deve deixá-los afugentá-la desse jeito.

— Eles não estão me afugentando de modo algum. — Eira disse. — É uma noite de poder. Precisamos que alguém mantenha um olho sobre as aldeias do vale no caso de um feiticeiro aspirante tentar obter esse poder.

Cian deu um aceno relutante. — Gostaria que eu a acompanhasse?

— Não — Eira disse. — Estou confiando em você para um tipo diferente de vigilância, irmã. Eu acho que Lorde Morrow é o tipo de mente que rapta sua filha para entregá-la ao filho de Mackenzie. Essa é a fofoca do dia.

— Não seria a primeira vez que um casamento começaria com um sequestro. — Cian levantou-se, atravessando o quarto até a janela. Como membros do Círculo, elas já não residiam no quartel, mas compartilhavam quartos na mansão. Apesar da escuridão que cobria o vale, Cian via as luzes cintilantes uma a uma romperem o véu negro. Reuniões ocorriam abaixo no vale para homenagear a virada do inverno para a primavera, escuridão para a luz. E Eira estava certa ao se preocupar com o que poderia ocorrer em algumas dessas reuniões. Esta era a trajetória de sua vida, cuidar e se preocupar.

— Eu estaria mais preocupada se a outra parte fosse qualquer outro, não Mackenzie — disse Eira. — Ele sabe o suficiente para impedir qualquer loucura. Mackenzie quer a nossa proteção mais do que a uma nora abastada.

Cian riu. — Você acha que ele vai manipular a mente de Lorde Morrow à sua vontade?

— Edmund Morrow em breve estará de volta às planícies e não será mais preocupação nossa. — Eira puxou o capuz de sua capa para cima, lançando uma sombra sobre o seu rosto.

— Você acha que ele vai esquecer sua filha mais nova tão rapidamente? — Cian afastou-se da janela para olhar para a irmã.

— Ela não é mais sua filha — disse Eira. — Ela é uma de nós. Você e eu sabemos o que isso significa, mesmo se ele não.

Sem outra palavra Eira deixou o quarto.

— E mesmo que ela não — Cian murmurou para ninguém, apenas a si mesma.

A maior parte do regozijo de Ember foi afastada para longe durante o jantar pelas constantes lamentações de sua mãe e pelas fungadelas patéticas de sua irmã. Tinha sido assim o dia todo. Ela voltou para o quarto de hóspedes para recolher seus pertences apenas para ser atormentada por um coro dissonante composto de maldições de seu pai, súplicas de sua mãe e soluços de sua irmã. Após o que pareceram as horas mais longas de sua vida, eles retornaram para o hall da mansão para a festa como uma família, mas com nada do entusiasmo esperado pelos parentes. Seu pai se recusou a sentar-se com elas, buscando em vez disso um lugar ao lado de Mackenzie. Sem dúvida ele tentava encontrar uma maneira de vê-la casada com o filho do senhor das terras altas, apesar dos eventos do dia. Só podia esperar que seus apelos caíssem em ouvidos surdos. Olhou com frequência em toda a sala, esperando encontrar evidências de que seu pai não estava fazendo nenhum progresso em direção a seu objetivo. Pela sua face avermelhada e a virada azeda de sua boca parecia que seus esforços estavam sendo frustrados.

Mesmo com essa garantia, Ember estava encontrando dificuldade para apreciar a festa. Sua família estava sentada em uma mesa de honra, não muito longe da mesa principal, onde os membros do Círculo de Alistair estavam reunidos e, o resto da Guarda estava reunido em sua própria mesa longa, e desejou que pudesse se juntar a eles. Nesta mesa sua presença seria bem-vinda. Atualmente, se sentia como um convidado de seu próprio funeral. Mas já que era a última vez que passaria um tempo com sua família em um futuro próximo, se sentia obrigada a permanecer ao seu lado.

— Está certa de que é isso que quer? — A mãe de Ember perguntou pela terceira vez. — Se você não quiser viver no planalto depois que a dívida de seu pai com Conatus estiver paga, estou certa que podemos encontrar um marido para você que não seja o filho de Mackenzie. Eu vou falar com seu pai.

Ember a ignorou, tentando desfrutar do banquete decadente aumentando diante dela. A pesada mesa de madeira estava carregada com alimentos, acolhendo a primavera. Cestos foram preenchidos com ovos cozidos que acompanhavam faisão assado e leitão. Vinhos, pães cheios de frutas cristalizadas, apenas uma previsão da maturação dos frutos de verão que estavam por vir. Estava prestes a comer uma cheirosa tigela de ensopado de peixe com ervas picantes, quando seu pai rugiu através do corredor.

— Eu não sou senhor de minha própria casa? — O punho de Edmund varreu a mesa, enviando travessas de alimentos para os ares. A tábua de carne foi ao chão, enquanto legumes rolavam sob seus pés.

Lorde Mackenzie levantou-se, tentando acalmar seu pai. — Sente-se, milorde.

— Eu não vou! — O rosto de Edmund combinava com as beterrabas que estavam agora manchando o chão.

Ember sentiu-se congelada em horror. A raiva de seu pai era óbvia, assim como era óbvio o quanto ele tinha se afundado em seu copo de vinho. Em sua fúria ele agitou os braços, balançando instável enquanto seu olhar varria a sala.

— Este lugar é amaldiçoado, digo-vos! — Ele gritou, tropeçando em direção a sua família. Apontou um dedo acusador para ela. — Um covil de perversidade que roubou minha filha para dobrá-la à sua vontade.

Ember tinha estado tão focada no esbravejamento de seu pai que não tinha notado outros movimentos nas proximidades. O padre Michael andou calmamente até o centro da sala.

— Senhor Morrow, não fale do mal aqui — ele disse. — Sua filha foi chamada para um propósito maior, o propósito de Deus.

— Não! — Edmund cambaleou para frente, batendo no padre. — Você... não é homem de... de... Deus. Não há... não há nenhuma Igreja de verdade dentro... destas paredes. Suas mentiras... tudo... mentiras...

As palavras de seu pai começaram a ficar indistintas enquanto sua voz se tornava rouca. Já não conseguia achar sentido em suas divagações, entendendo

apenas algumas palavras enquanto ele balançava os punhos no ar, gritando.

— ... armadilha do diabo... pagãos...

— O senhor não sabe o que fala — o padre Michael disse, curvando sua cabeça e fazendo o sinal da cruz. — Pare com este discurso perverso.

— Enganador! — Edmund gritou. Ember encolheu-se em sua cadeira quando ele veio em direção a ela, apontando um dedo acusador. — Nenhuma filha minha se tornará uma bruxa.

Sentindo uma presença por trás, ela tragou uma respiração rápida quando se virou para ver Barrow em pé atrás dela. Sua postura não era agressiva, mas ele parecia tão imóvel quanto uma árvore de carvalho.

— Você não vai encontrar nenhuma bruxa aqui, milorde — disse ele, oferecendo a seu pai um sorriso frio. Estremeceu quando sua mão descansou sobre seu ombro. Uma estranha sensação desenrolou a partir do ponto onde seus dedos tocaram-na, deslizando sobre sua pele e arrebatando sua respiração. Outra figura alta apareceu à frente de seu pai, bloqueando o seu caminho para a mesa.

Edmund Morrow cambaleou diante da imensa forma de Lukasz. O cavaleiro agarrou os braços de seu pai, direcionando-o para longe de Ember.

— Procure sua cama, milorde — disse Lukasz, não dando a seu pai nenhuma escolha no assunto enquanto o empurrava porta a porta. — Antes de você cause mais danos.

Ossia Morrow levantou-se, pálida e trêmula. Não olhou para sua filha mais nova quando falou.

— Agnes, temos de ver seu pai. — A mãe dela fez uma saída muito mais digna do salão.

Ember assistiu sua mãe desaparecer no corredor e seu coração apertou de tristeza. Apesar de sua desaprovação, ainda esperava ficar em bons termos com parte de sua família. Agora parecia que só amargura marcaria sua despedida.

Um toque suave fez Ember se voltar. Os dedos finos de Agnes agarraram os dela trêmulos. — Vou sentir sua falta — sussurrou Agnes.

Pela primeira vez naquele dia, a sua determinação rachou. Agarrou Agnes, puxando-a em um abraço feroz. — Desejo-lhe toda a felicidade, Agnes.

Agnes se encolheu ao ouvir as palavras dela. Beijou sua bochecha e correu atrás de sua mãe, deixando-a sentada sozinha. Acabada a cena, a

conversa retornou ao seu ruído baixo. Servos apareceram para limpar os pedaços de alimentos e pratos quebrados, que o pai de Ember tinha deixado em seu rastro. Ela torceu as mãos, sem saber o que dizer ou fazer agora que sua família tinha a abandonado. Sem a tempestade de raiva de seu pai prendendo sua atenção, sua mente começou a dar voltas. Ele estava obviamente bêbado, mas seus gritos furiosos tinham a perturbado. Claro, ele estaria irritado com a perda do casamento dela com o filho de Mackenzie, mas ele tinha narrado temores sobre trapaças e maldições. Quanto seu pai sabia sobre os segredos do Conatus? Seus gritos ecoavam em sua mente, fazendo-a estremecer.

— Agora acabou. — Uma cadeira raspou sobre o chão de pedra, enquanto Alistair puxava uma cadeira ao lado dela. — Eles terão ido pela manhã.

Ele sorriu para ela, mas Ember não poderia devolver com o mesmo brilho divertido nos olhos. Um grande peso pressionava seu peito. O júbilo de ser libertada de seu pai agora era oco, na sequência de sua explosão. Sua família, apesar do que ela pensava do quanto eles eram opressivos, sempre cuidou dela. Agora tinham ido embora e enfrentaria um mundo repleto de perigos, que não poderia imaginar.

"Nenhuma filha minha se tornará uma bruxa".

O padre Michael parecia um homem bom, mas se as atividades de Conatus eram mantidas em segredo da Igreja, significava que de algum modo isso era perverso?

O cansaço caiu sobre ela como um manto de inverno. Barrow, cuja mão ainda repousava sobre seu ombro, deve ter sentido seu suspiro.

— Você deve descansar — disse ele. A pressão de seu toque mexeu algo profundo dentro dela. Queria tomar a sua mão e sentir seu calor.

Alistair se levantou. — Eu posso mostrar-lhe o seu quarto.

— Não — disse Barrow. Segurando seus braços levemente, ele a ajudou a se levantar. — Eu sou o seu mentor e como tal a minha tarefa começa agora. Eu vou apresentá-la à vida como um integrante da guarda.

Alistair abriu a boca para protestar, mas foi interrompido quando Kael apareceu. O guerreiro loiro lançou os braços ao redor dos ombros de Alistair. — Venha bom escudeiro. Ajude-me a resolver uma aposta. Eu não matei quatro inimigos, sozinho duas noites atrás?

Antes que Alistair pudesse responder, Kael puxou-o ao redor, arrastando-o de volta à mesa da Guarda.

Barrow saiu da sala. Ember ficou olhando para ele por um momento até que percebeu quis dizer para segui-lo. Quase esbarrou nele quando se apressou para o corredor, onde ele estava esperando por ela com a simples sugestão de um sorriso. Esta era uma das suas expressões mais frequentes, e ao mesmo tempo a intrigava e a confundia.

Ele não lhe deu a oportunidade de falar, simplesmente virou-se e levou-a através da mansão iluminada por tochas até chegarem às portas exteriores. Dada à altura de Barrow, tinha que combinar cada um dos seus longos passos com dois dos seus. Seu silêncio pressionava sobre ela. Perguntou-se se ele se arrependia de ter se oferecido para treiná-la e talvez agora a visse apenas como um fardo. Depois do comportamento de seu pai na festa, não teria se surpreendido se pensasse que era nada mais do que a filha mimada de um nobre.

Logo estavam atravessando o pátio escuro para o alojamento. Na escuridão, sua forma atarracada de pedra, era solitária e de mau agouro. Em vez disso, virou-se bruscamente à direita, levando-a até uma escadaria estreita que não tinha notado na sua visita anterior.

O segundo nível do quartel apresentava um longo corredor forrado com portas de madeira.

— Nossas celas — Barrow disse.

Ember olhou para ele, perguntando-se sobre o uso da palavra cela para seus alojamentos. Talvez essa vida fosse pouco diferente da de uma freira. — É provável que as ache um pouco simples — ele continuou. — Mas eles servem bem para o nosso propósito.

— Tudo bem — disse.

Ele levou-a até o fim do corredor, parando na porta final à direita. Viu outra escadaria descendente deste lado do corredor.

Barrow seguiu seu olhar. — Estas escadas conduzem até o arsenal e são mais próximas da saída traseira, que se abre para o campo de prática. — Ele fez um gesto para abrir a porta que tinham parado em frente. — Este será seu quarto.

Ember girou a maçaneta de ferro e a porta abriu-se para dentro, revelando um espaço austero, retangular. Seu pequeno quarto continha um estreito catre.

A alça de um penico de bronze espiava por debaixo da estrutura de madeira. Uma simples escrivaninha e uma cadeira acomodavam-se debaixo da única janela do quarto.

Três objetos acomodavam-se sobre a mesa: um castiçal, um jarro de barro e uma bacia. Um guarda-roupa alto estava meio escondido pela porta aberta.

— Você vai encontrar a roupa que você precisa lá. — Barrow acenou na direção do guarda-roupa. Em seguida, ele tossiu, olhando para longe dela. — Os pertences que você trouxe da casa de seu pai estão sendo armazenados na mansão. Você não terá nenhuma necessidade deles aqui... nem o seu quarto oferece espaço para guardá-los.

Ember pensava na mala cheia de vestidos que sua mãe insistiu que trouxesse. Quanto mais considerava sua viagem e as conversas que a antecederam até a manhã que havia sido chamada para a guarda, via quão profundamente cada palavra e ação de seu pai tinham sido cheias de contradições... e como tudo isso tinha sido tingido com medo.

— No caso de você precisar se vestir como convém a sua antiga posição — Barrow estava dizendo, — Você terá um quarto na mansão onde poderá fazer isso prontamente. Devo dar-lhe um honesto aviso que até mesmo o vestido que você usa agora terá desaparecido quando voltar para o seu quarto amanhã a noite...

— O que você quer dizer? — perguntou.

Barrow franziu a testa. — Acho que é melhor deixar que Sorcha explique isso a você. Não tenho experiência para compartilhar.

Ember queria perguntar mais, mas pelos modos rígidos de Barrow parecia que perguntas não seriam bem-vindas.

Barrow foi até a mesa e pegou o castiçal antes de voltar para o corredor. Um momento depois, ele reapareceu, tendo acendido a vela em um dos lampiões do corredor e o devolveu ao seu lugar na mesa. — Então desejo a você uma boa noite, Lady Morrow. — Ele fechou a porta quando saiu, sem esperar sua resposta.

O céu coberto de nuvens trouxe escuridão para sua cela. A única vela oferecia um brilho sutil, enquanto ela se movia para o guarda-roupa para procurar sua roupa de dormir. Ao abrir o guarda-roupa, Ember foi saudada por trajes desconhecidos. Nenhuma túnica, brocado ou mesmo um simples vestido de lã estava dentro. Em vez disso, ela encontrou um par de calções tão finos que ela pensou que deviam ser de seda, camisolas de linho, calções^[6] de couro e o

tabardo⁴⁷¹ usado pela guarda. Correu os dedos sobre o couro flexível dos calções. Ela nunca tinha usado nada parecido com isso. As roupas da guarda eram roupas para homens. O pensamento de se vestir dessa maneira era estranho e excitante. Na prateleira mais alta encontrou camisas de dormir, e como o resto do conteúdo do guarda-roupa, era novo e não aquele que havia trazido de casa.

Ember deixou cair seu vestido e a túnica, trocou seu chemise por uma das camisas de dormir. Dobrou suas roupas e as deixou ao pé do guarda-roupa, onde elas poderiam ser facilmente coletadas. O chão gelava seus pés descalços, correu para o catre, então apagou a vela antes de deitar. Sem a ajuda da pequena chama, o quarto rendeu-se à escuridão. Ember estremeceu, puxando o cobertor de lã áspero por cima dela, grata que o catre fora preenchido com um material macio, provavelmente de penas ou penugem, e não palha.

Frio úmido rastejou debaixo de seu cobertor e Ember considerou cavar o seu manto da pilha de roupas e usá-lo para acrescentar mais calor. Mas se, como havia dito Barrow, as roupas que tinha usado hoje teriam ido amanhã, então era melhor que se adaptasse às suas novas condições de vida tão rapidamente quanto possível. Ela sentia falta de Agnes, com quem tinha compartilhado uma cama na casa de seu pai. Os risos e sussurros de sua irmã até tarde da noite teriam sido bem-vindos neste quarto solitário, bem como o seu calor.

Pensar sobre sua irmã fazia Ember sentir ainda mais frio. A cada dia da viagem e hoje à noite na festa, Agnes parecia ficar mais doente e triste. Ember tinha certeza que sua irmã estava escondendo algo. O único arrependimento que sentia era que não seria capaz de ajudar Agnes a se preparar para o seu casamento.

Ember enrolou-se feito uma bola e esperou o cobertor de lã prender o calor do seu corpo, tecendo um casulo longe do frio de sua pequena cela. Enquanto sua mente vagava, não poderia impedir de se lembrar do calor das peles grossas e do fino tecido que a cobria na casa de seu pai.

— O passado — murmurou, apenas em parte acordada. — O passado não existe mais.

Ember tinha começado a se afastar do mundo, quando uma batida suave a trouxe de volta. Ela escorregou de sua cama, o chão frio em seus pés descalços fazendo-a soltar uma respiração sibilante. Outra batida veio e quando Ember abriu a porta, o corpo alto de Barrow apareceu diante dela.

— Barrow — ela sussurrou, a visão dele levando sua pulsação a um frenesi.

Ele deu um passo para trás, como se a visão dela o deixasse inseguro de si mesmo. Ember olhou para baixo. Sua camisola ajustava-se folgadoamente e seu decote era torto, deixando um dos ombros nus. E ele facilmente vislumbrava suas pernas pálidas dos joelhos para baixo.

Calor arrastou-se ao redor de seu pescoço. Dando uma sacudida rápida de sua cabeça como alguém tentando afastar sua própria perplexidade, Barrow moveu-se para fora da porta para revelar outra figura de pé às suas costas.

— Você tem um visitante — disse ele suavemente.

— Ah, Ember. — Agnes correu em sua direção, jogando os braços em torno dela.

— Eu estarei esperando do lado de fora e vou acompanhá-la até a mansão, quando estiver pronta, Lady Morrow — Barrow disse a Agnes e fechou a porta.

Agnes estava agarrada a Ember, que manteve sua irmã apertada. Estava constrangida pelo modo que seus olhos começaram a arder com lágrimas, mas ter sua irmã tão perto era um conforto, e sua separação repentina no jantar não tinha sido o tipo de adeus que esperava.

— Obrigada por ter vindo — disse. — Meu coração estava quebrado depois do dia que nossa família teve.

Agnes a deixou continuar, e mesmo que seu rosto estivesse arrasado pelas lágrimas, seus olhos estavam apertados com culpa. — O que há de errado? — perguntou.

— Papai me enviou — murmurou Agnes, lançando seu olhar para baixo.

Ember deu as costas a Agnes e cruzou o quarto para sentar-se na cama.

— Mas, Ember. — A voz de Agnes tremia. — Eu queria vir. Eu juro. Eu já sinto sua falta terrivelmente e sequer estamos separadas por um dia.

Não poderia engolir de volta sua raiva. — Por que papai a enviou?

— Só para lhe pedir para reconsiderar. — Agnes correu para a cama, tomando suas mãos.

— Ele sabe que eu não posso desistir. E mesmo se pudesse, eu não quero — Ember rosnou, embora parecesse que pedras estavam lentamente sendo empilhadas em seu peito. Não era culpa de Agnes que seu pai não iria aceitar a sua determinação para ter uma vida própria.

Agnes apertou os dedos dela. — Você não precisa fazer isso. Papai só pediu... não, implorou para que você faça uma escolha diferente. Uma que não a corte fora de sua família.

Ember sentou-se calmamente, olhando nos olhos avermelhados de sua irmã.

— Eu sei que você não quer se render à vontade de papai — disse Agnes. — Mas e quanto a minha? Da mamãe?

— O que quer que eu faça? — Ember sussurrou.

— Não pode servir Conatus de alguma outra maneira? — Agnes pediu. — Tem que se tornar um guerreiro?

Ember rangeu os dentes. — A única preocupação de papai é que ainda seja capaz de me casar.

— Você está certa — Agnes concordou, surpreendendo-a. — Mas eu gostaria que as alegrias do casamento e da maternidade caíssem sobre minha irmã. Alegrias que poderíamos compartilhar.

Ember puxou suas mãos livres do aperto de Agnes com um suspiro. — Agnes, você é tão querida para mim, mas você nunca entendeu quem eu sou.

— Você realmente quer ser como os homens de papai? — Agnes franziu a testa. — Aqueles brutos horríveis?

Ember pensava na Guarda de pé ao seu redor, recebendo-a em suas fileiras. Lembrou-se da espantosa beleza de Barrow e Kael lutando no campo de treino. Acima de tudo, lembrou-se do puro prazer de lutar sozinha contra um inimigo de verdade e de ganhar. Nunca sentira tanto contentamento e não iria desistir disso. Nem mesmo por sua irmã.

— A guarda de Conatus não é nada como os homens de papai — disse calmamente. Ela concentrou um olhar penetrante sobre Agnes. — Mas você sabe disso. Você viu Barrow combatê-los.

Quando Ember disse o nome de Barrow, um sorriso formou-se em seus lábios.

Agnes curvou sua cabeça. — Tearmunn serve a um propósito nobre. Eu não vou negar isso. Mas certamente você não precisa lutar...

— Eu vou — Ember interrompeu. — Vou sentir sua falta todos os dias, Agnes. Mas isso é o que eu tenho ansiado, desde sempre. Não há nenhuma outra escolha para mim.

Ela sorriu suavemente para Agnes. — Imagine como você se sentiu quando soube que você estava para se casar – quão feliz você estava. Isto é quão feliz eu estou.

Agnes fez um som engasgado que se tornou um soluço. Ela não disse nada, apenas assentiu. Um pouco instável, Agnes levantou-se e moveu-se para a porta. Antes de abri-la, olhou por cima do ombro.

— Desejo-lhe bem, irmã — Agnes disse-lhe. Fez uma pausa, baixando a voz. — Gostaria de ter tido a felicidade que você pensa que eu tive.

Ember levantou-se. — Agnes...

Mas Agnes sacudiu a cabeça, abriu a porta e saiu, deixando Ember sozinha. Ela ficou parada por alguns minutos e olhou para a porta, enquanto um vazio a fazia sentir frio até os ossos. Um pouco entorpecida, deitou-se e puxou o cobertor de lã até o queixo. Deixou um sono agitado levá-la, sem saber se o futuro lhe traria doces sonhos ou pesadelos.

CAPÍTULO 08

EMBER ACORDOU COM a claridade do dia um instante antes da batida em sua porta. Sentou, atordoada, sem lembrar onde estava. Outra batida soou na porta, mais insistente dessa vez.

— Ember!

Foi a voz de Alistair que refrescou sua memória. Levantou-se apressada, com pânico de que já pudesse estar atrasada para seu primeiro dia na Guarda. Ela mordeu o lábio inferior, não querendo gemer quando o pé tocou o chão frio.

— Estou acordada. — ela gritou de volta.

A porta abriu e a cabeça de Alistair apareceu na fresta. — Com fome?

Ember sorriu ao ver o sorriso familiar de seu amigo. — Estou.

— Se troque e venha para o refeitório — ele disse. — Vai precisar da sua força.

Em seguida ele desapareceu de vista. Ember não fazia ideia do que o dia poderia trazer. Só esperava que pudesse enfrentar qualquer desafio que aparecesse para ela. Pegou o jarro da mesa, fazendo uma careta quando viu a fina camada de gelo cobrindo a água. Quebrando o gelo com os dedos, despejou a água bacia. Deu um gritinho agudo quando passou a água gelada no rosto, mas esperava que o grito não tivesse sido tão alto que alguém pudesse tê-la ouvido.

Se vestir seria a primeira aventura do dia. Tinha acabado de vestir a meia-calça apertada e tinha uma perna na calça de couro quando alguém bateu na porta novamente. — Estou quase pronta, Alistair — ela gritou.

Mas o rosto que apareceu quando a porta abriu não era de Alistair. — E eu tenho certeza que ele mal pode esperar para vê-la. — Sorchia sorriu.

Ember estava em um pé só se preparando para vestir a outra perna da calça e quase caiu. Sorchia riu. — Estou aqui, porque Barrow pensou que talvez você precisasse de alguma assistência com suas roupas.

— Não, eu estou indo bem — Ember disse rapidamente colocando as meias. — Você me assustou.

— Mmmm. — Sorchia entrou no quarto. Estava segurando uma longa e estreita faixa de tecido em suas mãos. — Com certeza. Não é por isso que estou aqui. As calças são fáceis.

Ember franziu a testa, enquanto amarrava os protetores aos calções de algodão. — E as camisas são difíceis? — Era esquisito, mas não desagradável, ter camadas de tecido embrulhadas em suas pernas ao invés da leve pressão das saias.

Sorcha riu novamente. — Na verdade não. Mas você vai querer outra coisa além da camisa. Acredite em mim. Tire suas roupas de dormir.

Ember tirou sua camisa de dormir sobre a cabeça. — Agora erga seus braços — Sorcha disse.

— Por quê? — Ember perguntou, mas fez como pedido.

— Você vai ver. — Sorcha começou a passar o tecido fino ao redor do corpo de Ember, começando logo abaixo de suas axilas. Ela manteve o tecido apertado, o que comprimia os seios de Ember firmemente contra seu peito, consideravelmente diminuindo suas curvas. Sorcha parou quando chegou nas suas costelas inferiores.

— Quando você praticar fazer isso sozinha, tenha certeza de que prendeu a faixa apertado o suficiente — disse. — Você não quer que ela se desprenda quando estiver no meio de uma luta.

Ember observou Sorcha forçando a ponta da faixa sob as camadas do tecido duas vezes, prendendo-o no lugar.

— É uma precaução extra, mas necessária — Sorcha disse. — Há uma razão pela qual as Amazonas cortavam o seio do lado do braço que atiravam com o arco. Nossa carne pode acabar atrapalhando nossas tarefas como guerreiras. E fora isso, seus seios simplesmente vão doer se ficarem livres.

— Obrigada — Ember disse, grata pelo jeito natural de Sorcha transmitir essa lição íntima. O que a deixou imaginando se seria melhor para ela se Sorcha tivesse lhe reivindicado e não Barrow. Ainda assim estava intensamente consciente do jeito que seu pulso acelerava ao pensar em estar perto dele.

— De nada — Sorcha estava dizendo. — Acho que você vai achar essa opção mais agradável do que a amputação.

Ela esperou, enquanto Ember vestia a camisa de linho e o manto de Conatus, prendendo-o baixo em seus quadris. Sorcha acenou aprovando.

— Combina com você — ela disse com um sorriso. — E em breve você terá uma ou duas armas para pendurar no cinto.

Ember sorriu de volta, nervosamente. A ideia de ter armas era excitante, mas intimidadora. Tendo encarado o revenant, sabia que toda sua luta simulada não era nada comparada com a coisa real.

Seguiu Sorchia para fora de sua cela e desceram a escadaria. Sua mente, já cheia de armas, as quais se manifestaram diante de seus olhos assim que chegaram ao primeiro andar. As paredes da sala de armas cintilavam com o aço que as cobria. Ember olhou para a tapeçaria da morte com medo e espanto. Uma parede era cheia de espadas, com umas que eram do tamanho do seu braço e outras que pareciam ser duas vezes sua altura. Algumas tinham lâminas curvadas, outras retas e algumas com cruéis gumes serrados. Outra parede mostrava machados de combate de todos os tamanhos, e ainda outra parede, mostrava lanças e alabardas.

— Gostou de alguma em especial? — Sorchia perguntou.

Ember mordeu o lábio. — Como... como vou saber qual eu deveria usar?

— Não fique receosa — Sorchia disse. — Você encontrará a arma ideal sem problemas.

Elas passaram pela porta da sala de armas que dava para o salão principal. Sorchia parou numa mesa onde Alistair estava com Kael e Barrow. O café da manhã consistia em uma fatia fresca de pão, ainda morno do forno, e um pedaço de queijo duro. Barrow estava quieto, apesar de ter dado uma olhada para Sorchia, que deu um rápido aceno antes de alcançar a fatia. Kael também estava em silêncio, mas os círculos negros sob seus olhos a fizeram pensar que ele celebrara um pouco mais do que o necessário na festa da noite anterior.

Alistair se mexeu em seu assento, olhando ao redor da mesa inquieto.

— Dormiu bem? — Ele perguntou para ela.

— Sim. — disse.

Eles caíram num silêncio incômodo, enquanto comia seu café da manhã. Quando terminou e empurrou o prato, Barrow ficou de pé. — Se já terminou, deveríamos começar nossas atividades — ele disse. — Venha comigo, milady.

Ember levantou-se rapidamente, acenou para Alistair, e se apressou atrás de Barrow, cujos longos passos já o haviam levado para fora do salão.

Enquanto caminhava ao lado do alto guerreiro, ela disse — Se vou servi-lo, senhor, me parece estranho que deva dirigir-se a mim tão formalmente.

— Prefere que eu use seu nome? — Barrow perguntou.

— Meu nome é Ember, senhor. — disse. — E por mim tudo bem ser chamada assim.

Barrow acenou. — Então me faça a mesma cortesia.

— Mas eu sou sua serva. — disse.

Ele balançou a cabeça rapidamente. — Sou seu professor, mas você serve a Conatus, não a mim. Não desejo sua deferência. Em batalha lutamos juntos, como companheiros.

— Sim, Barrow. — disse, baixando o olhar conforme corava.

Ouviu a risada baixa dele.

— Meu nome é tão desagradável assim? — Ele perguntou.

Ela manteve os olhos no chão. — Não, meu se... Barrow.

O calor em suas bochechas aumentou. O nome dele não era o problema, mas ficava desconcertada com a sensação de estar fora de seu devido lugar. A reputação de Barrow e a personalidade séria a intimidavam. Mantê-lo distante era muito mais seguro do que pensar sobre si mesma como sua companheira. Mas nos recantos de sua mente, sabia que estava tentando negar outra coisa. Um sentimento muito mais problemático. Quando estava perto de Barrow, queria estudá-lo, aprender tudo sobre ele. Não queria ceder a uma fascinação infantil com seu mentor, mas apesar de suas intenções, sabia que seu olhar continuava a encontrar caminhos para o rosto de Barrow, esperando encontrar seus escuros olhos cinza.

Barrow falou de repente, e ela desviou o olhar, embaraçada. — Diga-me o que você achou de seu primeiro Revenant?

Ela tremeu ao entender que ‘primeiro’ significava que haveria mais daquelas coisas hediondas por vir.

— Eu acho que o cheiro é a pior parte — Barrow continuou. — Não acha?

Quando ela olhou para ele, pensou que ele estava prestes a começar a rir. Seus olhos acesos como uma nuvem carregada cheia de relâmpagos.

— A pior parte é que a coisa parecia querer me comer — ela disse.

Barrow realmente riu ao ouvi-la. — Certamente, ela queria comê-la. Revenants só podem sobreviver comendo carne de pessoas vivas. Na verdade, você poderia ter sido um bocado macia.

— Estou lisonjeada que você pense assim. — Ember franziu a testa para o comentário, insegura se deveria tomá-lo como um elogio.

Ele captou seu tom mordaz e sua voz se atenuou. — Eu a ofendi, Ember?

Ela pensou em segurar a língua, mas as palavras saíram sem controle. — Eu fui jogada naquela cova sem aviso, me deram uma arma que eu não sabia como usar.

— Você não foi jogada. — Barrow disse. — Você caminhou para dentro por vontade própria. E usou a arma habilmente.

— Foi cruel — ela disse.

— Era necessário — lhe falou. — Sem o teste não conseguimos determinar se um iniciado foi realmente chamado para nosso desígnio.

— Vocês teriam me deixado morrer — ela disse. — Eu poderia ter falhado e enchido a barriga da criatura.

— Não — Barrow disse. — Você foi observada o tempo todo. Se sua vida estivesse em perigo, você teria sido salva. Você lutou bem o suficiente para que não precisássemos intervir.

— Mas se o teste era para sobreviver...

— Não era um teste de suas habilidades em combate — ele disse, — Mas de sua mente e espírito. O verdadeiro teste foi dado pelo Padre Michael, depois que você soube a verdade sobre nosso trabalho.

— Mas e se o revenant tivesse me derrotado? — Ela perguntou, desconcertada com as palavras dele.

— Isso já aconteceu muitas vezes. — Ele deu de ombros. — Nós tivemos que ajudar Alistair a escapar dos duendes que estavam soltos atrás dele.

Ember tinha parado de andar e Barrow virou-se para ela, observando-a.

— Ele não os matou? — ela perguntou. Essas notícias eram mais que surpreendentes. Em todas as suas cartas, Alistair falara somente de aventura e triunfo, e nunca de lutas... ou falhas.

— Não — Barrow disse. — Mas em sua defesa, duendes são rápidos, enganadores e não lutam direto para matar. São criaturas brincalhonas, mais interessadas em mutilar do que matar. Nós intervimos quando um duende havia imobilizado Alistair e o outro estava prestes a sugar suas córneas.

Ember apertou a mão sobre sua boca.

— Então, você vê. — ele caminhou em sua direção. — Não é um teste de força, mas vontade. Agora seu treinamento começará. Você vai aprender a usar armas e outras habilidades requeridas para vencer qualquer mal que virá a

enfrentar. Alistair conseguiria executar os inimigos que o venceram um ano atrás em questão de minutos. Como você conseguirá muito em breve.

Sua boca, escondida sob sua mão, se curvou em um sorriso. Apesar de sentir pelo desempenho de seu amigo, sentiu-se mais segura que em sua primeira prova havia tido mais sucesso que Alistair.

— Venha, Ember — Barrow disse. — Seu dia apenas começou.

Ela hesitou, imaginando o que poderia estar lhe esperando. — Muito bem.

— Não tenha medo. — Barrow estava sorrindo para ela. — Não vou te pedir que enfrente outra criatura hoje.

— Eu... — Ember fez uma careta, preocupada que demonstrara muito medo. Já se sentia como se precisasse estar preparada para lutar sempre que fosse necessário, sem dúvida. Sem hesitação. Barrow estava observando-a.

— Eu sabia que você se sairia bem — ele disse, surpreendendo-a. — Posso ver que você já está antecipando o trabalho à frente, os perigos. Combina com você. No momento em que te vi, no salão do seu pai, estava claro que você pertencia a nós. — Ele segurou seu ombro com um toque leve antes de continuar andando pelo corredor.

O seu coração se retorceu sob suas costelas, deixando-a sem fôlego. Colocando de lado a sensação estranha, seguiu Barrow pela mansão até o pátio. Estava com muitas questões na boca, mas mordeu a língua. Melhor deixar as respostas virem naturalmente do que correr atrás delas como uma criança impaciente.

A frieza do dia foi empurrada de lado pelo calor da ferraria. Enquanto os assistentes alimentavam o fogo, estabilizando as temperaturas das forjas, os artesãos mantinham o som dos martelos num ritmo estável. Um coro de metais retinindo enchia o ar conforme escudos e espadas nasciam. O ar reluzia com o poder das chamas ardentes.

— Por aqui — Barrow disse, guiando-a entre os ferreiros. O trabalho estava esculpido em seus corpos, modelando seus membros com músculos grossos, cobertos de suor, enquanto dobravam e curvavam os metais ao seu desejo.

A oficina dos ferreiros era grande. Pelo menos doze homens e mulheres estavam curvados sobre bigornas ou chovendo golpes com martelos sobre ferro e

aço. Metal aquecido chiava e nuvens de vapor impregnavam o ar já carregado, conforme as lâminas eram banhadas em água gelada.

Barrow parou no meio da ferraria, se curvando para cumprimentar uma figura cujo corpo era completamente cheio de nervos duros. Ember ficou chocada quando percebeu que o ferreiro, cujo cabelo estava cortado rente à cabeça, era uma mulher. Seu avental de couro respingado com pontos queimados.

— Bom dia, Barrow. — Ela se curvou diante dele.

— Morag. — Barrow sorriu. — Eu lhe trouxe nossa jovem iniciada. Ela está necessitando de uma ferramenta com que possa fazer suas atividades.

Morag virou-se para Ember com olhos avaliadores. — Ela passou no teste?

Sem pausa, Morag começou a inspecionar seu corpo, pedindo à garota que levantasse os braços para cima, e depois para os lados. Ela levou um tempo, apertando os ombros e braços de Ember.

— Ela passou — Barrow disse enquanto Ember ficava o mais ereta que podia. Deixou-se ser esticada e cutucada, determinada em suportar a avaliação sem reclamar. A fumaça estava fazendo seus olhos arderem, mas forçou-se a encontrar o olhar de Morag sem piscar. Seus olhos começaram a lacrimejar.

A ferreira corpulenta deu uma gargalhada. — Espírito forte. Vai ter as mãos cheias com essa aqui, Barrow. Imagino se você está à altura dessa incumbência.

Ember encarou Morag agudamente, achando difícil de acreditar que ela questionaria a habilidade de Barrow.

Mas Barrow simplesmente sorriu. — O tempo dirá.

Morag sorriu para ele. — Certamente. — Segurando o pulso de Ember, guiou-a até uma banquetta perto das chamas que rugiam na forja. — Sente-se aqui — instruiu. — Fique o mais imóvel que conseguir.

Morag foi até uma das bancadas mais próximas. E esvaziando o conteúdo de várias bolsas e jarros de vidro, triturou-os juntos em um pilão. E então levou a mistura para perto de Ember.

— Não tire seus olhos das chamas — sussurrou. — Deixe que elas falem com você.

O fogo estava tão perto que sentia sua pele esquentando e temia que fosse queimar em breve, mas não se atrevia a se mexer. Morag jogou um punhado do pó fino nas chamas, fazendo-as crescer e soltar nuvens de fumaça cor de lavanda.

Ember tossiu quando respirou o estranho ar colorido. Cheirava como musgo e urzes e tinha gosto de raiz de alcaçuz.

— Continue respirando — Barrow disse atrás dela.

Ela queria bater no peito e limpar seus pulmões da fumaça, mas respirou fundo novamente mesmo que seus olhos lacrimejassem. As chamas continuaram a dança furiosa diante dela, as cores do pôr do sol escurecendo para o roxo do crepúsculo. Sua visão escureceu e ela se desequilibrou na banquetta, quase caindo. Ela esfregou os olhos, lutando para ver através das lágrimas.

Morag segurou os pulsos de Ember, tirando-os de perto de seu rosto. — Não, moça. Você deve olhar. Olhe nas chamas.

Mas não havia mais chamas para ver. Ainda através de olhos lacrimejantes viu um céu da meia-noite, infinito e sem estrelas. Em algum lugar muito distante, podia ouvir uma melodia sendo cantarolada. A voz soava estranhamente como sua voz, mas estava tão longe que pensou que não seria possível ser ela cantando. Uma luz penetrante cortou a escuridão. A lua, um globo brilhante, aparecia reluzindo solitária nos céus. Enquanto assistia, a escuridão lentamente cobriu a superfície clara da lua. Ainda podia ver o contorno remanescente da lua cheia, mas a sombra invasora deixou somente uma estreita linha crescente para iluminar o céu. Gotas vermelhas deslizaram de sua curva antes de cair em direção a terra.

Ember ergueu a mão para o céu e as lágrimas de sangue caíram em sua mão, fazendo um burburinho ao tocar sua pele.

— Ember! — Mãos fortes agarraram seus ombros, afastando-a do fogo e arrancando-a para fora da visão.

Barrow manteve-a equilibrada contra seu corpo, quando começou a tossir novamente. Morag lhe entregou um pano úmido, molhado em algum tipo de adstringente que ardeu na mão dela quando pressionou o pano em sua pele queimada.

— É para você olhar para as chamas, não tocá-las. — Ele balançou a cabeça, mas estava sorrindo.

Ember abriu a boca para protestar, mas só conseguiu tossir mais. Ainda estava um pouco tonta. Colocou a mão na testa, fechando os olhos e esperando que a ferraria parasse logo de girar.

— Aqui, moça, beba isso. — Morag se agachou na frente dela, segurando um balde e uma concha cheia de água fresca.

— Obrigada. — Ember engoliu a água fria, grata que pudesse respirar normalmente de novo.

Barrow observou-a enquanto bebia mais alguns goles da concha. Sentou-se direito, desconcertada que estivera descansando todo seu peso contra Barrow por vários minutos, ele simplesmente acenou para ela. — Está se sentindo bem novamente?

— Sim — disse, apesar de suas pernas ainda estarem um pouco trêmulas. — Acho que sim. — Não contestou quando Barrow afastou a banquetta da forja e ajudou-a a se sentar.

Seu olhar voltou-se para Morag.

— O que você viu Ember? — Ela perguntou.

Ember torceu a boca, imaginando o que deveria ter visto. Sua visão não fazia sentido, e quando tentou descrevê-la, sentiu-se ridícula.

— Vi a lua. — disse.

— Que tipo de lua? — Morag perguntou, parecendo não ter se surpreendido pelas palavras dela.

— Primeiro era a lua cheia — disse. — Mas ela foi coberta com uma sombra, aparecendo só sua forma crescente.

— Alguma coisa mais? — Os olhos de Morag tinham ficado pensativos.

— Bom... — Ember deu uma olhada para Barrow, que, como Morag, não parecia perplexo pela estranha visão. — A lua chorou lágrimas de sangue.

Barrow ergueu as sobrancelhas, o que a fez corar. Tinha sido uma coisa estúpida para se dizer.

Morag riu. — Muito bem, então. Não há erro que você foi chamada.

Ember olhou para ela, surpresa.

Barrow mudou de posição, seu olhar especulativo dando lugar para um pensativo. — Eu não tinha dúvidas.

— Eu nunca disse que *você* tinha — Morag disse. — Mas houve uma conversa.

— Estupidez. — Barrow disse. — Estúpida e perigosa.

Sabia que ele estava defendendo-a contra o tipo de fofoca que ela sempre odiara e queria agradecê-lo, mas sua mente ainda estava focada na lua

sangrando e o que isso poderia significar.

— Em breve, moça. — Morag sorriu para ela, vendo sua expressão confusa.

— Vou dedicar um dia e uma noite para isso. Volte amanhã de manhã.

— Então, terminamos? — Barrow agora estava de mau humor.

— Sim — disse a ferreira.

— Você tem nossos agradecimentos. — Ele olhou para Ember. — O dia ainda está jovem. Sua cabeça está bem o suficiente para trabalharmos?

Ela se levantou rapidamente, feliz por não ter cambaleado apesar de sua visão ter embaçado com o movimento súbito. — Claro.

Barrow já estava abrindo caminho pelo labirinto de forjas e nuvens de faíscas. Ember manteve os olhos nele, ainda precisando de um ponto para se focar. O incenso intoxicante continuava turvando seus sentidos.

Ela piscou na luz clara do dia, quando saíram da escura ferraria.

Barrow olhou-a cuidadosamente. — Vamos pegar um pouco de água para você antes do treinamento.

Ember pensou em protestar, querendo negar qualquer fraqueza, mas percebeu que seria uma mentira estúpida. — Obrigada.

Enquanto ele liderava o caminho na leve subida em direção ao quartel, ela deu um olhar de esguelha para o alto cavaleiro.

— O que você viu quando olhou no fogo?

Ele fez uma careta, e imaginou que talvez a pergunta tivesse sido pessoal demais. Seu desejo de saber o quão incomum sua visão fora fez que ela esperasse ao invés de repetir a questão.

Reajustando a espada em sua cinta, Barrow olhou para ela. — Vi um leão agachado no escuro. Quando ele atacou, suas garras se tornaram uma única lâmina curvada.

— Deve ter sido assustador. — Ember deu uma olhada para o sabre que ele sempre carregava.

Seguindo seu olhar, ele disse: — Foi mais do que assustador. Quando eu voltei da visão, eu tinha ganhado uma longa ferida que sangrava ao longo do meu peito.

— Como isso é possível? — perguntou.

— Você vai descobrir que o impossível é possível mais frequentemente do que pensa quanto mais tempo ficar conosco — lhe disse. Ele parou por um

momento antes de dizer: — Minha espada é conhecida como uma Shamshir. É uma arma dos Persas, e seu nome significa ‘curvada como a garra de um leão’.

Ember achou difícil esconder sua descrença pela história de Barrow. Seu ceticismo deve ter aparecido em seu rosto porque ele parou de caminhar e virou-se para ela. Sem dar explicação, puxou a espada, entregando-a para Ember. A lâmina era surpreendentemente leve em suas mãos. Ainda mais chocante foi ver Barrow tirando o tabardo e a camisa para revelar seu peito nu.

Seus dedos traçaram um único corte em diagonal que começava logo abaixo de seu ombro direito e até seu abdômen. Calor formigou por sua pele, mas ela sabia que esse calor não era da ferraria. A imagem do torso de Barrow ficou gravada em sua mente. Os contornos de seu corpo poderiam ter sido moldados em pedra. A cicatriz escura talhada em sua carne lembrava que havia um homem na sua frente, de carne, osso e sangue. Seus dedos se contraíram, cheios de desejo de traçar a linha de um profundo tom de carmesim, e se demorar na pele dele. Os pensamentos vívidos a assustaram e desviou o olhar dele.

— Eu nunca vou mentir para você, Ember. — Ele não esperou por uma resposta, mas ouviu o ruído do tecido conforme ele se vestia rapidamente. Ela lhe entregou a espada, mas permaneceu quieta, sua mente cheia de perguntas. Suas palavras, bem como a memória de seu peito nu, fizeram-na corar.

— Não existem duas visões iguais. As armas são criadas precisamente para aquele que irá manejá-la. — Barrow abotoou o cinto baixo em seus quadris. — Veremos o que Morag tem para você amanhã. Mas não é só a arma que você vai precisar.

Ela inclinou a cabeça, observando-o curiosamente.

O sorriso dele cresceu. — Venha comigo, moça.

CAPÍTULO 09

ENQUANTO ELES ATRAVESSAVAM o pátio, passando a casa e movendo-se na direção do quartel, Ember estranhou a maneira reservada de Barrow. Seria tão difícil simplesmente explicar onde estavam indo e como seria o seu dia? E para piorar, o cavaleiro parecia ter algum prazer perverso em observá-la quebrar a cabeça sobre sua nova vida. Ela estava começando a ansiar pela oportunidade de lutar com ele, não importava quão nova era no campo de treinamento. Bater com um bastão em Barrow valeria a pena.

Ember estava imaginando este confronto em sua cabeça, no qual conseguiu chutar Barrow no peito e mandá-lo se arrastando, quando a voz do real Barrow violou sua divagação.

— Não vamos para o quartel, Ember.

Ela não tinha reparado que ele tinha abruptamente mudado de direção, afastando-se da entrada dos quartéis em direção à extremidade do pátio. O sangue dela gelou quando percebeu que ele estava indo em direção aos campos de prática onde o tinha visto lutar com Kael. Seu devaneio teve uma reviravolta, onde, de repente, imaginou Barrow desembainhando sua espada e cruelmente sorrindo para ela.

“Cuidado com o que deseja”. Ele levantou a lâmina perversamente curvada.

— Ember! — Barrow, de repente, ficou em pé na sua frente com as mãos sobre seus ombros.

Ember balançou a cabeça. — Desculpe.

— Seu cérebro ainda está confuso pelo incenso de Morag? — Ele examinou seu rosto com preocupação. — Se você precisa de água ou descanso, deve me dizer.

— Não. — Ela se soltou de seu aperto. — Eu estou bem. Mostre o caminho.

Os olhos dele eram duvidosos, e ela silenciosamente prometeu que manteria sua mente hiperativa controlada.

— Muito bem. — Ele a levou pelo quartel, mas ignoraram os campos de prática também, o que fez suas emoções tivessem uma reação balançando de decepção afiada com alívio.

— Ei, Barrow! — Um garoto magricela estava acenando para sua companhia. O menino deixou seu tridente e veio até eles.

— Meu amigo, Ian. — Barrow bateu no seu ombro. — Como está o humor deles esta manhã?

Ian riu. — Inquieto. O ar de primavera coloca a centelha de vida neles como nada mais.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Barrow. Ele fez um gesto para Ember. — Ian, esta é Lady Morrow. Ela acabou de se juntar a nós.

Ian deu-lhe um sorriso torto. — Assim eu ouvi. Bem-vinda, milady.

— Ian é o aprendiz do mestre dos estábulos — Barrow disse a ela. — O que significa que ele está aqui dia e noite, se precisar de alguma coisa.

— É verdade que eu sou um escravo para essas bestas. — Ian curvou sua cabeça, mas Ember o viu sorrir.

— Estes animais são melhores do que a maioria dos homens. — Barrow riu.

— Isso eles são — disse Ian. — Isso eles são.

Barrow a conduziu para o estábulo, enquanto Ian retornava a mexer no meio de um monte de feno. Os estábulos eram espaçosos e arejados. O doce aroma de mofo se misturava em cada respiração que tomava. Enquanto eles andavam pelo largo caminho, relinchos e patadas soaram. Cabeças se esticavam sobre as portas das baias, e olhos grandes continuavam a vigiá-los. Um súbito barulho contra a madeira que fez Ember pular.

O relincho veio novamente.

— Eu vejo você, Toshach — Barrow disse. — Tenha paciência.

Ember viu uma cabeça finamente moldada com orelhas, passando rapidamente para frente e para trás atingindo a barreira. O animal se assemelhava a uma sombra viva. Na luz fraca do estábulo seu pelo preto revelou um tom violeta. O cavalo jogou sua crina e bufou, encarando-os com um olhar surpreendentemente inteligente.

Barrow olhou para ela. — Suponho que as apresentações estejam em ordem.

Ember seguiu-o até onde o cavalo continuou a curvar o pescoço forte, esforçando-se para ser livre de suas restrições.

— Calma. — Barrow foi para o cavalo com confiança. A criatura escura soprou a mão estendida dele e foi para frente quando o cavaleiro mexeu atrás das orelhas do cavalo.

— Ember, conheça um amigo querido — Barrow disse. — Ele se chama Toshach.

Ela foi para frente, olhando para a cabeça do enorme cavalo. — Ele é seu?

Ao som da sua voz, Toshach abandonou a felicidade de ter orelhas alisadas e relinchou. A cabeça gigante mudou-se em direção a ela. Ember levantou as palmas e deixou o cavalo cheirar seu perfume. Brincando, ele abocanhou seus dedos e então, sacudiu a cabeça, quando não encontrou um deleite escondido para ele em suas mãos.

Barrow acenou com aprovação. — Ele gosta de você. E para responder sua pergunta, não chamarei uma criatura com este espírito de meu. Mas nós lutamos juntos. Devo-lhe minha vida por muitas vezes.

Ember assistiu enquanto Barrow voltou a saudar o cavalo. Ficando satisfeito com sua curiosidade sobre quem era esse novo visitante, Toshach deu a sua atenção total para o cavaleiro, pressionando a cabeça enorme contra o ombro de Barrow. O cavalo bateu contra a porta divisória novamente.

— Tudo em seu tempo, meu amigo. — Barrow riu. — Primeiro precisamos encontrar para Ember uma montaria adequada.

O coração dela parecia virar dentro do peito. Claro, ela esperava que fosse montar, mas nunca tinha tido um cavalo seu. Sua irmã, Agnes, tinha medo de cavalos, e Ember tinha sofrido os efeitos desse medo por gastar demasiado tempo em carruagens que mantinham Agnes a uma distância dos animais enormes.

— Dê uma caminhada até o fim dos estábulos — Barrow disse, acenando para o edifício alinhado que ela ainda tinha para explorar. — Todos os cavalos que tem dono estão aqui, mas aqueles sem cavaleiros possuem baias na parte de trás do edifício. Eu vou encontrar você em breve.

— O que devo fazer? — perguntou.

A atenção de Barrow estava focada em Toshach, que estava brincando de tentar roubar a capa do cavaleiro.

Ele não olhou para ela, quando disse: — Se tornará claro para você quando acontecer.

Ember quase bateu o pé enquanto se virou para afastar-se do seu professor, mas sabia que não faria nenhum bem. A ideia de Barrow de instrução aparentemente se baseava em frustrá-la e forçá-la a descobrir tudo sozinha. Fervilhando em seu próprio temperamento, estava vagamente ciente dos cavalos observando-a enquanto andava pelo longo corredor, se sentindo sem rumo. Talvez fosse melhor encontrar Ian e perguntar o que deveria fazer. Estava prestes a virar para procurar o aprendiz quando um relincho agudo e breve soou tão perto que a fez tropeçar em seus próprios pés.

Recuperando seu equilíbrio, Ember girou para ver olhos marrons líquidos fixos nela. O olhar do cavalo era nítido e brilhante; sua cabeça estava inclinada e balançava enquanto a olhava. O cavalo bufou e bateu seus dentes. Ember não conseguiu afastar a sensação de que ele estava rindo dela.

Com as mãos em seus quadris, ela enfrentou o cavalo.

— Você acha que é engraçado assustar alguém? — perguntou, um tanto surpresa que estava falando com o cavalo. — E se eu tivesse caído?

O cavalo agitou seus ouvidos para ela e de repente curvou sua cabeça. Ember riu, dando alguns passos na direção dele. O cavalo a olhou, então fez um arco mais profundo, esforçando-se para baixo sobre a porta da sua baia. Quando estava perto o suficiente, o cavalo soprou um longo suspiro, empurrando seu nariz de veludo macio contra a palma de sua mão.

— Muito bem — Ember disse e começou a acariciar o nariz do cavalo. — Você está perdoado.

O cavalo levantou sua cabeça e olhou diretamente em seus olhos. Seu pelo tinha sido preparado para um brilho polido, um ocre que se assemelhava as tranças ardentes dela própria. O cavalo não tinha marca que pudesse ver, apenas este tom rico, profundo como um pôr do sol, que coloria o animal da cabeça a cauda.

— Você é um amor, hein? — ela sussurrou, tomando o rosto do cavalo, entre suas mãos. O cavalo ficou muito feliz, aceitando os dedos leves dela em seu nariz, orelhas e pescoço. — Tem um nome?

— É Caber.

Ember pulou ao som da voz de Barrow. Ele tinha se aproximado em silêncio, não mostrando sua presença. Agora estava olhando-a, um olhar de surpresa e interesse, jogando em seu rosto.

Um ronco afiado fez o olhar de Ember voltar para o cavalo. Caber olhou para Barrow por um momento e então lançou um olhar de súplica para Ember. Sem pensar, foi até o cavalo e tornou a acariciar seu nariz macio. Caber relinchou de prazer, poupando a Barrow um olhar severo antes de pressionar a cabeça contra ela.

Ela sentiu quando Barrow moveu-se ao seu lado, mas manteve o olhar em Caber. Um som baixo veio da garganta dele, seguido das palavras:

— Eu não esperava isso.

— Há algo de errado? — Ember olhou para ele, e Caber relinchou.

Barrow abanou a cabeça, sorrindo para o cavalo. — Não se preocupe, rapaz, não vou levá-la de você.

Ele olhou para Ember. — Quanta experiência você tem com os cavalos?

Embora brevemente considerou mentir, Ember disse: — Muito pouca.

— Pensei que fosse assim. — Ele estendeu a mão para tocar o pescoço de Caber. Ember estremeceu com o seu despedimento fácil de suas habilidades como um cavaleiro. — Mas tenho certeza que não por culpa própria.

— Minha irmã tem medo de cavalos — disse. — E meu pai achou melhor manter as duas filhas longe dos estábulos.

— Tolo. — Barrow resmungou, soando muito parecido com Toshach quando assim o fez. — Cavalos podem ajudar um homem, além de salvá-lo.

Caber colocou o nariz no ombro de Ember, em seguida, decidiu mastigar a trança que cercava a cabeça dela.

— Pare com isso! — Ember empurrou sua cabeça para trás e deu uma palmada no nariz de Caber. O cavalo bufou e se afastou, mas um pouco mais tarde ele estava avançando em sua direção, sua cabeça inclinada em desculpas novamente.

— Bom — Barrow disse, observando como deixou o cavalo fazer o seu pedido de desculpas e então começou a acariciá-lo novamente. — Você terá que ser firme com ele. Caber é jovem e um garanhão. Ele não tem um cavaleiro porque seu temperamento o torna difícil de lidar. E jogou mais de alguns jovens homens que pensaram serem cavaleiros melhores do que eram. Se você não prestar atenção, ele vai lhe levar pela metade do caminho para a Inglaterra antes de você puxar as rédeas.

As mãos dela caíram do pescoço do cavalo e Caber relinchou em protesto.

— Você está me dando um garanhão? — ela perguntou. Caber era lindo e estava inclinada para o cavalo, mas parecia tola escolher um cavalo além de sua habilidade.

— Não estou lhe dando nada. O cavalo escolhe seu cavaleiro — disse Barrow. — De outra maneira você encontrará um mau ajuste. Caber deseja servir a você. Ele é um bom cavalo, mas... muito espirituoso.

— Ele é incrível — Ember disse. — Não estou certa de que posso...

— Você vai aprender. — Barrow a cortou e se mexeu para abrir a porta do estábulo. — Começando agora.

CAPÍTULO IO

EMBER TEVE QUE RALHAR com Caber várias vezes enquanto guiava o garanhão para fora do estábulo. Ansioso para ficar livre da baia, Caber estava inquieto, sacudindo a cabeça e quase esmagando seus pés. Barrow observou atenciosamente o jeito que interagira com o cavalo, nunca interferindo, mas sentia que estava desconfiado que pudesse perder controle do grande animal, e por isso ele estava preparado para vir ao seu auxílio caso precisasse. Ember estava determinada a não deixar aquilo acontecer.

Eles encontraram Ian perto da cerca do estábulo. O jovem aprendiz deu um longo assobio ao vê-la guiando Caber, mas não fez nenhum outro comentário.

Barrow voltou para buscar Toshach, reaparecendo minutos depois com o lustroso corcel negro. O garanhão dançava de um lado para outro como uma nuvem carregada pronta para explodir em tempestade.

Ember ficou vendo os dois cavalos bufarem e darem patadas na terra, impacientes para começarem a andar. Eles eram um par esquisito: Caber era claro como o nascer do sol, enquanto Toshach era mais escuro do que o céu noturno. Mas, quanto mais olhava, Ember percebeu que os cavalos não eram o que esperara.

Ian percebeu seu olhar. — Alguma coisa errada, senhorita?

Apesar de que suas palavras não eram críticas, ainda ficou nervosa quando falou: — Eles não são cavalos de guerra.

— Afirmo-lhe que eles não irão deixá-la na mão quando em combate. — O cenho franzido de Ian fez com que se arrependesse de ter falado.

— Ela só quis dizer que eles não são os elefantes que o pai dela usa nos torneios — Barrow disse para Ian.

Ember riu, imaginando como seu pai reagiria ao ouvir seus corcéis premiados descritos como elefantes, e rapidamente concordou. — Eles são mais bonitos do que qualquer cavalo que já vi até hoje.

Seu olhar viajou sobre os corpos lustrosos e reluzentes dos garanhões. Seus pescoços curvados se esticavam perfeitamente em costas fortes e flancos sólidos. Suas pernas firmes e esguias terminavam em tornozelos quase delicados.

Os cavalos lhe pareciam como sendo simplesmente belos e elegantes demais para guerra.

Se aproveitando da sua admiração, Caber jogou a cabeça orgulhosamente para o alto e relinchou.

— Cuidado Ember. O cavalo já pensa bem demais sobre si mesmo.

Ela sorriu, acariciando o pescoço de Caber.

— Não lutamos em armadura pesada — Barrow continuou. — E nossa tarefa requer mais velocidade e agilidade do que força. Os corcéis vão servir melhor ao nosso objetivo do que os cavalos de batalha serviriam.

Ian segurou Toshach enquanto Barrow buscava os arreios dos cavalos. Apesar de seu humor agressivo, Ember estava dominando Caber até que bem. Seu prazer com esse pequeno triunfo desapareceu quando encontrou seu próximo desafio. Embaraçada, admitiu para Barrow que não tinha ideia de como preparar o cavalo para sua primeira cavalgada.

Ian se ofereceu para selar e arrear Caber, mas Barrow declinou a oferta.

— Esse cavalo é sua responsabilidade — o cavaleiro disse a ela. — Não haverá ninguém para te ajudar quando estiver no campo.

Barrow foi paciente enquanto ensinava-lhe como por os arreios no garanhão. Ele testou o cinturão, lembrando-lhe que iria desapertar quando estivesse montada. Quando terminou de selar o cavalo, Barrow a fez tirar todo o equipamento e começar tudo novamente: desta vez sem sua instrução. Caber entortou o pescoço para assisti-los, suas orelhas se agitando com curiosidade quando a sela foi colocada em seu lombo, só para ser removida e recolocada. Quando repetira o processo cinco vezes e estava xingando seu professor em sua mente, Barrow anunciou que estava preparada para a cavalgada afinal. Ele se virou e descobriu que Ian havia selado Toshach durante a lição.

— Ele teria saído sem você se eu não o tivesse mantido ocupado. — Ian disse entregando as rédeas para Barrow.

Ember montou no lombo de Caber, ajeitando-se na sela. O garanhão imediatamente começou a se mexer, de um lado para outro e sacudindo a cabeça.

— Não deixe ele se esquecer que você está aí — Barrow disse. — E mantenha-o sob controle. Se você deixar ele vai dar um tranco e te derrubar.

Ember assentiu, cerrando os dentes e aumentando a força nas rédeas. Podia sentir o poder do garanhão, agitando-se como águas bravas abaixo dela.

— Está pronta? — Barrow estava montando em Toshach. O corcel negro empinava incessantemente, erguendo as patas da frente como se quisesse se levantar.

— Sim. — Apesar de seu coração estar voando, o sorriso dela cresceu. A excitação e energia de Caber pareciam fluir para suas veias.

Barrow sorriu de volta. Com esse rápido sorriso, Ember entendeu que não era somente os cavalos que desejavam correr de Tearmun.

Sobre o lombo de seu corcel, Barrow se movia com elegância suprema. Mesmo com as empinadas intermitentes de Toshach, cavalo e cavaleiro fluíam juntos. Com um movimento que mal pôde detectar, Barrow incitou Toshach para frente colocando-o em um trote. Caber manteve o passo ao lado do outro garanhão, enquanto Ember mantinha um firme aperto nas rédeas. Barrow também estava controlando Toshach. Ambos os cavalos queriam correr.

— Esperem! — O chamado veio de perto das barracas. Barrow parou Toshach com um suspiro, virando o cavalo. Com uma bufada de protesto, Caber cedeu quando ela o virou.

Alistair acenou e Kael gritou: — Por que você colocou a pobre garota naquele demônio? Está tentando matá-la?

Barrow sacudiu a cabeça. — Ignore-o. Ele levou um coice e acabou com uma costela quebrada, mas foi pela própria tolice e não por culpa de Caber, que ele acabou levando o coice.

Ember quase sorriu; sabendo que Caber poderia ter arrancado os dedos de alguém, ainda se sentia com sorte por cavalgar com ele.

— Pensamos que vocês dois pudessem estar interessados em ver mais algumas ações — Kael disse. — Verdadeiras

— Há um problema em Cornwall, — Alistair disse. — Estamos partindo agora.

Ember apertou as rédeas. — Quando vocês voltam? — Apesar de estar se adaptando rapidamente em seu novo lar, a ideia de que o único rosto familiar fosse ficar longe por muito tempo deixava-a nervosa.

Kael deu de ombros. — Depende com o que estamos lidando. Mas se tudo correr bem, antes do jantar.

Ember o encarou. Devia ter ouvido errado, uma viagem para Cornwall levaria dias, não horas.

— Obrigada pela oferta — Barrow disse. — Mas ela não está preparada. Ember estremeceu com a resposta curta.

— Não é isso que as irmãs dizem, — Kael disse-lhe. — Dizem que ela tem um talento natural. Elas estavam assistindo a prova.

— Ela tem talento, — Barrow respondeu. — Mas estaremos no campo em breve. Hoje vamos cavalgar.

— Você e seus cavalos. — Kael virou para Alistair com os olhos falsamente pesarosos. — Temo que fomos cruelmente rejeitados.

— E meu coração sofre por causa disso. — Alistair piscou para Ember.

— Guardem seus lamentos para o sul. — Barrow já estava virando Toshach para o outro lado. — Pelo menos em Cornwall estará quente.

Alistair olhou-a por alguns momentos. — Te vejo hoje de noite, Ember.

— Mas vocês vão para Cornwall — ela disse, então se sentiu um pouco tonta quando lembrou da descrição de Morag da magia dos clérigos de Conatus. Será que Alistair e Kael realmente iriam para Cornwall e retornariam no mesmo dia?

— E é uma pena que você não virá conosco — ele disse. — Barrow está certo. O tempo estará muito mais agradável no sul.

— Ember! — Ela se virou na sela para ver Barrow esperando-a, Toshach dançando sob ele.

Quando olhou de volta, Alistair já estava se afastando, acenando para ela. Ergueu a mão brevemente antes de virar Caber na direção oposta.

Sua cabeça estava mais agitada do que Caber, mas Barrow não estava muito conversador. Assim que o alcançou, ele aumentou o passo.

O rápido trote levou-os através do pátio e através dos portões de Tearmun. Os cavalos facilmente atravessaram o caminho íngreme do forte até o Vale Shiel. Ember podia sentir a tensão nos músculos de Caber. O passo rápido e constante do trote estava deixando-o irritado.

— Quando alcançarmos o fundo do vale, seguiremos o rio para Lago Duich — Barrow disse. — Eles vão querer ir mais rápido, mas vamos manter o passo por enquanto. Fique atenta para não perder controle de Caber.

Ember assentiu e Barrow impeliu Toshach para frente. O corcel negro lançou-se adiante, chacoalhando as rédeas quando ele impediu-o de galopar mais rápido. Caber se acomodou num trote largo, mantendo-se perto de Toshach.

Ember sentia Caber mordendo o freio, tentando sair de seu controle. Suas orelhas estavam de pé, viradas em sua direção, e sabia que o cavalo estava testando-a, imaginando se seu condutor se igualava a ele em inteligência e habilidade. Ela manteve as rédeas com firmeza, deixando o corpo fluir com o balançar suave da marcha de Caber. O garanhão bufou algumas vezes, sacudindo a cabeça, rolando os olhos, mas logo pareceu sossegar em contentamento, enquanto passavam ao longo do rio. Barrow virou para olhá-la, sorrindo quando a viu mantendo o passo logo atrás de Toshach. Ele deu a Toshach um pouco mais de rédea e o garanhão negro saltou adiante, o trote dando lugar a um galope.

Caber tentou se lançar numa corrida, mas Ember o segurou. Apesar dele bufar e repuxar as rédeas, ela forçou-o a aumentar a velocidade gradualmente. Somente quando tinha certeza que ele estava agindo com seu assentimento, deixou o corcel livre para voar atrás de Toshach.

Barrow deu uma olhada para trás novamente, e ela ofereceu-lhe um pequeno sorriso. Não era somente sua montaria que estava testando-a; seu professor também. Ember inclinou-se para frente, deixando Caber correr para diminuir a distância entre eles. Quando Caber estava lado a lado com Toshach, ansioso para lançar-se adiante, ela segurou-o, tentando manter o passo perfeito, junto com a montaria de Barrow.

Eles cavalgaram naquela direção por meia hora. Barrow fazia mudanças súbitas na velocidade, seguida por mudanças repentinas em seu passo. Cada vez, Ember se ajustava de acordo, nunca deixando Barrow pegá-la desprevenida. Estava começando a apreciar as sensibilidades de Caber. Ele era sensível ao seu humor; suas orelhas sempre viradas em sua direção, esperando por uma palavra encorajadora murmurada, ou um estalo de sua língua para aumentar a velocidade. E estava constantemente ciente dele. Entendia quando ele queria correr, a diferença entre a sacudida de cabeça quando estava frustrado ou alegre. Sabia como acariciar seu pescoço para elogiá-lo, ou o tom de voz firme quando era necessário chamar sua atenção.

Quando chegaram as margens de Lago Duich, Barrow refreou Toshach, voltando ao trote anterior e finalmente para uma caminhada. Tendo corrido, os cavalos estavam felizes o suficiente para se acomodar em um passo suave ao longo do lago.

— Parece que não é só para a luta que você tem um talento natural — Barrow disse.

— Obrigada. — Ember falou brevemente, sem querer revelar quão sem fôlego estava. A corrida tinha sido emocionante, mas também requêrera trabalho duro. Os músculos em seus braços, costas e coxas estavam rígidos, quentes e cansados devido ao esforço da lição de equitação. Mesmo assim, provar-se para Barrow tinha valido a pena. E a sensação da cavalgada em si era algo que nunca poderia ter antecipado.

Ember se inclinou, descansando sua bochecha contra a crina de Caber.

— Vocês são uma boa combinação. — Barrow parou para deixar os cavalos beberem no lago.

Ember afrouxou as rédeas para que Caber pudesse alcançar a água. — Nós somos. — Ela acariciou seu pescoço, achando-o úmido da corrida.

O céu acima estava pesado com nuvens. Faixas de névoa chegavam até embaixo, como dedos, para agarrar as encostas, que estavam começando a brilhar com o verde da primavera.

— O lago margeia Tearmunn do oeste até o norte. As colinas do vale nos guardam do leste até o sul. Você passou a vila em sua viagem para o forte — disse ele.

— Eu não pude ver nada. — Ember fez uma careta ao lembrar. — Estava com a minha mãe e minha irmã na carruagem.

Barrow parecia querer rir, mas continuou: — A vila fica abaixo de Tearmunn nas margens nordeste do lago. Eles nos suprem com animais e barganham produtos em troca de nossa proteção.

— Eles sabem sobre Conatus... por que ele existe? — se virou na sela, tentando ver o aglomerado de prédios ao norte no fundo do vale.

— Não — Barrow lhe disse. — Eles acreditam que somos cavaleiros normais. Quanto menos pessoas souberem sobre nosso verdadeiro propósito, mais seguros estamos. Se você visitar a vila, não pode ser como membro da Guarda. Ver uma mulher vestida como você levantaria suspeitas. Se você quiser viajar até lá, podemos fazer alguns arranjos.

Ele acariciou Toshach no ombro. — Vamos cavalgar para fora do forte para que você possa adquirir as habilidades necessárias para uma batalha com

montaria, mas também vamos cavalgar para você conhecer a região. Aqui é a sua casa agora.

Vento açoitou as suas bochechas enquanto olhava as águas cinzentas e agitadas do lago. Ember virou-se, examinando a paisagem atrás dela e encontrando colinas irregulares. Algumas cobertas com pinheiros; outras nuas, mas que em breve iriam se colorir com urzes. Tearmunn ficava aninhado em um lugar bonito e austero. Uma rajada de vento fez a superfície do lago se agitar, e ela pensou que ouvira um grito carregado pelo ar gelado.

Sem um comando de Barrow, Toshach ergueu a cabeça e começou a andar.

— Barrow! — Ember tinha virado na sela. O som do grito estava mais perto agora. Ela olhou ao longo da margem, procurando a fonte do lamento. Uma figura pequena se precipitava na direção deles, agitando os braços.

Ele refreou, erguendo as sobrancelhas em questionamento.

— Olhe! — ela apontou para a figura correndo.

— Um Aldeão? — Barrow fez Toshach virar. Então sua voz ficou suave de uma maneira que surpreendeu Ember. — Uma criança.

Ele deu um grito e Toshach se empinou, acertando o ar com os cascos. Depois disparou para longe, deslizando ao lado do lago. Se não fosse pelos borrifos de água jogados pelo corcel, Ember poderia pensar que os cascos de Toshach nem mesmo tocavam o chão.

Caber jogou a cabeça para cima, rodeando no mesmo lugar. Com um sussurro ela deixou-o correr. Caber lançou-se adiante, cortando o chão, voando pelas margens. O vento gritava ao seu redor, fazendo lágrimas nascerem em seus olhos. Mas ela riu, seu coração se equiparando com o ritmo dos ligeiros cascos de Caber.

Apesar de que não poderia imaginar outra coisa a não ser o quanto ficaria assustada com dois cavaleiros se aproximando em pleno galope, quando a criança viu que eles estavam vindo, correu até mais rápido. Quando chegaram mais perto, viu que o pequeno menino deveria ter seis ou sete anos. Ele ainda estava acenando com os braços, e um líquido escuro espirrava no ar com o movimento.

Estavam quase em cima do garoto quando Barrow refreou Toshach. O cavaleiro saltou da sela e correu até o garoto. Caber bufou e bateu no chão,

dificultando para ela desmontar. Ember tropeçou se afastando do cavalo, e encontrou Barrow ajoelhado na frente do menino.

Ele estava segurando o pulso esquerdo da criança, que segurava uma faca ensanguentada na outra mão. Barrow examinava a mão esquerda do menino, e seu estômago se apertou quando viu sangue escorrendo de dois tocos onde seus dedos, anelar e mindinho deveriam estar.

— Ela os levou! Ela os levou! — Os gritos do menino eram ásperos. — Todos se afogaram.

— Qual é o seu nome, menino? — Barrow perguntou gentilmente, e deu uma olhada para ela. — Há faixas de linho limpas no meu alforje. Pegue algumas para que possamos atar as feridas.

— Gordon — Ember ouviu o menino dizer enquanto esvaziava a bolsa presa à sela de Toshach. Os dois cavalos estavam inquietos, se movendo nervosamente nas margens, as orelhas em pé e girando como se fazendo esforço para ouvir algum perigo se aproximando.

— Gordon. Um nome forte para um rapaz forte — Barrow disse para o menino. — E você deve ser forte, já que estava lutando. Não é verdade?

— Você é um deles, não é? — Os olhos de Gordon estavam arregalados, enquanto olhava para Barrow. — Um dos cavaleiros do forte. Meu pai diz que vocês nos protegem.

— Seu pai te disse a verdade — respondeu. — Conte-me o que aconteceu.

Gordon começou a chorar e Barrow murmurou algo para ele com a voz muito baixa para ela ouvir, mas momentos depois os lamentos do menino aquietaram.

Ember retornou com as faixas de linho. — Quem fez isso com você? — perguntou para Gordon.

Gordon empalideceu, seus olhos correndo pelas águas agitadas. — Eu tive que fazer isso. Ela os levou. E ia me levar também.

Franzindo a testa, Ember alcançou a mão ferida do menino. Gordon respirou fundo, arquejou, mas não fez um som quando ela começou a cuidar da ferida.

— Você cortou seus dedos — Barrow disse com a voz rouca, e o garoto assentiu.

Ember ficou com ânsia. — Por que você faria algo assim?

— Eu tive que fazer! — Lágrimas escorreram pelas bochechas pálidas de Gordon.

— A besta veio do lago? — Barrow perguntou.

Ember encarou-o. Que besta?

Gordon fungou. — Não sabíamos. Não vimos se ela saiu da água. Mackie pensou que era um cavalo perdido e que receberíamos uma recompensa se o levássemos de volta para a vila. Mas era um kelpie^[8].

Barrow cerrou os dentes, xingando. — Quantos dos seus amigos ela levou?

— Mackie e John — Gordon soluçou. — Eles não conseguiram pegar a faca a tempo. Ela os levou para debaixo d'água e eu fugi.

— Você fez a coisa certa, Gordon — Barrow disse. — Você foi muito esperto e corajoso.

— Esperto e corajoso? — Ember queria empurrar Barrow para dentro do lago. Por que ele estava falando sobre bravura quando a criança estava sangrando, gotas pingando no chão?

Barrow lançou um olhar agudo para ela, fazendo-a parar de falar. — As crianças foram perseguidas por um cavalo da água. É um mau agouro que uma besta dessas se aventuraria numa vila vizinha de Tearmunn. Como se as trevas quisessem nos insultar.

— Um cavalo da água? — Ember tremeu, olhando para as águas cinzentas do lago. — Mas eles... — estava prestes a dizer que cavalos da água só existiam em histórias para assustar as crianças e fazerem com que não brincassem muito perto de águas e rios, mas sua mente silenciou suas palavras. Não podia se agarrar às crenças que haviam feito parte de sua vida antes de chegar a Tearmunn. Afinal, ela já havia enfrentado um revenant.

Se Barrow disse que cavalos da água eram reais, não tinha outra escolha se não acreditar nele.

Ember agachou ao lado de Gordon. — Por que você se cortou?

Mesmo com lágrimas nos olhos, Gordon a encarou como se ela fosse uma tola. — Todo mundo sabe que, uma vez que você toca um kelpie, você fica com ele. É por isso que os outros se afogaram. Não se lembraram das facas.

— Como eu te disse — Barrow falou. — Você é um rapaz muito inteligente e corajoso. E eu preciso que você seja corajoso novamente. Você consegue?

Gordon olhou para o rosto de Barrow e assentiu.

— O kelpie estará bravo, porque você escapou — continuou. — E vai querer vir atrás de você. Se ele vir atrás de você, podemos matá-lo e sua vila não estará mais em perigo.

Ember ergueu as sobrancelhas. — Você não está realmente pensando em usar Gordon como isca, está?

Barrow se levantou e segurou-a pelos ombros. — Você está aqui para observar e aprender. Nós não temos escolha, temos que atrair a criatura com o sangue de Gordon. Se não fizermos isso, a besta vai carregar mais aldeões para a morte sob as ondas.

Gordon estava espiando o sabre de Barrow. — Você vai matar a besta com aquilo? — Ele apontou a espada.

— Vou. — Ele sorriu com severidade. Virou-se para ela. — Preciso que você segure os cavalos – eles vão querer fugir quando o kelpie aparecer, e precisamos deles para chegar em casa.

Ember encarou-o. — Você acha que eu não consigo lutar.

— Você é uma ótima guerreira, Lady Morrow — Barrow replicou. — Você também é impetuosa e cabeça dura. E você não tem o treinamento necessário ou uma arma.

— Eu tenho minha adaga — replicou.

— Fique com os cavalos — Barrow disse severamente. — Não vou falar novamente.

Ela engoliu a próxima resposta, mas voltou pisando duro para perto dos cavalos, que estavam sacudindo as cabeças e relinchando com ansiedade. Segurando as rédeas firmemente, Ember observou Barrow guiar Gordon até a beira da água. Seu sangue congelou, quando Barrow retirou as faixas ensanguentadas da mão do garoto. Gordon esticou o braço sobre a água e seu sangue escorreu dentro do lago.

Segurando a respiração, Ember observou a superfície do lago, que apesar do vento tempestuoso tinha ficado estranhamente parada. Gordon também estava parado perfeitamente imóvel, enquanto Barrow se agachava atrás de uma rocha na beirada do lago. Barrow estava certo. O garoto era incrivelmente corajoso.

Um movimento na água capturou o olhar de Ember. A ondulação era sutil, mas lentamente se esticou sobre a superfície cinzenta como uma fita escura se

desenrolando. A sombra se moveu rapidamente em direção à margem, sua forma ondulando como se fosse uma serpente.

Toshach e Caber relincharam, lutando para se libertar. Ember segurou-os com firmeza, tentando acalmá-los. A cabeça da criatura partiu a superfície da água. À primeira vista, parecia ser reptiliana, como ela imaginava que fosse um dragão, mas a besta levantou e suas características mudaram. O que parecera uma serpente se tornou equino. Gordon começou a tremer, mas não fugiu quando um cavalo de pelo negro que brilhava como pele de foca, ficou na frente do garoto nos bancos de areia do lago.

Os cavalos verdadeiros entraram em pânico. Começaram a guinchar e arrastaram Ember para trás por vários passos. Ela lutou para continuar segurando as rédeas. O cavalo d'água virou a cabeça para olhar as montarias assustadas. Ember arfou ao ver dois objetos pálidos pendurados em sua crina escura. Os dedos cortados de Gordon ainda presos ao kelpie.

Com a atenção da besta voltada para Toshach e Caber, Barrow se arremessou por cima da rocha e saltou. O kelpie, pressentindo o perigo, deu meia volta para encarar o cavaleiro que voava. Quando a besta movimentou, as águas espumaram em volta de suas pernas. O cavalo d'água empinou, mas o sabre de Barrow já estava cortando o ar. A lâmina curvada atravessou o pescoço do kelpie, como se ele fosse feito de ar. Barrow caiu nas águas, rolando para o lado e ficando de pé novamente e girando para enfrentar a besta mais uma vez.

Ember se sobressaltou, quando o kelpie atacou com os cascos, garras cruéis em forma de gancho sobressaiam das pernas cobertas de lodo. Barrow pulou para trás, mas não rápido o suficiente. As garras do kelpie rasgaram através do tabardo e da camisa, cortando seu abdômen.

Grandes retalhos de roupa caíram na praia, deixando sua carne exposta, Ember gritou ao ver o sangue escorrendo em sua pele.

— Mantenha a criança a salvo! — ele gritou, sem olhar para eles.

Apesar de saber que ele queria que ela ficasse longe, não podia ficar de lado, enquanto Barrow lutava. Seu sangue retumbava em suas veias, sua batida estimulando-a para a ação.

— Fique para trás e fique quieto — disse ao garoto, empurrando-o para trás de si. Enquanto Barrow continuava a desvencilhar os ataques do cavalo

d'água, sacou sua adaga. Mirando, ela lançou a adaga no kelpie com toda a força que conseguiu juntar.

A criatura guinchou quando a adaga se enterrou na pele escura de seu flanco. Girou para encarar o novo atacante, dando a Barrow a oportunidade para golpear. Ele girou, trazendo seu sabre abaixo em um amplo arco.

Por um momento Ember pensou que o kelpie se transformara em um espírito como meio de defesa, que a lâmina de Barrow cortara o ar e não carne. Mas o cavalo d'água não virou para ele. Sua cabeça se inclinou para frente, claramente separada do pescoço, e caiu na água, espirrando água ao redor. Um segundo depois o corpo do kelpie desmoronou, se tornando um monte de alga e espuma na praia.

Gordon deu um grito e correu em direção a Barrow. — Você conseguiu!

Barrow concordou, rindo quando o garoto jogou os braços ao redor dos ombros largos do cavaleiro. — Mas sem a sua ajuda eu não teria conseguido. Sua ajuda e a de Lady Morrow.

O olhar que ele lhe deu era severo. — Eu te pedi para ficar fora da luta.

Ember ergueu a cabeça, desafiadora. — Você está ferido. Eu pensei que podia ajudar e ajudei.

— É, você ajudou — Barrow disse, estremecendo ao tocar os cortes em seu abdômen. A carne dilacerada se estendia em sua região lombar como uma cinta cruel. — Estou em débito com você por ter ignorado minha ordem. Entretanto, eu prefiro que isso não se torne um hábito.

Ember riu, mas seu sorriso desapareceu quando Barrow despencou bruscamente na margem coberta por pedras.

— Você está muito machucado? — perguntou, se ajoelhando ao lado dele.

— A ferida não é profunda — ele lhe disse. — Mas cavalos d'água tem garras venenosas.

A boca dela secou.

Vendo sua aflição, Barrow sorriu secamente. — Ainda não é preciso me prantear. Há um bálsamo no alforje de Toshach que vai impedir o veneno de se espalhar. Preciso que você vá pegá-lo para mim. Está na sacola de linho amarrada com uma fita azul.

Ember correu até Toshach e procurou dentro da bolsa. Estava surpresa com o número de pacotes que Barrow carregava consigo. Por acaso havia um

remédio para todo tipo de machucado ali? E quem tinha feito tais remédios?

Ela encontrou a sacola e retornou até Barrow, que estava usando a camisa retalhada para parar o sangramento.

— Pegue o jarro e passe o remédio dentro da ferida quando eu tirar este pano.

Ember assentiu; seu coração vindo parar na garganta, impedindo-a de falar.

Mal estava ciente de Gordon agachado ao seu lado, assistindo com fascinação enquanto tirava o jarro de argila da sacola, destampava-o e despejava uma mistura que parecia com argila amarela, mas fazia as pontas de seus dedos formigarem.

— Passe agora. — Barrow removeu o pano esfarrapado e sangue vermelho escorreu em sua pele. Ele arfou quando ela começou a espalhar o remédio sobre os cortes.

— Me desculpe — ela murmurou.

— Não se desculpe. O remédio tem que penetrar na ferida, então você não deve se preocupar sobre me machucar. — Ele estava apoiado nos cotovelos vendo-a tirar mais remédio do jarro.

Os dedos dela se moveram em seu abdômen, percorrendo os músculos fortes entre as marcas das garras. Seu pulso batia rapidamente toda vez que o tocava, especialmente quando sua mão roçava a depressão perto de seu quadril onde a pele dele desaparecia sob o tecido da calça.

De repente, a mão dele estava sobre a sua, afastando-a.

— Está bom, é o suficiente. — A voz dele estava rouca, e não a olhou nos olhos. — Obrigado.

Ele ficou de pé e amarrou a ferida com o que sobrou da camisa e do tabardo.

Sem olhar para ela, disse a Gordon: — E agora está na hora de te levar para casa.

Ele envolveu a mão do menino nas bandagens novamente.

— Tenho que levá-lo para a vila — disse, finalmente encarando seu olhar intrigado. — Cavalgue até Tearmunn e fale para mandarem um clérigo para me encontrar. Eles vão querer questioná-lo novamente.

— Eu poderia ir com você — protestou.

— As pessoas na vila não podem te ver desse jeito. — Seus olhos percorreram seu traje. — Levantará suspeitas.

— Mas... — ela deu uma olhada para Gordon.

— Ele não vai dizer nada — Barrow lhe assegurou, pegando as rédeas de Toshach de sua mão. Ele ergueu Gordon até o lombo de Toshach e então montou na sela, atrás do garoto. — Falarei com você novamente em breve. Amanhã começaremos seu treinamento de verdade.

Sem se despedir, Barrow fez Toshach começar a trotar.

Enquanto eles se afastavam, ela ouviu a voz excitada de Gordon. — Posso ser um cavaleiro também?

Ember montou em Caber e virou o garanhão em direção a Tearmunn, amaldiçoando as ordens de Barrow em voz baixa. Com a boca amarga, ela deu uma olhada para a pilha de alga e espuma. Um brilho prateado capturou seu olhar. Sua adaga. Saltou da montaria, e pegou a arma.

Será que não tinha agido rápido o suficiente ao vir auxiliar Barrow quando ele mais precisava dela? Ember pensou enquanto limpava a lâmina dos restos. Não conseguia evitar sentir como se ele estivesse ansioso para se afastar dela. Que sentia repulsa por seu toque.

Ember guardou sua adaga, montou e impeliu Caber com os pés. Quando o cavalo se lançou em galope, jurou que ainda iria provar seu mérito não só para Barrow, mas para todos os Conatus.

CAPÍTULO II

O CREPÚSCULO PERSEGUIA OS DOIS cavaleiros enquanto eles cavalgavam através dos portões de Tearmunn. Eira descansou a ponta dos dedos contra a janela, observando como os cavalos passavam ao lado dela.

— Tomamos a decisão certa — murmurou. — Nunca devemos nos curvar à vontade dos nobres.

Cian cruzou a sala e olhou por cima do ombro da sua irmã. — Aquele é o Barrow?

— E um dos clérigos — disse Eira. — Barrow levou Lady Morrow para cavalgar hoje. E escutamos do vilarejo que eles salvaram uma criança de um cavalo d'água. Um clérigo foi interrogar o menino, após Ember voltar para o castelo.

— Um kelpie no Lago Duich? — Cian franziu a testa. — Isso é preocupante. E deve ter sido uma surpresa e tanto para Ember em seu primeiro dia fora.

— Ela não parece pior por isso. — Eira sorriu. — Falei com ela no quartel esta tarde. Ouso dizer que parece mais feliz. A garota promete muito.

— Isso não é surpreendente. Quão felizes estávamos depois da nossa primeira luta? Lembro-me de pensar que eu era como uma filha de Morrigan. Imortal e invencível. — Cian virou-se, movendo-se para uma mesa coberta de pergaminhos. — Você já olhou esses?

Eira não tirou os olhos do pátio. — Sim.

— O que você fez dos relatórios? — Cian olhou para a irmã, mas Eira continuou a olhar pela janela. — Eira?

— É como suspeitávamos — disse Eira. — Algo está errado em nosso reino. Os relatórios dos principados alemães são particularmente perturbadores. Por que o súbito aumento dos incidentes?

Cian pegou um pergaminho, desenrolando-o cuidadosamente. — Nós deveríamos enviar uma patrulha para a Floresta Negra. Talvez eles descubram algumas respostas.

Eira estava sorrindo quando enfrentou a irmã. — Certifique-se de que ela vá com eles.

— Lady Morrow? — Cian franziu a testa. — Ela ainda não recebeu sua arma. Nós não podemos mandá-la para o campo.

— Ela deve ir — Eira disse para ela.

— Por quê? — Cian pediu.

Eira cruzou o espaço entre elas, tomando as mãos da irmã. — Essa garota é a chave para nosso futuro. Se ela tem a habilidade que eu acredito que tenha, vai preservar nosso legado entre a Guarda. Se não pudermos garanti-lo, o abade vai fazer seu melhor para impedir as mulheres de servirem como cavaleiros.

Cian suspirou. — Mas ela pode falhar... ou pior. Nós não sabemos o que está causando estes distúrbios. Não podemos mandá-la às cegas contra seus inimigos.

— Você viu quão rápido ela lidou com o revenant — Eira disse. — Sem nenhum treinamento, ela se destacou no julgamento. Possui a força do corpo, o espírito e uma mente rápida. Quanto mais cedo nós a colocarmos no campo, melhor.

Antes que Cian pudesse protestar mais, Eira levantou a mão.

— Vou falar com Lukasz esta noite — Eira disse Cian. — Se ele discordar de mim, eu vou esquecer isso.

Cian cerrou os dentes, mas forçou-se a acenar. Lukasz respeitava Eira — ela tinha sido aquela a trazê-lo dos reinos orientais para se juntar à Tearmunn. Não importava as dúvidas de Lukasz, ele respeitaria a preferência de Eira.

— Não será no jantar — Eira disse. — Eu quero explorar as aldeias até o amanhecer. Se esta escuridão está realmente se mexendo localmente, vai apenas mostrar-se à noite.

Cian agarrou as mãos de Eira apertadas. — Sozinha? Outra vez?

— Se a escuridão está se espalhando no Oeste, em breve vai chegar à nossa costa — disse Eira. — Eu não vou ser apanhada desprevenida. Ao primeiro sinal de que um novo mal chegará aqui, temos que agir contra ele.

— Você é um membro do Círculo agora — disse Cian. — Uma conselheira. Deixe a Guarda patrulhar como é o planejado.

— Ser do Círculo não nos remove da Guarda. Nós só ganhamos mais trabalho em nome de Conatus. — Eira se afastou de Cian, pegando sua capa. — A tarefa de patrulhar é minha se eu escolher. Não vou me esconder atrás dessas paredes, esperando o inimigo atacar nossos portões.

Os ombros de Cian caíram com o conhecimento de que nunca ia vencer esse argumento. — Muito bem. Não seja imprudente. Se você encontrar alguma coisa, relate-o para o Círculo. Não tente lidar com isso sozinha.

Eira jogou um olhar fulminante sobre a irmã, amarrando o cinto da espada, enquanto saía do quarto. Depois que sua irmã se foi, Cian assumiu o posto de Eira na janela. O crepúsculo banhava o pátio em um índigo profundo. Sombras deslizavam sobre o grupo, transformando as formas familiares de funcionários em formas estranhas, à espreita. Cian se afastou da janela com um estremecimento. Eira tinha razão. Algo estava para acontecer – algo que causava um pressentimento cru abaixo de suas costelas. E estava mudando as coisas entre ela e sua irmã.

Quando elas simplesmente estavam lutando com a Guarda, raramente tinham discutido. Desde que tinham sido nomeadas para o Círculo, as diferenças entre as duas tinham crescido cada vez mais. Enquanto Cian queria se preparar para defender e preservar o Conatus, Eira às vezes agia como se quisesse dominá-lo. Ela parecia quase ansiosa para a ameaça que se manifestava.

Cian observava o comportamento da irmã com crescente apreensão, sentindo que a escuridão estava se aproximando não só de lá fora, mas de dentro. Que esta ameaça era real, não tinha dúvidas. A única questão era quando iria estar na sua porta. Ou, como secretamente temia, em quanto tempo iria revelar onde se escondia no meio deles.

CAPÍTULO 12

EMBER ESTAVA SURPRESA POR conseguir se mover. Seu primeiro dia como um dos Guardas a tinha deixado com torções e músculos latejantes, que agora faziam suas reclamações pelo abuso da tarde na forma de dores incessantes. E enquanto o tempo gasto a cavalo tinha sido emocionante, no momento em que deixou a sela, suas coxas tremeram, fazendo-a cambalear de volta para seu quarto. Ela esforçou-se para manter uma conduta agradável durante o jantar.

Mesmo sendo uma novata, Ember podia dizer que o clima nos quartéis era sombrio. Seus companheiros comiam rapidamente, falando muito pouco. Kael e Alistair ainda não haviam retornado de sua missão. Ember estava ansiosa para contar a seu amigo sobre o cavalo d'água e talvez ganhar a sua simpatia sobre a rudez de Barrow com ela. Seu mentor havia retornado ao castelo e se juntou a Ember no jantar, embora parecesse completamente alheio ao humor azedo dela, e quando perguntou a Barrow sobre a ausência deles, ele riu.

— Kael é sempre excessivamente otimista sobre a rapidez com que pode completar uma missão. Eles estarão de volta hoje à noite. Você não precisa temer pelo seu amigo.

Embora quisesse perguntar mais, Ember se endireitou e ficou em silêncio quando Lukasz pairou sobre o ombro de Barrow.

— Eu preciso falar com você — disse o comandante. Ele acenou com a cabeça uma saudação a ela e depois se levantou à espera de Barrow.

Barrow olhou para ela. — Você devia ir para cama. Você vai levantar cedo amanhã e vai ser um longo dia.

Ember sabia que estava sendo dispensada e não se atreveu a discutir. Mas se eriçou em curiosidade, desejando poder relaxar e ouvir a conversa dos guerreiros. Deu boa noite aos homens e fez a caminhada lenta, chocantemente dolorosa para sua cela no segundo andar.

Uma vez enclausurada em sua cela, tirou sua roupa, uma peça de cada vez, estremecendo a cada movimento. Gemeu quando puxou a longa camisola por cima da cabeça e caiu em sua cama. Deitar machucava de um jeito que não

imaginava ser possível. Mas seu corpo estava compassivo quando se entregou à exaustão pura e a levou para fora da consciência.

Não sabia quanto tempo havia passado quando o rangido na porta de sua cela a fez se mexer. Um pequeno som, o barulho suave de pés no chão de pedra, fez sua respiração parar. Algo estava em seu quarto.

Ainda meio agarrada ao atordoamento do sono, Ember lutou contra o pânico. A boca aberta e os olhos vazios do revenant a assombrava.

E se não o tivesse matado? E se tais criaturas não pudessem ser mortas? Ele poderia estar ali agora, em busca de vingança pela dor que tinha infligido nele?

Um cheiro picante encheu o quarto, mas não era o cheiro de carne podre do revenant. Ela obrigou-se a respirar, e forçar pensamentos racionais para fora do aperto do medo.

Ember rolou para fora da cama e estava de pé em um instante. Seus músculos doloridos gritaram em protesto, mas ela segurou seu punhal pra baixo. Sua postura ameaçadora foi recebida por uma risada familiar.

— Você realmente vai me estripar, Em? — Alistair perguntou.

Ember soltou a respiração e colocou o punhal para o lado. — O que você estava pensando? Eu poderia ter te matado.

— Eu não sabia que você estava dormindo com um punhal debaixo do seu travesseiro — disse. — Mas é uma boa ideia. Nunca se sabe.

— Porque você está entrando na minha cela a essa hora? — Ember afundou em sua cama, esticando os músculos doloridos. O movimento repentino de ser acordada e assustada tinha trazido uma nova onda de dores.

— Acabamos de voltar da nossa missão — Alistair se sentou ao seu lado.

— A viagem pra Cornwall? — ela disse amargamente, não convencida de que Kael e Alistair não estavam fazendo uma piada às custas dela.

— Essa mesma — ele disse. — Não está aliviada por me ver vivo?

Ember não mordeu a isca. — Você tem lutado por um ano, não é? Tenho certeza de que pode se manter vivo.

— Estou muito grato por sua fé em mim, Lady Morrow. — Embora estivesse sentado, ele se inclinou em uma reverência zombada.

— O que você está fazendo aqui? — Agora que estava completamente acordada, não podia ignorar seus músculos doendo mais que quando caiu na

cama.

— Eu sei como são os primeiros dias com a Guarda — Alistair disse. — Eu te trouxe uma coisa. — Gavinhas quentes se levantaram da tigela de madeira em forma de xícara em suas mãos.

— O que é isso? — ela perguntou, pegando dele.

— Um elixir infundido com casca de salgueiro e mel — disse. — Não vai tirar toda a dor, mas vai fazer a parte da manhã muito mais suportável.

— Obrigada — ela tomou um gole da mistura. Seu rosto se enrugou com o gosto, mas bebeu mais. Qualquer coisa para aliviar seus membros doloridos valeria a pena.

— É claro — ele disse. — Vai ficar mais fácil. Seu corpo vai aprender a atender todas as exigências que você faz dele.

— Espero que meu corpo não seja um aluno lento — ela riu, fazendo uma careta quando os músculos de seu peito e estômago protestaram.

— Ele tem sido muito duro com você? — Alistair perguntou.

— Não. — disse. — Eu que sou fraca. É culpa do papai. Ele me enfiou em seu castelo para ser uma dama. Barrow tem que me refazer em uma guerreira.

Alistair se aproximou mais dela. — Eu ainda não consigo acreditar que você está sendo treinada por aquele bruto. Eles deviam fazer uma exceção para a sua circunstância.

Ela colocou a tigela pra baixo e se afastou dele. Barrow podia ser severo, mas dificilmente era bruto. Tinha visto a quase felicidade infantil em seu rosto quando eles correram pelo Lago Duich. A única coisa que tinha certeza sobre Barrow era que sabia muito pouco sobre o homem que ele era. Perguntou-se, se alguém sabia.

— Não. — Ember disse. — Essa é a última coisa que eu quero. Barrow é exatamente o treinador que eu preciso. Ele não vai me deixar ser nada menos que a guerreira que preciso ser para sobreviver.

— Desculpa, Em — ele disse rapidamente. — Eu só estou preocupado com você. Não tenho dúvidas quanto a sua habilidade.

— Obrigada.

— E quanto a sua mente? — Alistair perguntou. — O que você aprendeu hoje... você não está com medo?

— É claro que estou com medo — ela disse. — De que o mundo esteja cheio de tanto terror... tanto mal. Mas eu não saberia do perigo e fugiria dele. Que bem isso poderia fazer?

Alistair tocou o rosto dela. — Que espírito. Se você tivesse nascido homem, teria levado exércitos e faria outros homens tremerem.

Ela virou o rosto para longe de sua mão. — Talvez eu ainda faça. Estou aqui, não estou? E, se me falha a memória, não sou a única que precisou ser resgatada do meu teste.

Alistair se calou e Ember amaldiçoou seu próprio temperamento.

— Quem te disse? — Ele perguntou. — Foi Barrow?

— Me desculpe — ela murmurou. — Estou cansada e minha boca faz queixas por causa do meu corpo quebrado. Por favor, esqueça o que eu disse.

Ele riu suavemente, embora houvesse uma borda áspera no som. — Alguma coisa séria, pelo menos? Você distendeu um músculo?

— Acho que não — ela disse, desejando que ele fosse embora para que pudesse deixar o sono levar embora a sua dor.

Ela pulou quando Alistair tocou em seu braço. — Não tenha medo. Eu só quero ter certeza de que não está machucada.

Ember tentou relaxar enquanto os dedos de Alistair sondavam a parte superior do seu braço, ombros e pescoço. Seu toque era suave, mas enviava uma sensação rastejante ao longo de sua pele.

— Eu estou bem — disse, tentando se afastar. — Não tem necessidade disso.

O braço dele deslizou em volta de sua cintura. — Shh. — Sua outra mão estava acariciando o rosto dela.

— Alistair, o que você está fazendo? — Sua pergunta saiu tremendo.

— O que sempre quisemos — ele sussurrou. Então ele a virou em seus braços, pressionando sua boca contra a dela.

Pânico surgiu pelos seus membros. Ela ficou rígida contra ele, mas Alistair não tomou conhecimento. Sua língua empurrou entre os lábios dela.

Ela o empurrou com um silvo. — Pare! — Apesar do choque, manteve a voz baixa. Não tinha ideia do que tinha dado em seu amigo, mas não queria que o resto da Guarda estourasse neles.

— O que há de errado? — Alistair tentou puxá-la contra ele novamente.

— Porque você está fazendo isso? — Ela colocou as mãos contra o peito dele, mantendo-o à distância.

— Você não vê, Em? — Alistair parecia confuso e magoado. — Nós podemos ficar juntos agora.

A pele dela tinha ficado muito fria. — Nós estamos juntos na Guarda. Nós vamos lutar lado a lado.

— E à noite eu vou aquecer sua cama. Vou venerar o seu corpo. — Houve uma exaltação em sua voz que fez o seu estômago contorcer.

— Não — Ember o empurrou, forçando-o a se mover para mais longe dela. — Nossos votos. Padre Michael disse que é tudo o que nos protege da intrusão da Igreja. Do destino dos Templários.

— Os votos não significam nada — ele cuspiu as palavras. — Você não vê? Nós tomamos os votos para pacificar a Igreja e os nobres. Eles não se atrevem a nos desafiar por temerem muito os males que enfrentamos a cada dia, mas eles não sabem o que acontece por trás dessas paredes. Padre Michael mantém os nossos segredos. Ele entende que somos homens. Lutamos contra a escuridão invasora e, em seguida, fazemos o que quisermos.

— Você não pode estar falando sério — disse ela.

A risada dele era tranquila, mas cruel. — Você realmente é tão ingênua assim? Você acredita que homens tão brutais e duros como aqueles na Guarda renunciariam aos prazeres da carne?

Agora Ember achou que ia vomitar.

Ele continuou. — Eles encontram amantes onde vão e onde irão. Os votos apenas nos protegem.

Ember encolheu-se contra a parede. Alistair caminhou em direção a ela. Sua voz tornou-se suave, persuasiva.

— Sinto muito, Em. Não queria assustá-la. Achei que você entenderia. Você não precisa ter medo. Eu estou aqui para te proteger.

Ela não respondeu. Não conseguia. Como suas palavras poderiam ser verdadeiras? E quanto ao aviso do padre Michael? A Guarda simplesmente riria pelas costas do velho padre?

Alistair tirou o cabelo da frente do rosto dela. — Eu não procurei uma amante. Eu esperei por você. Não só esse ano, mas por toda a minha vida. Eu sempre quis você, Ember. Nós pertencemos um ao outro. Você deve saber disso. O

destino nos trouxe tanto para Conatus quanto para Guarda. Como podemos negar o que foi feito para ser?

Ele começou a colocar os braços em volta dela, mas Ember se encolheu.

— Não é por isso que estou aqui — ela disse.

— Em... — Alistair começou.

— Não — ela pegou o punhal da mesa ao lado da cama, segurando-a entre seus corpos. — Eu fui chamada para a Guarda para ser uma guerreira. Não a sua concubina.

Ele olhou para o punhal e depois para ela. — E quanto a nós? Você deve saber que eu te amo desde que éramos crianças. Você não fez nada para desencorajar os meus afetos.

— Saia! — Ember levantou-se, mantendo a adaga apontada para ele. Estava assustada e enfurecida com suas reivindicações. É claro que eles tinham sido próximos quando crianças, mas não sentia nada além de amor fraternal por Alistair. Não podia acreditar que tinha feito qualquer coisa para fazê-lo pensar de outra forma.

— Não faça isso, Em — Alistair disse, mas recuou para a porta. Sua voz ficou suave de novo. — Por favor. Só me escute.

— Me deixe sozinha. — Ela agarrou a adaga com tanta força que sacudiu em sua mão. — Se você valoriza a nossa amizade, você nunca vai falar sobre isso novamente.

Os ombros de Alistair caíram, mas ele calmamente deixou o quarto.

Ember não tinha certeza de quanto tempo ficou ali. O frio da sala subiu por seus membros e o tremor em sua mão logo ultrapassou seu corpo inteiro. Não se importou quando o punhal escorregou de sua mão, caindo no chão de pedra.

CAPÍTULO B

A MANHÃ NÃO FOI tão torturante quanto esperava. Ember olhou para a tigela vazia de chá em sua mesa, estremecendo de culpa com a lembrança do gesto atencioso de Alistair. A culpa foi substituída por frustração e raiva enquanto se lembrava de como ele tinha sido livre com suas mãos. O esmagamento da sua boca na dela tinha machucado seus lábios. Como ele poderia fazer tais presunções sobre seus sentimentos?

Em todos os seus anos juntos ele nunca tentou empurrar o relacionamento deles além da amizade, exceto ao inventar planos ridículos sobre fugir com ela. Ember revirou as suas palavras em sua mente.

Podemos estar juntos agora. O que nós sempre quisemos.

Embora desejasse que não fosse assim, Ember não poderia reclamar que ele nunca tinha levantado essa ideia antes. Alistair constantemente jurava seu afeto por ela. Brincava que eles deveriam se casar. Tinha sua provocação mascarado os verdadeiros desejos do seu coração?

O seu peito apertou. Talvez tivesse sido muito dura com ele. Alistair tinha sido tão fiel, tão querido para ela. Se a amava como havia afirmado, então suas palavras deviam ter ferido seu coração. O seu suspiro foi longo, carregado de cansaço do seu corpo e do seu espírito. Iria tentar consertar qualquer coisa quebrada entre ela e Alistair, mas tinha que fazer isso de uma forma que não o incentivasse. Amava Alistair, mas como um irmão, não como um amante.

Para seu alívio, e surpresa, somente Barrow estava esperando por ela no salão principal do quartel. Sentou-se ao lado dele, feliz, aceitando a tigela de mingau que empurrou na frente dela.

— Onde está todo mundo? — perguntou.

Barrow se recostou na cadeira; linhas de preocupação apareceram nos cantos de seus olhos. — Lukasz convocou uma reunião. Tem alguma novidade.

Ember colocou sua colher para baixo. — Não deveríamos estar lá também?

— Ele discutiu o assunto comigo ontem à noite — ele disse. — Temos outros trabalhos para nos focar hoje.

Ela voltou a comer, seu humor que já estava ruim piorou com a falta de inclusão. Apesar do elogio que tinha recebido após seu julgamento, ainda se

sentia como uma estranha, como se estivesse sendo mantida longe da verdadeira finalidade da Guarda. Levou mais algumas colheradas do mingau à boca e colocou a colher para baixo novamente. Quando se levantou, Barrow franziu a testa.

— Você mal comeu.

— Não estou com fome esta manhã — ela disse.

Ele estudou seu rosto. — Você está doente?

— Não. — Ela evitava encontrar seus olhos. — Apenas ansiosa para começar o dia.

Barrow levantou-se e começou a limpar a mesa. — Se eu conheço Morag, ela vai ter trabalhado sem parar para ter sua arma pronta. Nós vamos primeiro para a ferraria.

Ember não respondeu, simplesmente seguiu Barrow para fora do quartel. Sentia-se inquieta, desgastada pela noite inteira sem dormir após o aparecimento de Alistair e por sua profunda incerteza sobre seu lugar no Conatus. Muitas perguntas sem respostas, muitos segredos sussurrados atrás de portas fechadas.

Quando pisaram no pátio, Ember olhou sobre seu ombro, seu olhar vagando na direção dos estábulos.

Voltou-se com um suspiro, apenas para descobrir que Barrow a observava com um sorriso cúmplice. — Eu não vou mantê-lo longe de você por mais tempo.

Ember devolveu um sorriso forçado. Estava muito perturbada para travar um vínculo com o cavaleiro sobre o amor que eles partilhavam pela equitação. A única pessoa na qual confiava totalmente ali tinha estado fazendo intrigas, manipulando o seu caminho para servir a seus próprios desejos. A confissão de Alistair – não importando quão bem-intencionada fosse – apenas parecia como uma traição. Machucou em seu peito e a fez ficar com aversão a qualquer simpatia que Barrow mostrasse.

Apesar de o sol ter subido há pouco tempo, a ferraria já estava viva com seu ofício. Barrow conduziu Ember, parando apenas quando chegou à forja de Morag. A ferreira estava atizando o fogo.

Cumprimentou Barrow sem olhar. — Bom dia, milorde.

— Morag. — Barrow inclinou-se contra a bancada de trabalho. — Você tem algo para nós?

Morag endireitou-se com um sorriso. — Nada para você, mas algo para a lady.

Ember passou deslizando por Barrow, a curiosidade desbancando seu mau temperamento. O que poderia ter manifestado visões estranhas de duas luas?

De uma prateleira mais baixa da sua bancada Morag retirou dois objetos de couro.

— É uma coisa boa que eu aprendi durante dois anos com um mestre chinês de lâminas. — a ferreira disse enquanto agarrava a alça de uma capa de couro. De dentro da capa apareceu uma arma como nenhuma outra que já tinha visto. Morag estendeu a peça estranha para ela. Seus dedos fecharam em volta do punho e levantou a arma para examiná-la. Ligado ao punho estava um anel de prata brilhante, uma lâmina perfeitamente circular com um diâmetro ligeiramente maior que o rosto dela. Uma lâmina crescente afiada, pontos reluzentes projetados da alça de couro para o centro do anel.

— Duas luas — Ember sussurrou. A arma reluzia na sua mão. Mexeu seu braço para cima e para baixo lentamente, maravilhada de quão natural parecia segurar algo tão estranho para ela.

Barrow pisou mais perto. — Que coisa estranha.

— Nem todo mundo deve lutar com um enorme pedaço de aço. — Morag riu. — Esta arma vai ajudar seus pontos fortes.

— O que é? — Ember perguntou, virando a peça sobre sua superfície brilhante que refletia as chamas pulando na forja.

— Uma variação de uma arma do Extremo Oriente, a roda de vento e fogo. — Morag disse. — Sua visão mostrava uma roda para o combate, uma roda de duas luas.

A ferreira lançou um longo olhar para ela. — Mas suas origens não importam. Esta arma pertence a você, mas ela não irá atendê-la até que você lhe dê um nome.

— Um nome?

Morag assentiu com a cabeça. — O nome invoca o poder da lâmina. Como àquele que vai empunhar a lâmina, o nome deve vir de você, moça.

A ferreira entregou uma segunda mala de couro, idêntica a primeira. — Rodas são desempenhadas em pares. Elas são ferramentas de beleza e devastação. Graciosa e letal.

Ember fechou os olhos. Podia ver a lua cheia e a crescente. Lágrimas de sangue choviam do céu noturno. — *Silêncio e Sofrimento.*

Ouvindo Barrow soltar uma lenta e contínua respiração, Ember olhou para ele e o encontrou concordando com a cabeça.

— Bons nomes — Morag disse solenemente.

Olhando fixamente para a superfície espelhada das lâminas, Ember pensou ter visto um vislumbre das lágrimas carmesim do luar – como se fosse de sua visão capturada dentro do aço.

Ela saiu de seu devaneio, seus olhos estreitando. — Estas são armas do Oriente?

— China. — Morag lhe disse.

— E você seguiu a rota terrestre tão longe? — perguntou. — Como os comerciantes de especiarias fazem?

Morag riu. — Eu não podia gastar tanto tempo. Se eu pegasse uma caravana para o Oriente sempre que precisasse fazer perguntas sobre as armas deles, eu nunca poderia forjar uma lâmina de minha própria autoria.

— Mas você disse que conseguiu criar essas rodas, porque você foi aprendiz lá — Ember disse.

Morag olhou Barrow agudamente. — Ela não sabe?

— Mais tarde — disse Barrow, colocando uma mão no ombro dela. — Vamos dar-lhe uma chance de testar estas lâminas.

— Espere, cavaleiro. — Morag riu. — Vocês estão sempre muito ansiosos para ignorar uma lição em troca de poderem fazer suas lâminas voarem. A menina deve conhecer a nossa magia.

Barrow sorriu com desgosto. — Muito bem. Ensine, Morag.

Com uma fungada, Morag virou-se para ela. — Os votos de Conatus exigem que nos submetamos à vontade desta terra. Nós somos o escudo que empurra de volta a corrupção que iria manchar a criação de Deus.

Ember assentiu e Barrow assumiu a história: — As Cruzadas ensinaram a Igreja que não estamos sozinhos nesta batalha contra a escuridão. Os Templários nasceram para assegurar a Terra Santa para os cristãos. Mas Conatus nasceu dos Templários para um propósito completamente diferente.

— Padre Michael disse que aprendemos com os Sarracenos — disse calmamente. — Que nós compartilhamos nossa sabedoria.

— Nossos inimigos em algum momento na guerra mortal se mostraram nossos aliados quando lutamos contra aquilo que é imortal — disse Barrow. — E nos correspondemos constantemente para aumentar as nossas capacidades.

— Eu entendo o raciocínio por trás dessa cooperação — Ember respondeu — Mas Morag falou de um aprendizado sem uma viagem.

Morag sorriu. — Não sem uma viagem, moça, mas uma viagem diferente da que você imagina. Você foi chamada para a Guarda, mas existem outros dons que ligam os nossos números no Conatus. Os clérigos descobriram alguns dos maiores segredos da terra. Segredos que tornam o impossível possível. Que fazem uma viagem ao Oriente levar apenas um momento em vez de meses.

— Como é possível? — perguntou ofegante.

Barrow deslocou a espada na sua cintura e tossiu.

Morag olhou para ele. — O seu companheiro está ansioso para treiná-la. E agora eu concordarei que você deve ver a magia em ação para verdadeiramente compreendê-la.

Barrow curvou-se profundamente para Morag. — Estamos, como sempre, em débito com sua habilidade. — A ferreira inclinou a cabeça.

— Obrigada — Ember disse, enquanto colocava a primeira roda em sua proteção e descobriu que as duas bolsas, uma espécie de bainha, foram feitas para prender com o cinto. Com as armas penduradas confortavelmente ao seu lado, ela correu para alcançar Barrow, que já tinha feito o seu caminho de volta para o pátio.

Sua irritação borbulhava quando alcançou o passo dele. — O que ela quis dizer?

Barrow não respondeu, apenas andou mais rapidamente na direção dos campos de prática.

— Quando verei esta maravilha? — Ember perguntou. — Vou viajar para o Oriente?

Ele parou, voltando seu olhar duro, sem vacilar. Ele não falou, e um momento depois foi Ember que afastou os olhos.

— Você é uma de nós — Barrow disse em voz baixa. — Mas você está aqui para aprender, não trotar para saciar o seu apetite por viagens. E eu estou aqui para ensiná-la. Confie que eu vou cumprir essa tarefa.

Ember manteve sua cabeça inclinada, quando Barrow continuou seu caminho. Mas depois de alguns passos, ela parou. Não podia ter certeza se era choque ou indignação que cobriu o rosto de Barrow quando percebeu que ela não estava seguindo-o.

— Eu estou aqui para servir. — Obrigou-se a falar com calma. — Mas não para ser guiada por aí, porque minha própria ignorância me cega. Você é meu professor. Você mesmo disse isso. Dê-me o conhecimento que busco.

A testa dele franziu enquanto andava lentamente em direção a ela. Olhou-a de cima para baixo.

— Eu a irritei tanto assim?

Ember piscou confusa, pensando que suas palavras não tinham sido tão duras. Então notou que ele olhava para suas mãos. Inconscientemente mesmo para ela, seus punhos estavam cerrados em seus lados, sem sangue e tremendo. Levou uma quantidade surpreendente de vontade para que liberasse os próprios dedos de sua pose furiosa. Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— Eu... — Ela não queria olhar para Barrow. Esta explosão não tinha nada a ver com ele ou sua impaciência com seu estudo das formas da Guarda. Lágrimas tinham começado a aparecer por baixo de suas pálpebras e as espremeu de modo que nenhuma pudesse escapar.

— Talvez você esteja certa — murmurou Barrow. — Se você tem perguntas, eu vou ouvi-las. Meu desejo era apenas não atrasar a sua formação. Você vai precisar de sua arma mais cedo do que você imagina.

Ember esperava que suas lágrimas tivessem ido embora, quando forçou a abrir os olhos. Estava prestes a pedir desculpas quando Barrow se afastou dela, acenando para que o seguisse. Ele girou, não indo para o campo de prática, mas sim para o estábulo. Seu espírito melhorou com a possibilidade de outro passeio com Caber, mas continuou em silêncio, arrependida de suas palavras precipitadas. Barrow não tinha feito nada para merecer o temperamento infantil dela. Ember teve sorte que ele houvesse tomado seu tom desrespeitoso calmamente. Parte dela queria saber por que não tinha simplesmente a mandado de volta para o quartel com algum castigo para realizar – como esfregar o chão ou, pior, esvaziar todos os penicos.

Em vez de castigo, Ember recebeu o que sentia como uma recompensa para suas queixas. Barrow parecia pensativo, suas únicas palavras para ela

quando chegaram ao estábulo foram: — Apronte sua montaria.

Caber bufou e imediatamente começou a bater seus cascos contra a baia quando a viu se aproximando. Ember tocou com carinho seu suave nariz, rindo quando ele tentou mais uma vez mastigar o anel de tranças que tinha em sua cabeça.

Quando levou o cavalo pelo estábulo, totalmente pronto para o passeio, Barrow estava esperando com Toshach. Ele permaneceu em silêncio enquanto subia na sela, deixando-a adivinhar que deveria fazer o mesmo.

Toshach já se dirigia para as portas em um galope rápido quando Ember montou Caber. O jovem garanhão começou a galopar, impaciente para seguir.

Barrow não olhou para trás para ver se tinha conseguido subir na sela. Ember ainda não tinha o alcançado, quando ele passou pelo portão, o ritmo de Toshach cada vez maior. Quando ele atingiu o fundo do vale e Toshach começou a ir mais rápido, e ela começou a se perguntar se este passeio não era algum tipo de punição depois de tudo, um em que Barrow iria forçá-la a montar sem oferecer qualquer ajuda caso perdesse o controle de Caber. Ember inclinou-se para frente, deixando Caber saltar em uma pista plana. Ele se esticou, fluindo sobre a terra como um vendaval no encalço de Toshach.

O caminho que Barrow tomou foi na direção oposta do passeio do dia anterior. Toshach rasgou através do vale. Logo Tearmunn era uma mancha e o Lago Duich uma sombra à distância. Eles cavalgaram para o leste por uma hora. As nuvens tinham quebrado durante a noite e a luz solar mostrava o vislumbre da primavera. Ember achou o ritmo emocionante, sorrindo enquanto o sol aquecia suas costas e o vento puxava fios de cabelo da sua trança que acariciavam o seu rosto. Caber se deliciava com sua velocidade também, dando um relincho de triunfo, quando finalmente alcançou Toshach.

Barrow ainda não olhou sobre seu ombro, mas a ligeira inclinação de sua cabeça fez Ember sorrir, sabendo que ele estava plenamente consciente de sua proximidade.

Toshach começou a diminuir, primeiro para um trote e depois para uma caminhada enquanto Barrow virava para o sul. Com os cavalos respirando dificilmente, eles começaram a subir a encosta, deixando o vale aberto, entrando sob a cobertura das árvores. Embora não pudesse identificar qualquer caminho, Barrow manteve Toshach em frente. Eles atravessaram os pinheiros densos,

seguindo um caminho tortuoso, mas levando firmemente para cima. Luz solar lutou contra as sombras pesadas das árvores, suas lâminas de ouro periodicamente dividindo a escuridão para marcar seu progresso.

Agora que sua atenção não foi arrebatada pela emoção da força e da velocidade de Caber, Ember encontrou-se à espera de alguma confirmação de Barrow. A floresta ao redor deles estava irritantemente calma. Os pinheiros que os rodeavam cresciam retos e solenes como pilares de um templo. A sua própria respiração parecia alta demais.

Ela estava mordiscando seu lábio, lutando contra o impulso de falar e acalmar a sua ansiedade, quando um novo som chamou sua atenção. No início pensou que era o vento farfalhando através das árvores. Mas o som era mais estável do que a ascensão e queda de rajadas de primavera inconstante. E estava ficando mais alto. Com sua cabeça pendendo para o lado, Ember concentrou-se no ruído, tentando discernir sua origem.

Barrow freou Toshach e desceu. Virou-se para olhá-la pela primeira vez desde que tinham deixado Tearmunn.

— Vamos deixar os cavalos aqui — ele disse. — Não se preocupe. Toshach sabe bem seu lugar. Eles não vão se afastar.

Ele não deu maiores explicações, simplesmente a olhou, esperando. Ember deslizou para fora da sela. Murmurou um ‘obrigada’ a Caber, levando um momento para afagar seu pescoço e transmitir a sua relutância em deixá-lo.

Durante o passeio Ember tinha esquecido as novas adições a seu guarda-roupa, mas agora que estava andando, as rodas batiam ritmicamente contra seus quadris. Sua presença era estranhamente reconfortante, pois ainda não tinha ideia de como utilizá-las. Enquanto seguia Barrow até uma subida suave, o som persistente crescia em intensidade para um rugido silencioso. Ember tinha adivinhado o que era a causa do ruído até o momento que a cachoeira entrou em exibição, mas não estava preparada para a vista que encontrou.

Sua respiração ficou presa quando viu a água límpida cortar as pedras. O fluxo não se lançava de um precipício puro para atacar uma piscina lá embaixo. Em vez disso, a água tinha dividido seu caminho entre as pedras antigas, correndo em três riachos brilhantes como enormes fios de seda de aranha.

Barrow cuidadosamente fez o seu caminho entre as rochas salientes, descendo até chegar ao lugar onde as quedas estabeleciam um estreito fluxo em

seu caminho em direção ao chão. Ele fez uma pausa na borda e, em seguida, acenou para ela acompanhá-lo. Levou apenas alguns passos para entender por que ele tinha tomado tanto tempo na descida. Embora a queda não fosse íngreme, as pedras debaixo dos seus pés eram escorregadias, esperando uma oportunidade para pegá-la fora de guarda e torcer seu tornozelo.

Quando chegou ao lado de Barrow na parte inferior da cachoeira, Ember perguntou: — Por que você me trouxe aqui?

— Você estava distraída e com raiva esta manhã — ele a disse. — Não é uma disposição ideal para o seu primeiro treinamento de ataque.

Ember olhou para longe; mesmo a menção de sua irritabilidade a lembrou de quão irritada estava.

— Na Guarda você verá coisas mais terríveis do que qualquer homem ou mulher devem testemunhar — disse Barrow. — Podem levar à distração... e ao desespero.

Ele estava falando baixinho e com bondade. Uma criança forçada a cortar fora os próprios dedos. As garras do kelpie gotejando lodo enquanto cortavam o manto de Barrow, procurando carne. Barrow pensava que seu humor instável era resultado da luta... do medo e da incerteza. Ember quase riu. Que ela tivesse atacado aquela criatura e ganhado, era uma das únicas coisas que sustentava sua sensação de pertencer a este lugar. Seu coração era a besta que não conseguia domar.

Barrow agachou, colocando a palma da mão na superfície da água. — Ajuda se você puder encontrar um lugar que lhe traga paz. Torná-lo seu próprio e não o compartilhar com ninguém. Ir lá quando precisar de consolo. Se você não pode lutar contra os demônios que tentam conquistar seu espírito, não vai sobreviver entre nós.

— Compartilhar com ninguém? — Ember perguntou com um olhar de soslaio.

— Como sou seu professor, eu fiz uma exceção. — Barrow olhou para ela. — Você vai precisar de tempo para se familiarizar com o vale. Eu encontrei este lugar há muitos anos, pouco depois entrei para a Guarda. Esta inclinação, este riacho – eles são quase tão úteis amigos como Toshach. Você é bem-vinda para vir aqui até encontrar um lugar de sua preferência.

Ember inclinou sua cabeça, olhando-o curiosamente. — Eu tinha um lugar como este em casa. Um lugar onde eu podia me esconder do mundo... apesar de ter sido principalmente para me esconder do meu pai.

— Eu não a culpo por isso. — Ele sorriu. — Eu apreciaria se você não revelasse a qualquer outro na Guarda.

Então ela riu. — Claro que não. Estou honrada que você tenha me trazido aqui.

Avistando uma caída árvore grossa, Ember subiu nela e deixou seus pés pendurados.

— Ember, eu quero que saiba que entre a Guarda você tem amigos — disse Barrow, seus olhos de volta na água. — Nossas vidas são difíceis e nós podemos parecer igualmente difíceis como pessoas. Mas nós vivemos e morremos um pelo outro. Nós somos mais intimamente ligados do que qualquer outro... pelo menos isso é o que eu acho.

Ember sentou-se calmamente. Quando Barrow falou da guarda, foi com intensidade tranquila. Uma pergunta agitou dentro dela, mas era uma que tinha medo de perguntar.

Eles encontram amantes aonde eles vão e quando eles vão.

O que Barrow quis dizer quando invocou os laços da Guarda?

Ela tinha que saber se Alistair tinha entregado suas mentiras na esperança de que fosse influenciá-la.

— Barrow... — Um bolo em sua garganta fez sua voz rachar. Barrow olhou para ela, suas sobrancelhas levantadas em surpresa.

— A Guarda... — Ela deixou cair o seu olhar para o chão da floresta, não querendo encontrar os olhos de Barrow quando fizesse esta pergunta. — Eles são verdadeiramente castos?

Pelos mais longos momentos que pensou que não teria fim, a única resposta que veio foi o balbuciar do ribeiro enquanto ele fazia o seu caminho ao longo da encosta. Em seguida, Barrow começou a rir.

CAPÍTULO 14

EMBER SALTOU DA pedra e encarando Barrow, cruzou os braços sobre seu peito. Ele ainda estava rindo quando ela olhou para ele.

Ela abriu a boca para falar, mas Barrow sacudiu a cabeça.

— Me desculpe, Ember. — Ele tomou um fôlego trêmulo e conseguiu acalmar sua risada. — É só que quando você começou a falar, eu pensei que você estava prestes a confessar algo horrível para mim. Seu rosto não tinha cor alguma.

— Você achou minha pergunta engraçada? — Ember perguntou. — Sinto muito se levei meus votos com algum nível de solenidade.

Um sorriso apareceu e desapareceu da boca de Barrow, mas ele conseguiu não rir novamente. — Claro, você está certa. Você me surpreendeu, isso é tudo.

Apesar de seu clarão de raiva, Ember manteve-se desesperada por uma resposta. — Bem?

— Bem o que? — Ele não se preocupou em lutar contra o seu sorriso neste momento.

Ember bateu seu pé e, em seguida, amaldiçoou-se por bater seu pé porque fez Barrow sorrir.

— Você sabe o que! — Ela deixou escapar.

Seu sorriso desvaneceu-se. — Por que você está perguntando isso?

— Eu ouvi rumores — disse ela sem convicção. — Eu só quero saber se são verdadeiros.

— Você deve ter cuidado com os rumores. Particularmente aqueles sobre quem tem visitado a cama de quem. — Seus olhos cresceram distantes e perderam o brilho das risadas. — Mas a resposta à sua pergunta é: às vezes.

— Às vezes? — Sob seus braços, Ember sentiu sua pulsação acelerando, embora não conseguisse identificar a fonte dos seus nervos.

Barrow deu de ombros. — É uma questão de escolha. A única restrição a relações pessoais é que elas não podem interferir com nosso serviço para a Guarda. E amor é uma coisa interferente por sua natureza, então alguns de nós escolhemos evitar envolvimento completamente.

— É realmente tão simples? — Ember perguntou, franzindo a testa.

— Estudamos as maneiras dos melhores guerreiros deste mundo, para que sejamos capazes de melhorar nossas próprias habilidades. Nossos modelos são os que encontramos na história, não os ditames da Igreja — Barrow disse.

— História?

— Pense nos campeões de Esparta — ele respondeu.

Ember assentiu com a cabeça. — Poucos se comparam.

— Sabemos que eles valorizavam o amor uns pelos outros – fisicamente tanto quanto a lealdade da amizade – e isso não teve nenhuma grande consequência para aqueles em batalha — Barrow disse.

— Mas e o voto? — Ember ficava mais confusa a cada minuto. Tinha sido sua indignação perante Alistair irracional? Se fosse, por que seu estômago ainda doía quando pensava nas palavras dele e sua tentativa de convencê-la a ir para sua cama?

Barrow se levantou, passeando na beira do córrego. — O voto tem o seu lugar. E a maioria da Guarda adere a ele, por razões de segurança.

— Razões de segurança? — Ember seguiu o caminho dele, olhando para a água ondulante.

— Nós podemos lutar com a permissão da Igreja e dos nobres — ele disse. — As restrições que colocamos em nossas vidas para servir a causa nos tornam menos ameaçadores para eles. Ao agirmos pelas regras dos monges, oferecemos-lhes a aparência de servidão.

— Então tudo é uma atuação? — Ember disse amargamente. — O voto não significa nada?

Barrow virou de repente, olhando em seus olhos. — Será que isso significa nada para você?

Ela olhou para ele e balançou lentamente a cabeça. O que tinha desistido, por sua vez concedeu sua liberdade. Pensou nos cascos de Caber e o vento mexendo no cabelo dela.

— Significa tudo — disse.

— Como é para muitos de nós, mas o voto é sobre serviço à ordem, não as escolhas do indivíduo — ele disse. — Eu apenas sugiro que você não julgue aqueles que caíram sob o feitiço do amor, apesar de seus votos. Orgulho é um copo vazio.

Ember corou. O feitiço do amor –isso era o que tinha levado Alistair até ela? Talvez tivesse sido muito dura. Seu choque tinha oprimido qualquer bondade merecida por sua longa amizade.

Barrow a olhava com os olhos apertados. — De novo eu pergunto, Ember, há algo que a incomoda além dos rumores – que são na verdade mais do que rumores – sobre alguns da Guarda?

Ela se encolheu, não querendo incorrer a má vontade de Barrow em direção a Alistair, especialmente agora que estava duvidando de sua reação inicial aos seus avanços.

Ela olhou para Barrow. — E você?

— O que sobre eu? — Ele puxou uma pedra lisa do chão.

— Você tem uma amante? — Ember parou, pensando no seu comentário sobre os espartanos e de repente engasgou. — É Kael?

Barrow deixou cair a pedra. Que bateu na água e afundou rapidamente. — É isso que você acha?

Ember estava preocupada em tê-lo ofendido, mas quando ele a encarou, um canto de sua boca estava mostrando um sorriso.

— Eu não sou amante de Kael, embora eu o ame como um irmão — disse Barrow. — Mesmo que eu admire os espartanos, eu prefiro a companhia das mulheres na minha cama.

Naquele momento Ember queria nada mais do que chutar Barrow na virilha e fugir. Não conseguia entender por que teve tal reação infantil para a conversa calma que tinha instigado. Também não podia suportar o repentino ardor quente nos olhos. Ela se virou, curvando-se para colocar a palma da mão contra a superfície do rio, assim ele não podia ver seu rosto. Barrow continuou, — Eu quero dizer apenas se fosse o caso. Não tenho nenhuma amante.

Ember prendeu a respiração, mas não queria olhar para ele. Ela ainda não entendia por que suas emoções desviavam descontroladamente de um momento para o outro.

— Por que não? — ela perguntou.

— Uma das razões que Kael e alguns outros têm amantes na Guarda é que ele pode ser mantido em segredo. Com mulheres é um risco muito maior — Barrow disse.

— Por quê?

Barrow tossiu. — Porque eu não iria envergonhar uma empregada, dando-lhe um filho bastardo.

— Oh. — Ember corou novamente. É claro que era um risco, e se Barrow fosse pai de uma criança, ele seria provavelmente forçado a sair da Guarda e se casar. Padre Michael tinha falado disso quando ela tinha sido chamada para a Guarda.

— E enquanto algumas mulheres nobres acham flertes com guerreiros uma bem-vinda distração de seus maridos mais velhos, eu não estou lisonjeado por essa oferta. — Barrow mudou a espada em seu quadril.

Apesar de tudo fazer sentido, Ember permaneceu instável. — Você não se importa com o voto? Se você quisesse uma amante, você teria uma?

— Não sei — ele disse, dando-lhe um meio sorriso. — Eu nunca tive que fazer essa escolha. Eu acredito nos votos que fiz. E os honro, mas eu não acredito que o amor é um pecado. Eu mantenho o voto, porque me ajuda estar com foco e força na batalha. Eu simplesmente não invejo a felicidade daqueles que seguem um caminho diferente.

Ember finalmente se levantou, encarando Barrow. Seu coração saltou quando encontrou seus olhos. Para seu desgosto, encontrou-se mais uma vez olhando o movimento dos ângulos duros da mandíbula e do queixo dele, a forma de seus lábios. Não era difícil entender porque mulheres nobres tentaram persuadir este guerreiro em suas camas. O pensamento fez-lhe querer encontrar um novo alvo para sua adaga.

A expressão de Barrow alterou, como se uma nuvem tivesse passado sobre seu rosto. — Se... se tem alguém com quem queira compartilhar sua cama... — Suas palavras estavam no limite. — Sorchia poderia ajudá-la. Há ervas que reduzem a chance de que você ter uma criança.

Ember ficou tão chocada que demorou um momento para responder. — Não!

Sua exclamação trouxe perplexidade aos seus olhos, e ela corou.

— Eu quero dizer... não há ninguém. Isso não é por isso que eu perguntei. — Ela manteve seu olhar sobre a cachoeira, pensando que sua mente se sentia muito parecida com o rio tortuoso.

Depois de um insuportável espaço de silêncio, Barrow limpou sua garganta. — Devemos fazer nosso caminho de volta. Você ainda precisa praticar

com essas armas que Morag fez para você.

Ember ficou grata quando ele virou as costas, porque estava certa que seu próprio choque com a audácia de seu exame e a especulação sobre as pretensas amantes de Barrow estava escrito claramente no rosto. Por que tinha ponderado tais coisas? Como seu mentor, Barrow merecia seu respeito, e ao invés disso, sua mente teceu intrigas dignas apenas de esposas bisbilhoteiras.

Com muita vergonha, Ember manteve sua distância enquanto faziam o escorregadio caminho de volta nas quedas. Barrow assoviou um pouco e um momento depois Toshach e Caber apareceram de dentro das sombras na floresta.

Ember observou enquanto Barrow falava baixinho com seu cavalo e, em seguida, subiu na sela. Ela encolheu-se quando percebeu que ele a estava examinando.

— Eu ainda acredito que você está escondendo algo de mim, Ember — ele disse. — Cada movimento seu mostra preocupação. Se tiver outras perguntas, você deveria perguntá-las antes de voltarmos a Tearmunn.

Ela balançou a cabeça enquanto apertava as rédeas de Caber. — Não é nada.

Ele suspirou. — Eu não vou pressionar você, mas estaria mentindo se não dissesse que estou triste que ainda não ganhei sua confiança.

Com um estalo da língua de Barrow, Toshach iniciou um trote, deixando Ember olhando para ele, assustada por suas palavras. Amaldiçoou sob sua respiração enquanto balançava na sela. Ela incitou Caber em um galope rápido, para alcançá-lo.

— Barrow!

Ele parou na borda da floresta. Toshach parou, bufando e sacudindo as rédeas.

Barrow deu tapinhas no pescoço do garanhão. — O que é? Ele está pronto para uma boa corrida e estou o deixando fazer isso.

Caber tinha sentido a inquietação de Toshach. Ember esforçou-se para mantê-lo quieto.

— Você tem — ela disse com os dentes cerrados. O garanhão era forte, e ele queria levar o controle dela.

— Eu tenho o que? — Barrow levantou uma sobrancelha enquanto observava sua luta para controlar o seu cavalo.

— Minha confiança... gah! — Caber saltou para frente, pulando sobre o pântano. Ele partiu em uma corrida rápida, firmemente agarrando em seus dentes.

Ember se endireitou na sela e arrastou para trás as rédeas. Apesar de lançar toda sua força com o esforço, Caber estava em chamas com seu próprio poder e não deu nenhuma atenção a ela. Ele fugiu em solo encharcado, rasgando a terra em grandes torrões que voavam para fora atrás dele. O vento queimou o seu rosto e fez água em seus olhos, cegando-a. Ela podia ouvir os gritos de Barrow em suas costas e o trovão dos cascos de Toshach enquanto a perseguiu.

Caber correu como se as hordas do inferno o perseguissem. Ember gritou, articulando com o garanhão para ir mais devagar. Ele ignorou-a, mergulhando em um estridente relincho. Desesperada, Ember soltou as rédeas, jogando seu corpo contra o pescoço de Caber. Ela estendeu as mãos, segurando as rédeas de ambos os lados de sua boca e deu-lhe um forte empurrão. No mesmo instante gritou com todo o ar em seus pulmões: — Pare!

Assustado por seu grito e a nova alavancagem sobre o freio, Caber parou abruptamente. Seus cascos deslizaram ao longo do chão molhado enviando um monte de grama e solo em uma cascata em torno deles. Enquanto o cavalo parava, ela não o fez. Ember passou ao longo de seu pescoço e cabeça, caindo no chão de costas. O impacto a fez parar de respirar. Atordoada pelo golpe da terra, não se mexeu, mas olhou acima para o plano céu cinza.

Enquanto esperava o ar encher seus pulmões novamente, ouviu Barrow descer. Maldições saindo da sua boca enquanto ele censurava Caber pela sua corrida para casa. Ember rolou para o seu lado. Sabia que estava machucada, mas não podia sentir nenhuma lesão grave enquanto cautelosamente se sentava. Ela finalmente respirou fundo, apenas para ficar horrorizada que isso tinha entrado e saído como um tremendo soluço.

Lágrimas caíram pelo seu rosto. Ela chorou com raiva, esfregando seus olhos traidores. Primeiro Alistair, e agora tinha feito uma tola de si mesma por deixar Caber correr livremente. Como poderia ser uma guerreira, se ainda não conseguia controlar seu próprio cavalo?

Ember escondeu o rosto nas suas palmas, quando Barrow se aproximou.

— Ember! — Ajoelhou-se ao lado dela. — Você se machucou?

Tentou dizer não, mas tudo o que saiu foi um soluço. O rosto de Barrow empalideceu enquanto procurava por sinais de lesão, e ela continuava chorando – uma bagunça de músculos tremendo e lágrimas salgadas.

Depois de alguns minutos, Barrow se apoiou em seus calcanhares.

— Calma, pequena. — Ele colocou suas mãos sobre os ombros dela. — Não há nenhum dano aqui. Você teve um choque, isso é tudo.

Seu tom suave a fez lamentar e sacudir sua cabeça. — Caber... eu não pude...

Ouvindo seu nome, Caber andou, cheirando-a com uma suave inalação.

— Ele pede desculpas. — Barrow riu. — E não existe nenhuma vergonha nisso. Eu aposto a minha vida que não há nenhum cavaleiro que não deixou um cavalo espirituoso sair debaixo dele. Quando eu estava treinando Toshach, não teve uma noite em que fui para a cama sem contusões. É simplesmente o preço que você paga por encontrar uma montaria que não seja nascido para isso ou um gordo e mimado cavalo.

Embe o olhou com olhos turvos. Fungou, grata por sua consolação, mas horrorizada que tinha caído em pedaços na frente dele.

— Ember. — Ele inclinou-se para perto, falando baixinho. — O que te aflige?

Seu rosto estava gravado com preocupação, e seu olhar questionador finalmente tirou uma confissão dela.

— Alistair... — ela sussurrou.

— O que tem ele? — Barrow manteve seu tom igual, mas seus olhos estreitaram.

Ela contou-lhe tudo sobre a noite anterior. A confissão de amor de Alistair, seu desejo por sua cama, suas reivindicações sobre a liberdade do amor, e até mesmo a luxúria, entre a Guarda. Suas palavras saíram tão rapidamente quanto suas lágrimas. Enquanto falava, ele escutou atentamente, inclinando-se ocasionalmente, mas não a interrompeu ou a questionou. Quando ela finalmente parou e respirou irregularmente, Barrow falou:

— Ele é um covarde e um idiota. — Suas mãos apertadas em punhos, deixando seus dedos pálidos pela falta de sangue.

Ember ficou surpreendida pela fúria fria em sua voz. — Mas Alistair sempre foi meu amigo. Talvez eu tenha feito algo errado com ele... depois de tudo,

você disse que o amor não é pecado.

— Se eu tivesse conhecido a fonte da sua consulta, eu teria escolhido outras palavras — disse Barrow, rangendo os seus dentes. — O amor não é pecado. O que Alistair fez não é amor, só serviu a seus próprios desejos.

Ela enxugou lágrimas remanescentes no seu rosto, aliviada de que já não estava carregando a noite passada dentro de si.

— Se ele te amasse, teria te dito sobre este plano antes de você fazer seus votos — disse Barrow. — Ele devia ter pedido a seu pai para casar com você.

Ember estremeceu. Não queria se casar com Alistair ou qualquer outra pessoa. De repente se perguntou se Alistair tinha escolhido este caminho enganoso para sua cama porque tinha entendido que iria recusar ou pelo menos protestar a qualquer oferta de casamento que ele fizesse.

— Eu vou levar isso para Lukasz. — Barrow a ajudou ficar em pé.

— Por favor, não — ela disse. — Alistair sabe que seus sentimentos não são correspondidos. Ele cometeu um erro, mas não quero que isso lhe custe seu lugar na Guarda.

— Ele não deve ficar impune por esta ofensa — disse Barrow.

— A minha rejeição é punição suficiente. — Ember suspirou, lembrando o olhar quebrado no rosto de Alistair, quando ela o tinha empurrado para longe. Mesmo ainda estando furiosa com ele, também estava com o coração partido por ter sua amizade arruinada. — Ele pode ter mantido seus sentimentos por mim um segredo, mas eu acredito que eles sejam genuínos. Eu já o feri profundamente, recusando-me a ele. Ele era meu amigo, e eu sinto muito por esse dano.

Barrow franziu a testa, mas assentiu com a cabeça. — Se realmente deseja-o, eu vou manter sua confiança. Estou honrado que você compartilhou este segredo comigo.

— Obrigada — Ember disse.

— Mas se ele não respeitar sua escolha... — A voz de Barrow tornou-se perto de um rosnado. — Não deixarei isso passar.

Ela não sabia o que dizer sobre isso. Em vez disso, virou-se para Caber, tendo o seu rosto em suas mãos. — Você não vai roubar o controle de mim novamente.

Ele soprou suavemente contra seu pescoço, e ela acariciou seu nariz.

— Muito bem moça. — A ameaça nas palavras de Barrow tinha dado lugar a uma entusiasmada. — Você está pronta para voltar a correr?

Em resposta Ember subiu em sua sela. Caber torceu a cabeça para olhá-la, passando rapidamente suas orelhas para frente e para trás em questão. Podia simplesmente ser que a corrida tinha saído de seu sistema, mas o olhar do cavalo parecia cheio de preocupação com seu bem-estar.

— Estou bem — ela disse ao cavalo. — Mas sem mais corridas.

— Aye. — Barrow levou Toshach adiante em um galope fácil.

Enquanto eles constantemente fizeram seu caminho para casa, Ember retirou-se em seus pensamentos. Ela observou Barrow se inclinar, para trás enquanto eles correram sobre as colinas, os cavalos carregando seus cavaleiros ao longo em passos suaves, graciosos. Apesar de sua confissão ter vindo como um alívio, ela preocupou-se sobre suas consequências. Barrow diria a Lukasz sobre Alistair apesar de seu pedido?

Por sua parte, Barrow manteve Toshach na liderança em vez de andar ao lado dela ou abrandar para que pudessem conversar. Ele tinha sido gentil com ela hoje em muitos aspectos. A vigilância de seus olhos e suas palavras suaves tinha sido um bálsamo para seu coração distorcido. Mas também julgou seus sentimentos erroneamente. Ele havia falado de clemência, quando chegou à flexão do voto da Guarda para acomodar o amor – mas sua fúria para as ações de Alistair tinham sido repentinas e desenfreadas. Ela não estava certa do que isso significava. Ela forçou seus olhos para longe dele quando percebeu que estava encantada pela forma como o vento batia em seu cabelo e o forte conjunto de seus ombros. Olhando fixamente para sua forma, seu comando fácil de Toshach e o caminho que a névoa deixava listras escuras em seu cabelo castanho enviou um arrepio ao longo de sua pele que serviram para nada a não ser perturbá-la ainda mais. Quando começou a treinar com Barrow, tinha admirado-o, mas o temido. Aquele medo tinha sido corroído lentamente e foi sendo substituído por... o quê?

Ember afastou suas reflexões indesejadas, enquanto os cavalos subiam a colina e avistou a fortaleza. Não importava o mistério das próprias mudanças de seus sentimentos, quando voltasse para o quartel da Guarda já não teria o consolo do tempo a sós com seu mentor. Sua pausa à tarde estava prestes a acabar, deixando-a para retornar a suas funções. E para enfrentar Alistair.

CAPÍTULO IS

Eira e Cian estavam lutando quando o mensageiro chegou, com o rosto vermelho e ofegante. Embora ele estivesse curvado e arfando, as irmãs não pausaram sua luta.

Com um movimento que Eira deveria saber antecipar, Cian fingiu um passo em falso. Eira moveu-se para atacar quando sua irmã pareceu tropeçar, mas enquanto Eira trazia sua espada para baixo, Cian de repente se agachou, saltando com uma curva e caindo atrás de Eira. Usando a dinâmica do balanço de Eira para sua vantagem, Cian mirou um chute na região lombar de Eira, fazendo sua irmã se esparramar.

— Esse truque funciona sempre — Cian ofereceu sua mão à Eira.

— Um dia desses, você vai cair de verdade — Eira disse, levantando-se com um gemido. Embainhando sua espada, voltou sua atenção ao mensageiro, que tinha finalmente recuperado o fôlego. — Quais são as novidades?

— Perdoe-me, Lady Eira. — O mensageiro fez uma profunda reverência. Ele era um pouco mais que um menino, tendo um rosto sujo e uma disposição nervosa. — Mas não tenho certeza, quando a mensagem foi dada... veio de uma fonte desconhecida para mim.

— O que você quer dizer? — Cian perguntou, varrendo sua espada no ar em arcos lentos.

Eira não culpava a irmã por dar apenas metade de sua atenção ao mensageiro. O garoto obviamente era novo em seu posto, e pensou que suas estranhas palavras eram nada mais que um reflexo de sua inexperiência.

Com a face contorcida com preocupação, o mensageiro enfiou a mão no bolso do casaco e retirou um pequeno pedaço de pergaminho.

Eira pegou o papel, o leu, e olhou bruscamente para ele. — Quem te deu isso?

Percebendo a dureza da pergunta da irmã, Cian voltou a espada à sua bainha. — O que há de errado?

— Quem te deu isso? — Eira repetiu, dando um passo ameaçador ao mensageiro.

O garoto levantou as mãos, suplicando. — Minhas desculpas, milady. Ele era um estranho em um manto. Não vi o rosto dele. Eu estava andando na floresta e ele apareceu na estrada, assustando meu cavalo. Eu quase caí da sela.

Ele corou com essa admissão, mas continuou: — A princípio, pensei que era um bandido com a intenção de me roubar, mas ele estendeu este pergaminho e disse: ‘Seus mestres são necessários’. Ele desapareceu na floresta antes que eu pudesse interrogá-lo.

— O que o bilhete diz? — Cian perguntou, vendo a testa franzida de Eira.

Sem palavras, Eira entregou à sua irmã o pergaminho. Três palavras tinham sido riscadas com tinta na superfície do papel:

Dorusduain se foi.

— A aldeia se foi? — Cian franziu as sobrancelhas. — Como pode ser?

— Você investigou essa afirmação? — Eira perguntou ao mensageiro.

Ele abaixou a cabeça. — Não, minha senhora. Perdoe-me, mas sou treinando para ser um escriba, não um guerreiro. Eu estava com medo de ir.

Cian deu um tapinha em seu ombro. — Não foi nada, rapaz. Seria melhor você deixar isso para a Guarda, embora eu ficaria surpresa se isso fosse mais do que uma mentira. Você fez bem em trazer esse bilhete para nós; agora vá e encontre uma refeição.

O garoto sorriu agradecido e saiu correndo em direção à mansão.

— Porque alguém iria brincar sobre o desaparecimento de uma aldeia? — Eira perguntou à Cian. — Se é isso mesmo o que o bilhete significa.

— Eu não sei — Cian respondeu. — Mas isso deve ser falso. Dorusdain é pequena, mas aldeias não desaparecem simplesmente. Acho que devemos dar isto à Lukasz e ele vai mandar uma equipe.

Eira começou a assentir, mas então disse: — Ou nós podemos ir.

Cian riu, mas sua irmã permaneceu impassível.

— Nós devemos ir — Eira disse lentamente. — Agora. Não temos obrigações pelo resto do dia. Dorusdain não é longe. Nós estaríamos de volta não muito tempo depois do anoitecer.

Balançando a cabeça, Cian murmurou: — Isso é trabalho para a Guarda.

— Nós ainda pertencemos à Guarda — Eira rebateu. — Servir no Círculo pode nos tirar do campo, mas isso não significa que não podemos voltar se assim escolhermos.

Quando Cian fixou um olhar duvidoso sobre ela, Eira disse: — Quando foi a última vez que cavalgamos juntas? Não sente falta disso?

— Sinto falta de passar tempo com você — Cian respondeu. — Eu prefiro caçar trolls do que ouvir Thomas discutir o estado da tesouraria.

Eira ofereceu-lhe um leve sorriso. Desde que elas se juntaram ao Círculo, suas horas eram cada vez mais gastas com questões burocráticas e políticas. Eira conhecia sua irmã bem o suficiente para ter certeza de que Cian desejava estar longe da fortaleza e em uma boa luta, tanto quanto ela queria.

Observando a determinação de Cian vacilar, Eira disse: — Se contarmos a Lukasz, é tempo perdido enquanto uma equipe é formada. E se for uma mentira, será um desperdício maior ainda para a Guarda. Nós podemos ir em poucos minutos.

Um sorriso se contorceu pela boca de Cian. — Não é um caminho longo para Dorusdain, não é?

Sem responder, Eira se virou e se dirigiu rapidamente para os estábulos, sabendo que Cian estaria em seus calcanhares. Elas selaram seus cavalos, duas éguas de pelagem como névoa. Seus cavalos eram irmãs também, potros da mesma égua: Geal para Eira, e Liath para Cian. A chegada abrupta das irmãs nos estábulos ganhou alguns olhares curiosos de Ian, o tratador. Ele foi respeitoso – ou cauteloso – o suficiente para se abster de fazer qualquer pergunta.

Logo elas passaram pelos portões de Tearmunn e galoparam seus cavalos. As irmãs não se preocuparam com a estrada principal. Elas passaram anos o suficiente explorando o terreno de Glen Shiel para saber os caminhos dos tropeiros e trilhas de jogos que cortavam o tempo de uma viagem pela metade. Tendo sido enfiados no estábulo enquanto seus cavaleiros estavam na fortaleza, os cavalos estavam ansiosos para correr.

Dando rédea livre à Geal, Eira ponderou que ela e Cian deveriam estar cansadas de correr após todos esses anos. Estiveram correndo desde que eram meninas. No início, elas correram de uma cidade vencida pela praga. Uma cidade cheia de mais de mortos do que vivos, incluindo os seus próprios pais mortos. As irmãs tinham continuado a correr. Elas se lançavam de um lugar para outro,

sabendo que mãos e pés mais rápidos iriam dar a elas uma refeição, lhes poupar do chicote ou de um calabouço. Através da sorte ou do destino, na única vez que Eira e Cian não foram rápidas o suficiente, estavam roubando pães da grande cozinha aberta de um mosteiro. O manuseio descuidado do padeiro com o rosto vermelho e forte que as tinha arrastado antes do mosteiro não as preparou para a simpatia do padre ou sua bondade. Não vendo duas ladras como o padeiro, o abade viu os rostos sujos e roupas esfarrapadas de Eira e Cian como uma oportunidade para a caridade. Ele alimentou as meninas e ofereceu água quente para esfregar meses de sujeira de suas peles, e uma cama para dormir em vez do chão da floresta. No dia seguinte, ele mudou a vida delas para sempre as enviando para servir Conatus.

No Tearmunn, as irmãs ainda corriam, mas com um novo propósito. Agora elas perseguiam monstros – criaturas mais assustadoras do que qualquer uma delas imaginava quando tinham estado amontoadas, com frio e fome, no escuro. Mas Conatus as ensinou a lutar, a não temer as coisas malvadas que viviam no escuro. As irmãs cresceram, ficaram mais fortes e ferozes.

Eira suspirou. A recompensa de um guerreiro depois de duas décadas de batalha não deve ser um lugar em uma mesa onde os ossos doíam e os músculos ficavam fracos como mingau. Reconheceu a honra em ser chamada para o Círculo e a raridade de uma mulher servindo no papel, mas as intermináveis disputas sobre despesas e acomodações ridículas para manter Abbot Crichton feliz tinham se tornado quase insuportável.

Cavalgando para o leste, Eira pensou que podia sentir a pressão das nuvens baixas e inchadas, pesando sobre seus ombros. Acreditava que essa viagem não planejada de observação libertaria sua mente das frustrações. Ao invés disso, ressentimento infiltrou em suas veias. Seus pensamentos se voltaram mais e mais em si mesma com o passar do dia.

No momento em que Eira puxou seu cavalo, Geal, o mau humor impregnou sob sua pele. Quase não conseguiu ouvir o murmúrio de Cian. — Você sente isso?

Situada no contraforte e coberta por floresta, a aldeia de Dorusduain sempre foi tranquila. Mas hoje as irmãs perceberam um silêncio fora do normal. Nenhum som lânguido de vacas sendo ordenhadas ou passos suaves de moradores andando pelo seu dia.

Eira acenou para Cian.

— Algo está errado — Cian empurrou sua montaria para frente. As orelhas de Geal e Liath estavam em pé, alertas e passando rapidamente para trás e para frente. Enquanto elas passavam sob a cobertura de árvores ao longo do pequeno caminho que levava à aldeia, Liath relinchou e empinou.

Segurando na sela, Cian freou a égua e tentou acalmá-la. Geal empinou e bufou, seus olhos rolando descontroladamente, mostrando assim o branco.

Com sussurros suaves, Eira cuidadosamente deslizou das costas de Geal.
— Nós devemos deixá-los aqui.

— E se precisarmos correr? — Cian perguntou enquanto Liah recuava.

— Nossos pés nos levarão de volta para os cavalos rápido o suficiente. — Eira respondeu.

Elas levaram os cavalos ariscos para a borda da floresta, onde os animais se tornaram visivelmente mais calmos. Eira amarrou as éguas numa árvore caída, e as irmãs voltaram ao caminho. Enquanto se moviam sob o dossel da floresta, Eira percebeu que o silêncio não era simplesmente a ausência de barulho humano. Não conseguia detectar o canto de um único pássaro ou o zumbido de um inseto. O ar estava vazio de som. O raspar de aço quando Cian puxou a espada era tão ensurdecedor em contraste com o silêncio em torno delas que fez Eira saltar. Então ela tirou sua espada também.

A escuridão da floresta quebrou quando chegaram ao prado em que a aldeia se agachava. Embora o céu permanecesse nublado, as cabanas de pedra com telhados de palha podiam ter sido banhadas pela luz solar em comparação com as redes de sombra de árvores ao longo do caminho. Apesar da luminosidade do espaço aberto, Eira estremeceu.

A aldeia estava quieta. Nenhuma galinha bicando o terreno pelas sementes, ou insetos. Sem crianças perseguindo uns aos outros ao redor das casas, enquanto suas mães remendavam roupas usadas.

Eira e Cian trocaram um olhar antes de ir mais longe na aldeia.

— Nós devemos verificar as casas — Eira disse. — Eu vou enquanto você fica de guarda

Cian assentiu.

Esquivando-se para a casa mais próxima, enquanto Cian estava de costas para a porta aberta, Eira rastejou para frente. A cabana estava vazia, mas

enquanto ela não teria descrito o que descobriu como sinais de luta, viu o que parecia ser como interrupção. Uma faca estava no chão. A mesa próxima tinha uma fatia de pão apenas parcialmente cortada. Brasas de um fogo para cozinhar ainda brilhavam na lareira.

— Tem alguém aí? — Cian gritou para Eira.

Eira emergiu da cabana, sacudindo a cabeça.

— Vou checar a próxima casa — Cian disse, já em movimento.

Elas se moveram pela aldeia metodicamente, procurando todas as casas em busca de sinais de pessoas ou do que havia acontecido, mas não encontraram nada. Tudo o que restava era evidências de um dia em andamento que tinha simplesmente e de repente parado.

— Onde eles estão? — Eira chutou a sujeira em frustração. Não havia sangue. Nenhum sinal de luta ou cheiro de morte lenta. E Eira sabia bem que a morte era um cheiro que pairava no ar por muito tempo após a sua ocorrência.

Cian virou num círculo lento, inspecionando as casas que tinham vasculhado em vão. — A aldeia se foi.

Eira assentiu à sua irmã, as suas palavras um eco das do mensageiro. — Mas o que isso significa?

— Eu não sei — Cian embainhou sua espada. — Mas não vamos descobrir hoje.

— Você quer ir embora? — Eira franziu as sobrancelhas. — Mas nós não aprendemos nada.

A risada de Cian estava seca. — Nós aprendemos que isso não é uma brincadeira.

— Nós devíamos procurar pela floresta — Eira argumentou. — Procurar por pistas.

— Não — Cian começou a refazer seus passos. — É hora de voltar para Tearmunn. Nós passamos o ponto em que podemos fazer isso sozinhas.

Eira cerrou os dentes, sabendo que Cian estava certa. Mas queria ficar. Para aprofundar ainda mais nesse mistério de uma aldeia silenciosa.

— De qualquer forma, se o Círculo decidir continuar, não vou ficar atrás na próxima missão — Eira estalou.

— Eu não falei que você iria — Cian olhou por cima do ombro e sorriu maliciosamente para Eira. — E eu não disse que estou disposta a ficar para trás

também.

Com uma risada, Eira correu para alcançar sua irmã. Quando chegaram à beira do prado, onde as árvores se inclinam sobre o caminho, Eira olhou de volta para as cabanas silenciosas, observando a fumaça que ainda se esgueirava para o céu das chaminés abandonadas... quando?

— A aldeia se foi — Eira sussurrou para si mesma, mas Cian ouviu a irmã.

— Nós vamos encontrar o motivo disso — Cian disse. — Juntas.

Eira pegou a mão estendida de Cian, apertando com força. — Juntas.

CAPÍTULO 16

EMBORA NO INÍCIO ela tenha apreciado o silêncio de Barrow, enquanto eles cavalgavam de volta, sua expressão de pedra a enervou até o ponto que seu sangue parecia gelo. Nenhuma vez Barrow tinha olhado para ela, nem tinha falado. Quando chegaram aos estábulos, ele latiu ordens para os servos e eles rapidamente assumiram o cuidado dos cavalos fumegantes.

Sem uma palavra ele entrou, deixando-a com nenhuma escolha a não ser segui-lo. Barrow manteve-se caminhando até que chegaram ao campo de prática. Ember sentiu um pico de alívio ao ver que ele estava vazio. Não teria gostado de um público para sua primeira tentativa de luta, particularmente quando estaria enfrentando Barrow. Olhou para ele, observando sua altura, a lâmina maciça, agarrada à sua volta, o amplo conjunto de seus ombros. Ela estremeceu, mas não estava inteiramente certa de que foi o medo a causa para os arrepios em sua pele.

— Lora!

Depois de tanto silêncio, o grito de Barrow a fez pular. Ele levantou a mão em saudação enquanto uma figura vestida com um manto escuro cinza, com capuz aproximou-se deles. O peito dela cedeu um pouco. Teria uma testemunha para o que era certo ser uma humilhação. Quando o estranho os alcançou, suas mãos empurraram para trás o capuz para revelar um rosto com ângulos delicados e uma cabeça de cabelo louro pálido.

— Ember, esta é Lora. — Barrow assentiu com a cabeça para a garota loira. — Se você alguma vez precisar praticar com um parceiro sozinha, ela pode ajudá-la. Raramente ela está longe do campo.

Lora sorriu. — Ficar afastada seria me esquivar do meu dever.

Ember estava confusa pelas palavras de Barrow, alguém certamente não poderia treinar com um parceiro sozinho. Os olhos de Lora foram para ela, então Ember obrigou-se a sorrir para a menina.

— Duvido que esta luta vá oferecer muito entretenimento — ela disse. — Barrow provavelmente poderia me derrubar se ele estivesse vendado.

Lora riu, mas Barrow sacudiu a cabeça. — Você não vai lutar comigo.

Ember olhou para a menina pálida. — Estou lutando com Lora?

— Eu não sou uma lutadora — Lora lhe disse. — Apenas uma simples clériga.

— Como se tal coisa existisse. — Barrow sorriu para ela e a parte de trás do pescoço de Ember ficou quente. Quando falou, uma parte dela sabia que era apenas para interromper a troca deles.

— Se não estou lutando contra você ou ela, então quem é meu adversário?

Barrow deu um passo para trás, fazendo um gesto para Lora seguir adiante. A esbelta menina curvou sua cabeça. Suas palmas descansaram uma contra a outra como se estivesse em oração. Ember deslocou seus pés. Isto era parte da sua prática regular? Devia orar também?

Ela olhou para a Barrow, que não estava orando. Ele ainda estava assistindo Lora. O calor no seu pescoço de Ember chegou ao seu couro cabeludo. Forçou-se a olhar para longe dele e para o chão úmido.

Ela respirou fundo, e deu um passo para trás.

A terra embaixo dos pés descalços da clériga estava borbulhando.

Enquanto Ember assistia, a terra entrou em erupção no chão. A terra esticou para cima em uma coluna mais alta do que Lora. A massa de solo expandindo e contraindo, sua forma mudando enquanto Lora manteve sua pose contemplativa. Membros estouraram fora do bloco de terra. Braços e pernas de lama serpenteavam da protuberância. Mãos com cinco dedos apareceram. Um pescoço. Uma cabeça. Mas sem rosto.

Lora levantou a cabeça e abriu os olhos. A criatura de lama ficou diante dela, como se esperando o seu comando.

— Este é seu adversário — disse Barrow.

Ember olhou para a forma estranha. — O que é isso?

— Simplesmente uma forma formada a partir da terra, a quem eu tenho emprestado temporariamente parte do meu espírito — respondeu Lora. — Ele não tem nome, pois não é um ser vivo. Não muito mais do que uma marionete para todos os fins e propósitos.

Quando Ember virou para Barrow, ele disse: — Eu disse que você enfrentaria horrores por causa de seu chamado, mas também vai testemunhar muitas maravilhas. Esta é a primeira.

— E eu vou lutar com isso? — Ela olhou para o homem de lama – se é que ele poderia ser chamado assim. Seu corpo era reto e faltava definir contornos, não

dando indicação do sexo.

Lora levantou a mão e a criatura se moveu, seus passos um pouco demorados. — Ele irá lutar com você quando eu o comandar. Ele também aprenderá com você. À medida que sua habilidade progredir, assim aumentará as habilidades dele.

— As criaturas da terra são feitas para igualar os adversários quando você começar a lutar, ou se mais tarde você é incapaz de encontrar um parceiro de treino — disse Barrow.

O aço frio de Silêncio e Sofrimento sussurrava para ela quando os deslizou livres de seu estojo de couro.

— Deixe as lâminas falarem com você — Barrow murmurou enquanto Ember e a criatura começaram a circular um ao outro. — Elas foram forjadas para você e apenas você.

O peso das armas em suas mãos era reconfortante. Segurar as alças de couro parecia estranhamente natural. O círculo perfeito e o meio círculo interior das lâminas brilhavam na luz do dia. Seu brilho era sutil, refletindo a qualidade sublime da lâmina. O pensamento enviou formigamentos em seus braços, como se a energia contida dentro das lâminas tivesse infiltrado em sua pele e agora percorresse suas veias.

Ela começou a mover-se, mexendo seus braços para frente e para trás para se acostumarem às rodas. Com cada movimento as lâminas cantarolavam através do ar, cantando sua própria melodia prateada. O som estranho, sedutor começou a liderar os movimentos do seu corpo. Enquanto fluiu sobre a terra úmida, seus braços e pernas tomaram uma dança que era surpreendente e familiar. A criatura de lama espelhou seus movimentos embora ele não tivesse armas. Por trás dele, Ember notou Lora e Barrow observando-a, esperando.

Ember golpeou com seu braço esquerdo, trazendo a lâmina acima e sobre o peito da criatura. Ele desviou e a lâmina assobiou através do ar, errando sua marca.

— Mais uma vez — Barrow comandou.

Ela saltou para frente, desta vez trazendo as duas rodas e cruzando-as em rápidas pinceladas horizontais. As lâminas golpearam, pegando a criatura, onde teria sido a clavícula de um homem e novamente em seu estômago. Não tendo

nenhuma boca, a coisa de lama não gritou, mas a evidência de seus golpes manteve-se nos pedaços de terra faltando do seu corpo.

Lora levantou seus braços e a criatura atirou-se em Ember. Ela esquivou, girando ao redor e atingiu as costas dele com uma série de rápidos ataques com a lâmina.

Com cada troca a criatura se tornava mais agressiva, seus movimentos se transformaram em passos rápidos que combinavam com a dança de Ember. A luta continuou, e Ember ficou surpresa por não estar cansada. Quanto mais tempo lutava contra a criatura de lama, mais ligada ao seu corpo e as lâminas ela se tornava.

Encontrando-se agachada, depois que a coisa tinha dado um chute doloroso em seu estômago, Ember pegou o resto de energia em seu peito, quando ela levantou seus braços para dar um golpe na criatura enquanto estava com a cabeça baixa.

Ember surgiu, voando sobre a criatura. Tirou as lâminas em um movimento incrivelmente rápido que seguiu seu próprio caminho, levantando-se do chão e rasgando através do ar. As rodas surgiram uma após a outra, conectando com o braço da criatura e continuando sem parar. Ember contornou o homem lama, bateu no chão e girou ao redor, pronta para seu próximo ataque.

A criatura não estava se movendo. Ficou encarando-a, mas não se moveu.

Um momento mais tarde Ember viu a razão para sua – ou da Lora – hesitação.

Seu braço estava no chão ao lado dele. Embora a coisa de lama não tivesse olhos, girou a cabeça para olhar seu membro decepado.

— Uh... — Ember olhou para Lora, que calmamente pegou o braço e foi até a criatura de lama. Ele ficou quieto enquanto ela segurava o membro decepado para o coto abaixo de seu ombro. Terra fluiu, puxando a peça de volta para o corpo, e a criatura estava inteira novamente.

Barrow tossiu e Ember podia ouvir sua risada abaixo do som. — Um ponto de instrução.

— Sim? — Ela não queria virar as costas para a coisa de lama. Embora duvidasse que ele tivesse emoções, ainda estava preocupada que ele procuraria a retribuição por cortar seu braço.

— Sua lâmina é afiada o suficiente para decepar qualquer membro — ele disse. — Mas em condições de combate o adversário terá músculos e ossos para enfrentar, o que coloca muito mais resistência do que barro.

Ember assentiu, comprimindo seu aperto no punho da roda.

— E, como regra geral você vai querer matar, não mutilar, seu inimigo — ele continuou. — Se você quer cortar algo fora, mire a cabeça.

Aquilo a fez virar-se, esperando que ele estivesse provocando-a, mas sua expressão era séria.

Vendo sua surpresa, ele disse: — Hesitação vai te matar. — Os olhos de Barrow afastaram-se dela. Foi apenas o som dos pés da criatura esmagando o chão úmido que a avisou que ele tinha dado a Lora algum tipo de sinal silencioso.

Ember girou ao redor para encontrar a coisa de lama deslizando atrás dela. Puxando uma respiração profunda, ela girou, levantando suas lâminas em forma de arco. As rodas bateram sua marca, cortando através do pescoço da criatura. Sua cabeça caiu no chão e um pouco mais tarde seu corpo desabou numa pilha de lama.

Ela ainda estava respirando forte, quando Barrow chegou ao seu lado.

— Você ouve e aprende rapidamente — ele disse. — Muito bem. Acho que você está pronta para mais um desafio. Isso vai ser tudo, Lora. Obrigado.

Lora curvou-se e, após cobrir sua cabeça com o capuz do manto mais uma vez, saiu do campo.

— Coloque suas armas de lado — Barrow disse a ela enquanto desamarrava seu próprio cinto da espada.

Quando ela hesitou, ele disse: — Você continua agindo por instinto, o que é bom. Mas você precisará usar sua mente em uma batalha, como também sua vontade de sobreviver. Até que você faça isso, nós vamos treinar sem armas.

Ela franziu o cenho para ele, o que o fez rir.

— Apenas não quero perder um braço, Ember — ele disse. — Nós testaremos nossas lâminas um contra o outro quando você aprender a se controlar.

O orgulho que sentira depois de decapitar a criatura de lama derreteu. Enquanto ela desapertava o seu cinto, sua confiança vacilou. Barrow estava certo. Pode ter dominado essa coisa que Lora tinha convocado, mas tinha sido nada mais do que uma coisa selvagem – um animal lutando por sua vida.

Ela colocou seu cinto e armas à parte, a exaustão tão desanimadora para ela quanto o peso da lição.

Barrow ficou cara a cara com ela, e Ember se preparou para a próxima rodada de instrução.

Agora que eles estavam tão perto, teve que levantar seu queixo para encontrar seus olhos. Ele era uma cabeça e meia mais alto e parecia com uma estátua. Mesmo se tivesse suas lâminas, duvidava que cortar qualquer um dos membros de Barrow fosse uma tarefa fácil.

— Os clérigos podem invocar criaturas da terra a fim de nos fornecer os parceiros de prática convenientes — ele disse. — Mas são coisas estúpidas e só oferecem desafio limitado.

Ember assentiu, movimentando seus ombros para libertá-los da tensão. Sabia que era apenas uma questão de tempo – provavelmente minutos – antes que estivesse escutando Barrow pedindo para lutar novamente.

— No campo você vai enfrentar criaturas que encarnam a astúcia e o engano — disse. — Eles sempre irão procurar por maneiras de explorar seus pontos fracos. Para ativar suas habilidades contra você. Se você só lançar-se contra esses inimigos, não prevalecerá.

Dedos frios rastrearam sobre a pele de Ember. — Eu entendo.

— Conheça seus pontos fortes e use-os. — Ele olhou-a acima e para baixo. — Me diga como você pode me bater.

Ela olhou para ele, esperando por ele para quebrar em um sorriso a qualquer momento. Ele tinha acabado de palestrar sobre como ela tinha se baseado no instinto para lutar. Ela não tinha nenhuma chance de superar Barrow Hess. Ele tinha que estar brincando. O sorriso que esperava não veio.

— Seus pontos fortes — disse ele novamente.

— Eu... — ele queria uma resposta e ela tinha que encontrar uma. Mas o que ele poderia estar pensando? Estava armada apenas com o punhal cerimonial, que recebeu na noite que foi chamada para a Guarda. Eles estavam em um campo de prática, assim poderia aprender a lutar — mas ainda tinha que ganhar quaisquer habilidades.

Barrow dobrou seus braços sobre seu peito. — Muito bem, então. Comece com minhas fraquezas em vez disso.

— Mas você não tem... — Ember mordeu sua língua, corando quando percebeu que estava prestes a anunciar a sua perfeição.

O fantasma de um sorriso passou sobre o rosto dele.

— Eu quero dizer... como você poderia perder? — ela perguntou enquanto seu pulso mexia ansiosamente.

— Eu raramente perco. — Ele deixou seu sorriso completo aparecer então. Ember olhou para longe, sentindo-se instável e não apenas porque ainda não sabia como lhe responder.

— Esqueça as suas expectativas — ele disse, colocando suas mãos sobre os ombros dela e forçando-a olhar diretamente para ele. — Esqueça tudo o que você sabe sobre mim. Olhe para mim como um corpo – o corpo de um intruso, um inimigo. Seu inimigo.

Ele deu um passo para trás para deixá-la avaliar seu corpo.

— O que você vê? — Ele perguntou.

— Você é alto — disse ela. — Ombros largos. Vejo força.

Ele balançou a cabeça. — Como você derrota a força?

Ela cerrou os dentes, querendo provar-se capaz, mas tudo o que sentia era sua falta de experiência. Não via uma maneira de lutar contra ele e vencer.

— Deixe-me lhe dizer o que eu vejo. — Barrow inclinou sua cabeça, andando ao seu redor em um círculo lento. — Uma menina. Com músculos e pouca gordura, mas ágil. E ela tem fogo nos olhos.

Ele foi atrás dela, quando de repente se lançou à suas costas. Sem pensar, ela mergulhou para o chão, caindo até que se abaixou.

— O que você tem que eu não tenho? — Sua pergunta foi tingida de um riso.

Ele ficou por cima dela enquanto Ember o observava. Ela ainda estava agachada acima como um gato pronto para atacar. Quando ela não respondeu, ele se lançou novamente, os braços estendendo-se em sua direção. Ela aproveitou seus músculos tensos e se lançou sobre ele, empurrando suas costas enquanto ele pulava para ela. Ember caiu no chão e rolou para seus pés, pronta para o próximo ataque, mas foi surpreendida ao ver Barrow deitado de cara no chão.

Ele xingou, se levantando da lama. — Velocidade. Instinto. Isso é o que você tem. Você é ainda mais rápida do que eu pensava – é por isso que eu acabei na sujeira.

Ember ficou aliviada quando ele sorriu para ela.

— Novamente — ele disse, indo em sua direção antes que pudesse levantar sua guarda. Sua única opção era de deitar em seu estômago, rolando na lama para o golpe de Barrow não a atingir.

— O que foi isso? — ela gritou, mas estava rindo quando olhou para baixo e estava coberta de lama.

— Vingança.

Ela riu, mas o som tornou-se um grito quando Barrow correu para ela. Ember tentou sair do caminho, mas não se mexeu rápido o suficiente. Os braços dele agarraram ao redor de suas pernas, arrastando-a de bruços pela lama.

— Lembre-se do que eu lhe disse — disse enquanto ela lutava. — Seus adversários aprendem suas habilidades e ajustam suas táticas.

Ember contorcia-se para se soltar, conseguiu rolar de costas, mas no momento seguinte o corpo de Barrow deitou em cima dela, fixando-a no chão.

— Suas vantagens são a velocidade e a agilidade. — Suas mãos agarraram seu antebraço, mantendo-a pressionada. — Então eu tenho que mantê-la quieta para vencer.

Respirando dificilmente, Ember olhou em seu rosto. Ele estava com a expressão irritante de estar à beira do riso.

— Você deveria estar me ensinando — ela disse. — Não se divertindo.

— Acredito que eu posso fazer ambos. — Ele sorriu.

Ela rangeu os dentes e tentou tanto quanto podia para afastá-lo, mas era como tentar levantar uma rocha.

— Isso, dificilmente é justo. — Ember olhou para ele.

— Isso é parte da lição — ele respondeu, ainda sorrindo. — A maioria das lutas não são justas.

— Tudo bem — disse ela. — Aprendi a lição. Você vai me deixar levantar ou vai me fazer passar a noite na lama?

Quando ele riu, Ember aproveitou sua distração. Ela empurrou forte debaixo dele, fazendo-o perder o equilíbrio. Em vez de se libertar, só conseguiu fazer Barrow cair em cima dela.

— Pontos pelo esforço — ele grunhiu, começando a se ajeitar. — Eu acho que você pode ser parte raposa, Lady Morrow. Você tem a coloração para apoiar minhas suspeitas.

Sustentando-se sobre um cotovelo, ele estendeu a mão para tirar um pouco de cabelo ruivo do seu rosto. Por um momento seus dedos descansaram contra sua bochecha.

— Eu vou tomar isso como um elogio — ela murmurou, tentando recuperar seu fôlego. Havia feito uma tentativa honesta para libertar a si mesma, mas agora não conseguia se concentrar em nada, além do comprimento do corpo do Barrow pressionado contra o dela. Seu rosto estava muito próximo. Podia ver as pontas escuras da barba espreitando para fora em seu queixo e mandíbula.

— Era para ser um — ele disse devagar e ficou muito quieto. Sem aviso, ele empurrou-se e se afastou dela. — Eu acho que isso é suficiente por hoje.

Ember sentou-se, surpresa com sua mudança repentina de humor. Ele ofereceu sua mão para ajudá-la, mas soltou seus dedos no momento em que estava em pé.

— Eu tenho escondido algo de você, e eu não posso continuar a fazê-lo — ele disse.

— O que é? — Ember perguntou com cautela.

— Eu queria que você lutasse então você saberia sua força, suas habilidades inerentes — ele disse. — Você é uma guerreira, Ember, não duvide disso.

— Mas... — ela se preparou, como se esperasse um golpe.

A sobriedade de sua expressão não fez nada para acalmar sua ansiedade crescente. — Você vai para o campo amanhã. Lukasz disse-me ontem à noite.

Ela engoliu em seco. — Amanhã?

— Isso não é tudo. — Barrow suspirou. — Nós estamos investigando o que poderia ser uma séria ameaça na Floresta Negra. É uma expedição de alto risco, assim Lukasz conduzirá a missão ele mesmo. Cinco cavaleiros da Guarda irão acompanhá-lo.

Por um momento ela se sentiu aliviada, por saber que a carga de sua primeira incursão no mundo seria compartilhada. Mas Barrow falou novamente: — Alistair vai estar lá.

O som do nome de Alistair sacudiu através dela.

Barrow colocou a mão em seu ombro. — Você não pode deixar o que se passou entre vocês ser uma distração. Ele cometeu um erro terrível por

sobrecarregar você com o desejo dele. Mas eu não vou deixá-lo pôr você em perigo.

Ember respirou profundamente antes de dizer: — Eu não vou deixá-lo ficar no caminho. Estou aqui para uma finalidade que não tem nada a ver com Alistair. Ele é um membro da Guarda, o que faz dele, meu irmão e amigo. Como você disse, nós vivemos e morremos em pelo outro.

— Muito bem — ele disse, embora com ligeira hesitação. — Quando estivermos no campo, eu quero que você fique perto de mim. Você se provou capaz em combate, mas isso não vai compensar o choque de enfrentar uma besta que quer matar você.

— O revenant queria me matar — Ember rebateu.

Barrow a considerou com calma. — Sim. Ele queria.

Ele pegou o cinturão de espada, estremecendo ligeiramente enquanto fazia. — E eu vou ter os hematomas como testemunha da sua habilidade. Ainda iria beneficiar você assistir e aprender com o resto do grupo. Não se ponha em perigo desnecessariamente.

— Por que eu faria? — Ember lamentou a agudez em sua voz, especialmente quando Barrow deu-lhe um sorriso fino, frio.

— Porque você pode ser uma guerreira natural, mas você é humana — ele disse. — Você vai ficar tentada a mostrar para Alistair. E talvez tentar impressionar Lukasz. Ambas as opções a colocaria em risco... e a todos nós.

Ember curvou sua cabeça, chutando a sujeira quando a vergonha tomou conta dela. Como que este cavaleiro alto poderia olhá-la e ver o coração dela? Cada palavra que ele havia falado era verdade. Ela queria mostrar a Alistair que ela pertencia entre os cavaleiros, que era tanto um guerreiro quanto ele. E queria que Lukasz a visse como uma adição valiosa para a Guarda. Acima de tudo, queria que Barrow não tivesse arrependimentos sobre a escolha de ser seu mentor.

O toque leve Barrow em seu braço a fez levantar o olhar.

— Venha, Ember — ele disse. — É hora de restaurar a força que você gastou hoje.

CAPÍTULO 17

DUAS COISAS TINHAM roubado o sono de Ember. A primeira foi Alistair. Durante toda a noite qualquer som que a lembrasse passos a fazia ficar tensa, uma mão segurando o punhal debaixo de seu travesseiro. Ela não podia continuar assim. Por mais que tivesse falado aquelas palavras para Barrow que o seu compromisso com a Guarda estava além de qualquer rancor e que poderia suportar, temia não poder confirmar isso amanhã.

A adrenalina que aumentou do anoitecer até à primeira luz do amanhecer foi a segunda razão pela qual não tinha descansado. E essa fonte de energia foi o que impedia sua exaustão, apesar da noite de insônia.

Ember vestiu-se e caminhou para o salão principal do quartel. Barrow, Kael e Alistair estavam na mesa da noite anterior. Tomando o caminho covarde, Ember abaixou a cabeça e deslizou para um lugar perto de Sorchia.

A voz profunda de Lukasz ribombou. — Bom dia, Lady Morrow.

— Bom dia, senhor. — Ember disse.

Um criado colocou uma tigela de aveia cozida diante dela. Ela forçou a colher até a boca, apesar de seu estômago não querer comida.

Sorchia largou a colher, olhando-a com uma expressão de incredulidade. — Não é que nos opomos a sua companhia, Lady Morrow. Mas, o costume é que você seja um companheiro constante para o seu mentor até que o seu aprendizado termine.

— Isso não é relevante, Sorchia. — Lukasz disse. — Se Barrow não instruiu Lady Morrow para se juntar a ele nas refeições, então ela pode sentar-se onde quiser.

Sorchia deu de ombros e voltou para sua aveia. Lukasz recostou-se na cadeira, olhando para ela.

— Disseram-me que você se saiu muito bem no campo de prática. — ele disse.

Ember Baixou o olhar. — Lorde Hess lisonjeia-me com o seu louvor.

A risada do comandante parecia o rosnado de um urso. — Barrow não é conhecido por seu modo gracioso! A avaliação justa de sua habilidade é um bom presságio para nós. O que ele disse da nossa missão hoje?

— Só que irei acompanhá-lo — ela disse, ganhando alguma confiança após o pronunciamento de Lukasz sobre a sua aptidão em combate.

— Os outros são usados para encontrar bestas das trevas — disse ele, sorrindo para Sorch, que deu de ombros. — Deixe-me oferecer a você um pouco de iluminação.

Ele voltou seus olhos para ela. — Nossas missões nos levam para muitos lugares. Alguns próximos, alguns distantes. Nós respondemos a rumores de maus presságios. Algumas das missões nos levam a medos infundados. Outros nos colocam contra as manifestações do mal que juramos derrotar.

— O que está acontecendo na Floresta Negra? — Ember perguntou. Imaginou que só uma ameaça muito grave obrigaria a Guarda a fazer uma longa jornada da Escócia para o reino dos príncipes germânicos.

— Pessoas estão desaparecendo — disse ele.

Sorch interrompeu sua refeição para escutar, observando o comandante de perto.

— Foi no mês passado — Lukasz continuou. — No começo apenas alguns aldeões desapareceram. Mas, quando crianças sumiram, os rumores começaram.

— Quantos? — Sorch perguntou.

— Nós não temos certeza — Lukasz disse. — Mas, o bastante para sinalizar a presença de algo sobrenatural na floresta, o suficiente para criar pânico nas aldeias.

Ember agitou a sua aveia, embora a história de Lukasz tornasse a ideia de outra mordida desagradável. — O que pode fazer as pessoas desaparecerem?

Uma expressão azeda atravessou o rosto do comandante. — Criaturas identificadas pela primeira vez em minha terra natal. Nós as chamamos de *striga*.

— *Monstros voadores*? — Sorch torceu sua boca. — Nojento.

— Sim. — Lukasz disse. — E muito perigosos.

— O que eles são? — Ember perguntou.

— Monstros. — Sorch disse. — Monstros que se alimentam de carne humana... especialmente a das crianças.

Lukasz assentiu. — As histórias da minha terra natal dizem que as striga eram mulheres estereis cuja inveja das crianças de outras mulheres transformaram-nas nessas criaturas que comem carne: bruxas e canibais.

— Isso é horrível. — A pele de Ember se arrepiou.

— É — Lukasz disse a ela. — Isso é mais do que óbvio. A tradição acabará por conduzir os povos da floresta a procurarem um culpado.

Sorcha estava balançando a cabeça. — Isso sempre acaba mal.

— Precisamos caçar a striga e eliminá-la. — Lukasz disse para elas. — De acordo com nossas fontes, os rumores começaram a inflamar ao longo das aldeias da floresta. Uma vez que as acusações começam a voar, eles certamente encontrarão uma mulher pobre, ou mais de uma, para queimar como uma bruxa.

— As missões da Guarda são sempre sobre salvar pessoas inocentes desses destinos, e destruir os monstros verdadeiros. — Sorcha disse para ela.

A mente de Ember cambaleou. — Nenhuma das histórias é verdadeira? De bruxas que tem pactos com o diabo?

— Tudo o que aprendemos em Conatus negaria a veracidade da bruxaria, como é vulgarmente entendida. — Lukasz levantou-se. — Os males que enfrentamos não são deste mundo. Sua verdadeira morada está em outro lugar, um lugar mais escuro que ainda está envolto em mistério. Nós fazemos tudo o que podemos para aprender sobre este reino que infesta nosso mundo com suas doenças, mas nossos esforços têm sido em vão.

— E ultimamente as coisas parecem estar piorando. — Sorcha murmurou. Ela olhou para Lukasz. — O que você acha do relatório da Eira e da Cian?

Lukasz balançou a cabeça lentamente. — Eu não apostaria um palpite sobre o que pode ter causado o que elas encontraram. Nós vamos descobrir em breve, no entanto. O Círculo vai enviar outra patrulha para a aldeia assim que tiver concluído essa missão.

— Alguma coisa aconteceu em outra aldeia? — Ember perguntou, notando as profundas linhas de preocupação no rosto do comandante.

— Um vilarejo próximo sumiu. — Sorcha disse a ela. — Dorusduain.

— Desapareceu? — Ember franziu a testa.

— As estruturas permaneceram. — Lukasz respondeu para Ember. — Casas, ferramentas, carrinhos. Mas, todas as coisas vivas que preenchiam a vila desapareceram, de acordo com Cian e Eira.

Observando com atenção o rosto de Ember torcido em perplexidade, Sorcha disse: — Um mensageiro chegou ontem com a notícia de que Dorusduain sumiu. Essa era a única mensagem que carregava, e a fonte da informação ainda não está clara. Eira e Cian encarregaram-se de descobrir se a mensagem dizia a

verdade, e quando voltaram, o Círculo foi questionar o mensageiro na esperança de podermos aprender mais sobre o que aconteceu com o povo de Dorusduain.

Uma espiral de emoção a percorreu com a coragem das irmãs. Que duas mulheres viajassem sozinhas caçando um terror que poderia esvaziar uma aldeia inteira, reforçou o seu espírito. Ember esperava que pudesse reunir a mesma coragem na Floresta Negra.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo comandante ao se levantar da cadeira.

Lukasz levantou a voz para que enchesse o salão. — Aqueles que embarcam na missão de hoje devem reunir-se na cerca do estábulo. Vamos deixar Tearmunn em breve.

Com o salão cheio de som de cavaleiros terminando sua refeição da manhã e movendo-se para os arranjos do dia, Ember foi até a mesa onde Barrow, Kael e Alistair estavam ficando de pé.

— Aqui está ela — Kael saudou calorosamente. — Esses dois alegaram que foi a minha conversa que a manteve afastada esta manhã. Diga que não é verdade, milady.

Ember riu. — Claro que não. Eu queria falar com o comandante.

A testa de Barrow enrugou e Ember rapidamente disse: — Ele me contou sobre a striga.

— Então, é striga. — Alistair disse, e Ember notou que ele evitou fazer contato visual com ela. — Eu pensei que poderia ser o caso quando ouvi sobre os desaparecimentos.

— Um dia desagradável está a nossa frente — Barrow disse. — Nós vamos ter que passar horas em vigilância e esperar que isso apareça.

— Esperar por isso? — Ember franziu a testa. — Não estamos caçando-a?

Kael respondeu a ela: — Elas são chamadas de *monstros voadores* por uma razão. Eu acho que Lukasz espera que encontremos seu poleiro e as peguemos dormindo. Mas, considerando o número de aldeias afetadas, estaremos procurando em uma grande área da floresta. As chances de encontrá-la antes de anoitecer estão contra nós.

— Nós não vamos encontrar nada se perdermos tempo aqui — Barrow disse, e saiu na direção do arsenal. Kael foi logo em seus calcanhares, deixando-a sozinha com Alistair na mesa.

Ela começou a virar quando sua voz a deteve.

— Espere. — ele disse.

O coração dela saltou em sua garganta e ela quase o ignorou, querendo correr atrás de Barrow e Kael.

— Por favor, Ember — ele pediu.

Ember se virou lentamente e encontrou os olhos de Alistair sobre ela, grandes e suplicantes.

— Eu sou um idiota — ele disse.

— Você é. — ela disse, deixando sua língua correr na frente de sua mente.

Alistair empalideceu, mas gaguejou adiante. — Se você escolher me odiar... se deseja amaldiçoar o meu nome, eu não nego o seu direito... mas imploro pela sua misericórdia e o seu perdão.

Ember prendeu a respiração, assustada com a súbita mudança de Alistair. Ela não conseguia se lembrar de uma única vez em sua infância compartilhada que ele tenha pedido desculpas por qualquer coisa. Alistair muitas vezes tinha tomado uma surra de seu pai, ao invés de admitir que estava errado.

— Por favor, Ember. — A voz de Alistair caiu para um sussurro. — Eu gostaria de ser seu amigo.

Soltando a respiração, Ember disse: — Assim como eu gostaria.

— Bom — ele disse com um aceno de cabeça, mas não estava olhando para ela.

Ember seguiu seu olhar e encontrou Barrow esperando no outro lado do salão. Ele estava observando-os.

— Vamos, então — Alistair disse, caminhando em direção a Barrow. Ember o seguiu, e quando o alcançou, Alistair disse: — Eu sinto muito por deter a sua aluna, Barrow. Eu simplesmente queria desejar sorte para uma velha amiga em sua primeira missão.

— Ela não precisa de sorte — Barrow disse.

— É claro. — Alistair passou pelo cavaleiro mais alto para o corredor.

Ember começou a segui-lo, mas Barrow segurou seu cotovelo.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

— Sim — ela disse a verdade. A admissão da ofensa de Alistair havia libertado o nó doloroso que estava amarrado em sua barriga desde o dia anterior.

Barrow olhou dentro dos seus olhos por um momento, em busca de provas

de que ela estivesse falando honestamente, e depois continuou o seu caminho. Ember foi atrás dele em silêncio.

O cercado dos estábulos estava localizado entre o campo de prática e os estábulos. Eles viram Ian que segurava com duas mãos estáveis seis cavalos inquietos, Caber e Toshach entre eles.

Um homem mais velho com uma brilhante cabeça careca, que estava envolto nas mesmas vestes cinzentas usadas por Lora, estava ao lado do comandante da Guarda.

— Quando você estiver pronto, Hamish — Lukasz disse.

Hamish fez uma reverência. — Comandante — ele disse.

De dentro das dobras de seu manto, Hamish tirou duas pontas finas de metal diferentes de tudo que Ember tinha visto. Mais estranho ainda, o careca começou a esfaquear o ar com as pontas. Seus braços atingiram o alto e depois mergulharam para baixo.

Enquanto ele se movia, o ar começou a mudar. Já não era Hamish golpeando o ar; em vez disso ele estava puxando brilhantes fios de luz através do espaço vazio em frente a ele. Os picos moviam-se rápido e mais rápido. Os fios brilhantes trançavam-se, uma camada em cima de outra. Os cavalos começaram a bater as patas na terra, se afastando das fitas de luz que fluíam dos picos de Hamish. Logo, um retângulo, de altura reluzente segurando uma imagem em suas profundezas mais vivas do que uma tapeçaria. Dentro da forma cheia de luz podia ver um declive muito arborizado.

Hamish girou até parar. Ele inclinou-se ofegante. O suor escorria sobre seu couro cabeludo e seu rosto.

Ember tinha dado vários passos para trás.

— O que é isso? — Ela sussurrou mais para si do que para qualquer outra pessoa.

Mas Alistair tinha se aproximado dela. — É assim que nós podemos ir e voltar para a Cornualha em um dia.

— Mas como? — Ela olhou para a imagem cintilante, seu coração golpeando as suas costelas.

— São muitos os mistérios dos clérigos — disse Barrow que se aproximou dela pelo outro lado. Pensou ter notado Barrow atirar para Alistair um olhar de advertência. — Um dos segredos que desvendamos é este: um meio de abrir

portas para lugares distantes.

A respiração dela estava rápida. Seu primeiro encontro com as maravilhas do trabalho com Conatus a tinha fascinado, mas a realidade de sua existência finalmente se estabeleceu em sua mente. Magia. Conatus exercia magia poderosa. Verdadeira magia.

O perigo de sua situação a fez balançar em seus pés. Não tinham Sorch e Lukasz dito apenas que muitos inocentes foram queimados por acusações de bruxaria? E não havia inocência para ser encontrada aqui. Se outros soubessem o que se passava por trás dos muros da fortaleza, com certeza todos eles seriam espetados em estacas e queimados. Isso já havia acontecido com os Templários. O que havia lá para impedir isso de acontecer novamente?

A mão de Barrow estava em seu ombro. Ela o olhou e viu que ele notou o medo em seus olhos.

— O caminho é este — ele disse calmamente. — Mas você é livre para caminhar ou escolher outro caminho.

Enquanto ele falava, Sorch moveu-se para a luz, levando um cavalo castrado, e foi-se embora. Não, não foi... mas estava em um lugar diferente. Através do brilho oscilante Ember podia vê-la de pé perto de um pinheiro alto. Lukasz e sua égua cinzenta foram depois dela, seguidos por Kael e Alistair com suas montarias.

— O que você escolhe? — Barrow disse, permanecendo a seu lado.

Ember passou os dedos sobre Silêncio e Sofrimento, penduradas em bainhas de couro ao seu lado. Ela respondeu-lhe tomando as rédeas de Caber de Ian e caminhando em direção a luz.

Sua pele arrepiou quando passou pelo portal, como se centenas de asas de borboletas roçassem nela, e, em seguida, foram embora. Caber empinou e bufou enquanto se moviam através da luz, mas não deu outros sinais de aflição.

Alistair estava esperando por ela do outro lado do portal. — Incrível, não é? — disse ele.

Eles estavam no meio de pinheiros altos, a cobertura das árvores era muito mais densa do que as de Glen Shiel. Raios de sol lutavam para perfurar o manto de ramos.

— Pode ser real? — Ember murmurou. — Será que estamos realmente na floresta germânica?

— É real. — Quando Barrow respondeu, o portal cheio de luz desapareceu, fazendo-a ofegar. Toshach balançou seu rabo como se nada de extraordinário tivesse acontecido.

— Para onde foi? — perguntou.

— Hamish fechou o portal — Barrow disse. — Deixar os portais abertos exporia Tearmunn à descoberta. A magia que Hamish exerce é rara. Nós encontramos poucas pessoas que podem dominar a arte de tecer portais.

Embora lógica, a sua resposta não diminuiu a principal preocupação dela. — Mas como nós voltaremos? — perguntou.

— O portal vai reabrir aqui amanhã na hora marcada, como é provável que a missão leve a noite toda. — Barrow foi para o lado de Lukasz e Toshach curvou-se para impressionar a égua do comandante, que olhou para o garanhão ansioso com desdém. O comandante estava olhando para a cobertura das árvores, fazendo um lento círculo.

— Isso me faz sentir falta da minha pátria. — Lukasz deu um suspiro melancólico.

Kael balançou na sela de sua égua baia. — Você está imaginando a semelhança. Estamos muito mais perto da França do que da Polônia.

Lukasz lançou-lhe um olhar frio. — Não estrague o meu sonho.

Ember notou apenas a metade dessa troca de palavras. Ainda estava refletindo sobre a notícia de que passaria a noite em uma terra estrangeira, onde monstros que comem carne poderiam estar vivendo nas árvores. Não era uma ideia reconfortante.

— Não se preocupe, Em. — Alistair disse montando em seu cavalo castrado negro como o carvão. — Se encontrarmos logo o striga, podemos passar a noite em uma taberna da aldeia. Os alemães fabricam uma cerveja incrível.

Ember devolveu o sorriso fracamente. Caber cutucou seu ombro, e ela deu um beijo de gratidão em sua crina.

— Pelo menos você está aqui. — murmurou, acariciando o nariz aveludado do garanhão.

Alistair sorriu para ela. — O prazer é meu.

Ela não se incomodou em corrigi-lo, uma vez que comprometeu-se a restaurar a amizade deles.

Quando todos estavam montados, Lukasz freou a sua égua para encarar o

grupo.

— Nosso trabalho será muito menos traiçoeiro na luz do dia — disse ele. — Apesar de também ser menos provável que isso nos traga sucesso. Hamish nos trouxe ao ponto central em torno do qual os desaparecimentos ocorreram. Há uma aldeia diretamente para o leste. Vamos nos espalhar em pares para o oeste, sul e norte. Mantenham-se atentos para evidências da striga – seu covil ou restos de suas presas. Se você encontrar alguma coisa, alerte o resto de nós com um sopro no chifre.

Ember estava prestes a perguntar para Lukasz sobre a última instrução, quando olhou para a sela e achou um pequeno chifre de ébano polido pendurado em um cordão de ouro.

— Se não encontrarmos nada antes do pôr do sol, vamos nos reagrupar aqui e continuar com a nossa caçada. — Sem esperar por uma resposta, Lukasz virou a sua égua cinza e partiu para o sul a galope. Sorcha estalou a língua e seu cavalo castrado partiu seguindo o comandante.

Kael alongou-se preguiçosamente. — Norte ou oeste? — ele perguntou para Alistair.

— Será que isso importa? — Alistair perguntou.

— No norte tem colinas e bosques — Kael disse. — No oeste tem o Reno.

Ember falou. — Eu gostaria de ver o rio.

— Então será como a dama deseja — Kael disse. — Vamos, Alistair.

Os dois homens partiram em um trote.

— Você quer ver o Reno? — Barrow perguntou.

— O rio é o mais próximo que eu imagino que chegarei da França. — Ember disse. — E em breve a minha irmã vai morar lá. Ela está noiva do Conde de La Marche.

— Ela está? — Barrow cutucou Toshach para que ele andasse e Caber ficou do outro lado do garanhão.

Ember assentiu.

— Nosso trabalho nos leva a muitos lugares do mundo — ele disse. — Mesmo a França. Você ainda pode visitar o reino francês.

— Isso pode ser verdade, mas provavelmente eu nunca verei Agnes de novo, e uma vez que tenho a oportunidade, gostaria de pelo menos ter olhado a terra que ela agora chama de lar — ela disse a ele.

— E porque a França? — Barrow perguntou. — Sua irmã não tinha pretendentes perto de casa?

A risada dela foi abrupta. — Ela teve! Na verdade, ele era o irmão mais velho de Alistair, Henry. Eu sempre achei que ela era boba por ter se encantado com ele. Henry é tão impetuoso quanto Alistair. Mas quando meu pai fez o acordo com o conde, Agnes não fez nenhuma objeção. Ele espera que ganhar parentes através do canal trará as terras de lá também. Mesmo que não goste do seu novo marido, Agnes nunca irá desafiar o meu pai.

E eu me pergunto se essa é a causa de sua tristeza, Ember pensou, surpresa com o tempo que tinha levado para considerar essa possibilidade. Ela desejou poder falar com Agnes. Quantos deveres Agnes cumpriu sozinha porque Ember estava consumida por suas próprias preocupações sobre o futuro? Ela não sabia quando poderia descobrir. Não tinha havido nenhuma palavra de sua família desde que deixou Tearmunn.

— Mmmm. — Barrow lançou um olhar de soslaio para ela. — E ele tem planos semelhantes para você?

— Meu pai sempre tem planos. — Ela tocou com os calcanhares em Caber e o garanhão saltou para frente.

CAPÍTULO 18

A PREVISÃO DO COMANDANTE se mostrou certa. Embora Ember e Barrow tenham passado a manhã vagando pela floresta e a tarde viajando ao lado do Reno, não encontraram sinais da striga. E no curso de sua busca assustaram alguns veados e uma camponesa que estava juntando lenha para fogueira, eles tiveram apenas um ao outro como companhia. Nada os chamou de volta.

Quando a neblina do pôr do sol penetrou por entre os pinheiros, Barrow puxou as rédeas de Toshach para o leste.

— Vamos voltar para os outros.

Quando eles atingiram o ponto de origem, o sol já se pusera. Se a lua agraciou o céu noturno, sua luz não era forte o suficiente para mandar para longe a escuridão da floresta. Ember olhou para a escuridão, esperando que em algum momento seus olhos se ajustassem. Não sabia como lutaria se estivesse cega. Seus temores foram ligeiramente aliviados quando Sorcha pegou uma lanterna, que apoiou num pedaço de madeira. A luz da lanterna era quase translúcida, iluminando apenas um pouco das sombras da floresta.

— Então é uma caçada — Kael disse.

— Sim. — Lukasz passou uma mão por sobre seu rosto cansado. — Teremos que fazer isso sair.

— E esperar que esteja com fome — Kael completou.

Sorcha se ajustou na sela e a luz piscou. — Elas estão sempre com fome.

— E isso trabalha a nosso favor essa noite — Lukasz disse, saindo de sua sela. — Deixaremos os cavalos amarrados aqui. A striga não é perigosa para eles.

Kael saltou de sua montaria e sorriu sombriamente. — Carne de cavalo não se compara a carne de humanos.

Barrow fez uma careta quando desmontou. Ember escorregou para fora da sela, inclinando a testa contra o pescoço de Caber e sentindo-se arrependida por estar deixando-o para trás. Quando os cavalos estavam amarrados, os cavaleiros entraram um pouco na floresta e fizeram um círculo apertado.

— Como você propõe que atrairemos a striga? — Alistair perguntou em voz baixa.

Ember não sabia se sussurrar era necessário, mas a escuridão sufocante e o pesado silêncio da Floresta Negra fez com que a fala em tons normais se assemelhasse a gritar.

Kael manteve sua voz tão baixa quanto. — Pensei que seria óbvio. A striga estará procurando por uma refeição.

Barrow assentiu, e a pele dela começou a formigar.

— Os moradores começaram a evitar a floresta após o anoitecer — Lukasz disse. — Nós devemos ser as únicas presas disponíveis essa noite. E com os habitantes da floresta se escondendo em suas casas, *Monstros Voadores* deve estar desesperada por carne fresca.

— Ember é a escolha óbvia — Sorchia disse. — Ela é a menor de nós, e se livrar de suas armas e de seu manto, irá parecer vulnerável.

Alistair se eriçou. — Não estamos usando Lady Morrow como isca. Eu farei isso.

— Eu não estou com medo — Ember protestou, embora tivesse que arrancar as palavras da sua garganta fechada. — Eu posso fazer funcionar com a adaga. Só me diga o que fazer.

— Não — Barrow lhe disse. — Ele está certo. Revenants são inimigos vis, mas uma striga é um verdadeiro monstro feroz e astuto. Sua primeira missão não é uma que você assume um papel tão perigoso.

Lukasz assentiu. — Alistair é uma opção tão boa quanto Ember. Ele pode não fazer o papel de uma mulher desamparada, mas ele pode facilmente parecer um idiota autoconfiante.

— Obrigado comandante — Alistair falou secamente.

Lukasz sorriu para ele. — Se o papel se encaixa...

— É claro. — Alistair soltou o cinto da espada e tirou o colete, entregando ambos para Kael. — Agora o quê?

— Pegue a lanterna e comece a andar para o leste — Lukasz disse para ele. — Nós lhe flanquearemos, mantendo-nos nas sombras. Eu apostaria que a striga estará caçando perto da vila, esperando que possa pegar alguém que pensa que é seguro o suficiente para sair se ficar perto de casa.

Sorchia passou a lanterna para Alistair.

— Mais uma coisa — Lukasz tirou uma adaga de seu cinto, e antes que Alistair tivesse tempo de reagir, o comandante cortou um lado de seu pescoço.

— Que por... — Alistair colocou sua mão por sobre a ferida superficial, mas sangrenta.

— Ela te encontrará mais rápido se puder cheirar o seu sangue — Lukasz disse, limpando sua lâmina.

Alistair afastou sua mão, olhando para o sangue que a manchava. — Maravilha.

— Pare de reclamar — Kael disse. — Você se voluntariou, lembra?

Alistair xingou sob sua respiração, mas levantou a lanterna e se moveu para dentro da floresta. Quando estava a uma pequena distância à frente, Lukasz assinalou para o grupo segui-lo. Kael tomou um lugar diretamente atrás de Alistair enquanto Barrow e Ember andavam para a escuridão do seu lado direito. O Comandante e Sorchia seguiram no lado esquerdo.

Eles seguiram pela floresta. Enquanto ele guiava, Ember continuou perto de Barrow. Ela tomou nota de seus passos colocados cuidadosamente, cada um feito com a intenção de deixar a presença dele em silêncio, não sendo notado. Seu mentor deslizou de árvore em árvore, não deixando evidência de sua passagem. Sua fascinação cresceu enquanto o assistia. Barrow parecia encarnar a calma e a graça, o oposto do que ela sentia. Seu coração batia contra sua caixa torácica e sua pulsação rugia em sua orelha, tão ensurdecadora que ficou preocupada que isso alertaria a striga à sua presença. Seu sangue correu através de suas veias, queimando de medo. Cada ramo curvado, mudança de sombra e cada raiz que se estendia em seu passo, fazia seu pulso acelerar.

Alistair, em comparação, criava barulhos enquanto se movia. Ele bocejou alto e se espreguiçou, chutando galhos enquanto andava. Ember achou difícil não rir de suas palhaçadas. Alistair parecia ser nada mais do que um jovem cheio de confiança passeando pelo bosque a noite.

A tremulação foi tão breve que Ember pensou se não tinha imaginado isso. Barrow parou abruptamente e ela sabia que não tinha sido. Uma sombra tinha passado pela lanterna. Se Alistair tinha percebido isso, não deu nenhuma indicação, apenas continuou seu caminhar alegre sem pausa.

Quando os galhos de um pinheiro rangeram a sua direita, como se curvando-se sobre um peso diferente, Alistair parou. Ele manteve uma calma tranquilidade, preguiçosamente olhando de um lado para outro como faria qualquer pessoa que ouvisse um estranho barulho no escuro.

A striga não fez nenhum barulho enquanto atacava. Isso fluiu por cima das sombras, um formato escuro caindo em direção a Alistar. Quando a criatura estava perto dele, Alistair girou, trazendo a lanterna em volta com um movimento. Ela bateu na Striga, acertando suas costas. A criatura choramingou, seu lamento cheio de surpresa em vez de dor.

Pega no brilho da lanterna, as características da striga ficaram claras e o estômago de Ember torceu com a vista. A coisa tinha a forma semelhante à de um humano, uma pele de couro e da cor de poeira. Suas asas eram pretas e ofuscavam seu corpo.

A striga gritou para Alistar, revelando uma boca cheia de dentes com forma de agulha. Ela cortou o ar com frustração com garras afiadas enquanto pairava diante dele.

Três faixas pratas navegaram em sua visão. A striga arqueou para trás, seu grito agora de dor. Quando ela virou. Viu três adagas projetadas em seus ombros. Kael se apressou para fora das sombras, arremessando outra adaga enquanto ele corria. Lukasz queimou dentro da luz, sua claymore apontando para o céu. Sorchia apareceu em seus calcanhares, brandindo sua espada curta.

A espada de Barrow deslizou para fora da bainha. Silêncio e Sofrimento deslizaram para as mãos de Ember enquanto ela corria atrás de seu mentor para se juntar a luta.

O trabalho já havia sido feito antes dela alcançar os outros. A quarta e quinta adaga de Kael tinha voado e rasgado a asa esquerda da striga, a tornando inútil. A striga guinchou e caiu no chão da floresta. Antes de poder se endireitar, Lukasz estava nela. Com as duas mãos agarrando o punho de sua claymore ele trouxe a ponta da lâmina para baixo, perfurando o peito da striga. A criatura alada deu uma guinada violenta. Sangue jorrou de sua boca e então ela ficou imóvel.

Isso foi uma vitória, rápida e brutal. Mas uma vitória.

Mesmo que não tivesse participado da morte da criatura, Ember sentiu um rebuliço orgulho de quão fácil seus companheiros tinham alcançado o objetivo da noite. Com um pouco de arrependimento, deslizou suas lâminas de volta para suas capas.

— Reúnam gravetos — Lukasz disse, apontando sua espada livre para o cadáver. — Nós iremos queimar o corpo e seguir nosso caminho.

— Nós podemos passar o resto da noite na taverna? — Alistair perguntou para Lukasz. — Nós estamos no caminho da vila.

Lukasz riu. — Talvez você ganhe uma bebida.

— Eu mereço dez bebidas — Alistair disse.

Ember devia se sentir aliviada, mas o pelo em seu pescoço ainda estava em pé. Alistair tinha apoiado o cano da lanterna contra o chão e estava apoiado contra isso, um sorriso cansado fixo em seu rosto. Ele tinha sido muito corajoso, e sua coragem a fez imaginar se não tinha julgado ele muito duramente. Sob sua fanfarronice havia força e dedicação.

No escuro, atrás de Alistair e da luz da lanterna, alguma coisa se moveu.

Ela quase não conseguiu ver nas sombras, mas alguma coisa estava ali. A criatura rastejou para baixo do tronco da árvore com a cabeça erguida, garras cavando a casca, suas asas dobrando como uma capa sobre suas costas.

Outra striga.

— Alguma coisa está errada — Ember se virou ao ouvir a voz alarmada de Lukasz.

Em sua esquerda e direita, sons farfalhados passavam através dos galhos altos, seguidos por uma brisa não natural. Vento criado pelo bater de asas.

Atrás dela Barrow sussurrou: — Isso não é possível.

O barulho crescia. Sussurros gentis transformados em ventos violentos que carregavam a promessa de um vendaval.

Sorcha espreitou pela copa das árvores. — Não. Não pode ser. Lukasz?

— Não estava sozinha. — Lukasz soltou um monte de palavrões antes de gritar: — Preparem suas armas!

— Não saia do meu lado — disse Barrow. E embora tenha ouvido seu comando, não tinha pensamentos além de Alistair e das strigas que ninguém mais havia visto.

A criatura deslizou para baixo e se camuflou contra a casca de uma árvore. Alistair estava alerta, mas além da lanterna ele estava desarmado. A striga atrás dele levantou sua cabeça, olhando para suas costas desprotegidas. Ember gritou o nome de Alistair enquanto a criatura se lançava na direção dele. Alistair olhou para ela em confusão quando ela se jogou nele. Seu corpo se chocou contra o dele, levando os dois para o chão. Mas Ember aterrissou sobre Alistair e foi sua carne que a striga encontrou. Ela engasgou quando as garras

rasgavam seu pesado manto de lã. Ela contorceu-se desesperada para sair para do alcance da Striga, arrancou o manto. A besta não tinha intenção de deixar sua presa escapar, e imediatamente atacou novamente. Dessa vez as garras afundaram profundamente em seus ombros. Ember gritou quando a carne e os músculos de suas costas se partiram.

Ao redor dela, gritos de confusão e pânico se elevaram de seus companheiros.

Lukasz gritou: — Para mim! Não lhes dê as costas. Formem um círculo aqui!

Em sua visão periférica pegou vislumbres de outra striga saindo das árvores, caindo sobre os cavaleiros. Dois, três, quarto, cinco... as sombras da floresta tornaram-se vivas, lançando-se em seus amigos. Um grito triunfante fez seus ouvidos doerem. Ember se preparou para mais um golpe da striga que a agarrou, mas ao invés disso enterrou suas garras mais profundamente nela e começou a bater as asas. Ember grunhiu de dor, enquanto a striga a elevava do chão pelas longas garras de seus pés.

Alistair gritou, pulando e tentando alcançá-la. Mas a besta já havia se elevado para o topo das árvores.

— Não a deixe fugir! — Sorchia gritou. — Kael, onde estão suas adagas? Traga isso para baixo!

Ember escutou algo vir silvando pelo ar da noite, mas a striga fez zig-zag em seu caminho de voo, evitando o ataque. Ela virou sua cabeça. O brilho da lanterna estava sumindo enquanto as pontas de pinheiros se fechavam sobre o resto da Guarda.

A voz de Barrow a seguiu: — Lute com a besta, Ember! Se liberte e eu vou te encontrar!

A visão de Ember nublou e ela lutou contra a inconsciência enquanto a dor ameaçou dominá-la. A striga estava levando-a para longe dos outros, em direção ao sul, enquanto voava mais e mais rápido. Ela não entendia o porquê, se a criatura queria comê-la sem distração ou se pensou que sua presa era mais fácil, enquanto seus companheiros estavam mais propensos a lutar, Ember sabia que tinha de se libertar, no entanto parecia impossível.

Suas armas ainda pairavam em seus lados. Ela apertou os dentes, e envolveu seus dedos ao redor das alças, embora ela não soubesse ao certo se

seria capaz de levantar os braços, ou se faria ainda mais danos se ela os movesse, possivelmente irreparáveis. O que sabia era que ela teria apenas uma oportunidade para atacar.

Respirando fundo, Ember reuniu toda a sua força e forçou os braços a balançar para cima em um arco rápido. Ela gritou enquanto seus braços cruzaram na frente do seu rosto e as lâminas atingiram a criatura. Com um grito de agonia tanto quanto um grito de guerra, Ember sentiu os músculos rasgando com o aperto da striga.

A striga gritou e depois gemeu quando sua barriga se abriu. Visceras derramaram, chovendo sangue na cabeça e nos ombros de Ember antes deslizarem sobre seu corpo e cair no chão da floresta. A besta mergulhou do céu. Seu domínio sobre Ember diminuiu até que a soltou.

A criatura, desprovida de sua vida, ficou em silêncio, enquanto caía. Mas Ember gritou quando o chão correu ao seu encontro.

CAPÍTULO 19

O FRIO TROUXE Ember de volta para o mundo. Seu corpo tremia e a dor acumulou em seus ombros, braços e costas. Ela empurrou-se sobre suas mãos e joelhos. A striga estava deitada ao lado dela, sua barriga dividida exposta para o céu da noite. Ember começou a vomitar, as câibras no estômago eram quase tão dolorosas quanto as feridas nas costas. Embora se mover fosse uma agonia, ela se arrastou pelo chão da floresta para longe da striga morta. Suas mãos encontraram a alça de couro de uma de suas rodas. Ela tateou no escuro até encontrar a outra, forçando a bile de volta, imaginando como poderia facilmente ter aterrissado em cima de uma das lâminas, derramando suas próprias entranhas apenas momentos depois de ter lançado fora as da striga.

Sem ter ideia de onde estava, Ember não sabia para onde ir, apenas não podia suportar ficar perto do cadáver da striga. Sua presença era repulsiva e alguma parte ainda racional da sua mente advertiu que a carne podre poderia atrair predadores... ou outra striga. Ela se arrastou até que não pode mais suportar a dor, em seguida, caiu no chão, tremendo de frio e cansaço. Sua capa foi embora, seu manto e túnica desfiaram, deixando sua pele nua exposta ao ar frio.

Para onde a besta a levou? Estava longe? E porque a levou para longe dos outros?

Ela sabia que deveria tentar levantar-se e encontrar alguma forma de identificar o local ou pelo menos torná-lo identificável a qualquer um procurando por ela. Se alguém estivesse.

A floresta não ofereceu pistas, somente um silêncio assustador. Ela não podia ouvir sons de seus companheiros ou de batalha. Quantas criaturas tinham caído sobre eles? Ember pensou ter visto seis ou sete. O suficiente para subjugar os guerreiros. E se eles estivessem todos mortos? E se uma striga restante viesse pegá-la?

Ondas de exaustão atingiram Ember quando tentou se ajoelhar e deslizou suas rodas de volta para suas capas. Suas panturrilhas vacilaram quando começou a se levantar, depois de apenas alguns minutos. Ela caiu sobre seu estômago e depois rolou para o lado, enrolando-se em uma bola na esperança de

economizar um pouco do calor fugaz em seu corpo. Uma visão negra de inconsciência ameaçou atirá-la de volta as profundezas. Ember forçou seus olhos a permanecer abertos, sabendo que se não resistisse à escuridão poderia não acordar novamente. Apesar das suas feridas e da dormência nos seus membros, Ela sabia que deveria lutar para seu corpo não sucumbir ao frio e ao cansaço.

Embora tenha sido puro tormento, ela deixou sua mente focar em suas feridas, pois isso a manteve acordada. Se começasse a ficar dormente, só tinha de mover seu braço ou ombro e o choque da dor a traria de volta à noite gélida e ao seu corpo quebrado. Conforme o tempo passou, até mesmo essa tática começou a falhar.

Ela estava entrando e saindo da consciência quando ouviu: o baque suave de cascos contra o solo. No início, acreditou que era um sonho trazido pela esperança desesperada, mas o grito alto, seguido de um relincho terrível e o barulho do recuo de um cavalo, foi repentino e próximo.

Um momento depois ela ouviu Barrow chamar: — Ember! Ember, onde você está?

Barrow e Toshach dever ter deparado com o cadáver do striga, o que provavelmente assustou o cavalo.

Ela tentou gritar, mas só um coaxar escapou da sua garganta. Um longo gemido de dor veio quando tentou rastejar em direção aos sons.

O som de cascos estava perto agora e Ember começou a arrastar-se pelo chão. Uma forma alta emergiu da floresta. Pintados em trevas, cavalo e cavaleiro se fundiram em uma única forma e se fosse uma criança perdida, Ember poderia pensar que encontrara um centauro.

A imagem se quebrou quando Barrow pulou para fora da sela e veio para o lado dela.

— Você matou a striga. — A voz dele estava abafada. — Isso é notável. Você está muito ferida?

Ela não podia responder. Qualquer força restante foi gasta na curta distância que rastejou. Esgotamento e dor a empurraram de volta para a terra.

— Sinto muito, Ember, mas eu tenho que ver as feridas — ele disse.

Ela nem sequer teve vontade de protestar ou gritar quando Barrow a rolou sobre o seu estômago. Fez uma choradeira, no entanto, quando ele desgrudou os restos esfarrapados do seu manto e túnica. Sangue fresco tinha colado o pano em

sua pele. Ela sentiu o calor do fluxo de sangue fresco em suas costas.

Barrow xingou. — Elas parecem profundas, mas eu vou tentar curá-las o melhor que eu puder.

Ele desapareceu do seu lado e logo ouviu o rasgo de um pano. Quando ele voltou, a ajudou a sentar-se, então enrolou longas tiras de tecido em volta de seu corpo, cobrindo a parte superior das costas e ombros.

A dor era tão horrível que Ember mal podia ficar de pé. Seu corpo estava tremendo e a noite ganhou estranhas cores flutuantes que se erguiam como a névoa enquanto olhava para a escuridão.

— É um trabalho ruim — ele murmurou. — Mas é o melhor que eu posso fazer.

Ele a deixou novamente e logo outra cadeia de maldições flutuou pelo ar da noite. Quando voltou para ela, Barrow disse: — O destino é cruel, eu encontrei você, mas a corneta está desaparecida. Eu não posso chamar os outros para nós e não quero que você se mova até que haja luz para nos guiar.

Ember não respondeu. Não podia. Simplesmente deixou seu corpo cair para o chão como era a vontade dele. Ela ouviu seu mentor sussurrar para si mesmo.

— Droga! Ela vai morrer congelada antes do amanhecer.

O que aconteceu depois só veio a ela em pedaços. O som de uma cilha sendo desprendida. O suave, curioso relincho de Toshach por perto.

O tom da voz de Barrow era gentil quando ele falou com o cavalo.

Ela estava vagamente consciente do calor repentino e bem-vindo do corpo enorme do garanhão no chão ao lado dela e da sua própria forma cuidadosamente empurrada contra o lado de Toshach.

— Não pense em mim como um bastardo, Ember. — Barrow estendeu-se ao seu lado, no lado oposto de Toshach. — Se você não for mantida quente, não poderá ver a manhã.

Ele se aproximou, seu corpo pressionado contra o dela, seu manto cobrindo-os.

— Mantenha-se forte. — Ele respirou no topo de seu cabelo. — A alvorada trará ajuda para nós. Eu juro.

Através da névoa de dor Ember sorriu levemente. Parte dela acreditava que não tinha nenhuma chance de ver o amanhã como Barrow prometeu. Mas

pelo menos não iria morrer sozinha.

A manhã chegou, e em sua primeira luz pálida, os olhos dela se abriram. Sentia-se miserável, com o estômago revoltado e ainda tonta, mas sua mente estava clara de uma forma que não tinha estado na noite anterior. Pelo menos estava quente. Com uma respiração brusca, ela se tornou consciente da causa para o único conforto de seu corpo. Barrow ainda dormia. Seus lábios estavam entreabertos e sua respiração constante era pacífica.

Ember observou seu rosto, encantada com a oportunidade de observar o guerreiro tão de perto sem o seu conhecimento. Sua respiração acelerou durante o tempo que olhou para ele, imitando o pulso irregular.

Ela nunca tinha estado tão perto de um homem, nem mesmo seu pai, que considerava o carinho para com suas filhas como mimos tolos. Dobrada contra o peito de Barrow, Ember respirou seu cheiro de terra e pinho misturado com o suor e o calor da pele. O calor de seu corpo reteve o frio da manhã na baía. Incapaz de resistir, ela estendeu a mão e tocou a pele nua onde a camisa de Barrow estava aberta no pescoço. Seus dedos acariciaram o oco acima de sua clavícula e deslizaram para baixo até que pôde sentir o aumento dos músculos do peito. Suas mãos tremiam, mas não queria parar. Ele estava tão quente.

Os olhos de Barrow se abriram e de repente ele estava a segurando em seus braços. Ela ficou preocupada ao continuar em seus braços sem acordá-lo, e indo tão longe a ponto de tocá-lo, tinha ganhado seu desgosto, mas Barrow não estava olhando para ela.

— Fique quieta. — Ele sussurrou. Ele se virou e seu olhar varreu a floresta.

Ela ouviu então. Um farfalhar de tecido seguido por um murmúrio triste.

— Você pode se mover? — Barrow perguntou em voz baixa.

Ember testou seus ombros, estremecendo com a dor aguda nas costas, que respondeu ao movimento. Mas não era insuportável. Ela assentiu com a cabeça.

— Eu ajudo você a subir em Toshach — ele disse.

Ele ergueu seu corpo com cuidado sobre o cavalo.

Toshach mexeu suas orelhas, virando a cabeça para olhar para o seu novo condutor.

— Devagar — disse Barrow ao garanhão, e Ember tocou em sua crina quando ele balançou a cabeça.

Barrow acariciou o nariz de Toshach, sussurrando muito baixo para Ember ouvir.

Ele se virou e sacou a espada. Toshach seguiu Barrow e com passos silenciosos entre as árvores. Quando Barrow fez uma pausa, ela olhou para o outro lado do pescoço do cavalo.

O corpo da striga lhe chamou a atenção em primeiro lugar. É claro que ainda estaria nas proximidades, embora mal se lembrasse de se afastar dele no escuro. A visão da coisa à luz do dia era mais terrível do que seus vislumbres na noite anterior. Desprovido de vida, tinha uma aparência ressecada, oco e sua boca estava aberta, fixa em um grito de morte final dolorosa, algo como uma fome que nunca poderia ser saciada. O murmúrio veio de novo, atraindo os olhos dela para a direita.

Uma figura estava debruçada sobre o cadáver do striga. A cabeça estava levantada e viu que era um homem velho. Ele se levantou, revelando um corpo de ossos finos, coberto por roupas esfarrapadas. Seu cabelo branco tinha longos fios ensebados em torno de seu rosto. Quando ele olhou para Barrow, não pareceu surpreso ou com medo da aproximação de um cavaleiro armado com uma espada.

Em vez disso, ele olhou para o corpo novamente e suspirou. — Você não tinha que matá-la.

Para seu crédito, Barrow levou normalmente o comentário estranho, bem como o fato surpreendente de que ele tinha falado em Inglês. — Eu vou ter que discordar de você.

— Ela só tentou levá-la para mim. — O velho disse a ele. — Como foi ordenado a ela.

— E os outros? — Barrow manteve a espada em riste. — Eles estavam esperando para nos levar para outro lugar também? Se assim for, os vossos animais transmitiram tal intenção de forma errada.

Uma gargalhada rouca escapou da garganta do velho. — Meus servos devem comer. Eu não posso proibi-los de alimentar-se. Eu só precisava de um ou dois de vocês.

Ember observou o punho de Barrow apertar em torno do seu sabre. — Eu vejo.

— E os outros com quem você lutou? — O homem perguntou com uma expressão de dor. — Estão mortos também?

Barrow assentiu. — Como é que você veio a esta floresta? — Perguntou ele. — Dê-me o seu nome.

— Meu nome não importa. — O homem mostrou para Barrow um sorriso desdentado. — Ele não significou nada para mim ou para o mundo por muitos anos.

— Por que isso? — Barrow perguntou.

O sorriso do velho desapareceu. Apertando os olhos, ele inclinou a cabeça e olhou para Barrow por um longo tempo sem falar.

— Você não é o único — disse ele.

Quando seus olhos pousaram em Ember, ela se agarrou ao pescoço de Toshach, pressionando-se sobre o cavalo. Os olhos do velho eram muito mais jovens do que o seu corpo e preenchidos com um fogo frio que a fez estremecer.

— Nem ela — disse ele.

— Como é que você convocou tantas strigas? — Barrow deu um passo ameaçador em direção ao homem.

A boca do velho torceu com desdém. — Você não é o único.

— Isso não é importante para mim — disse Barrow, avançando mais um passo.

— Mate-me se você puder, cavaleiro. — O sorriso estranho do velho estava de volta. — Meu cadáver vai responder a você, não mais cedo do que eu neste momento.

Barrow não respondeu, mas ela observou a tensão dos seus ombros. Os olhos do velho viraram em seu crânio.

— Seus amigos se aproximam — disse ele.

As palavras mal saíram de seus lábios quando o som de cascos batendo rápido soou perto. Um momento depois, Lukasz, Sorchia, Kael e Alistair estavam com eles. Caber foi amarrado por uma corda de chumbo na montaria de Alistair.

Quando os cavaleiros viram Barrow de espada desembainhada, de frente para o velho, rapidamente formaram um meio círculo atrás do estranho, cortando qualquer caminho de fuga, não que tivesse mostrado qualquer inclinação para fugir.

O homem virou-se lentamente, olhando para cada um dos guerreiros, por sua vez. Ele balançou a cabeça com um suspiro cansado.

— Não aqui, não está aqui — ele murmurou, e começou a balançar

ansiosamente no lugar. Ele continuou a falar em voz baixa, alguma conversa louca, consigo mesmo.

Enquanto os outros vigiavam o estranho, Lukasz guiou sua montaria para Barrow.

— Nós estamos procurando por você toda a noite — disse ele. — Por que você não nos convocou?

— O chifre foi perdido em algum momento na noite passada — disse Barrow para ele. — Eu não tinha meios para pedir por ajuda.

Lukasz franziu a testa, mas voltou seu olhar para ela. — E, Lady Morrow, está gravemente ferida?

Ember conseguiu se endireitar em cima do Toshach embora suas costas queimassem com uma dor renovada. — Eu não tenho certeza.

— Você está com dor? — O comandante perguntou.

— Sim — ela disse, decidindo que não havia vantagem em mentir.

— Eu fiz o que pude — disse Barrow. — Mas meus curativos não são substitutos para a arte de um curador.

— Vamos voltar logo. — Lukasz assegurou a Ember. — E suas feridas serão cuidadas.

Ember sorriu aliviada e permitiu inclinar-se para a frente contra o pescoço de Toshach.

Com Barrow ao seu lado, o comandante foi até o velho, que tinha ignorado a troca entre eles, e andava em um círculo enquanto torcia as mãos.

O vozeirão de Lukasz interrompeu a discussão tranquila do estranho. — Você é o feiticeiro que trouxe este mal sobre nós?

O aceno do estranho foi bizarro, quase ansioso.

O rosto do comandante ficou perturbado. — Todos os *Monstros Voadores* que enfrentamos na última noite foram convocados por sua própria vontade?

— Minha. Sim. Minha. Minha. — O velho deu alguns saltos, como se dançasse em alguma celebração distorcida.

— Amarre-o — disse Lukasz a Barrow. — Seu poder é muito maior do que qualquer um que tenhamos encontrado antes. Ele deve ser levado perante o Círculo.

O estranho não ofereceu resistência quando Barrow amarrou suas mãos e pés. Não fez nenhum som e nem lutou quando Lukasz e Barrow o atiraram de

barriga para baixo sobre a sela vazia de Caber, segurando-lhe de uma forma que o impediria de usar o cavalo sozinho. Caber imobilizou as orelhas e empinou, suas narinas ficaram dilatadas ao sentir o cheiro estranho do homem velho ligado a ele. O garanhão castanho esticou o pescoço e relinchou, virando a cabeça na direção dela.

— Eu acho que ele sente sua falta — disse Barrow, passando por ela e seguindo para dentro da floresta.

Ele voltou alguns minutos depois com a sela de Toshach. Lukasz colocou-se ao lado Ember, enquanto Barrow selou o garanhão. Ambos a ajudaram a montar e Barrow subiu na sela atrás dela.

— Perdoe minha companhia, Ember — disse ele.

— Eu sinto muito ser um fardo. — Ela lutou contra o impulso de se inclinar contra ele. A memória de acordar em seus braços estava próxima e surpreendentemente vívida. Poderia facilmente escorregar de volta para o sono, deixando a segurança de sua presença levá-la para longe da dor que segurava o corpo dela em suas garras.

Foi Barrow que a puxou contra ele. — Um guerreiro ferido nunca é um fardo. Descanse agora. Você em breve estará em mãos mais capazes do que as minhas.

Ember estava grata por relaxar contra seu peito. Suas pálpebras estavam pesadas, ansiosas para obedecer a ordem de Barrow. Quando elas se abaixaram, viu Alistair observando-a. Quando ele pegou seu olhar, levantou a mão e deu um sorriso apertado. Mas já estava longe demais para devolvê-lo.

CAPÍTULO 20

ATÉ O MOMENTO QUE EMBER se mexesse novamente, a paisagem que a acolheu de volta do sono era familiar. O movimento constante da marcha de Toshach desacelerou para uma parada na baia de Tearmunn. Ember sentou-se e imediatamente fez uma careta de dor.

— Você não precisa se mover. — A voz de Barrow estava em seu ouvido. — Vamos enviá-la aos curadores.

O pensamento de ser levada em uma maca do estábulo para o quartel a deixou mortificada.

— Não, não. — Ela se endireitou ainda sem vacilar para fazer valer seu protesto. — Eu posso andar. Eu não acho que a lesão é tão grave.

— Você perdeu muito sangue. — Disse ele.

Ember rangeu os dentes. — Eu posso andar... por favor.

— Como você quiser — disse Barrow. — Mas eu espero que você não esteja tão ansiosa para sofrer que você irá recusar um banho e um elixir para aliviar sua dor, se eu pedir para você.

Ember sorriu com a promessa de água quente trazida para o quarto dela, e comeria olhos de tritão^[9] se alguém alegasse que enviaria a dor em seus ombros para longe.

Ela podia sentir o sangue e sujeira endurecidos em seu rosto e costas, coçando uma vez que secaram. Sob a coceira estava uma dor constante, chateando-a como o zumbido de insetos. As bandagens com que Barrow apressadamente a envolveu irritavam suas feridas, mas, pelo menos, as súbitas mordidas de dor mantinham a tontura acuada.

— Se você insiste — ela disse, e sentiu seu peito subir e descer com o riso silencioso. Infelizmente o movimento enviou uma pontada de dor através de seus ombros, mas se esforçou para não demonstrar.

Ele desceu de Toshach e entregou as rédeas do cavalo para as mãos que estavam esperando-as.

Ember mordeu o interior de sua bochecha quando lentamente desceu da sela. Movendo-se com cuidado suficiente, quase podia ignorar a dor. Ela sentiu mãos fortes agarrá-la na cintura, facilitando sua descida ao chão. Apesar de sua

alegação de que não precisava de ajuda, se virou com um sorriso para agradecer Barrow por sua assistência. Mas não era o rosto de Barrow que encontrou ao se virar. Alistair ainda segurava sua cintura, mas ele deixou cair as mãos de seus lados, quando seus olhos se arregalaram ao vê-lo. Barrow os assistia por cima do ombro de Alistair. Ele não interferiu, mas sua testa franziu ao ver o par ficar sem jeito, enquanto o cuidador levava Toshach para fora da cerca do estábulo.

— Obrigada — Ember murmurou, e se afastou de Alistair. Embora se sentisse insegura, conseguiu fazer o seu caminho em direção ao quartel. Ela podia sentir o olhar de Barrow fixo em suas costas a cada passo doloroso.

Eu não vou vacilar. Eu não vou vacilar.

— Deixe-me ajudá-la. — Alistair tocou em seu braço, mas ela se afastou antes que ele pudesse ajudar. Sua careta foi fugaz, porém, foi substituída em um momento por um sorriso gentil.

— Não há vergonha nisso, Ember. — Disse ele. — Você fez bem. Matar uma striga em seu próprio território é melhor do que a maioria dos iniciantes poderia esperar fazer.

Ember devolveu o sorriso, arrependida por ter repelido seu toque. Teria que fazer um esforço para não fugir dele se queria consertar sua amizade.

— Obrigada, Alistair... talvez você possa me ajudar a ir para o quartel? — Foi um primeiro passo para fazer as coisas ficarem bem entre eles.

Alistair hesitou, mas em seguida, ofereceu o braço, que Ember tomou, apoiando um pouco do seu peso nele. Barrow, silenciosamente ficou ao lado dela, lançando um olhar cauteloso para Alistair, mas não expressou objeção. Quando Alistair foi em frente, Barrow ficou ao lado, seguindo como uma sombra.

O resto do grupo se movimentava na frente deles. Mãos habilidosas já estavam cuidando dos cavalos, enquanto Lukasz e Sorcha davam ordens. Kael ficou perto do feiticeiro, que viu a enxurrada de ação com um confuso sorriso mesmo quando Kael o acotovelou.

Os olhos dela estavam sobre o prisioneiro, que estava sendo conduzido por Lukasz alguns passos à frente deles. O feiticeiro andou com orgulho, costas retas, uma pose ridiculamente digna para alguém cujas roupas pareciam panos de sepultamento deterioradas. Também estava calmo para sua situação, agindo mais como um convidado de honra do que um cativo. Ele é simplesmente orgulhoso? Ou será que achava que demonstrar medo diante da Guarda só agravaria a sua

situação?

— Pare!

Lukasz levantou a mão e toda a atividade cessou. Uma mulher estava correndo pelo pátio, agitando os braços e gritando com eles. Levou um momento para reconhecê-la. Eira usava um vestido de seda tingida de um azul profundo que rivalizava com o céu à noite, a sua saia arrastava pelo terreno lamacento enquanto corria. Seu cabelo estava empilhado no alto da cabeça em uma massa cuidadosamente arranjada de tranças pequenas e madeixas atualmente usadas pelas mulheres nobres.

Quando chegou até eles, ela falou sem fôlego. — Você deve levar Lady Morrow e prepará-la.

Foi Barrow que se adiantou. O corpo do cavaleiro alto blindava parcialmente a visão de Eira.

— O que aconteceu? — Perguntou ele.

— O abade está aqui e pede uma audiência com ela. — Eira disse a ele. — Ele chegou uma hora atrás. Sem nenhum aviso.

Uma onda de tensão tomou conta da Guarda. Ao lado dela, Alistair amaldiçoou sob sua respiração.

— Qual é o problema? — Ember perguntou, mas Alistair sacudiu a cabeça para silenciá-la.

Lukasz franziu a testa, olhando para o prisioneiro e baixando a voz. — Mas ele estava bem aqui.

— Eu sei — disse Eira. O olhar que ela deu a ele estava cansado. — Ele recebeu uma carta de seu pai.

— Lorde Morrow? — Lukasz balançou a cabeça. — Ele está interferindo. Ele deveria saber melhor.

— Aparentemente, ele não sabe. — Eira procurou pelo grupo até que seus olhos pousaram em Sorch. — Você sabe o que fazer. Eu já enviei os itens necessários até o quarto dela. Reúna os servos que você precisa e traga-a de volta para a mansão, assim que você puder.

Sorch assentiu e agarrou a mão dela. — Venha comigo.

— Ela está ferida. — Barrow franziu a testa para Eira. — Não pode esperar? Ela deve ser vista pelos curadores.

Eira balançou a cabeça. — Se o abade vê-la em um leito de doente, só irá

piorar as coisas. Vai ter que suportar a dor até que ele esteja satisfeito.

A aderência de Sorchá no braço dela se intensificou. — Nós vamos colocar uma pomada sobre a ferida. Deve nos dar um pouco mais de tempo.

— Mas... — o pé dela tropeçou no chão, quando Sorchá começou a arrastá-la para longe do grupo.

— Por favor, não discuta. — Sorchá sibilou. — Ele não pode ver você assim.

— Quem? — disse quando Sorchá a puxou, deixando os outros para trás. — O abade?

— É claro que é o abade. — Sorchá disse. — Temos sorte que ele insiste em uma grande refeição na mansão quando chega. Se ele estivesse no pátio para nos encontrar, eu não sei como nós explicaríamos.

Elas entraram no quartel e Sorchá começou a gritar ordens para os servos, que correram para obedecer. Ember lutava para manter-se de pé quando Sorchá a levou para as escadas subindo de dois em dois degraus. Esperando do lado de fora do quarto de Ember, Sorchá abriu a porta e amaldiçoou sob sua respiração quando Ember tropeçou para dentro. Mesmo com o ritmo lento e desajeitado que levou para chegar ao quartel, suas costas e ombros queimavam com dor renovada. Ela estava tentando recuperar o fôlego quando notou que seu quarto não estava como deixou. Cores foram espalhadas sobre seus geralmente tons monótonos – vestidos de seda, joias tinham sido colocadas para fora junto com chinelos e pentes de cabelo incrustados de pedras preciosas.

— Depressa! — Disse Sorchá.

Ember perguntou — O que eu devo fazer?

Sorchá balançou a cabeça. — Eu sinto muito, Ember, eu sei que isso deve ser confuso. O tempo está contra nós. Uma vez que o abade estiver de barriga cheia, ele vai procurá-la. Você deve estar pronta. Tire essas roupas!

Quando ficou por um momento olhando para a outra mulher, Sorchá levantou as mãos e, em seguida, começou a tirar o manto dela por cima de sua cabeça. Forçada a levantar os braços, uma onda de náusea a atingiu quando lançou uma dor lancinante em suas feridas. Embora as perguntas golpeassem sua cabeça, ela empurrou-as para longe e deixou Sorchá tirar suas roupas. Ember ficou tremendo em sua túnica quando duas mulheres apareceram carregando uma banheira de cobre.

— Nós não tivemos tempo para aquecê-la, milady — disse uma delas.

— Isso não pode ser arranjado. — Sorchia disse. — Esfreguem-na. Cuidado com as feridas.

Resignada a qualquer destino que a aguardava, Ember não emitiu um som quando as servas a ajudaram a sair de sua túnica. Elas rapidamente desenrolaram os panos que achatavam seus seios.

Sorchia virou-se para inspecionar os vestidos. — Você tem uma preferência de cor?

Ember olhou para os vestidos: ouro, azul-claro e rosa eram as suas opções. Ela estava prestes a responder quando um pano molhado, gelado contra suas costas a fez gritar.

— Silêncio! — Sorchia a repreendeu. — Eu sinto muito por causa do frio, mas você deve manter a calma.

Ember cerrou os punhos quando as duas mulheres esfregaram sua pele limpa com a água fria da banheira. Estava grata quando tomaram o cuidado de lavar suavemente a carne rasgada de seus ombros. Enquanto uma das servas continuava lavando os seus membros, a outra abriu um frasco de vidro e passou uma mistura pungente sobre suas feridas. Ela vacilou, mesmo com o leve toque da mulher, mas quando a mistura passou a fazer efeito, a sua dor foi substituída por um formigamento frio, seguido pela dormência.

A outra serva tinha feito um trabalho completo em livrá-la da sujeira. Seu corpo estava brilhante e cor de rosa de seus esforços depois de alguns minutos. Nenhuma evidência de sua luta na lama do chão da floresta alemã permaneceu. Já não podia queixar-se de dor em seus ombros, mas sentia tanto frio que estava tremendo.

— Aqui. — Sorchia fez um gesto para ela levantar os braços. Uma túnica, limpa finamente costurada desceu sobre sua cabeça, seguido pelo vestido dourado.

Sorchia ajeitou o vestido sobre os ombros de Ember e então uma das servas apertou os laços. Os seus seios, que tinham sido escondidos todos os dias, agora inchavam contra o tecido. Ember corou com a transformação, preferindo a androgenia com o manto da Guarda do que o vestido, que acentuou seus atributos femininos.

Sorchia puxou a cadeira para longe da pequena mesa e a orientou.

— Eu tenho que me preparar — disse ela. — Mas Maria e Joana cuidarão

do seu cabelo.

As duas servas começaram a trabalhar antes de Sorchá sair do quarto. Ember prendeu a respiração para não gritar enquanto as mulheres libertavam seu cabelo de sua trança apertada e começavam a penteá-lo. Sabia que elas estavam tentando não serem cruéis, mas o seu foco e velocidade tornavam suas mãos ásperas. Ember se concentrou e ficou em silêncio na cadeira enquanto seu cabelo era dividido em seções, e mantido no lugar por pentes cuidadosamente posicionados. O resto foi deixado livre, caindo pelas costas como uma capa escarlate.

— Ah, bom. — Sorchá reapareceu na porta. Não podia acreditar o quão rapidamente ela se transformou. Já não se parecia com uma guerreira, Sorchá usava um vestido cinza profundo com um corpete bordado. A trança tinha sido substituída por ondas escuras que caíam sobre um dos ombros. Notando a expressão de espanto de Ember, a outra mulher riu.

— Eu tenho muita prática — ela sorriu. — E eu trapaceei. A pele que você pode ver está livre de sujeira, mas se você olhar debaixo da minha túnica, pensará que eu tomei um banho na lama de porco.

Ember riu, agradecida pelo momento de leveza após a ansiosa corrida de preparação.

Sorchá estendeu as mãos. — Venha, Lady Morrow. É hora de lhe apresentar o Abade Crichton, assim ele garantirá que tudo está bem dentro de Tearmunn.

Quando Ember levantou, as duas servas fizeram uma reverência. Ela murmurou seu agradecimento e seguiu Sorchá pelo o corredor. Ember queria sair de seu vestido, o que era estranho, já que tinha usado tal roupa toda sua vida e não tinha sido incomodada por isso antes. O vestido comparado desfavoravelmente à liberdade e à proteção oferecida pelo traje do guerreiro que tinha se acostumado a usar. Mas outra coisa arranhou a sua consciência que era muito mais penosa do que o vestido. Andando atrás de Sorchá, Ember sentiu-se transfigurada por essa mudança de guarda-roupa, como se tivesse sido puxada de volta pela vida que deixou para trás.

Sorchá olhou por cima do ombro. — Eu peço desculpas pelo traje, mas somos forçadas a nos disfarçar a qualquer momento nas visitas do abade.

— Por quê? — Ember perguntou enquanto desciam as escadas. — Eu

pensei que o padre Michael cumpria o ofício da Igreja aqui.

A outra mulher ficou tensa. — Padre Michael vive conosco e guia nossas almas, assim como serve na capela da aldeia. Ele é simpático para as demandas de nossa missão e um verdadeiro pastor do seu rebanho. Mas ele é simplesmente um sacerdote, um homem bom e humilde. Não é o tipo que sobe ao poder. E como nós estamos em dívida com ele, ele está em dívida com os outros.

Elas saíram do quartel e atravessaram o pátio. O movimento súbito causou uma dor nos ombros de Ember, fazendo-a ter plena consciência de que o alívio dos seus ferimentos oferecido pela mistura do curandeiro era apenas temporário, mas ela cerrou os dentes e conseguiu manter o ritmo determinado pelos passos de Sorchá.

— O abade Crichton é o superior de padre Michael e quem controla os cofres de Tearmun. — Sorchá manteve a voz baixa. — Aos olhos da Igreja somos realmente uma abadia, embora, obviamente, a nossa ordem não é nada como aquelas a que pertencem os monges e freiras. O abade Crichton é o chefe desta abadia, mas prefere o conforto de sua própria propriedade e não mora aqui. O padre Michael foi nomeado para residir conosco e cuidar dos assuntos espirituais do dia a dia da Conatus. O abade nos visita de vez em quando para ter certeza de que ainda estamos nos submetendo à autoridade da Igreja.

— Eu não entendo — Ember sussurrou. — O abade Crichton não confia no padre Michael?

Sorchá riu grosseiramente. — Confiança não tem nada a ver com isso. Tearmun está oculto neste vale, porque nos mantém fora do mundo para a maior parte dos homens. Temos alguns laços com a aldeia do lago. Os chefes dos clãs da região nos visitam, mas só raramente. O abade Crichton é o único que se faz um incômodo.

Quando elas chegaram a mansão, Sorchá fez uma pausa. — Você deve tomar cuidado com cada palavra que você falar com o abade. Ele tem muitos nobres no bolso que pagam a ele. Suas visitas não têm nada a ver com a garantia de que estamos defendendo nossos votos e tudo a ver com a manutenção de seus bolsos cheios.

— Vocês subornam o abade? — Ember engasgou. Ela sabia de sacerdotes que sobreviviam de esmolas de uma freguesia ou aqueles que mantinham amantes ou mesmo que tiveram filhos, mas tendo falado com o padre Michael,

achava difícil imaginar que alguém que conhecia a verdade sobre o Conatus abusaria desse privilégio.

Sorcha assentiu. — Nós não temos escolha. — Ela apertou o queixo de Ember, forçando a menina a olhar diretamente em seus olhos.

— Ouça-me, Ember. — Ela falou baixinho, mas com intensidade. — O abade deixou Tearmunn no dia em que você chegou. Para ele ter retornado rapidamente, pedindo para *te* ver, significa que algo deu muito errado.

— Meu pai... — Ember começou, lembrando as palavras de Lukasz. *Ele deve saber melhor*. Ela estremeceu. O que ele fez? Será que ele ameaçou Conatus a tal ponto que eles iriam mandá-la embora?

— Se ele subornou o abade, eu não sei o que vai acontecer. — Disse Sorcha. — Mas se ele só reclamou e ainda tem de pagar pela assistência de Crichton, podemos salvar esse naufrágio.

Anestesiada pelo medo, Ember simplesmente assentiu.

— A batalha que enfrentamos agora é tão importante quanto quando você enfrentou a striga. — Os dedos Sorcha roçaram sua bochecha. — Coragem.

— O que eu posso dizer? — perguntou.

— O abade tem uma visão limitada do papel que uma mulher deve ter na Conatus — Sorcha disse a ela. — Ele tolera as presenças de Eira e Cian no círculo, mas não aceita o nosso chamado para a Guarda.

— Ele não sabe? — Se o abade Crichton exercia tanto controle sobre Conatus como Sorcha alegou, era difícil acreditar que ele pudesse ser tão ignorante das suas práticas.

— Se ele sabe, escolheu fechar os olhos para isso — disse Sorcha. — E devemos ser gratos que ele se preocupa mais com a manutenção de sua propriedade do que interfere na nossa.

— Mas se meu pai escreveu para ele... — O estômago de Ember torceu.

Sorcha balançou a cabeça, confirmando o que ela tinha dito. — O que você deve fazer agora é convencer o abade que seu pai fala mentiras para envenenar a Igreja contra nós. Você não pode revelar nada sobre o seu chamado, sobre a Guarda.

— O que Eira deve ter dito a ele? — perguntou.

— Mesmo com Eira e Cian no Círculo ainda sabemos que é um risco trazer as mulheres para a Guarda — Sorcha disse. — Planos foram feitos para combater

um problema como este. Há muitos papéis que as mulheres podem tomar em Conatus que não poderia reunir objeções do abade. Eira deve ter dito a ele que você está treinando para se tornar uma curadora e uma parteira.

Ember olhou para Sorchia, refletindo sobre suas palavras. Ela teria que mentir para o abade. E mentir bem. O único efeito positivo do medo que sentia era que sua ansiedade dominava temporariamente a dor das suas feridas, uma dor que tinha sido quase entorpecida pela pomada, mas voltava caso se movesse muito rápido ou sem cuidado.

Sorchia a pegou pelo braço. — Respire. Não nos fará nenhum bem se você desmaiar antes de chegar ao abade.

Ember não tinha notado que estava segurando a respiração, mas com a insistência de Sorchia, engoliu em seco o ar, o que fez sua cabeça girar. Ela deixou Sorchia levá-la para a mansão, através do longo corredor brilhando com luz de velas. As pesadas camadas de suas saias farfalhavam ao longo do chão de pedra, preenchendo o silêncio entre elas, em lugar de conversa. Sorchia conduziu a passagem pelo grande salão e a porta sob a escada que levava ao porão. Viraram uma esquina, indo para outro corredor, e por um momento Ember pensou que elas iam para a capela ou o quarto do padre Michael. Mas Sorchia parou em uma porta em frente à entrada da capela. A guerreira abaixou a cabeça e fechou os olhos. Ember se perguntou se Sorchia fez uma pausa para fazer uma breve oração. Respirando rápido, Sorchia levantou a cabeça e bateu na porta.

— Entre! — Uma voz masculina rouca chamou.

Sorchia abriu a porta, e ficou perto de Ember quando entraram no quarto. Seu coração batia contra as costelas e juntou as mãos para parar a sua agitação.

— Aqui está ela. — O homem estava sentado ao lado de Eira na câmara pequena, mas finamente decorada de rosa. Ele podia se vangloriar mais da sua cintura do que da altura, e não podia adivinhar sua idade. Seus lábios grandes complementavam suas bochechas, que tremiam a cada passo que ele dava.

Ele parou bem perto de Ember e Sorchia, estendendo a mão e revelando os dedos cobertos de ouro e pedras preciosas.

— Eu estava com medo que o bom povo de Tearmunn tivesse perdido você — disse ele.

Ember fez uma reverência, levantando a mão que era desagradavelmente pegajosa e beijou seu anel de sinete. — Perdoe-me, abade. Não queria encurtar as

minhas lições. Eu não devia ter feito você esperar.

— Suas lições? — O abade fixou seus olhos cinzas aguados nela.

Ember fechou os olhos por um momento. Se complicasse muito essa teia de mentiras, certamente acabaria presa nela sozinha. Como passar por isso sem revelar a verdade?

Uma tosse educada fez vibrar seus olhos abertos. Em um canto sombrio do quarto estava o padre Michael. Quando ela olhou para ele, jurou que ele lhe deu um leve aceno.

— Eu estava aprendendo o que fazer no caso de parto virado — Ember disse. Foi uma das coisas mais próxima da obstetrícia que conhecia. As mulheres temiam um bebê que não tinha se virado no útero. Tais casos muito facilmente terminavam com um bebê natimorto ou uma mãe cujo sangramento não podia ser interrompido.

O abade Crichton a olhou com um sorriso amarelo. — E você está achando esse trabalho satisfatório?

Ember assentiu. — Aliviar a dor e o sofrimento do doente e fraco é a verdadeiramente obra de Deus.

— Seu pai expressou a preocupação de como você estaria vivendo em Tearmunn. — Ele voltou para sua cadeira, gemendo quando aliviou seu peso nela.

— Minhas necessidades são poucas — ela disse. — E todas elas estão bem atendidas.

O abade pegou um cálice de ouro e bebeu o vinho dentro dele. — Há aqueles que argumentam que uma jovem como você pode servir melhor a Deus como uma esposa e mãe, aumentando o número de fiéis pelas bênçãos de seu ventre.

A garganta de Ember se fechou. A dor em seus ombros aumentou, protestando por sua tensa postura. Seu vestido estava muito apertado, e ela tinha dificuldade para respirar. Um calor arrepiou seus membros. — Meu pai pensou, talvez, que com o tempo eu iria casar com o filho de um lorde local, portanto, eu serviria Conatus e meu pai.

O abade considerou isto e depois de tomar um gole de vinho falou de novo. — É verdade que o seu pai tem uma dívida grande para Conatus. Você é o pagamento dessa dívida. E parece inconveniente o seu casamento ser adiado,

contanto que necessitem.

Não confiando em si mesma para falar, Ember assentiu lentamente.

— Se você concorda com seu trabalho aqui, não vejo nenhuma razão para interromper o seu serviço. — Ele passou o dedo ao redor da borda do cálice. — Talvez o seu pai seja simplesmente super protetor. Ou muito ansioso para participar de uma casa como a de nosso Lorde Mackenzie.

Ember conseguiu forçar a voz para fora. — Isso pode ser verdade, abade.

— Muito bem — ele disse. — Por enquanto eu informarei a Lorde Morrow que suas preocupações são infundadas. Você está dispensada, Lady Morrow. Vá com a bênção de Deus.

Dado como sentiu suas pernas instáveis, Ember pensou que sua reverência foi bastante milagrosa para provar que tinha ganhado o favor de Deus. Ainda estava um pouco tonta do episódio quando Sorcha a guiou pela câmara.

Para sua grande surpresa, Barrow estava esperando por elas do lado de fora da porta. Os três moveram-se pelo corredor, mantendo suas vozes baixas.

— O que aconteceu? — Perguntou ele a Sorcha.

— Parece que a crise foi evitada — Sorcha disse a ele. — Pelo menos por agora. Nós não vamos saber o que está acontecendo realmente até sermos capazes de falar com Eira sozinha.

Eles ficaram em silêncio quando a porta se abriu. O padre Michael fechou a porta atrás dele e veio para participar do grupo.

— Eu vim pedir-lhe para ir até a capela, Lady Morrow — disse o sacerdote.

Ember franziu o cenho. Apesar de satisfeita com a rapidez e facilidade da sua audiência com o abade, sua mente estava nublada e uma dor era construída em sua cabeça. Não queria ir para a capela, mesmo com o padre Michael. Ela precisava da sua cama.

Ember lançou a Barrow um sorriso agradecido quando ele disse: — Ela está ferida, padre. Devemos chamar os curandeiros para vê-la e, em seguida, enviá-la para descansar o mais cedo possível.

O padre Michael acenou com a cabeça. — É claro. Mas, minha filha, você deve confessar quando estiver reabilitada. Eu estaria negligenciando o meu chamado, se não ouvir a sua confissão e oferecer a absolvição.

— Confissão? — Ember se perguntou se estava ouvindo o padre corretamente.

— Você fez apenas um falso testemunho ao abade Crichton. — O padre Michael disse a ela.

Por um momento, um frio substituiu o calor crescente que vinha drenando sua força, mas Ember pegou o brilho nos olhos do padre Michael.

Com um suspiro de alívio, ela disse — Eu te darei a minha confissão em breve, padre.

O sorriso do padre Michael beirava o travesso quando ele fez o sinal da cruz e disse boa noite.

Barrow lançou um olhar de soslaio para Sorchá. — Acha que ela fez bem?

— Notavelmente. — Sorchá riu. — Eu acho que até mesmo Eira ficou impressionada.

O riso estrondoso de Barrow juntou-se ao de Sorchá.

Ember queria rir com eles, mas estava lutando para recuperar o fôlego. O calor que vinha crescendo abaixo de sua pele agora a cobria de suor sob seu corpete e têmporas. Um tremor espalhou-se através de seus braços e pernas.

— Eu acho que posso ter julgado mal o chamado de Ember — disse Sorchá a Barrow. — Talvez devêssemos mandá-la para fora como uma espia.

— Isso pode ser o caso — disse Barrow. — Mas sentiremos falta dela na Guarda.

Sorchá acenou, sorrindo para ela. — Onde você aprendeu a fingir, minha querida?

Ember abriu a boca, mas descobriu que não podia respirar.

— Ember? — Ela podia ouvir a preocupação na voz de Barrow, mas não podia mais ver seu rosto, apenas um borrão de cores. O chão sob seus pés inclinou, e então ela estava caindo. Quase não sentiu os braços de Barrow em torno dela, pegando-a, levantando-a. Sua pele estava em chamas, seus olhos giraram e seu estômago torceu em nós.

O som da voz de Barrow veio de muito longe. — Ela está queimando.

Trevas subiram por trás do caos de cores, e desabaram em uma onda que varreu a sua consciência.

CAPÍTULO 21

NO OUTRO LADO DAS portas fechadas, o Abade Crichton rodeou seu cálice de vinho, levando-o para seus lábios, e o drenou em um longo único gole. Em seguida, serviu-se de outro.

— Uma coisa linda, nossa Lady Morrow, não é? — Vinho escorreu de um canto de seus lábios abertos. Ele limpou a boca com as costas de sua mão.

Eira murmurou em acordo, querendo saber quando este cafajeste iria deixá-la para o trabalho urgente que estava negligenciando para que ele pudesse lambar suas xícaras.

— Você vai entender, então, por que eu vejo isso como uma vergonha que você a use para tal trabalho brutal — ele disse.

— Você acha parto tão brutal? — perguntou.

Com um rosnado, o abade se abaixou em uma cadeira, seu manto derramando-se sobre as bordas do assento. — Eu nunca soube que você me considerava tão tolo.

Eira tinha estado preocupada com a seda de seu vestido, pensando que desperdício de tempo e esforço era que ela e outras mulheres estivessem se esforçando para enganar o abade. Suas palavras congelaram as mãos dela no colo. Esperando que seu rosto estivesse sem expressão, ela levantou os olhos para encontrar os dele.

— Desculpe?

— Querida, querida Eira — o abade disse. Seu sorriso a lembrou de uma cobra em ataque. — Nós devemos jogar este jogo? A noite se prolonga e eu gostaria de ir para minha cama.

Se recusando a cair na isca, Eira disse: — Perdoe-me, abade. Eu não entendo.

O sorriso do Abade Crichton desapareceu. — Quanto tempo você esperava que eu jogasse esta charada? Eu sei sobre a Guarda. Lady Morrow é simplesmente sua mais recente recruta. Esperando estabelecer o seu legado, Eira? Essa é a razão na qual você levou a filha de um nobre e entregou-lhe uma espada?

A mandíbula de Eira se contorceu enquanto sua mente buscava por uma resposta, finalmente fixando-se sobre a verdade.

— Ela foi chamada para servir onde pertence.

— Você é tão orgulhosa que acredita que pode desrespeitar a ordem natural que nosso Senhor estabeleceu? — As palavras do abade não se mostravam com raiva, mas lânguidas e cruéis da maneira que um gato brinca com um rato capturado.

— Esta ordem natural que você clama é tola — Eira disse a ele. — Por que dificultar espíritos guerreiros só porque eles estão contidos dentro de uma forma feminina?

— Parece que você já tem uma resposta para mim. — A diversão em sua voz a enfureceu.

— Você sabe quão vital nosso trabalho é — disse. — Limitar os papéis dos poucos que pertencem ao Conatus compromete não só a nós, mas aqueles que nós juramos proteger.

O abade franziu seus lábios, concordando com a cabeça.

— Se tivéssemos a sua bênção, nós poderíamos treinar jovens mulheres abertamente. — Eira ouviu o fervor em sua voz, mas continuou. O abade sabia a verdade sobre a Guarda, o que significava que não tinha nada a perder e podia até ter a chance de influenciá-lo. — Nobres poderiam enviar suas indesejadas filhas para nós em vez de escondê-las nos conventos.

Abade Crichton riu. — Você acha que os senhores da Inglaterra e Escócia preferem suas filhas empunhando espadas em vez de rosários?

— Acredito que muitas das meninas prefeririam — Eira disse, levantando seu queixo.

— Talvez isso seja verdade. — O abade deu de ombros. — Mas essas meninas não doam dízimos para a paróquia. Elas não comandam seus próprios exércitos pessoais. E elas não ouvem qualquer rei.

Os ombros de Eira queriam cair em derrota, mas forçou-se a sentar-se rigidamente.

— Lorde Morrow solicitou que eu devolva sua filha a ele — Abade Crichton disse. — As acusações que ele faz são sérias. Não são apenas que você está corrompendo mulheres jovens, mas que você está ligada ao diabo.

— Bruxas — Eira murmurou, lembrando da cena que Edmund Morrow tinha feito na noite após o chamado de Ember.

— A Igreja deve investigar tais acusações — continuou o abade. — Afinal, sabemos que as tentações do Satanás podem infectar até a mais grandiosa das ordens.

Eira sentiu o sangue drenar de suas bochechas quando o Abade Crichton fez o sinal da cruz, dizendo: — Precisamos apenas lembrar os Templários.

— Você sabe o que fazemos aqui. — Eira não conseguia que sua voz parasse de tremer. — Você *sabe*.

O abade suspirou. — Infelizmente, estou sempre fora, e talvez coisas venham ocorrendo na minha ausência que são desagradáveis. Faço subsídios para seu único propósito e sei que você deve apelar para estranhas forças para ajudá-la na batalha. Embora você me dê garantias, sei pouco sobre os mistérios que seus mágicos empregam. Pode ser que esses poderes a tenham desviado...

Eira levantou-se, virando as costas para o abade. Não queria que ele visse quão assustada estava.

— O que você quer? — Ela perguntou. — Que Lady Morrow volte para seu pai?

— Lady Morrow parece perfeitamente feliz aqui — ele respondeu. Eira o ouviu beber mais vinho. — Ela mente muito bem, o que demonstra seu compromisso com a Guarda.

Um punhal estava escondido dentro do corpete de Eira. Não queria nada mais do que deslizá-lo de sua bainha e dar-lhe uma nova casa no intestino do abade.

— Lorde Morrow só fez uma denúncia — ele continuou. — Ele não fez o suficiente para me convencer que sua causa é digna. Eu acredito que o Círculo pode ter uma posição mais forte para cuidar disto.

Eira virou-se para enfrentá-lo. — Quanto?

Abade Crichton mergulhou o dedo em seu vinho, assistiu o líquido deslizar como uma gota de sangue na sua palma e, em seguida, lambeu. — Seus tributos serão quatro vezes por ano em vez de dois.

Eira apertou seus punhos. Embora a Igreja fornecesse o tesouro do Conatus, o abade já alegou uma porcentagem de seus fundos para completar seus cofres pessoais. Agora, queria mais. Sua Guarda tinha sido brutalmente

atacada por uma striga. Uma vila inteira estava desaparecida. Mas este homem – que tinha sido nomeado como autoridade da Igreja sobre Tearmun – apenas se importava com o ouro.

As mãos de Eira tremeram, seus lábios apertados e trêmulos, com raiva. Não poderia arriscar falar por medo do que diria.

— Se você não quer ter essa conversa novamente, eu recomendo que Lady Morrow seja sua última discípula — Abade Crichton disse.

— Como sei que estes novos tributos serão suficientes? — Eira perguntou bruscamente. — Lorde Morrow poderia oferecer-lhe um pagamento para recuperar sua filha.

— Ele poderia, não é? — O abade levantou-se. — Só o tempo dirá, eu suponho.

Fervendo, Eira assistiu quando o Abade Crichton terminou seu vinho e caminhou em direção a porta. Ele a abriu, parando para olhar sobre o ombro para ela. — Vou esperar o primeiro pagamento pronto pela manhã para levar comigo quando eu sair.

Eira não respondeu. Não precisava. O abade sabia que não poderia fazer objeção.

— Deus quer assim — ele disse. Então ele sorriu e fechou a porta.

Eira curvou sua cabeça. — Não, Abade — sussurrou. — Não acredito que Deus quer isso.

Embora seu destino fosse a prisão, o que significava outra viagem através do pátio enlameado, Eira não se incomodou em perder tempo para tirar seu vestido fino e colocar os trajes da Guarda. Neste momento iria ter prazer em ver o vestido queimar. Um membro do círculo tinha acesso completo a qualquer prisioneiro e o guarda que vigiava a prisão simplesmente colocou a chave em sua mão estendida e inclinou sua cabeça em respeito enquanto ela passava por ele e descia os degraus de pedra para o bloco das celas. Apesar de que era incomum que um membro do Círculo questionasse um prisioneiro sozinho, não era inédito. E Eira estava desesperada para libertar sua mente da arrogância do abade. Interrogar o feiticeiro iria lembrá-la de quão sua missão era importante, não importava quais abusos mesquinhos o Abade Crichton lançava sobre eles.

Conatus tinha poucos prisioneiros. A maioria dos feiticeiros e curiosos de magia negra que encontravam eram orgulhosos o suficiente para pensar que

poderiam ganhar da Guarda. Como resultado morriam no campo, nunca tendo a oportunidade de ocupar uma dessas celas. Neste momento, o homem selvagem da Floresta Negra era o único habitante.

Eira colocou a chave na fechadura e abriu a porta de madeira grossa. Embora ainda tivesse a aura sombria, com pouca luz de um calabouço, a cela poderia ser muito pior do que era. O chão de pedra era seco e limpo. Foi tomado cuidado para evitar que vermes fizessem casas em cantos e recantos do edifício. Mesmo assim, a expressão beatífica fixada no rosto do prisioneiro pegou Eira de surpresa.

Ela entrou na cela, bloqueando a porta atrás de si. O prisioneiro se esforçava para levantar. Enquanto ele olhava para cima, seus olhos se arregalaram; mesmo com a luz fraca eles tinham um brilho inquietante.

— Você. — Seu sussurro passou através do ar. — Sim. Sim. Você.

— Você acha que você me conhece, bom homem? — Eira perguntou, mantendo sua voz agradável. Lukasz tinha lhe dito que este homem era louco. Talvez se o tratasse gentilmente, ele alegremente revelaria a fonte de seu poder.

O homem virou para ela. Olhou para longe quando saliva voou de sua boca. — Não. Eu não me atrevo, lady. Eu fui enviado apenas para encontrá-la.

A carne ao longo da espinha de Eira se contorceu. — Você foi enviado aqui?

Eu deveria convocar os Guardas, pensou. Talvez este homem não seja louco, mas tenha criado uma armadilha para nós.

Mas não o fez. O brilho prata nos olhos do homem queimava e ela tinha necessidade de saber mais.

— Qual é o seu nome? — perguntou.

Apesar da intensidade do seu olhar, os olhos do homem conseguiam se concentrar. Eles pendiam nas órbitas, selvagem e constantemente movendo-se.

— Eu sou apenas o mensageiro — ele falou. — Amado e abençoado. — Seu inglês era claro, mas estranho, desprovido de qualquer sotaque do qual seria capaz de saber de onde ele era.

— Então me dê sua mensagem — Eira disse.

— Você recebeu a mensagem. Você veio. — Ele falou quase com reverência. — Você e a outra. Mas você não ficou tempo suficiente. Você não procurou a fonte.

— Eu e a outra... — Frio deslizou ao longo da parte de trás do pescoço de Eira. — Você quer dizer minha irmã? Você está falando de Dorusduain?

Ele entortou seu dedo para ela, inclinando-se conspirativamente. — A aldeia está desaparecida.

Nojo torceu profundamente em sua barriga e Eira recuou, lamentando a sua decisão de vir aqui. Ela se virou para deixá-lo, mas foi interrompida pelo grito angustiado do homem.

— Não! Por favor!

Eira olhou sobre seu ombro e o viu de joelhos, balançando em desespero.

— Não vá, grande Lady — ele pediu. — Você deve me ouvir. Eu fui enviado para você.

— Por quem? — Eira perguntou. Estava inquieta, mas queria mantê-lo falando. Se fizesse muitas perguntas, certamente iria angariar informações úteis.

— Meu mestre. — Ele levantou suas mãos para o céu, em súplica. — Meu Lorde.

— Me fale de seu mestre. — Eira estava suando frio. — Onde ele está?

— Em toda parte — o homem lhe disse enquanto se esforçava para ficar em pé. — Aqui e não aqui.

— Ele deve ter grande poder — ela ponderou. — Para estar em toda parte.

O riso ofegante do feiticeiro encheu a sala. — Ninguém é maior. Ele é o prenúncio de seus maiores sonhos e o pesadelo de seus inimigos.

Eira estava tentada a perguntar se o maior sonho do mago tinha sido vaguear na terra em trapos sujos.

Antes que pudesse fazer a piada, o homem selvagem falou novamente. — Ele mostrou seu poder – as maravilhas que ele tem feito em seu mundo.

Qualquer humor brincalhão de Eira foi extinto por suas palavras. — Como fazer uma aldeia desaparecer?

Repulsa a encheu quando ele balançou a cabeça e aplaudiu com prazer.

— Ele tem procurado por você — disse, oferecendo-lhe um sorriso marcado por dentes enegrecidos e ausentes. — E agora terei minha recompensa.

— Como pode seu mestre estar procurando por mim quando eu não sei nada sobre ele? — Eira alcançou o bolso de sua saia, os dedos encontrando o punho da adaga colocada lá.

— Meu mestre vê todos. Sabe tudo. — Os olhos do homem enrolavam seu crânio. — Ele revelará seus segredos para você.

— Por que ele faria isso? — Abaixo de suas costelas o coração dela saltou, reagindo à mistura de repulsa e fascínio que bombeava através de suas veias.

— Você tem a resposta em sua mão, — ele disse.

Eira primeiro pensou que de alguma forma ele podia ler sua mente, referindo-se ao punhal em sua mão direita agarrada sob as pregas do seu vestido. Mas ele gargalhou e apontou para a mão esquerda, que balançava o anel de chaves de ferro.

O homem aplaudiu. — A porta se abrirá! Mestre, tenho servido você bem!

O temperamento de Eira explodiu. — Velho, você é um prisioneiro e está à mercê do Conatus. Você trouxe grande mal sobre este mundo e vai ser punido.

— Você não deseja procurá-lo? — O homem levantou sua cabeça. — Ele espera por você. Ele vai homenageá-la acima de todos os outros. Ele me disse isso.

— E se eu não o procurar — Eira disse. — Se eu der a ordem para a sua execução — que você sabe com certeza que é o seu destino — o que vai fazer seu mestre então?

Ele curvou sua cabeça, seus pés se embaralhando. Eira podia ouvi-lo resmungando, mas foi incapaz de entender as suas palavras. Quando levantou a cabeça, seus olhos estavam brilhando com lágrimas.

— Se você não for a ele, eu falhei e vou merecer minha morte.

— Seu mestre não virá salvá-lo? Ele não vai procurar você aqui? — Eira ainda se preocupava que, de alguma forma, este homem era apenas o primeiro sinal de um mal maior que viria à Tearmunn.

Ele balançou a cabeça. — Você deve ir a ele. Ele não pode atravessar. A porta permanece fechada.

Eira levantou o chaveiro; as chaves de ferro batiam umas contra as outras. — A porta que deseja abrir?

— Eu não. Eu não. — Ele olhou para as chaves ansiosamente. — Só você.

— Por que eu? — perguntou.

— Só meu mestre sabe — ele a disse. — E eu não sou digno de tais segredos.

— O que é esta porta que você fala? — Eira deu um passo em direção a ele. Ele era inofensivo, tinha decidido. E provavelmente insano. E ainda...

— A porta para o outro lado, o outro mundo.

Eira congelou. O outro mundo. Em lugares dispersos da Europa à Terra Santa do Extremo Oriente, clérigos de Conatus tinham vasculhado textos antigos a procura da prova do outro mundo – por aquele lugar do qual Salomão tinha chamado estranhos espíritos para construir seu templo. Mas sua pesquisa levou a nada.

Foi difícil para Eira manter estável a sua voz. — Você fala do mundo do qual você chamou a striga?

Ele assentiu ansiosamente. — Mas eu não a chamei. Somente o mestre pode fazê-lo. Ele chamou a striga e as ordenou que me servissem. Nenhuma criatura do outro lado pode servir em nosso mundo sem a sua permissão. Ele é o soberano de todos.

Eira bateu seus pés, quase não acreditando no que estava ouvindo. — Você tem alguma prova disso?

— Ele te mostrará. — O homem saiu em disparada para frente, tentando alcançar sua mão. Seu punhal brilhou para fora pressionando contra a garganta dele.

— Perdoe-me, grande Lady — ele murmurou contra a borda da lâmina. — Só quero levá-la a ele.

Eira esperou que se afastasse. Ele se arrastou enquanto se mexia, resmungando bobagens em cada etapa.

— Não concordei em procurar seu mestre — ela disse. — Se você valoriza sua vida, você vai manter sua distância.

— Sim, milady. — Ele se prostrou no chão, fazendo com que seu estômago virasse. — Sim. Sim.

A adaga agitou em sua mão e seu pulso cresceu mais rapidamente com cada momento. Foi demais, tão inesperado. Este louco falou de chaves, mas era ele quem poderia ser a chave para tudo.

— Você tem comida? — perguntou.

De onde ele estava agachado no chão, o homem olhou acima. — Eu não preciso de nenhum sustento, lady. Eu vivo só para servir.

Eira forçou seus lábios em um sorriso. — Vou mandar alimentos para você.

Enquanto ela ia em direção a porta, o homem mudou-se para um agachamento. Seus olhos eram enormes e se preocupou que ele fosse explodir em

lágrimas.

— Você não virá comigo, Lady?

— Nós vamos falar novamente em breve — disse. — Você tem minha palavra.

— Grande Lady. — Ele se abaixou e levantou, tentando curvar-se até mesmo em sua posição encurvada.

Eira apressou seus passos, parando apenas para pressionar as chaves na mão do guarda. O círculo não poderia se reunir até que o Abade Crichton partisse pela manhã. Mas quando ele e seu ouro fossem para bem longe, iria chamar seus companheiros juntos.

Cian não acordou quando Eira entrou no quarto e tirou seu vestido, deixando-o em uma pilha no chão. Apesar de muito ocupada por pensamentos para dormir, ela escorregou na cama para esperar o amanhecer. Olhou para o teto com um sorriso brincando nos seus lábios.

Estranho como este mundo era, pensou, que boas novidades eram entregues pela boca de um louco.

CAPÍTULO 22

EIRA PERAMBULOU PELO PISO, enquanto os outros membros do círculo moviam-se em torno da longa e estreita mesa. Claudio e Ewan representavam a habilidade; Thomas e Fionn recebiam saudações dos clérigos no ofício da sabedoria. Ela e Cian, falavam pela guerra, e completavam o círculo. Ela havia convidado os cavaleiros que tinham sido enviados para a Floresta Negra para se juntar a eles. A Guarda recebeu alguns olhares hostis de Claudio, que acreditava que as reuniões do Círculo deveriam permanecer fechadas até mesmo para altos membros de Conatus. Mas Claudio e outros de seu tipo foram a razão para que houvesse solicitado a presença dos cavaleiros.

Enquanto continuava seus passos inquietos pela sala, Cian dirigia-se a Barrow. — Como tem passado lady Morrow?

Barrow, cujo rosto estava desfigurado pela falta de sono, disse: — Ainda inconsciente. A infecção fixou-se em suas feridas. Os curandeiros estão aguardando sua febre cessar.

Cian franziu a testa. — Eles estão esperançosos?

— Sim. — Foi Alistair que respondeu. — Disseram que um forte espírito irá ajudá-la. E nenhum espírito é mais forte do que o de Ember.

— Isso é verdade — murmurou Barrow, ganhando um bufo desdenhoso de Alistair.

Sorcha olhou para os dois, levantando as sobrancelhas. Barrow encontrou seu olhar e deu uma rápida sacudida de sua cabeça. Alistair ignorou-a. Lukasz e Kael entraram na sala. Os olhos do comandante eram questionadores. A convocação da Guarda a uma reunião do Círculo era rara.

— Por favor, permaneçam sentados — disse Eira.

A sala silenciou e os todos os olhares se voltaram para ela.

Oferecendo um leve sorriso, Eira disse: — Todos sabemos quão rapidamente boatos se espalham através desta fortaleza. Então, não tenho dúvida de que a maioria de vocês está ciente da natureza da visita do abade Crichton.

Murmúrios de afirmação responderam-na.

— A Lady Morrow manejou as investigações do abade melhor do que jamais poderíamos ter esperado — disse-lhes. — Infelizmente o abade parece ter encontrado outras maneiras de obter informações sobre o funcionamento interno de Conatus.

Os olhos de Claudio estreitaram. — Você está dizendo que ele tem um espião entre nós?

Eira assentiu. — Não suspeito que seja da nossa unidade, mas um servo ou um mensageiro. Alguém que tem acesso, mas não lealdade.

— Temos de encontrar o traidor! — Claudio, meio vermelho, levantou-se do seu assento, mas Cian agarrou seu braço e puxou-o para trás em sua cadeira.

Eira sorriu com gratidão para a sua irmã. — Tenho certeza que todos compartilhamos sua indignação perante esta traição. Mas também espero que vocês vejam a futilidade de tentar mandar embora qualquer pessoa.

— Como você pode dizer isso? — Claudio bufou. — Deixar um inimigo como esse impune?

— Ela está certa, Claudio — Cian disse. — O abade tem cofres profundos com que comprar informantes. Se tirar um, ele simplesmente vai comprar outro. Nossas energias são melhores gastas em outro lugar.

Outros ao redor da mesa assentiram o seu acordo, deixando Claudio fervendo silenciosamente.

Eira esperou até que tivesse certeza de que não haveria nenhum outro comentário sobre o assunto.

Thomas, o mais velho membro do Círculo, cruzou as mãos sobre a mesa. — Não tenho dúvida que estamos todos de acordo que a avareza é o maior pecado do abade. Mas que recurso nós temos além de nos submetermos a suas exigências?

Foi o mais jovem membro do Círculo, Ewan, que acrescentou: — Thomas está certo. Estamos sob o seu polegar e ele sabe disso.

— E quanto a Lady Morrow? — Cian perguntou. — O abade pediu que fosse mandada de volta?

Os membros da Guarda que se juntaram a reunião moveram-se desconfortavelmente com a pergunta. Barrow e Alistair falaram simultaneamente.

— Isso não é uma opção — disse Barrow.

— Enviá-la a sua casa iria destruí-la — murmurou Alistair.

— Ember não está nos deixando — Eira disse rapidamente enquanto os dois cavaleiros cravaram os olhos um no outro silenciosamente. — E não iremos sacrificá-la para os nossos próprios interesses. Ela foi chamada para a Guarda e pertence aqui. O abade está simplesmente usando a garota como forma de influência.

— Fui informado do pagamento enviado com ele após sua partida — disse Fionn. — Mas eu seria um tolo de pensar que a questão termina aí.

Eira assentiu. — Ele está exigindo um imposto maior. Quatro pagamentos por ano em vez de dois.

Protestos silenciosos retumbaram em torno da mesa.

— A ameaça que ele tem sobre nós — ela levantou suas mãos, pedindo silêncio — É revelar à Igreja a presença de mulheres na Guarda... e levar seus superiores a acreditar que nós nos aprofundamos em magias negras.

Sentindo sua própria raiva se construindo, Eira respirou fundo. — Se rejeitamos suas condições, estaremos enfrentando acusações de feitiçaria. — Por um espaço de várias batidas, ninguém falou.

Em seguida a sala irrompeu.

— Como ele se atreve! — Claudio estava em pé, enquanto Ewan batia na mesa com os punhos. Thomas inclinou a cabeça.

— O homem não se importa com nada além de si mesmo? — Lukasz perguntou, balançando a cabeça. O rosto de Alistair ficou vermelho de fúria, enquanto Sorcha empalideceu.

— Todos nós queimaremos — disse. Barrow pegou sua mão, franzindo a testa para ninguém em particular.

— Paz, meus amigos. — Padre Michael, que estava sentado calmamente no canto da sala, levantou-se e veio para o lado de Eira.

— Na verdade, isso é profundamente preocupante — disse ele. — Mas Deus mostrará misericórdia para aqueles que colocam sua confiança nele.

Sorcha riu melancolicamente. — Você é um bom homem, Padre Michael. Mas suas afirmações sobre Deus são completamente vazias quando seus representantes planejam algo como isso.

Os olhos do sacerdote estavam tristes. — Você fala a verdade, Sorcha. Sabemos muito bem que há aqueles que dizem servir a Deus, mas servem apenas

a *mammon*¹⁰¹. Mas o coração não pode servir a dois senhores. O trabalho que você faz aqui é a obra de Deus. Tenha fé e nosso caminho se revelará.

Shorcha devolveu seu sorriso amável com um olhar desdenhoso.

Expressões desesperançosas atingiram o restante do grupo.

Mantendo a voz tranquila, Eira disse: — Pode haver outra maneira.

Levou um momento para que todos reagissem a suas palavras. Cian reconheceu primeiro. — Outra maneira?

Eira tomou seu tempo, escolhendo as palavras com cuidado. — Após o abade fazer suas ameaças, procurei o prisioneiro.

— Sozinha? — Thomas franziu a testa. — Este prisioneiro tem poderes que nós nunca encontramos, Eira. Qualquer interrogatório dele não deve ser tomado levianamente.

— É claro que isso foi impulsivo — Eira disse. — E peço perdão ao Círculo. Mas acredito que meu desejo de aprender mais sobre ele tenha se provado produtivo. Até mesmo vital.

As sobrelhas de Barrow se uniram. — O homem é louco. Tenho dificuldade em acreditar que ele será qualquer coisa, além de um fardo para nós. Como podemos ser auxiliados por alguém cujas palavras não têm significado?

Engolindo sua frustração, ela sorriu para o cavaleiro. — Ele falou com algum sentido para mim, Barrow.

— Por que ele ganharia clareza em sua presença quando não tinha nenhuma para nós? — Barrow perguntou.

Eira abriu e fechou a boca. Estava prestes a repetir o que o homem selvagem tinha dito a ela, que era a única que seu mestre solicitou e somente ela. Mas algo segurou sua língua – não um desejo de enganar os outros, mas um toque no seu coração que sussurrou que revelar aquele fragmento de informação poderia impedi-la de usá-la completamente como desejava.

— Eira? — Cian estava observando sua irmã com crescente preocupação. — O que ele disse?

Rapidamente, Eira calculou como compartilhar o suficiente, mas não tudo o que tinha aprendido, disse: — Ele afirma saber a fonte dos males que nós juramos derrotar.

— A fonte? — Lukasz endireitou-se na cadeira.

— Sim — ela disse-lhe, em seguida, deixou seu olhar varrer sobre todo o grupo. — O poder que você falou, Thomas, este homem alega que ele não tem nenhum poder.

— Ele não chamou a striga? — Sorcha perguntou.

Eira balançou a cabeça. — Ele me falou de seu mestre, aquele que comanda todas as criaturas que encontramos. Todas que nós esperamos destruir.

— Isso não é possível — disse Claudio. — Não existe tal coisa.

A voz do padre Michael foi tranquila. — Como um membro do Círculo, Claudio, você deve saber melhor do que falar do que é ou não é possível. Não é a maior parte de nossa ocupação derrotar o que é impossível para a maioria dos nossos irmãos e irmãs deste mundo?

Claudio baixou o olhar.

Incentivada pelas palavras de padre Michael, Eira pressionou: — Se o que nosso prisioneiro diz é verdade, talvez sejamos capazes de caçar o seu mestre. Se pudermos derrotá-lo, pode significar que cortamos o caminho pelo qual esses monstros entram no nosso mundo. Agora nós só mantemos estas criaturas afastadas; se tivéssemos como bani-las para sempre, seria uma vitória maior que todas as outras.

Barrow estava balançando a cabeça. — Não acredito nisso. Suas esperanças são compreensíveis, Eira, mas este homem está delirando. Está enfeitiçado pelo seu próprio poder e está inventando histórias para sustentar suas ilusões.

— Você tem outra explicação para as seis strigas que serviram a ele? — ela redarguiu.

— Eira está certa, Barrow — Alistair disse. — Fomos pegos desprevenidos. Nenhum feiticeiro que já caçamos jamais teve mais do que uma besta sob seu comando.

Sorcha pôs a mão no braço de Barrow. — Mesmo um louco às vezes fala a verdade.

Eira sorriu, prestes a continuar, quando Thomas interrompeu. — Mesmo que ele esteja revelando a verdade para nós, como ele muda nossa situação com o abade?

Ewan assentiu. — O abade é nossa principal preocupação. Uma vez que tenhamos determinado como melhor proceder, podemos investigar a questão

deste prisioneiro. Podemos mantê-lo na prisão enquanto precisamos.

— Precisamos de mais tempo para interrogá-lo — acrescentou Fionn.

— Isso pode ser o mais sensato neste momento — disse padre Michael. — Posso buscar canais dentro da Igreja. Abade Crichton fez inimigos, e talvez possamos encontrar solidariedade entre seus superiores.

— Perdoe minha discordância, padre — Eira disse, sentindo o tom da sala se afastando de seus interesses. — Mas mesmo que exista tal amigo na hierarquia da Igreja, o abade só precisa começar uma campanha sussurrada para espalhar mentiras sobre nossa ordem e nós vamos nos encontrar sujeitos a investigação. Muitos temem a heresia; nós não podemos correr esse risco. O que estou propondo nos permitiria contornar todos os canais corruptos da política.

— Como, Eira? — Cian perguntou. — Por que procurar esse suposto mestre nos ajudará nesta questão?

— Você não vê? — Ela lutou com sua frustração. — Se encontrarmos este mestre, teremos as respostas que sempre procuramos. Nosso prisioneiro afirma que serve a uma criatura que abre o portal para o outro lado. Se ganhamos tais segredos, como o abade iria se opor a nós? Como alguém poderia se opor a nós? Para manipular o nosso trabalho seria contornar o verdadeiro propósito do Conatus!

Thomas, o intendente do Conatus, soltou um suspiro cansado. — Querida Eira, o que está sugerindo é um jogo terrível. Você faria nosso trabalho conhecido ao público, o que convidaria o caos. O abade já ameaça minar o nosso propósito. Acho altamente improvável que qualquer novo conhecimento ou segredos que possamos encontrar mudaria a atitude desse homem.

— Mas... — Ela lançou um olhar suplicante a Cian.

Cian estendeu as mãos indefesas sobre a mesa. — Temo que Thomas está certo. O abade tem se mostrado decidido em todas as coisas.

— Há outra preocupação também. — Lukasz levantou-se, cruzando os braços sobre o peito. — Se de fato esta criatura que o prisioneiro chama de seu mestre existe, não sabemos nada sobre suas capacidades.

— Continue. — Claudio considerou o comandante com interesse.

Lukasz começou a andar enquanto falava. — O homem que capturamos afirma que a striga não estava sobre o seu comando, mas de seu mestre. Se isso

for verdade, quem irá dizer que essa criatura não pode convocar um grande número de monstros em seu auxílio?

As mãos de Eira fecharam-se em punhos. Ela queria se opor, mas não podia negar a solidez das palavras de Lukasz.

— E se este prisioneiro está aqui apenas como armadilha? — ele continuou. — Ele não ofereceu nenhuma resistência a sua captura. Senta-se na sua cela sem reclamar.

— Você acha que significa que ele está nos levando para uma armadilha? — Barrow perguntou.

— Não sei — disse Lukasz. — Estou apenas apontando o que é possível.

Eira inclinou a cabeça. Não tinha suspeitado a mesma coisa?

Ela olhou surpresa quando Alistair disse: — Mas poderíamos pelo menos enviar um grupo de espiões. Caberia a nós buscar provas desta criatura, não é?

— Sim — ela disse um pouco rápido demais, ganhando um olhar afiado de sua irmã.

Eira voltou o olhar firmemente. — A Guarda deve enviar um grupo para caçar o mestre feiticeiro.

— A Guarda está se dirigindo a Dorusduain. — Lukasz ofereceu-lhe um olhar interrogativo. — Você teria que dividir nossa força. Não sabemos em que estamos embarcando.

— Esqueça a missão de Dorusduain — disse a ele. — Nosso prisioneiro afirma que a aldeia se foi por causa do poder de seu mestre.

— Como pode esconder isso de nós? — Sorchá perguntou, puxando uma respiração aguda.

— Estou dizendo agora — disse. — O que é verdade nesta afirmação, eu não sei. Mas o homem selvagem diz que era a fonte da mensagem sobre Dorusduain.

— Isso é impossível. — Lukasz fez uma careta. — Nós capturamos o feiticeiro, na Floresta Negra. O mensageiro que trouxe notícias de Dorusduain disse que foi parado por um estranho na estrada de Cluanie.

— Não posso explicar isso. — Eira endireitou-se, recusando-se a ceder. — Mas como ele poderia saber da mensagem?

Thomas coçou a barba. — Talvez uma convenção de bruxos tenha aparecido. Nosso prisioneiro poderia estar ligado a outros.

— Então precisamos forçar nosso prisioneiro a revelar as identidades de seus irmãos — disse Sorch. — E nós vamos caçá-los.

Barrow assentiu. — Se eles estão trabalhando juntos, isto pode explicar o grande número de strigas. Eles teriam mais poder em maior número.

Eira manteve silêncio. Embora, não pudesse entender o porquê, sabia que o feiticeiro não fazia parte de uma convenção de bruxos. A impossibilidade de suas afirmações, sua própria loucura, a fez acreditar que ele era incapaz da conspiração que Sorch estava sugerindo.

— E se não for uma convenção de bruxos? — Cian perguntou. — Convocar strigas é uma coisa – mas e sobre Dorusduain? Já encontramos qualquer bruxo ou feiticeiro capaz de esvaziar uma aldeia sem nenhum vestígio de derramamento de sangue? Se esta criatura que o feiticeiro chama de mestre é real, o que isso significará para nós?

— Temo que isso significará guerra — Lukasz disse calmamente. — E um tipo de guerra que o mundo jamais viu.

Thomas estava olhando o comandante. — Acho que você está certo, Lukasz. Mesmo se não for uma guerra, qualquer conflito não natural em uma escala maior do que estamos acostumados, qualquer número maior dessas criaturas, pode chamar a atenção para o Conatus de forma perigosa. Se seus territórios forem ao ar feito fumaça ou forem subitamente invadidos por demônios, estaremos respondendo aos exércitos dos reis, bem como nossos inimigos habituais.

— O que seria tão ruim quanto o que o Abade Crichton ameaça. — Cian assentiu.

Sorch rangeu os dentes. — Esse caminho pode ser nossa própria ruína.

— Eu discordo. — Eira falou, de repente desesperada para recuperar o controle desta discussão. — Se vamos procurar este 'mestre', não devemos adiar.

— Você parece se sentir confiante sobre esta questão. — Thomas voltou-se para ela. — Por quê?

— Porque Eira está sempre em favor da guerra — resmungou Fionn.

— É o momento perfeito. — Ela ignorou Fionn, respondendo a Thomas. — Agora que a França está dando apoio à rebelião galesa, os ingleses estão bastante distraídos para prestar atenção. E os franceses estão muito preocupados com a Inglaterra para observar o que estamos fazendo.

Kael manuseou a ponta de sua adaga. — Se a Inglaterra e a França não puderem se entender, esta guerra vai continuar por cem anos.

Barrow riu asperamente, assentindo. — Certamente que sim.

— E quanto aos escoceses? — Claudio perguntou. — Considerando a localização desta fortaleza, seria melhor que eles mantivessem um olho aberto.

— Eles estão atolados na sucessão, tramando maneiras de matar os herdeiros legítimos — disse Ewan, ganhando uma risada fria de Fionn.

— E a Igreja está focada na inquisição — Eira disse. — Contanto que mantenhamos o abade Crichton feliz com seu pagamento por agora, não teremos problemas com a Igreja. Ele está jogando o mesmo jogo, tentamos ficar fora da confusão feita por Roma e Avignon. E ele está usando a distração de sua disputa para aumentar a sua própria fortuna. Quanto mais terras e influência reivindicar, mais influência ele tem sobre quem afirmar o papado. O abade é agora o único nos observando. Temos tempo para trabalhar, mas quem sabe quanto tempo vai durar.

Cian cruzou as mãos, descansando sobre a mesa. — Eu não confio na solidez desta estratégia, irmã.

O seu rosto ficou em branco. — Como assim?

— O prisioneiro é claramente instável —, disse Cian. — Não temos como saber se fala outra coisa senão maluquices. Por que desperdiçar nossas energias?

— Então, que mal poderia vir de investigar suas reivindicações? — sorriu. — Isso é tudo que peço.

— Toda vez que enviamos a Guarda no campo há um risco, — Ewan disse. — Não estou certo de que esta busca pela origem das trevas que lutamos é sábia. Particularmente com o abade observando sobre nossos ombros. A qualquer momento ele poderia gritar heresias e todas nossas vidas estariam perdidas.

— Mas é a única chance que temos de encontrar a origem — o maior mistério de todos, — argumentou. — Por que não podemos apanhá-la?

— Se fosse tão simples, seria de fato uma missão digna, — disse Cian. — Mas eu não posso acreditar que seja simples.

— Cian fala a verdade —, disse Ewan. — Precisamos de mais tempo. O prisioneiro está doente e seu testemunho não é confiável.

— Qualquer atraso é um erro, — sussurro, tentando mascarar sua raiva. — Um erro terrível.

Ewan sacudiu a cabeça. — Seu requerimento permanece sob consideração, Eira. Só peço paciência até que ganhemos maior discernimento sobre este assunto.

— A Guarda vai investigar Dorusduain como havíamos planejado — disse Lukasz. — Depois que descobrirmos o que aconteceu com a vila, seremos mais capazes de traçar o nosso próximo passo.

Inclinou a cabeça. — Como você desejar. — Mas seu coração já tinha escolhido outro caminho.

CAPÍTULO 23

EIRA GUIOU SUA ÉGUA, Geal, através da névoa espessa, no topo da encosta, procurando pelo marco sobre o túmulo. Ela já tinha visitado este lugar antes.

Como uma lápide antiga, a pilha de pedras tinha atraído a atenção de um bruxo. Eles haviam o capturado, mas não antes dele cortar a garganta da tola menina que atraiu para o local.

Embora tivesse visto isso como uma tragédia na época, hoje, Eira considerava a morte da garota como boa sorte. Um fim legítimo para uma tola de cabeça oca, que tão facilmente se deixou levar à condenação. Um lugar onde o sangue havia sido derramado. Esse era o local que o prisioneiro lhe disse para procurar se quisesse encontrar seu mestre.

Ela visitou o prisioneiro a cada dia desde que o círculo se reuniu. Fazia suas viagens à cela quando seus colegas já tinham ido dormir, tinha tomado cuidado para que suas conversas com o homem selvagem não fossem testemunhadas por ninguém.

Suas palavras eram sempre estranhas e às vezes assustadoras. Mas quanto mais falava com ele, mais convencida ficava de que investigar a veracidade de suas afirmações ela mesma, era o único jeito possível.

Esta conclusão trouxe-a até aqui, uma colina solitária, onde um homem perverso tinha tirado uma vida inocente na esperança de persuadir uma criatura maligna ao seu serviço. Tais incidentes foram muitas vezes aqueles que incitaram viagens da Guarda para o campo. Mais frequentemente do que não, eles chegavam tarde demais para evitar o derramamento de sangue, usando a evidência de atos nefastos para perseguir o feiticeiro que tinha feito tais males.

Conatus punia aqueles que convocavam as trevas para o mundo, mas eles não encontravam nenhuma maneira de conter o fluxo de bestas malignas. Foi por isso que Eira fez seu caminho através dos grossos redemoinhos de neblina, buscando o túmulo solitário.

Sua égua, branca como a neve, bufou, arranhando a terra. Eira freou Geal e desmontou. Os animais sempre sentiam a presença do mal, até mesmo os ecos de atos perversos de muito tempo atrás. O bruxo tirou a vida de sua vítima há

mais de dois meses, mas sua égua ainda sacudiu a cabeça e recusou-se quando tentou levá-la em direção à pilha de pedras envoltas pelo ar cinza úmido.

Geal de repente ergueu-se, dando um relincho penetrante de protesto. Murmurando uma maldição, Eira procurou pela encosta até encontrar um tronco branco de um pinheiro morto no chão a uma curta distância do monte de pedras. Ela amarrou o cavalo na madeira seca e caminhou até as pedras por conta própria.

Ela olhou para as pedras por alguns minutos. Seu pulso estava acelerado, batendo em suas veias, lembrando-a de que, apesar de sua decisão de vir aqui, ela tinha ficado receosa pela escolha. E o que deveria fazer a seguir não aliviava sua mente. Apertando os dentes, Eira puxou um punhal e colocou-o contra a palma da mão.

Ele está esperando. O seu sangue irá chamá-lo.

Eira questionou o homem selvagem incessantemente sobre isso. Como pode o sangue dela trazer alguma coisa? A partir do que tinha aprendido de Conatus sobre magia negra, ela esperava ter que sacrificar um animal e cantar alguma invocação, mas o prisioneiro tinha rido de suas dúvidas.

O seu sangue irá chamá-lo.

Ela virou a borda da lâmina em sua pele. Com um único golpe rápido, abriu a carne. O líquido carmesim brotou, derramando-se sobre a sua mão. Eira observou o gotejamento de sangue na terra, em frente ao monte de pedras, meio que se perguntando se alguma criatura horrível iria irromper do solo, na esperança de devorá-la.

Nada aconteceu. Eira ouviu Geal se mexendo de onde foi amarrada. A névoa continuou a girar em torno dela. Dúvidas surgiram em sua mente, corroendo a confiança que a trouxera até ali. Por que ouviu as palavras de um homem claramente louco? Não era de admirar que os outros tinham rejeitado seus pedidos na reunião do Círculo.

Eira puxou um pedaço de linho limpo, que tinha amarrado em seu cinto. Ela estava prestes a cobrir a palma da mão cortada quando uma voz soou através da névoa.

— Você não vai precisar fazer isso.

Ela se virou, com seu punhal preparado.

— Quem está aí? — Uma figura alta apareceu, suas características obscurecidas pela névoa.

— Achei que você estava me esperando.

Ela estremeceu. O que quer que tenha imaginado antes, não era isso. A voz que se dirigiu a ela era rica e suave e falou com demasiada confiança.

— Posso me aproximar? — A voz soou divertida.

Tomando alguns passos para trás para que pudesse usar o tumulto como um escudo, se fosse necessário, Eira disse: — Mostre-se.

Como se tivesse sido ordenada, a névoa se separou revelando um homem alto. Estava vestido com uma simples, mas bem-feita vestimenta: um manto pesado, escuro sobre uma camisa de linho puro e chausses^[11] de couro. Pelo que ela pôde ver, estava desarmado.

Ele inclinou a cabeça à Eira com um leve sorriso. Seu rosto não era desagradável, mas não o teria chamado de um homem bonito. Havia muita arrogância esculpida em suas feições de águia, e a curva de seus lábios sugeriam desdém. Seu cabelo caiu sobre seus ombros, elegante e mais escuro do que a terra mais rica.

— Milady. — Ele se dirigiu a ela com a aparente respeito, mas em contraste com o prisioneiro rastejante, não ofereceu nenhuma reverência ou até mesmo a menor inclinação da cabeça. Eira tinha a sensação de que esse homem não era como nenhum outro. Quando ela não respondeu, seu sorriso torceu — Você vai se esconder atrás dessas pedras o dia todo?

Eira fez uma careta. — Você fala como se não fossemos estranhos. Como se não tivesse sido convocado pelo sangue.

— O sangue é natural como a água — disse o estranho. — É simplesmente mais pessoal. Como eu saberia que estava me esperando sem uma oferta tão íntima?

— Não foi uma oferta. — Eira estremeceu com a sugestão. — Eu só estou aqui para saber quem ou o que você é.

— Muito bem. — ele deu de ombros. — Mas a sua hostilidade é injusta. Aqui, deixe-me ver a sua mão.

Quando ele falou, o corte na palma dela latejou. Eira olhou para baixo, vendo o brotar de sangue fresco em sua pele machucada.

— Um gesto de boa vontade — disse ele em voz baixa. — Venha comigo.

Seus olhos correram para cima e para baixo no estranho mais uma vez. Ela ainda não conseguia ver nenhuma arma, nem sentir um ataque iminente. Perigo? Sim. Perigo pairava no ar ao seu redor, mais espessamente do que a névoa. E ainda assim, ela se moveu lentamente em direção a ele, mantendo sua adaga pronta.

Se ele atacar, disse a si mesma, não vou ter nenhum problema em cortar sua garganta. Proximidade significa um risco igual para nós dois.

Quando estava a uma distância possível de um ataque, ela fez uma pausa. — A sua mão — disse ele, oferecendo a sua própria a ela.

Com a mão direita segurando o punhal apertado, Eira estendeu a mão esquerda em direção a ele. Ela lutou contra o instinto de se afastar quando ele a tocou, embora sua pele estivesse quente e ele lidava suavemente com a palma de sua mão ferida. Por um momento, ele simplesmente olhou para a ferida, observando o sangue se acumular na palma da mão.

Seu suspiro soou arrependido quando mergulhou os dedos no sangue, seguindo a linha de sua palma cortada. Seu toque não trouxe nenhuma dor, mas um calor se espalhou por todo lado, formigando seu braço e seu peito.

Quando ele soltou sua mão, Eira engasgou. O sangue havia desaparecido. Mesmo o corte tendo sido profundo, não havia evidência de que a lesão permanecia, nem mesmo a sugestão de uma cicatriz.

— Quem é você? — Ela perguntou, olhando para a palma de sua mão sem marcas.

— Um aliado — disse ele em voz baixa. — Aquele que irá ajudá-la em sua causa.

Eira franziu a testa, tirando os olhos de sua mão para olhar o rosto dele. — Você tem um nome?

— Em minhas próprias terras, eu tenho um nome que sua língua não pode proferir — ele disse. — Aqui eu sou chamado Bosque Mar

— Lorde Mar — Eira disse, apostando pelo ar de presunção do sujeito, que se dirigir a ele com respeito, provavelmente extrairia o máximo de informações. — Sou Eira. Uma serva de Conatus.

Como esperava, seus olhos se iluminaram com apreço. — Eu sei quem você é, Eira. E eu não lhe chamaria de serva. Você é uma guerreira. Uma líder dos homens. Destinada à grandeza.

Sua pele se arrepiou. — Como é que você me conhece?

— Eu tenho muitos olhos neste mundo — Bosque disse a ela. — E eu aprendi muito. Tudo isso me levou a você.

— Por quê?

— Eu preferiria mostrar-lhe — disse ele. — Montaria comigo?

Fora da névoa, outra forma apareceu. Um grande cavalo se aproximou de Bosque silenciosamente. Eira deu um passo longe da criatura. Para todas as aparências, parecia um garanhão, mas sabia que não era um verdadeiro cavalo. A elegante pele negra do animal estava viva, movendo-se como se tivesse nascido da sombra. Seus olhos eram negros como carvão, mas dentro de suas profundezas, queimava uma luz verde doentia.

— Para onde vamos? — Perguntou.

— Um lugar familiar para você — Bosque disse. Com um único movimento suave, ele montou em seu cavalo escuro.

Eira olhou para a névoa. Em algum lugar atrás daquele véu cinza, Geal estava amarrada. Ela considerou o peso da adaga em sua mão. Com um golpe, poderia despachar este homem chamado Bosque, livrar o mundo de qualquer ameaça que podia representar. Mas ele ainda não mostrou qualquer intenção de prejudicá-la. Através de alguma magia desconhecida, havia curado a sua ferida.

— Muito bem. — Ela foi encontrar sua égua.

A voz de Bosque se arrastou atrás dela. — Você vai precisar acalmar a sua égua. Ela provavelmente vai reagir a mim e a meu cavalo... inquietantemente.

Eira já havia previsto tal reação de Geal, mas seu cavalo tinha uma disposição obediente, e apesar da égua ter empacado quando o cavaleiro e seu grande e escuro cavalo surgiram da névoa, não ofereceu uma resistência incontrolável. Enquanto permitida a Geal uma ampla distância do cavalo de Bosque, a égua atendia seus comandos. Bosque liderou o caminho, guiando seu cavalo ainda mais fundo através da névoa

— Você falou de suas terras. — Ela falou com cuidado. — Onde elas ficam?

— Meu mundo está por trás das sombras do seu — disse ele. — Separados, mas ainda amarrado a ele.

— Como é possível tal coisa? — Perguntou.

Ele trouxe seu cavalo para mais perto dela, o que fez Geal bufar nervosamente.

— Existem muitos mundos, muitas terras — ele disse a ela. — Alguns chamam um ao outro. Tal é o caso com o meu mundo e o seu.

Eira franziu o cenho. — Chamam um ao outro?

— Quando as necessidades de um mundo podem ser atendidas por outro, os dois se unem. — Sua voz era reverente. — Semelhante atrai semelhante.

A névoa girava em torno deles, dando origem a formas sombrias que eram difíceis de ignorar.

— Minha casa é corrompida pela guerra e morte, bem como este mundo é — Bosque continuou. — Sou apenas um dos muitos que anseiam pela ordem sobre o caos dominante. — Ele virou-se na sela para olhar diretamente para ela. — Eu sou como você. Sozinho e precisando de aliados.

Embora seu coração batesse fora do seu ritmo, Eira fingiu desprezo. — Você vai entender a minha dúvida sobre isto. O homem que me enviou a você. Seu servo. Foram suas incursões no oculto que permitiu a striga a assolar a Floresta Negra. Essas criaturas se alimentam de inocentes. De crianças. — Bosque observou-a, não dando nenhuma indicação de surpresa. Ela tirou os olhos dele. — Jurei livrar esta terra de tais monstros. Você e eu não somos iguais.

Eira ficou surpresa quando ele riu. — Oh, nós somos, Eira. Você simplesmente me entende mal e as criaturas que comando.

Quando Eira não respondeu, ele disse: — Os monstros que você procura matar para proteger o seu povo, foram enviados aqui apenas por necessidade.

— E qual necessidade é essa? — olhou para ele.

— Você é uma guerreira e comandante de guerreiros — Ele respondeu. — Assim como eu. As criaturas que você caça são meus soldados.

— Então, por que eles estão aqui? — perguntou. — A guerra não é em seu próprio mundo ou ela se derramou para o meu?

Bosque balançou a cabeça. — Você está certa de me questionar. A guerra está sendo travada em minhas próprias terras, mas os espaços pelo qual eu posso trazer meus guerreiros para este mundo dão-me uma vantagem contra os meus inimigos.

Ela lançou um olhar de soslaio para ele. — Como assim?

— As criaturas do meu mundo tiram o seu sustento de outras coisas além da carne — disse ele.

— Uma striga se alimenta de carne — respondeu.

Bosque ofereceu-lhe um sorriso indulgente. — A carne humana é apenas uma pequena parte do que um striga precisa para sobreviver. É do terror de suas vítimas do que eles realmente se alimentam.

— Medo? — O peito dela se apertou.

— Daí a razão pela qual eles preferem caçar crianças — ele disse a ela. — O medo delas é muito mais forte, mais puro. O medo de um homem adulto ou uma mulher está contaminado por tentativas da sua mente para reagir ao ataque.

Eira se irritou com a maneira casual em que ele discutia sobre os assassinatos de crianças.

— Mas as striga estão entre as criaturas mais vis que posso comandar. — Bosque mexeu-se na sela. — Por essa mesma razão, elas são mais facilmente convocadas por magos fracos, já que são espíritos que revivem cadáveres ou diabinhos travessos e ganham força a partir de truques cruéis. Elas entram em seu mundo com a minha autorização, e com a minha autorização, servem aos homens aqui.

— Você está dizendo que a única razão pela qual esses monstros atravessam para o nosso mundo, é porque eles preferem a comida daqui? — Eira queria vomitar. Toda a missão de Conatus ser reduzida a uma questão de predadores e presas parecia um sacrilégio.

— Talvez isso seja muita simplificação — Bosque disse. — Mas, de certa forma, sim.

— Foi isso que aconteceu com o povo de Dorusduain? — Ela perguntou. — Uma aldeia inteira para encher as barrigas de seus animais?

Bosque sorriu lentamente. — Não. Dorusduain é uma lição... e uma inacabada.

— Eu cansei de seus enigmas. — Cheia de nojo, Eira freou sua égua. — Não temos nada mais para discutir. Como se atreve a me insultar, tornando o mundo que eu jurei proteger, em gado para seus lobos abaterem!

Ele puxou sua montaria. — Por favor, Eira. Você me entendeu mal. Eu só ofereci esta pobre explicação, a fim de revelar a você como isso pode acabar.

Sua determinação de sair desta reunião afrouxou-se. — Acabar?

— Você e eu lutamos um com o outro, quando nós faríamos melhor se unirmos nossos esforços — ele disse a ela. — A verdade é que nós queremos a

mesma coisa.

— E o que é? — Perguntou.

— Vencer nossas guerras.

— Minha guerra busca a destruição de seus monstros — respondeu.

— É mesmo? — Ele sorriu. — Ou será que existe alguma outra guerra mais adequada para a sua natureza?

Bosque acenou com a mão e a névoa se separou. Eira não pôde deixar de suspirar com a visão impossível diante dela. Não andavam mais pelas colinas acima de Tearmunn. Ela viu os últimos traços de névoa flutuando acima de um campo iluminado pelo sol. Camponeses estavam trabalhando no solo, preparando-se para o plantio de primavera. Os cavalos estavam em um caminho largo que se curvava até uma mansão imponente.

Eira segurou as rédeas, tentando acalmar-se. Uma viagem que deveria ter levado todo o dia, de alguma forma, passou em menos de uma hora.

— Peço desculpas se eu confundi seus sentidos — disse o Bosque. — Só queria nos salvar do problema de uma longa jornada.

— Você viaja através dos fios da terra? — Ela perguntou lentamente. — Como nós fazemos? — Ela não tinha visto a luz cintilante de um portal, mas talvez a sua presença tenha sido encoberta pela névoa pesada.

— Não — respondeu Bosque. — Eu não posso abrir esses portais. Mas há outras portas disponíveis para mim. Infelizmente, meu talento para viagem é limitado. Eu só posso passar por eles com quem me chamou aqui, já que a minha presença aqui é amarrada a essa pessoa. Conatus tem o poder de mover exércitos em um piscar de olhos. Uma habilidade invejável, de fato.

Eira não respondeu, sem saber se estava mais inquieta pelo incrível poder que acabara de presenciar, pelas suas observações sobre Conatus ou por onde ele a levou.

— O que estamos fazendo aqui? — Percebendo a ansiedade dela, Geal sacudiu a cabeça. Eira ficou aliviada ao voltar sua atenção para controlar o cavalo. Manuseio de um cavalo inquieto era preferível do que considerar as consequências de estar neste lugar, na companhia do misterioso Bosque Mar.

— Eu te trouxe aqui por engano? — Ele perguntou, sorrindo. — Não é essa a casa de seu inimigo?

Tendo obtido o controle de sua égua, Eira assentiu. Então virou-se para olhar de novo para a propriedade do Abade Crichton.

CAPÍTULO 24

— Você gostaria de admirar a mansão por mais tempo? — Bosque perguntou com a sombra de um sorriso.

O olhar que ela atirou a ele era azedo. — Você fala como se tivesse oferecido uma explicação satisfatória do por que me trouxe aqui.

Bosque riu. — O porquê de eu te trazer aqui deve ser mostrado, não explicado. Devemos pagar nossos respeitos ao abade?

Ele guiou a montaria em um trote, Eira deixou sua égua segui-lo a uma curta distância. Quando se aproximaram das portas esculpidas da casa do abade, a suspeita penetrou em sua mente. E se tudo isto – do prisioneiro à aparência estranha de Bosque na encosta – não passou de um plano elaborado e orquestrado pelo próprio abade, buscando uma maneira de acusá-la de traição?

Eira afastou suas dúvidas. Embora ele se beneficiasse ao supervisionar Tearmunn, o abade tinha um pequeno envolvimento no trabalho deles. Ele não se importava com o conhecimento arcano alojados em suas bibliotecas ou com a magia exercida por seus clérigos. Às vezes se ela perguntava se o abade ainda acreditava que os males que Conatus enfrentava eram reais. Também duvidava que ele era esperto o suficiente para criar uma armadilha tão intrincada.

Quando frearam seus cavalos perto da mansão, um servo correu para atendê-los. Bosque murmurou baixinho para sua montaria. O cavalo sombra mudou seu peso e pareceu ganhar mais substância. O movimento sob o seu revestimento brilhante tornou-se menos pronunciado. A estranha luz verde em seus olhos esmaeceu.

Um dos servos levou seus cavalos para serem tratados e alimentados nos estábulos do abade, onde tinha ouvido falar que ele tinha enchido com cavalos finos de vários lugares da terra, mas não para montá-los e sim, simplesmente para admirar. Outro servo os levou para dentro da casa.

Eles foram levados para a sala de estudo do abade. Ele estava sentado em uma ampla mesa de ébano polido.

— Eira! — O abade largou a pena. — Que surpresa agradável. Eu estava terminando minha correspondência com Roma.

Eira ofereceu-lhe um sorriso. — Espero que você tenha boas notícias para compartilhar.

— Notícias justas o suficiente por agora. — Avareza encheu seus olhos. — Fiquei satisfeito com a minha despedida agradável de Tearmunn. Eu suponho que você veio aqui para garantir que nossas boas relações continuem.

Ela não respondeu, olhando para Bosque. Por que eles estavam aqui?

O abade levantou-se e deu a volta na mesa para olhá-los. Seus olhos se estreitaram quando olhou para o companheiro dela. Bosque voltou o olhar do abade de forma constante. Ele levantou sua cabeça duas vezes mais alta do que o clérigo.

— E quem é o seu companheiro? — Abade Crichton franziu o cenho. — Um convidado de um dos postos avançados de Conatus do exterior? Um emissário da Terra Santa?

— Eu viajei muito mais do que isso para estar aqui — Bosque murmurou.

A boca de Abade Crichton franziu amargamente, mas levantou a mão. — Eu sou o abade de Tearmunn. Diga-me as suas origens e, talvez, irei conceder-lhe a bênção da Igreja. Você descobrirá que vale a pena ter o meu favor.

Bosque olhou para a mão estendida do abade com desgosto. — Eu não preciso de sua bênção.

O abade olhou para Bosque. Suas bochechas ficaram vermelhas e balbuciou. — Que blasfêmia é essa? Você sabe a quem se dirige?

— Eu sei. — Bosque sorriu. — E eu estou aqui para fazer uma oferta.

— Que negócios eu faria com alguém como você? — O abade Crichton cuspiu. — Você não tem nenhuma autoridade sobre mim.

Eira assistiu a troca com fascinação. A satisfação de ver Bosque insultando o abade fez com que seus dedos dos pés mexessem dentro de suas botas.

— Não é o seu lugar dizer se você vai ou não vai negociar comigo — respondeu Bosque. — Você trouxe à minha amiga grande sofrimento.

— Sua amiga?

Bosque apontou para Eira. — Ela faz grandes sacrifícios para proteger o seu mundo, e ainda assim você a desonra e a sua ordem.

— Como se atreve! — Os olhos do abade incharam. — Verei você apodrecer na minha masmorra por sua insolência.

— Minha senhora. — Bosque a olhou, ignorando os protestos estrangulados do abade. — Posso lhe mostrar porque te trouxe a este lugar e a este homem?

Com um arrepio de antecipação, Eira assentiu. Bosque sorriu e voltou sua atenção para o abade fumegante.

— Ofereço-lhe esta escolha: Obedeça a vontade de Eira e não mais atormente com suas missões mesquinhas em busca de riqueza e poder. Você não é digno de seu tempo ou preocupação.

— Obedecer? — A saliva se acumulou nos cantos da boca do abade. — Tearmunn e todos dentro dela acatam a mim.

— Isso pode ser verdade — Bosque respondeu. — Mas não será assim por muito tempo.

Embora ele tenha enfrentado Bosque, o abade não era tolo o suficiente para atacar a um homem que emanava tanto poder psíquico. Ao invés disso, ele a atacou. Tudo o que Bosque fez foi acenar sua mão. O abade voou de volta, caindo de cabeça para baixo sobre a mesa e depois no chão.

— Você seria sábio se prestasse atenção às minhas advertências — Bosque murmurou enquanto o abade lutava para ficar de pé. Sua fúria e seu rosto vermelho haviam embranquecido com choque.

— Quem é você? — A voz do Abade Crichton tremeu.

— A pessoa que irá mudar todas as coisas. — Bosque levantou a mão, traçando uma forma no ar. O caminho que seus dedos fizeram um rastro de chamas, suspenso no ar, não emitindo fumaça.

O abade deu um grito estrangulado e fez o sinal da cruz. Eira deu vários passos para trás, mas estava mais fascinada do que assustada. O símbolo flamejante estendia-se em Bosque. O símbolo estremeceu, pulsou e depois explodiu. A forma de fogo tinha se tornado algo novo, algo escuro e estranho, que se aproximava. Sua substância mudava constantemente, não muito diferente da aparência estranha do cavalo de Bosque. Mas essa coisa não era nenhum cavalo. Ondulava como uma nuvem de fumaça e exalava o cheiro de cabelo e carne queimada. Eira engoliu em seco para que não sufocasse com o mau cheiro.

— Contemple — Bosque sorriu. — Um soldado do meu exército.

— O que é isso? — Eira sussurrou.

— Um fantasma — disse-lhe. — Capaz de maravilhas que você nunca presenciou.

Ele apontou para o Abade Crichton e o fantasma deslizou para o homem que estava tremendo. Ele gritou, agitando os braços com a forma da sombra da criatura caindo sobre ele. Seus gritos de medo tornaram-se gritos de dor, enquanto o fantasma serpenteava em torno dele. O abade se contorceu e gritou. Eira sabia que deveria ficar horrorizada, mas vendo o tormento do homem pomposo, só sentia um arrepio na espinha.

Os gritos do abade chamaram servos alarmados para a sala. Vendo seu mestre contorcendo-se no chão, sendo atacado por uma força escura, enquanto chamava seus guardas. Bosque piscou para ela e convocou mais três fantasmas, que se reuniram com os guardas que invadiram o quarto. Suas espadas atravessam os fantasmas como varas através da água. Em poucos segundos, os guardas, assim como o abade, estavam no chão gritando enquanto os fantasmas os consumiam.

— Os fantasmas podem ser mortos? — sussurrou.

— Não por qualquer arma que você conheça — Bosque disse.

Eira o encarou, franzindo a testa. — Tendo esses soldados, por que busca a minha ajuda? — Ela estremeceu, apontando para os guardas indefesos. — Parece que você é invencível.

— Meu poder é limitado aqui — Bosque disse. — Eu só posso dar tanto quanto se pede de mim. Eu vim por causa do seu sangue. Eu permaneço apenas com pela sua vontade.

— A minha vontade? — Eira olhou para ele, divertindo-se com a promessa de poder realizada por suas palavras.

— Como eu disse — Bosque disse suavemente. Sua mão subiu para tocar sua bochecha. — Você e eu somos a mesma coisa. Vamos ajudar um ao outro. Esta é apenas uma demonstração. Cada pesadelo que você e sua ordem enfrentaram, cada um deles entrou neste mundo com minha permissão. Imagine se eles estivessem aqui para obedecer aos seus comandos em meu lugar.

Os gritos do abade tornaram-se gemidos desesperados. Eira afastou os olhos do olhar penetrante de Bosque. Seus olhos eram de prata, cheios de um brilho que prometia possibilidades infinitas.

— Eira, por favor — Abade Crichton chamou. — Tenha piedade!

Eira considerou com calma o abade se contorcendo. Ele se arrastou em direção a ela com o fantasma ainda envolto em torno dele, seu nariz enrugado, reagindo não só ao cheiro da criatura sombra, mas também repelida pelo odor pungente do abade por ter sujado a si mesmo.

— Ajude-me — Abade Crichton soluçou. — Eu lhe obedecerei. Eu lhe obedecerei.

Atrás de Eira, os guardas ainda estavam gritando.

— Você me... obedecerá?

— Sim! — O abade arranhou inutilmente os tentáculos da sombra que serpenteavam em torno de seus membros.

— O suficiente? — Bosque lançou um olhar de soslaio para ela.

Eira fez uma pausa, observando como o abade estendia as mãos implorando para ela. Ele se debatia no chão, sua agonia era terrível. E bonita. Algo novo e vivo com prazer corria nas veias dela.

— Ainda não — sussurrou.

O abade gritou novamente e ela começou a sorrir.

CAPÍTULO 25

As águas estavam tão escuras que Ember não sabia se estava nadando para a superfície ou se estava nadando para baixo, selando seu próprio destino. Ela chutou forte, na esperança de que com seus esforços ganharia luz e ar. A prisão fria de água agarrou-se a ela, tentando trazê-la de volta. Com toda a força que conseguiu reunir, Ember empurrou-se para cima, cima, cima.

Ela estava ofegante quando seus olhos se abriram. Apertando os olhos contra a luz repentina, Ember tentou sentar-se, mas gemeu quando a dor se espalhou através de seus ombros e costas.

— Você está acordada! — Uma mulher em vestes cinzentas correu para a cama, onde Ember jazia, e colocou a mão na testa dela. — E a febre foi embora. Deve ter abaixado no meio da noite.

— Onde estou? — Ember perguntou. O quarto era pequeno e bem iluminado, mas não era sua cela. A luz da manhã entrava pelas janelas altas, deixando as paredes de pedra sem brilho em um tom amanteigado.

— Na mansão — a mulher disse. — Você esteve lutando contra uma infecção nos últimos dois dias. Estávamos muito preocupados, mas você melhorou completamente. Sua constituição é invejável – muitos não teriam superado a febre.

A visão de Ember ajustou-se lentamente à luz solar. Ela olhou ao redor da sala.

Entendendo mal sua procura, a curandeira disse: — Não se preocupe, milady, você não foi negligenciada. Estive esticando os seus braços para você não sofrer nenhuma perda de movimento. Em breve, você precisará usar suas armas novamente, não pode perder toda a força que ganhou.

Ember começou a agradecer a curandeira, mas a mulher continuou: — E ele está cuidando de você dia e noite. Na verdade, fiquei surpresa de encontrá-la sozinha, quando cheguei esta manhã.

— Quem, Alistair? — Ember perguntou. Foi um gesto bastante atencioso da parte dele ficar com ela enquanto esteve doente, talvez um pouco possessivo.

A curandeira balançou a cabeça. — Não, não. Eu quis dizer Lorde Hess. Claro, Lorde Hart visitou você também, mas é Lorde Hess quem está na maioria

das vezes aqui.

— Barrow? — Ember franziu o cenho para a curandeira, um pouco assustada com as palavras dela. Claro, Barrow estaria preocupado com seu bem-estar, mas com certeza tinha coisas melhores a fazer do que sentar-se em seu leito de doente. Naquele momento, Barrow entrou na sala, parando quando a viu acordada.

— E aqui está ele agora — disse a curandeira.

Barrow parecia um coelho encurralado por uma raposa, sem saber se lutava ou fugia.

— Ela precisa de atendimento? — Ele perguntou a curandeira. — Eu não quero atrapalhar sua cura.

— Eu já estava de saída — disse-lhe. — Ela ainda não pode andar, mas vai precisar esticar seus braços e costas. Pode precisar de sua ajuda com isso.

A curandeira coletou as bandagens usadas e seus medicamentos. Barrow esperou até que ela saísse e, em seguida, veio sentar-se na cadeira ao lado da cama. Ember notou que ele tinha um livro grosso, encadernado em couro dobrado debaixo do braço.

— O que é isso? — Ela perguntou, sentindo-se desconfortável. Saber que Barrow tinha tomado conta dela diariamente, desde que tinha desmaiado deixou-a tonta e sua pele estranhamente quente. Barrow parecia tão à vontade quanto ela. Ele esfregou a parte de trás do seu pescoço, deslocando seu olhar para longe dela.

— Estive lendo para você.

— Lendo para mim?

Ele colocou o livro grosso em seu colo. — Heródoto: As Histórias.

Ember franziu o cenho para ele, o que finalmente o fez sorrir.

— Eu supostamente estou ensinando você — ele disse. — Heródoto tem excelentes contos das guerras greco-persas. Eu considereei a Arte da Guerra de Sun-tzu, mas pensei que uma narrativa seria melhor do que a filosofia militar para o momento. E mesmo que você estivesse inconsciente, pensei que poderia... ser capaz de ouvir.

A garganta de Ember fechou e ela olhou para suas mãos. O silêncio encheu o pequeno espaço entre eles.

Depois de alguns minutos, Barrow tossiu. — Devo deixá-la?

Ember balançou a cabeça, forçando-se a olhar para ele, embora seu rosto parecesse estranhamente quente. — Sou grata por sua companhia, mas não seria melhor você estar em uma missão?

Ele suspirou. — Nossas missões estão em espera enquanto o Círculo determina nosso melhor curso de ação.

— Nosso melhor curso de ação a respeito do quê?

Quando ele se contraiu, lançando os olhos em direção a porta, Ember respirou fundo.

— Meu pai... o que ele fez? — Ela estava desesperada para que Barrow olhasse para ela novamente. — O que aconteceu? Estou sendo mandada embora?

Seu peito apertou com o pensamento e ela não conseguiu impedir que o gemido ansioso escapasse de sua garganta.

Os olhos de Barrow finalmente encontraram os dela. — Por favor, Ember, se a curandeira achar que lhe causei dor, irá me esfolar.

— Não vou voltar — ela disse. — Aqui é onde eu pertenço.

Ele não a tocou, mas descansou uma mão na borda da cama. — Você não está sendo mandada embora. O abade estava provocando o círculo, algo que ele tem grande prazer em fazer.

Ember caiu contra seu travesseiro. — Mas foi a queixa do meu pai que trouxe o abade aqui. Ele viu através dos meus atos.

— Ele sabia sobre a sua vocação para a Guarda bem antes de seu pai contar-lhe — disse ele. — Acreditamos que ele comprou um servo para espionar nossa ordem. Não é surpreendente, mas inconveniente.

— Talvez eu devesse voltar para casa. — Ela suspirou. — Se meu pai vai trazer este fardo para Conatus, a minha presença é um risco.

— Se não fosse o seu pai, teria sido outra coisa — Ele disse a ela. — Há rumores de que o abade acredita ser digno de uma grandiosa casa e precisa de fundos para construir uma nova mansão. Ele se aproveitou da queixa de seu pai, porque atinge as irmãs onde elas se sentem mais vulneráveis. Eira e Cian foram as melhores cavaleiras que Conatus já viu. Elas querem garantir que outras mulheres possam seguir o mesmo caminho que fizeram, mesmo as mulheres nobres de nascimento. Você é a primeira do que elas esperam serem muitas.

— Será que o Círculo atenderá às demandas do abade?

Barrow esfregou as têmporas. — Eu não sei. Eles fecharam as reuniões e só estive presente em uma. Sei pouco, mas pelo que ouvi, eles estão divididos sobre isso.

— Existe uma escolha que não seja submeter-se ao Abade Crichton? — Ember perguntou.

— Eira parece pensar que sim — disse ele com uma careta.

Ela franziu o cenho. — Qual é o problema?

Ele balançou a cabeça. — Eu não tenho certeza. Eira quer resistir, e eu seria o primeiro a escolher esse caminho se achasse que fosse viável... mas algo não parece certo nisso.

— Eu não entendo. — Ember não gostou da forma como a voz de Barrow se apertou.

— O homem que veio em nossa direção na floresta — disse ele, inclinándose para frente até que seus braços cruzados repousassem sobre suas coxas. — Ele está preso na prisão. Fomos interrogá-lo dia após dia, mas ele só fala loucuras.

— Ele parecia louco — ela disse.

— Para todos os efeitos, ele é louco — Barrow disse. — Mas ele foi capaz de chamar meia dúzia de strigas na Floresta Negra para servi-lo. Tal coisa não é possível — pelo menos nós não acreditamos que seja.

— E Eira pensa que ele poderia nos ajudar contra o abade? — Ember preocupou-se com o agravamento da tensão no rosto de Barrow, então o riso silencioso dele surpreendeu-a.

— Acho que isso é uma boa lição de Heródoto. — Ele colocou o livro no pé de sua cama. — Lutamos contra criaturas que não são naturais, bestas que corrompem o nosso mundo. Nós aprendemos maneiras e formas de convocá-los e mais importante, de como matá-los. — Ele se inclinou para trás em sua cadeira. — Os objetivos dos nossos clérigos têm sido focados no aproveitamento da magia elementar realizada pela Terra para combater esses males que não pertencem aqui. Os poderes que empregamos nesta guerra contra as trevas são repelentes naturais para as criaturas contra as quais lutamos.

Ember ficou imóvel, arrebatada pelo conto.

— Mas Eira acredita que nossas energias estão direcionadas de um jeito errado — ele disse. — Ela quer que os clérigos mudem seus estudos para o nosso

adversário – o suposto dono dessas bestas perversas que surgem a partir da escuridão.

— Isso não parece razoável — Ember disse calmamente.

— Não, não é — Barrow deu um longo suspiro. — Eu não posso explicar por que estou incomodado com seu pedido. É que o homem que capturamos, não mostra nenhum medo, apesar de ser nosso prisioneiro. E ele deveria ter medo. Qualquer pessoa que encontramos mexendo com magia negra nunca mais vê a luz do dia novamente. Por estar aliado com a escuridão, sua vida está perdida.

— Mas ele é quem Eira quer que os clérigos estudem? — Ember perguntou quando pedaços de história de Barrow se encaixaram.

— Sim — disse ele, franzindo a testa. — Eira acredita que este feiticeiro tem aproveitado mais profundamente estes mistérios escuros do que qualquer outro mago que capturamos. E ela está certa. — Ele olhou em seus olhos. — Diga-me se você acha que sou um tolo, Ember.

Ela abriu a boca para protestar, mas Barrow continuou falando. — Eira pensa que nosso prisioneiro pode ter encontrado a fonte de tudo o que é mau. Todas as criaturas que matamos. Ela quer buscar essa fonte e destruí-la.

Ember sustentou o olhar quando ele fez uma pausa, reunindo seus pensamentos.

— Significa que os nossos inimigos vêm de algum lugar ou algo assim, mas por razões que não posso explicar, não quero procurá-los, embora Eira afirme que se fizermos, isso pode nos proporcionar a única oportunidade de livrar este mundo desses males para sempre.

— Eu nunca pensaria que você é um tolo — Ember sussurrou. O pensamento de existir uma fonte que trouxe coisas como as strigas e os revenant a fez estremecer. — O que vai acontecer agora?

Sua mente estava dividida, um pouco de sua atenção ainda permanecia com o pensamento de que seu pai iria continuar a exigir o seu regresso, enquanto o restante cautelosamente meditou sobre a proposta de Eira. Não importa quão assustadora a origem pode ser, se esses horrores podem ser banidos da face da terra, como poderia Conatus não tentar essa missão?

Barrow encolheu os ombros. — Está nas mãos do Círculo. Amanhã a Guarda retorna a Dorusduain. Talvez encontremos mais respostas para orientar nossos passos.

— Você estará partindo amanhã? Eu quero estar pronta — Ember disse a ele. — Já estive deitada por dois dias.

Ela começou a sentar-se, mas estremeceu por sua pele estar tão apertada sobre as feridas.

— Você não vai voltar para o campo até que tenha se recuperado totalmente. E você já fez o suficiente na luta com a striga. — Barrow estava de pé, com a mão em seu ombro como se para pressioná-la de volta para os travesseiros. — Não force a si mesma. Você estará lutando ao meu lado em breve.

Ember levantou a mão, empurrando a dele, cerrou os dentes e rastejou seu caminho da cama até que estava em pé.

— A curandeira me disse que se eu ficar aqui por mais tempo, eu poderia perder toda a força dos meus braços.

Ele balançou a cabeça lentamente. — A curandeira disse que você poderia precisar de ajuda.

— Ela disse. — Ember franziu o cenho. — Eu não sei o que ela quis dizer.

— Eu acho que sei. — Sua voz sumiu. Ele deu alguns passos para longe dela, olhando para a porta. Por um momento, Ember pensou que ele estava prestes a sair, mas Barrow se virou e veio para o seu lado.

— Tente levantar os braços — disse ele.

Sem hesitar, ela levantou os braços. A dor a fez ofegar antes mesmo de elevar os ombros.

Barrow inclinou-se, tendo os antebraços em suas mãos e olhando-a nos olhos. — Isso vai doer.

Lentamente, ele ergueu seus braços. Sua respiração tornou-se superficial e Ember mordeu o lábio, tentando manter longe a sensação de que Barrow estava prestes a arrancar seus braços de suas bases.

— Respire — ele murmurou. Ele puxou seu corpo para frente para que seu peito dobrasse sobre as coxas, alongando os músculos das costas, e dos seus ombros e braços.

Apesar de todo seu esforço para engolir, Ember sufocou um soluço.

— Você é forte, Ember. — Barrow segurou-a, mantendo a tensão constante em seus braços estendidos. — Lembre-se disso.

— O que você está fazendo? — A pergunta indignada veio da porta.

Ember começou a levantar o seu corpo, mas Barrow manteve um controle apertado sobre os braços.

— Sente-se muito lentamente.

Seu corpo protestou quando se recolheu do alongamento. Quando sua cabeça estava de pé, Ember viu Alistair vindo do outro lado da sala. Barrow não deu nenhuma atenção ao jovem, a ajudando a voltar ao seu travesseiro. Ela limpou uma lágrima de seu rosto, não querendo olhar para Barrow e desejando que pudesse ter sido mais forte.

— Ficaré mais fácil — disse ele, colocando sua mão em seu queixo e Ember teve que encontrar seu olhar. — Eu posso ler a você mais um pouco e, em seguida, podemos tentar de novo.

Ember não sabia o que era pior, ter chorado duas vezes na frente dele ou ter que passar pelo doloroso exercício novamente. E, provavelmente, em breve. Alistair empurrou Barrow para longe da cama.

— Perguntei-lhe o que você está fazendo, bruto!

— Alistair! — Ember olhou para ele. — O que há de errado com você?

O rosto de Alistair estava branco de raiva. — O que há de errado comigo? Olhe para você. Ele te machucou.

— Ele está me ajudando — ela disse, furiosa por seu rosto estar manchado de lágrimas novamente — Não é culpa de Barrow que minha recuperação não é agradável.

Ele não respondeu, mas ficou olhando para ela, respirando com dificuldade. Barrow pigarreou.

— O quê? — Alistair atirou-lhe um olhar hostil.

— Eu só estava esperando.

— Esperando o quê? — Perguntou Alistair.

— Um pedido de desculpas. — Barrow sorriu para ele.

Alistair sorriu friamente como resposta. — Será que um agricultor se desculpa com seu burro pela chicotada?

— Alistair! — Ember desejou que pudesse sair da cama e chutá-lo.

Quando ele se virou para ela, seus olhos estavam implorando. — Ele está me provocando. Você não consegue ver isso? Por que você confia nele?

— Por que eu não confiaria nele? — Ela falou. — E por que Barrow provocaria você?

— Por que, de fato? — Barrow murmurou, mas a cadência de provocação das suas palavras tinha desaparecido.

Alistair ignorou.

— Não deveria ser a curandeira ajudando você? Eu não estava ciente de que Barrow era qualificado.

— Qualquer um de nós poderia ajudar Ember com estes exercícios. — Barrow fez um gesto para ela. — Talvez você gostasse de assumir?

Os olhos dela arregalaram. Parou de protestar, mas não antes de uma expressão de dor atravessar o rosto de Alistair. Barrow olhou para Alistair e depois para ela, seu rosto subitamente perturbado.

— Me desculpe por interferir. — Alistair olhou para o chão, ao invés de olhar nos olhos de Ember. — Desejo-lhe uma rápida recuperação.

Ele foi embora.

— Você não tem que sair! — Ela falou para ele.

Alistair não olhou para trás. O olhar de Barrow seguiu a saída abrupta de Alistair. Ember esperava que ele fizesse uma observação irônica sobre mau humor de Alistair, mas em vez disso, ele lentamente se afastou de sua cabeceira. Evitando seus olhos questionadores, murmurou: — Eu deveria deixá-la descansar.

Ember franziu o cenho. — Eu pensei que você iria ler para mim.

— Eu também — Sua resposta parecia ter sido dirigida a si mesmo, em vez de a ela. Ele não olhou para ela quando disse: — Vou mandar a curandeira ajudá-la com seus exercícios.

— Barrow... — Ela começou, mas ele a cortou.

— Estou feliz que você está acordada, Lady Morrow. E eu desejo-lhe uma rápida recuperação.

Antes de Ember poder começar a decifrar sua estranha mudança de comportamento, Barrow já tinha ido embora.

CAPÍTULO 26

EIRA ESTAVA VAGAMENTE ciente de que Cian continuava roubando olhares para ela. Sem dúvida, sua irmã estava preocupada, mas Eira não podia sair do seu estado sonhador, enquanto elas montavam para o leste. Hoje as irmãs voltavam para a aldeia com vinte cavaleiros da Guarda, quase a comitiva completa, todos armados até os dentes. Apesar de apenas quatro cavaleiros permanecerem no forte – incluindo Barrow, que tinha pedido para ficar no caso da condição de Lady Morrow tomar um rumo inesperado para o pior – Tearmunn permanecia bem protegido. A torre tinha defesas, além de seus cavaleiros que eram invisíveis aos olhos.

Na estrada para Dorusduain, o humor inquieto dos soldados permeava o ar, rígido e afiado com medo. Mas a nuvem de apreensão que pesava pendurada sobre o resto da Guarda não atingiu seu humor.

O estado mental distraído de Eira ficava pulando entre dois quebra cabeças. O primeiro era a noite de sonhos que a segurava em transe. Enquanto dormia, ela tinha sonhado com a propriedade do abade, de ficar em pé sobre ele com Bosque Mar ao seu lado. Eles tinham rido, assistindo como Crichton implorava por misericórdia.

Devia ter sido um pesadelo. Mas a cena que ela viveu e, em seguida, reviveu em seu sono a encheu de um sentimento de prazer. Questionava-se sobre sua propensão por sentir alegria pela dor dele, mas empurrava de lado seus medos de corrupção moral sempre que eles penetravam em seus pensamentos. Não tinha o abade Crichton ganhado sua punição? E Eira tinha-lhe mostrado misericórdia ordenando que Bosque poupasse a vida do homem. O abade era um prisioneiro em sua própria propriedade, mas estava vivo por causa da sua vontade.

O coração de Eira floresceu com a memória. Uma única frase dita e este homem – se é que poderia chamá-lo de homem – Bosque Mar a tinha obedecido. Ela ainda não conseguia compreender o que ele era. E permanecia cautelosa com sua afirmação de que eles poderiam trabalhar para a mesma finalidade, no entanto, seu poder pareceu imensurável. Como um inimigo, Eira teria visto

Bosque como o pior tipo de ameaça. Ainda assim, ele alegou que não queria lutar, mas ajudá-la. Mas como?

Sua reflexão foi para o segundo enigma do dia: o que tinha acontecido com Dorusduain. *Dorusduain é uma lição... e uma inacabada*, Bosque tinha dito.

A lição era para ela, Eira não tinha dúvida. Mas o que ele pretendia que aprendesse enviava alternados picos de medo e emoção através de seu corpo.

O grito de Lukasz a forçou a sair de seus próprios pensamentos. Os soldados chegaram à borda da floresta, onde o caminho desaparecia entre as árvores antes de revelar Dorusduain. O comandante virou-se em sua sela, acenando para as irmãs. Cian e Eira cavalgaram até a frente. Quando chegaram a ele, Lukasz perguntou: — Está certa de que devemos deixar os cavalos aqui?

— Eira e eu somos cavaleiras qualificadas — Cian disse a ele. — E eu quase fui lançada por Liath. Algo no lugar cria o terror nos cavalos. È melhor nós andarmos.

— Deixe dois cavaleiros aqui para vigiar nossas montarias — acrescentou Eira.

— Fitch, Mercer — Lukasz chamou. Eira assistiu quando dois dos mais jovens cavaleiros da Guarda trouxeram seus cavalos para frente. Ela deixou os olhos vagarem sobre os soldados, sentindo sua própria idade em contraste com sua juventude. Reconheceu Fitch, cujo rosto era tão pontudo como um roedor e a cabeça loira Mercer, mas mal o conhecia. Juntar-se ao Círculo a colocava à uma distância dos novos recrutas da Guarda. Esta era a primeira vez em meses que Eira ou Cian se juntavam a guarda em uma missão. O peito dela apertou, sinalizando o quanto sentiu falta da camaradagem.

— Sim, Comandante. — Fitch roubou um olhar curioso sobre as irmãs, enquanto se aproximava, fazendo com que Eira ficasse tensa.

Nós somos um pouco mais do que criaturas míticas para estes meninos, Eira pensou. Sabia do apelido "irmãs estranhas" que passava nos lábios das fileiras mais jovens de Conatus, juntamente com histórias de suas façanhas no campo de batalha antes que eles se juntassem ao Círculo. Embora o nome não fosse para ser cruel, Eira sentiu dores pelo distanciamento que tinha crescido entre ela e as pessoas que guiava.

Quando Mercer freou seu cavalo ao lado de Lukasz, também olhou para Eira e Cian antes de virar a sua atenção para o comandante.

— As irmãs informaram-nos que os cavalos não vão tolerar qualquer magia que trabalha neste lugar — Lukasz disse aos homens. — Vocês vão permanecer aqui com os cavalos. Soe o chifre se algo acontecer.

Fitch já estava desmontando; parecia feliz o suficiente em ficar para trás, enquanto a decepção estava escrita no rosto de Mercer.

— Sim, senhor — disse Mercer, embora seus ombros tenham caído um pouco.

Lukasz levantou-se em seus estribos, chamando a Guarda: — Nós vamos continuar a pé.

Enquanto Fitch e Mercer juntavam os cavalos, Lukasz levou o resto da guarda para a floresta. Cian e Eira seguiram o comandante.

— Estava tão tranquilo quando você veio aqui? — Lukasz perguntou a Eira.

— Sim — ela respondeu. O som da armadura dos cavaleiros e o barulho de suas armas contra a armadura eram chocantes em meio ao forte silêncio.

Nada mudou desde a sua visita. Animais selvagens não tinham retornado para a floresta. Nem mesmo uma brisa agitava as folhas das árvores.

Quando eles chegaram à campina da vila, Lukasz levantou a mão, fazendo a guarda parar.

— Grupos de três — ele ordenou. — Eu vou levar o primeiro grupo com Eira e Cian em uma varredura na própria aldeia. Sorch e Kael, escolham seus homens e demarquem o ponto para o segundo e o terceiro grupo. Sorch, pegue o plantio e os campos do pastoreio. Kael, vá para a floresta que beira a aldeia ao leste. Ao primeiro sinal de problemas – ou qualquer evidência do que aconteceu aos aldeões – toque o chifre.

Lukasz assentiu com a cabeça para as irmãs. Com suas armas eles foram para a aldeia. Como a floresta silenciosa, a aldeia parecia exatamente como a tinham encontrado. Tudo abandonado. Sem sinais de vida. A única mudança que Eira observou foi que o fogo finalmente morreu, deixando apenas as cinzas.

O trio saiu da primeira cabana e Lukasz soltou uma longa respiração. — Todas as casas estavam vazias como esta?

— Elas estavam — disse Cian. — Cada uma delas.

— Vamos fazer um trabalho rápido, então — Lukasz disse. — Se nada mudou, eu duvido que iremos encontrar alguma coisa aqui. Nós devemos nos

separar e continuar a busca e nos encontramos no final da aldeia. Nós provavelmente estaremos melhor procurando na floresta com a equipe de Kael.

— Eu concordo — disse Cian, movendo-se para o próximo casebre com telhado de sapé.

Eira olhou para Lukasz. — Você ainda acha que um bruxo é responsável por isso?

— Eu temo não querer saber o que poderia fazer isso — murmurou Lukasz. Ele a deixou de pé ao lado da cabana.

Ela hesitou, pega na pergunta expressa em suas palavras. Acreditava que sabia exatamente o que tinha feito isso, embora não soubesse como nem por quê.

Uma lição.

Inquieta, Eira agarrou firmemente sua espada e passou pelas casas que Cian e Lukasz revistavam. Abriu a porta para outra cabana, encontrando exatamente o que esperava. Um fogo morto. Pão que tinha ganhado manchas de mofo azul esverdeado, desde a última vez que viu. Não havia nada para ver. Nada a aprender com este lugar.

Ela começou a virar, mas alguma coisa a parou. Uma cintilação em sua visão. Movimento. Mantendo sua espada baixa, Eira se moveu, voltando para abrir a porta. Seu olhar percorria o pequeno espaço. Nada estava se movendo. A luz fraca passava pela casa, mal cobrindo as sombras. Ela franziu a testa e depois engasgou com sua respiração quando uma das sombras se moveu.

Ela mal podia distinguir sua forma. Estava no canto, camuflada pelas trevas da casa. Sabia que estava olhando para ela. E quando se moveu novamente, Eira soube que ele estava ciente que ela o viu. Eira moveu-se novamente e teve certeza de que a criatura da sombra queria que ela o visse.

Um fantasma. Um dos criados de Bosque. A mesma coisa que tinha enchido seus sonhos com riso cruel, maravilhoso enquanto tinha torturado o abade Crichton.

Eira manteve seus olhos sobre o fantasma. Agora que sua visão tinha se ajustado para a luz baixa, poderia claramente distinguir a forma, uma nuvem de fumaça. Seu pulso saltou em sua garganta, mas o fantasma não a abordou. Manteve-se no canto.

Lentamente, Eira saiu da casa para a luz do dia. Seu coração batia contra suas costelas enquanto fechava a porta, esperando. Nada aconteceu. O espectro

não apareceu, não a seguiu.

Ele tinha estado lá pela primeira vez? Se Eira não soubesse que existiam tais criaturas, ele teria flutuado em silêncio no canto da casa, escapando sem ser notado?

Um grunhido enojado a fez voltar.

— Eu pensei que nós iríamos encontrar algo até agora — Cian disse enquanto caminhava até sua irmã, sacudindo a cabeça. — Mas é tudo a mesma coisa.

Eira ficou congelada enquanto Cian procurava nas casas silenciosas.

— Não posso suportar isso — disse Cian. — Você termina de revistar a aldeia com Lukasz? Eu quero entrar na floresta.

— Claro — respondeu rigidamente.

Duas vozes tranquilas estavam sussurrando para ela. Uma pedia para ela dizer a Cian que algo estava terrivelmente errado. Que eles tinham perdido uma pista vital, porque eles não sabiam como vê-la. Mas a segunda voz a compelia para manter seu segredo, pelo menos até que soubesse mais sobre a razão das assombrações de Bosque estarem aqui.

— Obrigada — Cian disse e olhou para ela. — Você está bem?

Eira assentiu, ainda sentindo cada pulsação como um martelo em seu peito.

Cian colocou sua mão no ombro dela. — O vazio. O silêncio. Eu sei como é horrível. Vamos descobrir quem fez isso. Eu prometo.

Eira forçou um sorriso e Cian foi dizer a Lukasz que estava abandonando a sua busca na vila para se juntar à equipe de Kael na floresta.

Suspeita se concentrava na mente de Eira, enquanto abria a porta da próxima casa. Com apenas uma ligeira variação, um apodrecido alho-poró em uma mesa em vez de um pão mofado, esta casa era idêntica à outra. Ela forçou-se a respirar profundamente enquanto seus olhos se ajustavam ao interior não ofuscante. Ficando perto da porta, Eira procurou os cantos do quarto com seu olhar até que o achou. Escondido nos beirais como fumaça que não tinha escapado através da chaminé, estava outro fantasma.

Sem pausa, Eira saiu da casa, fechando a porta atrás dela. Poderia ter apostado todas as suas posses que cada cabana na vila era hoje o lar de uma das

criaturas da sombra de Bosque. E tinha certeza de que os fantasmas tinham estado lá quando ela e Cian tinham vindo pela primeira vez para Dorusduain.

Mas qual era a lição? Será que Bosque queria mostrar sua benevolência a ela? A morte se escondia acima das irmãs, mas tinha sido mantida sob controle. Ou a lição tinha outra intenção? Talvez ele quisesse que visse a devastação que poderia desencadear à vontade. Quinze casas na aldeia. Sessenta e algumas almas arrebatadas da aldeia sem aviso.

Uma explosão do chifre soou da floresta. Lukasz estourou de uma porta.

— Comigo! — Ele a chamou enquanto corria. Em um instante, ela estava em seu encalço. Eles mergulharam em uma floresta tão silenciosa quanto a fronteira ocidental da vila. Eira escutou enquanto corria, galhos esmagados sob seus pés. Esperava ouvir gritos e ruídos de batalha. Mas nada tinha seguido a explosão do único som da corneta.

Eles encontraram de Kael, Cian e cinco cavaleiros que os acompanhavam em pé em meio das árvores de grande porte, usando expressões confusas. Mas eles não estavam lutando. Alguns dos cavaleiros nem sequer tinham suas armas levantadas.

Eira girou para o som de alguém atravessando a floresta na direção deles, mas baixou sua espada quando Sorchá apareceu com sua equipe.

Sorchá olhou para Kael. — Você deveria tocar a corneta quando você estivesse em apuros, não quando você estivesse entediado.

— Eu não estava entediado, estava solitário. — Kael sorriu para ela. — Olhe para todos os amigos que eu tenho agora.

— Kael. — Lukasz não se juntou a calma risada dos outros guerreiros.

Kael sorriu maliciosamente para o comandante. — Você disse para soar a corneta se encontramos alguma pista sobre o que aconteceu. Nós podemos ter encontrado uma.

— É verdade — disse Cian. — Duas criaturas correram para a floresta à nossa frente. E eles não pertencem aqui.

— Você as reconheceu? — Lukasz perguntou. — Criaturas que já lutamos antes?

Kael tossiu, olhando para Alistair, que estava ao lado dele, carrancudo.

— Eles eram duendes — rosnou Alistair.

— Você tem certeza? — Lukasz perguntou. — Duendes não são suficientes para afugentar uma aldeia.

— Eles eram duendes — Cian disse ao comandante. — Porque estavam aqui eu não poderia dizer.

— Duendes apontam para bruxos — Sorchá ofereceu. — Talvez depois que eles tenham se livrado dos moradores, mandaram os duendes para roubar.

— Eu não vi provas de roubo — disse Lukasz.

Sorchá deu de ombros. — É meu melhor palpite.

— Enviei Alan e Philip adiante para rastrear os duendes — Kael disse para Lukasz. — A menos que vocês tenham encontrado outra coisa, gostaria de sugerir que os siga.

— Sorchá? — Lukasz virou-se para ela.

— Nada nos campos além de arados abandonados — disse ela. — Concordo com Kael — nós devemos seguir os duendes.

Lukasz assentiu com a cabeça. — Vão, mas não muito distante. Certifiquem-se de manter uma linha de visão para Kael; ele vai liderar o caminho.

A Guarda formou uma linha solta e foi para floresta atrás de Kael. Eira sentiu que o humor dos cavaleiros era ao mesmo tempo perplexo e amargo. O contínuo, não natural silêncio da floresta só intensificou as tensões que atravessavam sua companhia. Embora cada cavaleiro tenha sido treinado para percorrer o deserto tão silenciosamente como um gato, a quietude absoluta neste lugar estranho fazia cada queda de folhas do pinheiro e cada gentil passo serem ensurdecedores. O que estivesse adiante certamente lhes ouviria chegando.

Eles tinham encontrado duendes muitas vezes. Mas essas criaturas eram mais incômodas do que ameaças, perigosas apenas em grandes números e só te abordavam sozinho. Quando olhou para seus companheiros, viu suas testas franzidas enquanto eles tentavam descobrir como caçar duendes poderia estar conectado aos aldeões ausentes.

A Guarda não sabia o segredo que circulava nas veias dela. Essa aldeia não estava vazia; estava cheia de fantasma. E agora duendes estavam esgueirando-se pela floresta.

Dorusduain é uma lição... e uma inacabada.

A pele de Eira se arrepiou. Sua lição não tinha terminado. Estava começando a temer o que Bosque queria ensiná-la.

Um curto, grito súbito levantou-se pela floresta a uma distância curta à frente deles. Kael deu um apito afiado e a linha dos Guardas começou a correr. Um segundo grito perfurou o ar e, em seguida, terminou de forma abrupta.

— Alan! Phillip! — Kael gritou. — Sinalizem!

Nenhuma resposta veio.

— Pare! — Cian gritou. — Pare agora!

A linha quebrou quando alguns guerreiros responderam ao seu chamado e outros mergulharam, à procura de seus pares ausentes.

— Parem! — A voz profunda de Lukasz fez com que os soldados que ainda estavam correndo voltassem para o seu comandante.

Cian estava girando em um círculo lento, olhando para as árvores. Ambas as mãos apertando seu punho na espada.

— Estejam prontos! — Lukasz falou. Os cavaleiros formaram um anel apertado em torno do comandante e Cian, de costas para Lukasz e armas apontando em direção a floresta.

— O que é, Cian? — Lukasz perguntou.

— As árvores mudaram — ela sussurrou. — Olhe para as árvores.

Eira seguiu o olhar de sua irmã, primeiro vendo apenas os conjuntos densos de pinheiros altos e largos o suficiente para destruir o céu. Procurando mais cuidadosamente, notou que algumas das árvores diferiam da casca castanho-avermelhada de árvores perenes. Troncos de árvores mortas, sem cor, foram esmagados entre os pinheiros saudáveis. Ramos brancos finos em ângulos inábeis alastravam-se através do ar, agarrando ao nada. A folhagem escura, como que penduradas molemente de alguns dos ramos parecia doente também — embora Eira tivesse dificuldade em acreditar que qualquer árvore tão claramente desprovida de vida poderia sustentar folhas de qualquer tipo.

— Doença? — Kael perguntou. — Existe uma praga na floresta? Ela poderia ter espalhado em direção à aldeia e o povo preocupado matou suas árvores.

— Aquelas não são árvores — disse Cian.

— Fiquem aqui — Lukasz ordenou enquanto fazia o seu caminho para fora do círculo. Ignorando o seu comando, Eira entrou depois dele enquanto ele caminhava para a árvore morta mais próxima.

Lukasz parou ao lado do tronco morto e Eira o ouviu fazer um som de engasgo. Atingindo a árvore, viu que o tronco não era sólido. E Cian estava certa. Não era uma árvore morta.

Ossos branqueados tinham sido montados como um tronco de uma árvore. Eira olhou para cima. Os ramos eram ossos também. Ossos de todas as formas e tamanhos. Algo gotejou sobre seu ombro. O que ela afastou era espesso e viscoso. Quando olhou para os dedos molhados e pegajosos, eles estavam vermelhos. Sangue. Sangue tinha caído da árvore de osso.

Eira obrigou-se a olhar para os galhos. A pesada folhagem caía em direção a ela, pingando sangue. Olhou para longe antes que pudesse reconhecer muitas das partes que pertenceram ao interior do corpo de alguém.

Lukasz agarrou seu braço, puxando-a de volta para o anel de cavaleiros.

— Quantas árvores? — Ele perguntou a Kael.

— Eu posso ver cinco ou seis — respondeu Kael. — Pode haver mais na floresta.

— Cinco ou seis contando as da aldeia. — O rosto de Lukasz tinha sido drenado de cor. — E muito mais.

— Onde estão Alan e Philip? — Alistair perguntou calmamente.

Sua resposta veio na forma de um ruído seguido por uma forma arremessada do alto entre os pinheiros.

O corpo mole de Philip bateu no chão e rolou mais uma vez. Seu peito aberto.

Outra forma desceu, mas esta caiu em seus pés. Quando se levantou, pairava sobre eles, tão alto quanto Lukasz e duas vezes tão largo. Sua pele combinava com o marrom da casca de pinheiro e seus olhos brilhavam como granadas. A criatura alta usava uma camisa esfarrapada, e um chapéu empoleirado estava entre suas longas orelhas. Líquido vermelho deslizava do chapéu para os lados do rosto da criatura.

Eira tinha encontrado um redcap^[12] uma vez, e não estava contente por encontrar outro. A maioria dos feiticeiros sabia que enquanto a ideia de convocar o primo muito maior e mais feroz dos duendes pudesse ser atraente, raramente ia tão bem na prática.

Redcaps exerciam poderosa magia e quebravam facilmente as magias de vinculação usadas para serem chamados por seus pretensos mestres. Eira tinha

encontrado seu primeiro redcap apenas depois que ele tinha decapitado seu invocador e estava chutando a sua cabeça ao redor como uma bola.

Ao lado dela, Kael soltava maldições.

— Calma — Lukasz murmurou.

O redcap olhou para eles, levantou seus braços em triunfo e soltou outro urro. Mais dois redcaps saíram da floresta. Sangue fresco escorria dos chapéus. A cabeça de Alan decorava a longa lança carregada pelo terceiro duende.

— Nós podemos derrubá-los — Lukasz disse em voz baixa. — Eles têm tamanho e força, mas nós temos habilidade.

— De onde eles vieram? — Cian perguntou.

— Essa é uma pergunta a ser respondida depois que eles estiverem mortos — Lukasz a respondeu. Levantou o braço, gritando uma ordem. — Flechas, agora. Temos a melhor chance se nós os cegarmos.

Sete dos dezesseis cavaleiros tinham armas de longo alcance. Projéteis assobiaram através do ar, revelando a habilidade dos atiradores. Flechas e disparos apareceram no rosto do redcap mais próximo, vários rasgando através de seus olhos.

O redcap gritou, agarrando-se às flechas.

— Kael, leve a sua equipe e cubra os arqueiros. Mantenha os outros duendes longe de nós. — Lukasz apontou para os outros dois redcaps. — Os homens de Sorchia e os meu vão arrancar as partes desse. Não grite se você puder evitar. Se ouvir você, eles terão uma melhor chance de te pegar e quebrar você pela metade.

Kael se arremessou na floresta com os arqueiros, procurando flanquear os redcaps que ainda podiam ver. O redcap cego pisava ao redor loucamente, rugindo e balançando sua lança.

— Os ossos de um redcap são como ferro — Lukasz disse aos cavaleiros restantes. — Se você tentar dar um golpe em seu coração é provável que você quebre sua lâmina. Feridas de cortes, cortes profundos que rompam. Quando ele cair, corte sua garganta. Agora vão.

Os cavaleiros se apressaram para o redcap machucado, mas Lukasz pisou na frente de Eira e Cian, bloqueando o seu caminho para a briga.

— Miladies, vocês devem ficar fora disso — o comandante disse bruscamente.

Cian riu dele. — Não seja ridículo.

Lukasz olhou para ela sombriamente. — Conheço bem suas habilidades como guerreiras, mas esta é uma luta para a qual meus soldados se prepararam. Não vale a pena arriscar dois membros do Círculo. Vocês são necessárias lá. Vocês são as vozes da Guarda.

— Nós somos guerreiras da Guarda — Eira rebateu. — Não nos peça para ficarmos paradas enquanto vocês lutam e sangram.

— Vocês arriscaram bastante trazendo-nos aqui — disse Lukasz. — Confie que se a batalha der errado e precisarmos de suas espadas, chamarei vocês.

Eira estava prestes a argumentar, ou mesmo bater no comandante para provar sua força, quando Cian respondeu: — Muito bem.

Lukasz assentiu com a cabeça para Cian e com um grito de batalha avançou para o redcap cego.

— Como você pode? — Eira perguntou para Cian.

Cian nivelou um olhar fresco para sua irmã. — Não havia tempo para argumentar. Lukasz precisa estar com seus homens mais do que nós precisamos estar em luta.

— Nós não somos tolas velhas trêmulas ou empregadas indefesas — cuspiu. — Nós somos guerreiras. Mais hábeis em combate do que a maioria dos cavaleiros aqui.

— Eles são hábeis o suficiente — Cian disse calmamente. — Você traz vergonha sobre si mesma por desmerecê-los assim.

Bile subiu até a garganta de Eira com sua raiva. Muito furiosa para falar, virou seu olhar para a batalha acontecendo. Kael e seus arqueiros tinham cegado o segundo redcap, mas o terceiro tinha aprendido com a burrice dos outros. O inteligente redcap tinha rasgado um grande ramo de um pinheiro, balançando-o na frende de seu rosto para desviar as flechas.

Um rugido do redcap mais próximo chamou a atenção dela. Lukasz não tinha exagerado sobre a vantagem sobre o duende cego. Os machados, espadas e alabardas da Guarda atacavam incansavelmente o redcap, cortando a carne de seus braços e pernas. Seguindo os comandos de Lukasz, os cavaleiros atacavam sem fazer nenhum som, deixando o redcap empunhando sua lança em vão. Desesperado e enlouquecido pela dor, o redcap soltou sua arma e virou-se para fugir. Ele passou por dois cavaleiros enquanto tropeçava nas árvores.

— Acabe com isso! — Lukasz mandou enquanto conduzia seus guerreiros em perseguição.

Quando a guarda de Lukasz desapareceu na floresta, gritos de triunfo levantaram-se da equipe de Kael. O redcap cego, não era capaz de enxergar, erroneamente empalou o redcap com sua lança, matando-o. O redcap morto caiu e o redcap cego tropeçou no cadáver. Sem hesitação, os homens de Kael pularam sobre o monstro caído, dando golpes fatais na sua garganta exposta.

Eira soube que ambos os redcaps estavam mortos quando ouviu Kael gritar: — Para o comandante!

Deixando os cadáveres gigantescos para trás, Kael e seus homens correram para a floresta, seguindo o rastro de sangue que os levaria para Lukasz e o duende final.

— Eu não acho que o comandante estará chamando por nós — Cian disse com uma risada seca.

Eira mordeu sua língua, demasiada cansada pela raiva para lutar com sua irmã.

— Devemos ir ao corpo de Philip. — Cian voltou sua espada à bainha e caminhou em direção ao cadáver quebrado de Philip. — Ele pode receber um enterro apropriado em Tearmunn.

Resignada, Eira seguiu sua irmã, mas parou quando ouviu um estralo estranho atrás delas. Ela virou-se, procurando a fonte do ruído. Sem aviso, um objeto passou por ela, sua velocidade criando uma brisa forte que beijou sua bochecha.

Cian gritou.

Girando ao redor, Eira viu sua irmã curvada. Algo fino e branco projetava-se no seu lado esquerdo. Outro som e outra lufada de vento, e uma segunda lança branca perfurou o corpo de Cian logo abaixo de seu ombro esquerdo. Cian gritou novamente e caiu de joelhos.

Eira apressou-se para Cian, agachando-se ao seu lado. Tentando proteger sua irmã tanto quanto poderia, ela procurava nas árvores pelo atacante. Uma gargalhada muito alta, trouxe o olhar dela para os ramos de uma árvore de osso. Entre os ramos gotejantes estava um duende, seus olhos redondos vermelhos fixados nela. Gargalhou novamente antes de se lançar nos altos ramos de uma árvore próxima de pinheiros e desaparecer. Se satisfeito com seu ataque ou não

querendo arriscar uma luta, uma vez que tinha sido flagrado, Eira não sabia, mas o pequeno duende parecia ter ido embora.

Cian começou a tossir, e cuspir sangue no chão. Um olhar para as feridas arrebatou a respiração de Eira. O duende tinha criado sua arma encaixando membros da árvore de osso. Os pontos irregulares, afiadas do osso lascado tinham sido lançados com força suficiente para inutilizar a armadura de Cian. Ambas as lanças improvisadas tinham entrado e se cravaram uma em seu abdômen inferior esquerdo e uma na parte superior do seu peito esquerdo.

— Lady Cian!

Eira olhou para cima e viu Alistair correndo em direção a elas. Alcançando as irmãs, ele olhou para Cian, horror espalhado em seu rosto.

— O que aconteceu?

— Um duende estava nas árvores de osso. — A voz dela tremeu. — Nos emboscou e desapareceu.

— Duendes não atacam assim — Alistair sussurrou roucamente. — Eles nunca atacam assim.

Eira podia apenas acenar. Nunca tinha conhecido um duende que empunhava armas ou que demonstrasse tal precisão mortal em um ataque. Mas então, a Guarda nunca tinha enfrentado um bando de striga ou descoberto uma aldeia desprovida de seus moradores. As regras de seu mundo estavam mudando rapidamente. Muito rapidamente para ver o que estava por vir depois. Muito rapidamente para salvar Cian. Eira tentou tomar uma respiração para falar, mas apenas um soluço saiu enquanto Cian desabava sobre seu lado.

— Lukasz enviou-me de volta para lhe dizer que estamos perseguindo o duende em direção ao rio — disse Alistair. — Estávamos seguindo...

Eira embalava a cabeça de Cian em seu colo.

— Eu vou procurar ajuda — Alistair disse. — Existem elixires nos alforjes.

— Não há nenhum elixir que vá salvá-la — ela respondeu. — Estas são feridas fatais.

Alistair puxou seus cachos escuros, frenéticos. — Deve haver algo. Em tudo o que estudamos lá deve ter algo que pode salvá-la.

Eira abanou a cabeça. — Nada que aprendemos

Dorusduain é uma lição...

Forçando a respiração a ficar mais lenta, Eira levantou a palma da mão. Estava suja, mas não marcada. A pele que tinha sido cortada, que o sangue tinha derramado, estava completa novamente.

— Eu sei o que pode salvá-la — Eira sussurrou.

— Me diga como eu posso ajudar. — Alistair se agachou ao lado dela. — Vou fazer tudo que posso.

— Eu preciso que você saia — disse a ele.

Alistair levantou-se, carrancudo. — Eu não vou deixá-la assim. E se os duendes retornam? E se haver mais redcaps?

A mandíbula dela apertou, mas não podia perder tempo discutindo.

— Você vai me jurar que o que você testemunhar aqui, você não vai falar para ninguém? — Ela sussurrou. — Jure sobre sua vida.

Alistair empalideceu, mas assentiu com a cabeça.

— Se você abandonar este juramento, eu vou matar você. — Eira esperou até que ele balançou a cabeça novamente. — Segure minha irmã; tente mantê-la quieta. Se as lascas dos ossos se moverem, causará mais danos.

Eira e Alistair lentamente trocaram de lugar. Os olhos de Alistair estavam bem abertos. Ele estava assustado, não por seu juramento, mas por Eira. Provavelmente acreditava que tinha enlouquecido com o sofrimento. Ele estava certo disso quando viu o que ela estava prestes a fazer.

Mas ela não poderia se preocupar com os pressupostos de Alistair. Com seu punhal, Eira cortou aberta a palma da mão e esperou que o sangue dela batesse no chão. Começou a cantar, mas sua mente estava competindo enquanto falava o encantamento, que o prisioneiro que chamava Bosque Mar de mestre lhe ensinou.

Sangue foi derramado aqui. Sangue de Cian. Sangue de Philip. Sangue dos redcaps. Ele deve vir. Ele deve.

Eira manteve seus olhos fechados enquanto cantava. E esperava. Suas pálpebras se abriram quando Alistair deu um grito de alarme.

— Não se mova, Alistair! — Ela rebateu.

— Mas... — Alistair tinha uma mão no punho da espada, a outra segurava Cian. Seus olhos estavam fixos no lugar onde Bosque Mar tinha se materializado.

Prestando nenhuma atenção a Alistair ou Cian, Bosque veio até Eira, pegando a sua mão e beijando-a.

— Milady Eira.

Quando Eira puxou sua mão para trás, a ferida tinha sumido. Ela apontou para a forma amassada de Cian. — Você pode salvá-la?

Bosque olhou para Cian e, em seguida, voltou seu olhar para ela. — Quer que eu salve sua irmã?

— Minha irmã está morrendo — Eira rosnou para ele. — Naturalmente eu quero salvá-la. Mostre-me o poder que você alega ter.

— Já ofereci muitas demonstrações do meu poder — Bosque disse em voz baixa. — E você ainda exige outra?

— Por favor. — A raiva quebrou e Eira inclinou a cabeça. — Por favor, salve Cian.

Bosque estendeu a mão, levantando o queixo dela. Seus olhos prata perfuraram os dela. — Sua vontade.

Ele aproximou-se de Cian, ajoelhando-se no chão. Alistair olhou para ele em descrença, mas Bosque calmamente considerava o cavaleiro e disse: — Abra a boca dela.

Eira não viu as armas de Bosque, mas em um instante ele havia aberto a veia de seu pulso e segurou-o nos lábios de Cian. Seu sangue escuro escorreu em sua língua. Eira observou como Cian engolia reflexivamente. Ainda mantendo seu pulso na boca de Cian, Bosque estendeu a mão e agarrou a lasca do osso em seu ombro e com um puxão, arrancou-o. Sem hesitação, chegou para a outra lança, deslizando-a para fora do abdômen de Cian. Alistair engasgou quando o sangue não jorrou das feridas, mas sabia o que estava acontecendo. As feridas estavam fechando, a carne de Cian se remendando.

Retirando seu pulso dos lábios de Cian, Bosque inclinou e sussurrou em seu ouvido. Ele se levantou, dando mais um olhar apressado para baixo para o rosto cinzento de Alistair.

— Obrigado pela sua ajuda, jovem cavaleiro. — Os olhos de prata de Bosque procuraram os de Alistair. — Dê-me seu nome.

— Alistair Hart — Alistair sussurrou, olhando nos olhos estranhos de Bosque sem pestanejar.

— Espero que nos encontremos novamente, jovem Alistair. — Bosque sorriu para ele antes de retornar ao seu lado. — Ela vai dormir agora. E não vai se

lembrar do ataque... eu pensei que a memória poderia representar algumas dificuldades para você.

Eira olhou para ele, incapaz de falar. Sua mente invadida com alegria e fúria.

— Você está com raiva — murmurou Bosque, ficando mais perto dela.

— Esta foi a sua lição? — Ela perguntou, olhando para o corpo descansando de Cian e os pedaços de osso cobertos de sangue que estavam ao lado dela. — Você é um professor tão cruel?

— A lição é que você precisa de mim — disse a ela. — Como eu preciso de você.

— Os redcaps, a aldeia — Eira disse. — Tudo isso foi você?

— Foi.

— Como eu poderia precisar de você? — Ela manteve sua voz baixa. — Estou grata que você curou Cian, mas seus redcaps mataram dois da Guarda. Minha irmã foi quase morta por lanças feitas de ossos dos aldeões. Pessoas inocentes.

— Como eu disse. — Bosque falou suavemente. — Eu preciso de você. Sem você sou forçado a isso... a atos de desespero pela minha causa.

— Você ainda precisa alimentar o seu exército — Eira rebateu. — Não é por isso que suas bestas estão aqui, caçando aqueles que eu jurei proteger?

— Sim — ele disse. — Mas também estou aqui porque estou sujeito aos caprichos insensatos de magos epiléticos com delírios de seus próprios poderes. É por isso que strigas e redcaps aterrorizam pequenas aldeias. Eu sou um mendigo, procurando por restos que posso achar.

Bosque inclinou-se, murmurando-lhe: — Você pode mudar o meu destino. Eu estaria sujeito a sua vontade, onde só aqueles merecedores de punição recebam meus guerreiros. Homens como o Abade Crichton. Homens que você julga corruptos.

A respiração dele era leve enquanto escovava nas bochechas dela. — Eu posso salvar aqueles que você ama... e eu vou destruir seus inimigos.

Ele recuou, sorrindo. — Pense em minhas palavras. Devo deixá-la agora, já que seus companheiros estão retornando. Você sabe como me encontrar quando você fizer sua escolha.

Assentiu com a cabeça.

Bosque olhou para Alistair. — O menino tem potencial. O desejo do seu coração foi negado. Mantenha isso em mente, e ele poderia ser um trunfo para você. Muito em breve você terá fortes aliados.

A testa dela franziu e Bosque riu, o som diminuindo enquanto ele deslizava para as sombras da floresta. Por trás dela, Eira ouviu os gritos e chamadas da Guarda retornando. Sua chegada iminente impulsionou-a ao lado de Alistair.

— Lembre-se de seu juramento — disse para Alistair.

— Eu vou — ele respondeu sem pausa. — E nós devemos dizer a todos que Cian repentinamente ficou doente.

Embora um pouco surpresa por sua fácil aceitação da mentira que eles compartilhariam, Eira ainda sorriu por seu raciocínio rápido.

— Peço apenas uma coisa de você. — Alistair olhou para ela e havia fome em seus olhos.

— O quê? — Ela perguntou com cautela.

— Diga-me quem era aquele homem. Diga-me tudo.

CAPÍTULO 27

EMBER ACORDOU COM sua pele corada, mas não porque a febre tinha retornado. Moveu-se na cama e tentou recuperar o fôlego. Ela estava sonhando, presa em uma ilusão tão viva que ainda se agarrava a sua mente.

O sonho tinha sido tão real, porque aconteceu no mesmo lugar que tinha acordado. Barrow estava lendo para ela, como disse ter feito todos os dias enquanto se recuperava. Mas neste sonho, ele não tinha lido de uma cadeira colocada ao lado de sua cama. Em vez disso, ela tinha se enrolado contra o comprimento de seu corpo, a cabeça apoiada no peito dele. Não só ouvia, mas sentia cada palavra lida cada vez que retumbava em sua garganta.

Ember ainda podia ouvir os profundos tons constantes de sua voz. Podia sentir o calor de sua pele. Sua pele nua contra a dela por baixo das roupas de cama.

Os seus dedos apertaram ao redor do cobertor quando um arrepio inesperado passou por seu corpo. Que loucura fora aquela? Nunca tinha tido esse tipo de sonho, mas não foi a surpresa de seu impacto que a preocupava. O fascínio da fantasia de uma donzela não era algo que ela se atrevia a sucumbir – especialmente quando envolvia seu mentor. Barrow merecia o seu respeito e, certamente, iria ver a paixão nos seus olhos com nada além de desprezo, ou na melhor das hipóteses, uma indulgência cansada.

Sua derrota foi agravada pelo fato de que Barrow não a tinha visitado desde o dia em que recuperou a consciência. Alistair tinha vindo para vê-la em várias ocasiões, tornando a pedir desculpas pela sua explosão anterior. Ele também tinha relatado os eventos horríveis de Dorusduain. Philip e Alan tinham sido os únicos da Guarda perdidos, mas outros haviam sofrido ferimentos graves, e o destino doentio dos aldeões lançou um manto sombrio sobre todas as almas em Tearmunn. Até mesmo Lady Cian tinha adoecido.

Ember estava grata pela companhia de Alistair. Ele era sua ligação com o mundo exterior. Toda vez que aparecia, trazendo notícias da Guarda ou de outro negócio do forte, ela escondia sua decepção de que ele se tornou seu companheiro regular, enquanto Barrow tinha, por alguma razão desconhecida, desistiu de suas visitas diárias ao seu quarto.

— Tenho boas notícias. — O sorriso alegre da curandeira era um alívio bem-vindo dos pensamentos de Ember.

Ela sentou-se, notando com satisfação que isso já não lhe tomava esforço, nem lhe causava dor. Iluminou-se ainda mais quando viu que a curandeira estava carregando suas roupas.

— Estou livre?

A curandeira riu.

— Eu realmente espero que a sua estadia aqui não tenha se parecido muito com uma prisão. Mas você está livre para voltar para seu próprio quarto e se movimentar por Tearmunn como quiser. — Ember saiu da cama, tirando a roupa dela. — Antes de fugir... — A curandeira estalou a língua. — Você deve continuar a exercitar suas costas e ombros, e eu não quero que você saia da fortaleza por mais cinco dias.

O rosto de Ember caiu. Ela queria sair de Tearmunn nas costas de Caber, esperando ter Barrow e Toshach como companheiros. Mas, mesmo com essas restrições, seria maravilhoso deixar seu quarto de doente. Enquanto a curandeira continuava a mexer nela, verificando suas feridas pela última vez e lembrando-a de não esforçar-se demais, Ember puxou seu cabelo, prendendo-o com a trança rodeada que Sorchia lhe ensinara. Trocou sua camisa de dormir para uma camisa limpa, meias e cinto, coberta por seu manto. Mesmo que não pudesse deixar Tearmunn, estava ansiosa para voltar a uma aparente normalidade. Podia não ser capaz de realizar todas as suas funções com a Guarda, mas podia pelo menos parecer que pertencia a eles.

Olhou em volta, franzindo a testa. — Onde estão as minhas armas?

— Você não ouviu nada do que eu disse? — Repreendeu a curandeira. — Você não tem nenhuma necessidade delas até domingo.

— Não é para usar — disse. — Quero ter certeza de que não foram perdidas.

A curandeira riu. — Se eu sei alguma coisa sobre a Guarda, é que eles não permitem que as armas sejam perdidas. Tenho certeza de que elas estão no quartel, aguardando o seu retorno.

Suas palavras a tranquilizaram, mas apenas ligeiramente. Ela se sentiria melhor com Silêncio e Sofrimento ligadas ao seu cinto onde elas pertenciam. Depois de agradecer a curandeira por seus cuidados e fazendo várias promessas

de não mais retornar ao campo muito cedo, Ember escapou da enfermaria e se apressou a sair da mansão. Quando passou através das portas, respirou profundamente o ar da primavera. O dia estava quente e iluminava seu espírito já flutuante.

Apesar de sua promessa de permanecer dentro da fortaleza, Ember caminhou rapidamente para os estábulos. Mesmo que não pudesse montar, queria ver Caber e esperava que pudesse encontrar Barrow com os cavalos também. Sua ausência repentina a irritou, fazendo-a se preocupar se tinha feito algo para ofendê-lo.

— Lady Morrow! — Ian estava conduzindo um potro brincalhão pelos estábulos. — É bom vê-la bem novamente. Os rumores sobre sua batalha com a striga são impressionantes.

— É bom estar bem. E tenho certeza que os rumores são muito mais embelezados do que a verdade — Ember disse, embora tivesse o prazer de pensar que sua primeira incursão no campo pode ter reforçado a sua reputação com Conatus. Ela sorriu para ele e, em seguida, olhou para o potro empinado. — Quem é este?

— Um encenqueiro — disse ele. — Nós apenas começamos o seu treinamento e ele tem que percorrer um longo caminho hoje.

O potro empinou, sacudindo Ian de volta. Ele xingou, ao sentir a corda queimar a sua palma.

— Parece que você tem suas mãos cheias — Ember disse enquanto Ian acalmava o jovem cavalo arisco.

— Vai ser um longo dia. — Depois de ter conseguido o potro sob controle, Ian acariciou o pescoço curvo dele. — Mas valerá a pena. Ele tem um espírito bom e vai ser um melhor cavalo uma vez que entendermos um ao outro. Falando nisso, Caber ficará feliz em vê-la. Ele esteve bastante temperamental desde que você ficou doente.

Ember suspirou. — Eu tenho ordens para não montar ainda.

— Que pena — disse Ian. — Quando Caber está infeliz, ele gosta de morder.

— Oh Deus. — Ela lançou ao cavaleriço um sorriso culpado.

— Não se preocupe, milady. — Ele riu. — Estávamos acostumados com o humor de Caber muito antes de você chegar. A única diferença agora é que seu

temperamento está ligado a você.

Ember não pode deixar de sorrir, o que fez Ian retribuir calorosamente. — É sempre bom ver um forte vínculo entre o cavalo e o cavaleiro.

Ela assentiu, mais ansiosa do que nunca para visitar o garanhão.

— Você está procurando Lorde Hess também? Ou apenas Caber? — Perguntou Ian.

Não esperando sua pergunta, Ember olhou para o chão, esperando que Ian não visse o calor rastejando em suas bochechas.

Se ele percebeu, não deu nenhuma indicação, apenas disse: — Acho que ele está se preparando para levar Toshach para fora, mas você pode, provavelmente, ainda encontrá-lo.

Mantendo a cabeça baixa, Ember murmurou em agradecimento e passou correndo por Ian nos estábulos. O rico aroma de feno e a picada doce de grão facilitou sua pulsação frenética. Enquanto caminhava ao longo das baias, cavalos enfiavam a cabeça para fora, orelhas balançavam rapidamente em curiosidade quando ela passou. Quando um rosto em forma de castanha bem familiar apareceu, Ember chamou.

— Caber!

O garanhão relinchou de volta, esticando o pescoço para fora da tenda e balançando sua juba. Quando ele começou a bater seu casco da frente contra a porta do box, Ember correu para frente. Caber deu outro relincho estridente e bateu na porta novamente.

— Estou indo!

Quando ela alcançou o cavalo, ele soprou em seu rosto. Ember acariciou seu rosto de veludo e coçou seus ouvidos. Ele se inclinou e deu um beliscão firme em seu ombro, o suficiente para machucar, mas não cortar sua pele.

— Hey! — Ela esfregou o ombro e ele bufou, depositando suas orelhas para trás para mostrar a sua desaprovação. Em seguida, Caber levantou a cabeça e tentou mastigar a trança como de costume. Ember virou a cabeça para longe, mas acariciou seu pescoço quando ele abaixou a cabeça perto dela. — Vou ser perdoada se roubar um punhado de grãos para você?

Ele respondeu com um som saudável, baixo. Rindo, Ember deu um beijo em seu nariz. Cascos se aproximaram e ela virou a cabeça. O som parou quando Barrow chegou a um impasse com Toshach logo atrás dele.

O coração dela pulou em sua garganta. Levou apenas um momento de olhar para o cabelo escuro de Barrow e o local onde sua camisa estava aberta, logo abaixo de sua garganta, mostrando um pequeno indício de seu peito, lembrando-a do seu sonho. Ela desviou o olhar quando sua pele aqueceu.

— Ember. — Barrow parecia tão inquieto quanto ela. — Você já se recuperou?

Ainda não tendo certeza se poderia enterrar seu constrangimento, Ember voltou sua atenção para Caber, que tinha começado a bater na porta do box novamente, agora que Toshach estava próximo.

— Quase — ela respondeu. — Disseram para eu não lutar ou exagerar demais. Mas eu me sinto bem.

— Bom — disse ele.

Ember olhou para Toshach. O garanhão tinha sido selado e freado.

— Você vai sair com a Guarda — ela perguntou. — Ou apenas dar uma volta?

Barrow mudou seu peso. — Estou apenas levando Toshach ao vale. Nós dois poderíamos ter um pouco de exercício.

Ember assentiu, se perguntando se ele iria para a cachoeira escondida que tinha mostrado a ela. Ela meio que esperava um convite para se juntar a ele, embora soubesse que teria que recusar. Mas Barrow ficou em silêncio, deixando-a para lidar com o vazio que ela sentia, um espaço vazio sob suas costelas.

Caber chutou a porta do box novamente e Ember forçou um sorriso.

— Ele gostaria de ir com você. Mas não estou autorizada a deixar a fortaleza ainda.

— Isso é provavelmente o melhor. — Barrow levou Toshach mais alguns passos ao longo das baías. — Se você estiver sentindo-se bem, os curandeiros poderiam precisar da sua ajuda. Há muitos feridos após a missão de Dorusduain.

Ember olhou para ele, incrédula que a conversa iria acabar tão abruptamente.

— Fiquei aliviada ao saber que você não foi ferido em Dorusduain — ela disse calmamente.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes antes de dizer: — Eu não estava lá.

Ember não sabia o que dizer. Ela simplesmente assumiu que ele tinha estado com a Guarda. Alistair não tinha mencionado Barrow ao lhe contar o que aconteceu, mas Ember sabia que Alistair não gostava de falar sobre o seu mentor, por isso não tinha perguntado sobre ele. Até esperava perguntar à enfermeira se Barrow estava entre os feridos. Parte dela estava chocada que Barrow tinha perdido uma missão tão urgente e perigosa. Outra parte estava desapontada, porque Ember tinha se acalmado um pouco, imaginando que o ataque à Dorusduain e a emboscada subsequente à Guarda lhe tinha impedido de visitá-la.

Antes que ela pudesse falar novamente, Barrow parou Toshach e virou-se para encará-la. — Há outro assunto que devo discutir com você.

Ember não sabia por que seu estômago revirou, mas de repente se sentiu doente.

— Depois de muita consideração... — O queixo de Barrow estava apertado, como se tivesse que forçar as palavras para fora. — Eu decidi que eu não sou a melhor pessoa para ser seu mentor.

— O quê? — Era a última coisa que ela esperava que ele dissesse.

— Coisas estranhas estão acontecendo. Coisas escuras. Eu não sei o que está vindo, mas temo que eu não possa ter nenhuma distração. Devo me concentrar no meu próprio papel na Guarda, em vez do seu. — Barrow torceu as rédeas de Toshach em suas mãos. — Sorcha vai tomar o meu lugar. Tenho certeza que você vai achá-la uma professora excepcional.

Olhando para baixo, Ember piscou forte. Isso era tudo o que ela tinha sido para Barrow? Uma distração? As lágrimas que ardiam nos cantos de seus olhos eram tão indesejadas quanto esta notícia. Ela queria perguntar-lhe por que, exigir uma explicação. Mas estava com muito medo das razões que ele daria. Se Barrow não queria mais guiar seus passos enquanto progredia em sua posição na Guarda, significava que ela de alguma forma não conseguiu atender suas expectativas. O que tinha sido? Onde tinha errado? Ember mordeu o lábio, fazendo de tudo para não chorar na frente dele. Suas lágrimas, certamente só ganhariam mais seu desdém. Tudo o que podia imaginar era que a viagem à Floresta Negra, de alguma forma, provocou esta nova pobre opinião sobre ela.

E ela não tinha desobedecido a ele?

Barrow havia instruído a observar os outros cavaleiros, para ser cautelosa em sua primeira missão e não entrar na briga. Mas ela tinha feito exatamente o oposto, atirando-se contra a striga quando atacaram Alistair. Como resultado, tinha sido sequestrada, enquanto o resto da Guarda estava envolvido em suas próprias lutas contra as criaturas restantes. Não tinha sido Barrow que havia passado uma noite inteira em busca dela na floresta?

O que tinha pensado ser preocupação e devoção a ela, ao invés deve ter dado a Barrow uma razão para duvidar de suas habilidades. Agora, ele não queria mais nada com ela.

De onde estava, ainda segurando Toshach, Barrow disse baixinho: — Se precisar da minha ajuda, sempre vou te ajudar, Ember. Eu ainda sou seu amigo.

Ember não respondeu. Não podia suportar olhar para ele. Sua tentativa de pacificação só piorou as coisas.

Os cascos de Toshach bateram no chão, lentamente desaparecendo. Caber deu um relincho estridente, chamando pelo outro garanhão. Sentindo-se um pouco entorpecida, Ember procurou as caixas de grão. Voltou para Caber, abrindo a porta da baia e entrou.

O garanhão avidamente comeu o grão de sua palma, balançando o rabo de felicidade. Quando o grão acabou, ela limpou as mãos e começou a esfregar para baixo o pelo fino de Caber. Ele ficou alegre com seu carinho, ocasionalmente, sacudindo as orelhas em curiosidade pelo seu silêncio.

Incapaz de contê-lo, Ember sufocou um soluço. Quando ela torceu os dedos na juba do Caber e deixou as lágrimas escorrerem sobre seu aperto, o garanhão esticou o pescoço e inclinou a cabeça, fungando em forma de conforto na coroa de seu cabelo.

CAPÍTULO 28

EIRA DISSE BOA NOITE à Thomas, fechando a porta enquanto saía de seu quarto. A reunião havia sido como esperava. Até o filósofo Thomas passaria a eternidade torcendo as mãos sobre o dilema de Conatus: obediente à Igreja, e ainda enredado aos mistérios sombrios que abominava. Ela duvidava que o membro mais velho do Círculo seria submisso às suas sugestões, mas tinha que tentar. Eira esperava ter o mesmo resultado quando conversou com Fionn. Os estudiosos eram tediosamente previsíveis.

Claudio havia sido uma surpresa. Com sua natureza cautelosa, Eira esperava que ele rejeitasse sua oferta de cara. Ao invés disso, a encheu de perguntas, seu desejo pela segurança se provando ser maior do que sua lealdade à Igreja.

A seguir, Eira iria fazer seu caminho pela Guarda e pelos clérigos. Ganhar apoio entre os cavaleiros e os trabalhadores mágicos era essencial. O tempo impulsionava a se apressar, enquanto a necessidade de manter segredo a mantinha quieta. Se sua proposta tivesse que ser bem-sucedida, não poderia adiar para sempre. Agora era o momento perfeito para essa mudança de poder ocorrer. Se tudo corresse bem, aconteceria rapidamente e sem muitos rompimentos. Um a um eles cairiam em fila. Mesmo aqueles que duvidaram dela inicialmente – quando eles vissem o que viu, entendessem o quanto suas vidas mudariam para melhor a seguissem – claramente, então, toda a resistência sumiria.

Parando apenas para pegar seu manto pesado em seu quarto, Eira caminhou da mansão ao pátio, enquanto o sol desaparecia por trás das colinas de Glen Shiel. Estava na metade do caminho aos estábulos quando um grito a parou.

— Eira!

Ela virou e viu sua irmã correndo pelo pátio. Como Eira, Cian estava vestida para uma jornada da noite – um pesado manto cobrindo sua roupa de equitação.

Cian sorriu quando chegou ao seu lado. — Estou feliz que tenha te alcançado.

— Por quê? — O tom afiado de Eira fez Cian dar um passo para trás.

— Você fez tantas dessas viagens noturnas sozinha — Cian disse, mantendo o tom gentil. — Eu pensei que pudesse precisar de companhia. E depois que Dorusduain...

— Você acha que eu preciso que você tome conta de mim? — Eira riu. — Quando foi a última vez que você se saiu melhor que eu na prática de campo?

— Eu não quis lhe insultar. — Cian franziu a testa. — É só que com os relatórios que nós estivemos recebendo, não parece esperto que você vá patrulhar sozinha.

Sabendo que argumentar apenas faria Cian mais obstinada a acompanhá-la, Eira forçou um sorriso.

— Desculpe-me, Cian. Você não mereceu minhas duras palavras. Eu só me preocupo, porque estive doente tão recentemente.

— Mas estou bem agora — Cian disse corando. Ela se sentiu assustada e envergonhada quando acordou na sua cama e lhe foi dito que havia sucumbido à febre no meio da batalha.

Eira segurou as mãos da irmã. — Por favor. Eu não deveria ter estourado com você. A verdade é que estive sem dormir desde a visita do abade. Uso as cavalgadas da noite para limpar a mente. É difícil ficar dentro do castelo quando normalmente me sinto como se fosse uma prisão e o abade Crichton mantém as chaves.

Ela apertou os dedos de Cian, esperando reação.

— Eu acho que todos nós nos sentimos assim agora — Cian disse cuidadosamente. — Mas isso não lhe dá permissão para se comportar imprudentemente.

Soltando as mãos de Cian, Eira respirou fundo enquanto lutava para manter seu temperamento sob controle. — Claro que você está certa, Cian. Mas você tem minha palavra de que a patrulha é meramente uma desculpa para uma cavalgada noturna. Preciso de um tempo sozinha e longe daqui.

Ela começou a se virar, mas Cian correu por ela, bloqueando seu caminho.

— Eu sei que você ainda me vê como uma criança — Cian disse.

— Uma criança? — Eira riu. — Nenhuma de nós é criança – não somos há muito tempo.

— Então pare de me dispensar como se eu fosse apenas a sua irmã mais nova e me ouça como você ouviria outro membro do Círculo — Cian disse. — Como eu sou.

— Cian, por favor, ouça-me como sua irmã mais velha, como sua amiga. — Eira sentiu o desespero rastejando em sua voz. — Eu preciso desse tempo

sozinha.

Cian olhou para ela, carrancuda, e de repente Eira pensou estar olhando para a pequena garota que esteve ao seu lado todos os dias de sua vida. No fundo dos olhos de sua irmã viu confiança, e culpa tentou entrar em seu coração. Ela quebrou o contato visual.

— Você precisa me deixar ir — ela disse. — Sozinha.

Dando um passo para o lado, Cian disse: — Você sabe que eu não vou lhe parar.

Eira começou a se afastar sem olhar para a irmã. Sua respiração ficou apertada quando ouviu a voz de Cian lhe seguir:

— Tenha cuidado.

Embora seus batimentos cardíacos tenham disparado a galope, Eira manteve Geal em um ritmo lento durante a subida das colinas. Sua mente estava cheia de pensamentos, questões e dúvidas. Ela precisava de tempo para pensar, ter certeza de que continuava no controle desse estranho arranjo que tinha orquestrado com Bosque Mar.

A primavera mostrou sua verdadeira natureza tempestuosa esta noite. Geal relinchou sobre as encostas, queimando as bochechas de Eira e chicoteando seu manto. Ela cavalgou como se fosse impermeável aos elementos que tentaram dissuadi-la desta jornada.

Quando chegou ao túmulo, Eira amarrou seu cavalo. Apesar das muitas visitas que fez a esse lugar, Geal nunca se ajustou à presença de Bosque. Ela não poderia confiar que sua montaria não iria fugir com a chegada dele.

Eira tirou sua adaga, e olhou a palma de sua mão. A pele pálida estava inteira, sem marcas. Não importava quantas vezes cortasse as mãos, tirando o sangue necessário para convocar Bosque, o seu poder curativo deixava sua mão completamente intacta. Sem marcas. Sem dor. O seu poder salvou a vida de Cian.

O ritual de chamá-lo com seu sangue apenas para oferecer-lhe a mão para ele curar se estabeleceu profundamente em seus ossos. Enquanto não descreveria isso como confiança, Eira sentiu sim uma mudança em sua consideração por ele. Sentia uma segurança em sua companhia, uma calma da inquietação que sofria por trás dos muros de Tearmunn. Um alívio das preocupações que a atormentaram por tanto tempo.

Conforme a lâmina cortava sua pele, Eira percebeu a maneira como sua pulsação diminuiu. Sua respiração suavizou.

— Senti sua falta. — A forma longa de Bosque escorregou pela cobertura da névoa.

Ela não respondeu, mas ergueu sua palma, a qual ele pegou em suas mãos.

— Como está o progresso de seu trabalho? — Ele perguntou conforme fechava a ferida.

Apesar do corte estar curado, ele continuou a pressionar a mão dela entre as suas. Eira não tentou se afastar.

— Como eu esperava — ela contou. — Há aqueles que serão facilmente seduzidos. E aqueles que não.

Com um curto sorriso, ela perguntou: — E o que está achando de sua nova casa?

— Bem prazerosa — ele riu. — O abade não poupou despesas em sua mansão.

Eira se encolheu, dizendo: — Estou muito familiarizada com essa verdade.

Ele encolheu os ombros. — Eu estou feliz o bastante para colher os benefícios da ganância dele.

— Como está o abade? — Ela perguntou.

— Ainda rastejando — Bosque soltou sua mão e Eira se assustou com o frio repentino que se derramou sobre ela. — Ele nunca mais será uma ameaça para você.

Ela sentiu a mesma emoção que iluminou seu sangue quando o abade tinha sido no meio do tormento, mantido preso pelo fantasma de Bosque. — Ótimo. E os servos?

— Aqueles que resistiram foram tratados — ele contou. — O resto inteligentemente se submeteu para me servir.

Ela assentiu. — Não podemos permitir que alguém saiba que as coisas mudaram para o abade. Ainda não.

— Agirei como você disser — disse ele. — Mas quanto mais demora, menos provável será de que você consiga manter o elemento surpresa.

— Eu sei — Eira franziu a testa.

Bosque andou ao seu redor devagar, em círculo. — Aqueles do seu povo que estão resistindo... O que teria de ser feito para estimulá-los para a ação?

Ela apertou os lábios, pensando. — Uma ameaça maior do que o abade representa. Algo mais imediato.

— Algo como Dorusduain? — Bosque perguntou, sorrindo lentamente. — Ou talvez algo mais assustador?

O pulso de Eira saltou em um ritmo mais rápido. — Um ataque?

Ele não respondeu, mas continuou sorrindo.

— Isso criaria alarme — ela refletiu. — Urgência poderia superar a cautela.

— O que acha de um inimigo que eles não podem derrotar? — Bosque estava atrás dela, murmurando em sua orelha. — Salvos com a sua ajuda?

Tremendo, Eira sussurrou: — Seus fantasmas?

— Nenhum homem pode destruí-los — ele disse. — E eu posso colocá-los sob seu comando. Para usar como quiser.

Sua respiração estava rápida — Sim.

— Deve ser em breve — ele disse calmamente. — E custa muito caro provocá-los — apenas o verdadeiro sacrifício aplaca a fome de vingança.

— Verdadeiro sacrifício — Eira fechou os olhos.

— E se fizermos esse pacto, isso irá exigir algo de você. — Ele descansou as mãos em seus ombros. — Algo mais do que você já deu.

Ela ficou tensa e a risada dele era baixa, com um tom cortante.

— Minha senhora, não é o que está pensando — disse a ela. — Meus desejos não são como os dos outros homens. Eu desejo seu amor e sua lealdade, mas eu não peço por seu corpo.

Eira se virou para ele. — O que devo fazer?

Ele tomou-lhe o queixo na mão. — Se você deseja comandar meus servos, o que é basicamente compartilhar meu poder, você deve ser leal a mim e apenas a mim. Jure sua lealdade e eu sempre a servirei. Cada decisão que fizer será apoiada por tudo que tenho sob meu comando. Qualquer um que se opor a você cairá.

Apesar da escuridão, os olhos de Bosque eram brilhantes como prata fundida.

— Diga-me como posso me ligar a você. — Enquanto falava, Eira pensou ter ouvido a voz de Cian.

Tenha cuidado.

Mas que outra escolha tinha? Sabia que essa criatura, chamada Bosque Mar, era perigosa. Mas se sua existência na terra estava ligada a si, ele obedeceria apenas a ela. Tudo o que ela estava fazendo era abrir uma porta de oportunidade para seus aliados. Sim, iria ganhar com o arranjo. Mas se tinha tanto poder ao seu comando, o usaria para punir os malfeitores. Estabeleceria uma nova ordem. Uma vida melhor para Conatus. Uma vida que eles guiariam ao invés de servir, onde não teriam que alimentar os vícios de homens como o Abade Crichton.

Bosque deu um passo para trás. — Um juramento de sangue. E essa ferida irá permanecer – uma marca em seu corpo que simboliza a sua fidelidade. Eu não a curarei.

— Eu entendo — ela disse a ele, embora tivesse começado a tremer.

— Há outra questão. — Ele passou a mão ao longo do comprimento de seu corpo. — Esta é apenas uma forma adequada para eu entrar neste mundo. Mas não é o meu verdadeiro eu.

Eira respirou fundo. — Você é um homem?

— Você sabe que eu não sou — ele disse, segurando seu olhar. — O juramento, se você o fizer, deve ser feito enquanto tomo minha verdadeira forma. Feito para o mundo que é a minha casa. Só então você pode extrair seu poder.

O vento uivava quando Eira falou: — Você pode me dizer o que você é, antes de jurar minha lealdade?

— Você não tem uma palavra para o que sou. — Ele deu um passo para frente, se aproximando e abaixando a voz. — Se está com medo de olhar para mim, pode ficar virada enquanto fala as palavras. Sou de outro mundo, um que é estranho para você. Não me ofenderei se você desejar me ver apenas como o homem que aparento ser agora.

Isso significava um ato voluntário de autoengano. Eira sabia disso. Se fizesse o juramento de sangue para o homem que não era um homem, permaneceria cega. Mas se agarrou à sua oferta, o medo de que ver o que havia do outro lado de sua máscara humana, a faria fugir deste caminho. Muito estava em jogo. Ela vislumbrou um futuro que não podia suportar deixar ir embora.

— Obrigada — ela disse.

Ele sorriu. A prata de seus olhos queimando como um relâmpago. — Ajoelhe-se.

Eira virou de costas para Bosque e se ajoelhou.

— Retire o seu manto e sua camisa.

Com o vento rasgando sobre o monte, Eira esperava encontrar-se tremendo quando expôs sua pele nua aos elementos. Mas em vez disso, sentiu-se quente, como se tivesse encapsulada pela presença de Bosque, protegida do frio.

Quando Bosque falou novamente, ela reconheceu sua voz, mas as palavras foram cortadas por um estranho ruído.

— Você me chamou aqui por sua livre vontade?

— Sim — Eira disse. Ela engasgou quando algo afiado, mas não de metal, perfurou sua pele.

— Você me convida para este mundo, ligando-me a você com seu sangue?

— Sim. — Lágrimas caíam por suas bochechas enquanto um corte abria lentamente do seu ombro até a parte inferior das costas.

— Você jura sua lealdade a mim, pelo sangue derramado hoje?

— Sim. — Ela caiu de quatro enquanto outra ferida diagonal era cortada no comprimento de suas costas.

O vento de repente cessou, deixando um silêncio assustador. Tremendo, Eira se enrolou. Suas costas queimavam de dor. A chuva tomou o lugar do vento. A água fria se misturando com o sangue quente que corria por suas costas.

— Levante-se, Eira.

Ela estava com medo de levantar a cabeça, mas a mão que tocou seu ombro estava quente. Humana.

Movendo-se com dificuldade por conta das feridas, Eira vestiu sua camisa, colete e casaco. Quando se virou, Bosque – aparentando exatamente como ele estava da primeira vez que o viu – olhou-a com olhos simpáticos.

— Eu sinto muito que tenha que deixar você com dor.

Com um sorriso apertado, ela disse: — Foi a minha escolha.

Seus olhos de prata queimaram novamente. — Sim. Foi.

— O que acontece agora? — Ela perguntou.

— Nós incitamos seus companheiros para a ação — ele disse. — É hora de revelar a eles o que realmente está em jogo. Reúna seus aliados. Quando e como

avancamos depende de sua vontade. Só existo para servi-la.

Eira assentiu, erguendo o rosto para a chuva lavar suas últimas lágrimas. Ela olhou para o céu escuro, onde as estrelas estavam escondidas pelas nuvens.

— Eira?

Ela piscou para afastar os pingos de chuva e olhou para ele. — Eu sei o que deve ser feito.

Horas mais tarde, enquanto a maioria em Tearmunn dormia, Eira se esgueirou pelo quartel. Subiu as escadas e se arrastou pelas portas da cela até que chegou ao quarto que procurava. Batendo o mais silenciosamente possível, esperou alguns minutos antes da porta se abrir.

Com os olhos turvos, Alistair olhou para ela como se estivesse sonhando. — Lady Eira?

— Eu estou aqui para cumprir minha promessa, Lord Hart — ela disse.

Seus olhos azuis se aguçaram e ele recuou, abrindo passagem para sua cela. Eira sentou-se na cadeira de madeira ao lado de seu leito. Alistair olhou sua cama desarrumada e a camisa de dormir amarrotada.

— Eu posso me vestir...

— Não há necessidade — ela disse, apontando para a cama. — Por favor, sente-se.

Alistair obedeceu, e Eira sorriu quando o jovem cavaleiro se sentou ereto e em posição de sentido, como se estivesse usando seu uniforme da Guarda.

— Eu vou lhe dizer tudo o que você deseja saber — Eira disse. Ela abaixou a voz. — Mas antes tenho uma pergunta para você, Alistair.

Ele corou quando ela usou seu nome de batismo. Eira tomou isso como um bom sinal.

— Pergunte-me qualquer coisa que quiser, minha senhora — ele murmurou.

— Se eu pudesse lhe dar qualquer coisa no mundo — ela disse suavemente. — O que você iria querer?

CAPÍTULO 29

O CORAÇÃO DE EMBER saltitou com a batida na porta de sua cela, como tinha adquirido o hábito de fazer, mas seu pulso diminuiu novamente, como de costume, quando ela abriu a porta e não encontrou Barrow.

— Posso entrar? — Alistair perguntou.

— Claro. — Ela se afastou para que ele pudesse entrar. As visitas dele se tornaram frequentes desde que se recuperou. Ember ficou surpresa ao descobrir que gostava de sua companhia – a relação deles tinha se voltado aos padrões familiares de sua infância. As brincadeiras de luz e provocações que eles compartilharam ajudaram a aliviar a dor maçante que havia em seu peito.

— Eu tenho uma surpresa e um presente — disse Alistair. — Ou melhor, é um presente que também é uma surpresa.

— Eu não preciso de nenhum presente Alistair. — Ember sorriu. *Ou surpresas*, pensou.

— Será uma pena deixar a sua recuperação passar sem celebrá-la. — Alistair piscou para ela. — Além disso, se recusar você somente se sentirá excluída. Todo mundo estará lá.

Ember o encarou duvidosa. — Estarão onde?

— Abra isto e veja se pode adivinhar. — Alistair tirou as mãos detrás de suas costas revelando um pacote de tecido amarrado com um barbante.

Com um olhar intrigado, Ember pegou o pacote, puxou sua adaga e cortou o barbante. Quando puxou para trás a cobertura de tecido, um tecido verde macio apareceu. Ela sacudiu o vestido que tinha sido dobrado de um tecido liso. A cor de um verde desbotado. Adorável, mas simples – com o tecido suave e leve, desprovido de peso e da elegância dos vestidos que havia usado em casa e tinha vestido para sua audiência com o abade. Isto a lembrava de algo que as empregadas vestiam quando se reuniam na mansão para a celebração do natal. Quando o pai dela distribuía presentes.

— Você gostou? — Perguntou Alistair.

Ember acenou, mas perguntou: — Porque você me deu um vestido?

— A aldeia no lago está celebrando a plantação de primavera com um Ceilidh^{13} — ele disse a ela, — Eu gostaria de te levar.

Ela hesitou e ele disse rapidamente: — Como seu amigo, Ember, nada mais. Você verá quando chegarmos lá que todos de Tearmunn estarão presente. Os festivais da vila nunca deixam de impressionar. Comida, bebida, dança. Certamente você quer ir?

— Claro — ela disse e os olhos de Allistair brilharam. — Eu ouvi falar disso. Mas não tínhamos sido obrigados a ficar aqui para o ritual dos Fidelitas esta noite?

— Nós fomos, mas o ritual só começa à meia-noite. Temos tempo de sobra para as festividades antes da cerimônia.

Ela sorriu para ele. — Então, eu adoraria ir.

— Maravilhoso — ele disse. — Troque de roupa e eu voltarei para te buscar mais tarde.

Quando ele a deixou, Ember segurou o vestido em suas mãos. O Ceilidh tinha soado atraente, mas apesar do que tinha dito a Alistair, parte dela estava relutante em ir. Se todos de Tearmunn estariam na celebração, significa que Barrow estaria lá. E Ember tinha criado o hábito de evitá-lo. Não que isso tenha precisado de muito esforço, seu antigo mentor parecia evitá-la muito bem. Ela o via no almoço e ocasionalmente no campo de treino quando ela e Sorcha tinham sido parceiras de treino.

Como Barrow tinha previsto, Sorcha era uma treinadora excepcional e tinha feito um progresso significativo. Mas não deu muito crédito às habilidades do seu novo mentor para o seu avanço rápido no combate. Depois que Barrow a tinha renegado, tinha mergulhado no treino incansavelmente. Estava determinada a preencher o vazio em seu peito com um compromisso inigualável com seu treino. A maior parte da sua estratégia tinha se provado um sucesso. Mas quando ela via Barrow, ou quando ele a reconhecia com um cumprimento educado, mas contido, Ember sentia como se ele tivesse lhe socado na barriga.

Isso tudo era uma tolice, Ember pensou enquanto desfazia sua trança, deixando seu cabelo cair em ondas por suas costas. Se não tivesse se permitido admirar muito Barrow, não estaria nessa situação. Talvez tivesse mais alívio se sua imaginação hiperativa a poupasse das visitas noturnas do cavaleiro mencionado. Em seus sonhos Barrow se retrata pelas palavras ditas no estábulo. Pedia para ela esquecer e prometer nunca o deixar. Mas o pior disso tudo é que sua mente não para numa simples reconciliação. Em vez disso, ele apertava-a em

seus braços lhe mostrando a força e a forma do seu corpo de forma tão íntima fazendo-a acordar ofegante e molhada de suor.

Ember retirou suas roupas usuais e encontrou uma túnica limpa. Deslizou o vestido por sua cabeça. Os botões iam até na sua cintura fazendo o corpete abraçar suas curvas. Embora ela não tenha entendido completamente o que fez Alistair comprar um vestido tão perfeito e ajustado ao seu tamanho, ela estava grata por sua forma encantadora e pela forma como a saia girava em torno dos seus tornozelos, abrindo-se quando girava em um círculo ou balançava de um lado para o outro.

Após uma leve batida na porta e do convite de Ember, Alistair entrou novamente em seu quarto.

Ele a olhou por um momento e ela o viu engolir. — Você está adorável.

— Obrigada — Ember disse. — Você está exatamente como o cavalheiro elegante que é.

E ele estava. Alistair tinha trocado o uniforme da guarda por meias de tecido elegante, uma camisa de linho bem ajustada e um colete preto. Ele estava barbeado e sorriu para ela, seu rosto cheio de charme juvenil que tantas mulheres certamente achariam irresistível. Mas não ela.

Por um momento Ember se perguntou o que poderia estar errado com ela, que rejeitaria as declarações de amor de alguém tão desejável como Alistair. Ele era seu amigo de infância, um ótimo guerreiro, e indiscutivelmente bonito.

Embora ela pudesse meditar sobre as falhas de seu próprio coração, sabia que era inútil especular sobre Alistair. Não podia pensar nele como nada mais do que seu amigo.

Com a testa franzida ele perguntou. — Eira já falou com você?

— Eira? — Ember balançou a cabeça. — Ela precisa me ver?

— Ela vai procurá-la, tenho certeza — disse ele. — Quando ela for, por favor, escute o que ela tem a dizer, Em. Eira é uma grande líder. Pode fazer muito por nós. Para todos nós.

Ele tirou algo do bolso do colete. — Entretanto, eu sei que ela quer que você tenha isso.

Pendendo de seus dedos havia um pingente suspenso por uma fina corrente de ouro.

— Por quê? — Ela perguntou.

— Eu não sei — disse ele com um sorriso delator. — Talvez ela pense que você estaria sofrendo sem a elegância de casa.

— Ugh.

Ele colocou a corrente em volta de seu pescoço. — Você deve usá-lo esta noite.

— Eu não sei — ela disse enquanto ele prendia o fecho. — É um bom presente. E se eu o perder?

— Não vai perdê-lo.

Ela segurou o pingente na mão. Ele era arqueado em ouro, a sua superfície delicadamente esculpida para revelar uma rosa atravessada por duas espadas.

Alistair inclinou-se sobre seus ombros. — A Bloodrose. Representa o amor e sacrifício exigido de um verdadeiro guerreiro.

Ele pegou o pingente de seus dedos, virando-o. — Veja.

— *Sanguine et igne nascimur*. — Ember leu a inscrição. — No sangue e fogo em que nascemos. E o nome de Eira está aqui também.

— Ela tem muita fé em você — disse Alistair.

— Eu não sei por quê — ela murmurou. — Eu tenho feito muito pouco desde que cheguei aqui.

— Pouco? — Ele bufou. — Você matou uma striga que nos levou a um prisioneiro o que pode ser mais importante do que qualquer outra coisa que nós já fizemos.

Ela inclinou a cabeça, olhando para ele. — Há notícias sobre o prisioneiro? — Ela tinha ouvido pouco sobre aquele homem selvagem que ainda estava confinado na masmorra.

Ele olhou para longe. — Apenas rumores.

— Quais rumores? — Ela perguntou.

Mas Alistair sorriu, ignorando a pergunta. — Lembre-se do que eu disse. Ouça o que Eira tem a dizer

— Eu irei — Ember disse, distraída com seus próprios pensamentos.

— Por favor, Ember — disse Alistair. — Eu quero que você entenda o quanto eu confio nela.

Ela olhou para ele, surpresa com a seriedade de suas palavras. Mas o momento solene tinha passado.

— Vamos? — Ele ofereceu sua mão e Ember a pegou. — Ian está preparando nossas montarias.

Eles cavalgaram de Tearmunn em um ritmo lento para ver o pôr do sol sobre Loch Duich, enquanto os cavalos escolhiam seu caminho no lado do monte.

Alistair a fez sorrir ao admitir para ela todos os erros que cometeu durante a sua prova com os duendes.

— É um milagre que eu não esteja morto — disse a ela.

Ember duvidou de que todas as falhas que ele amontoou em si mesmo fossem verdade, mas pensou que as criou para entretê-la. — Eu vi você atrair a striga. Você foi incrivelmente corajoso.

— Todos os tolos são corajosos. — Seus olhos brilhavam no crepúsculo rosado.

Os sons do festival do plantio derivavam em direção a eles, vindos da aldeia que se aproximava a beira do Loch Duich. Fogueiras começavam a pontilhar a colina atrás da aldeia, tocando seu perímetro com chamas que saltavam para os céus. Mas foi a música que puxou o espírito dela.

Tubos, flautas e tambores teciam melodias complexas, repletas de vida.

Eles deixaram seus cavalos amarrados na beira da aldeia, dando moedas para o bando de meninos que foram designados para vigiar as montarias. Alistair abriu o caminho para o centro da festa, e a cada passo os sentidos de Ember eram assaltados pelo cheiro, som e visão. A música rugiu em seus ouvidos, seu coração batia com os tambores frenéticos. Veado, carne bovina e carne de porco assadas em espetos, enchendo o ar com odores salgados. Artesãos locais os chamavam, vendendo mercadorias que iam de cerâmica a poções. No centro de tudo isso tinha a dança. Corpos voavam em círculos, indo por dentro e por fora, girando, reverenciando e trocando de parceiros, de mãos dadas. Risos e gritos de alegria se tornaram parte da música ceilidh.

— Que este plantio nos conceda uma colheita abençoada. — O padre Michael sorriu calorosamente para eles. — E o ritual de Fidelitas nos prepare para o trabalho que virá.

— Nós perdemos alguma coisa? — Alistair perguntou para ele.

O padre fez um gesto para os músicos. — Só a chance de dançar com o seu comandante. Ele começou sua performance assim que chegou.

Ember olhou para o local onde o Padre Michael apontou, e engasgou. Lukas estava sentado em meio aos músicos da aldeia, batendo furiosamente em um bodhran^{14}.

Alistair estava rindo, mas virou um olhar questionador para o sacerdote.

— A música é um grande amor do comandante — ele disse. — E ele raramente tem a oportunidade de tocar.

Ele olhou os dançarinos junto a Lukas, cujos olhos estavam fechados como se perdidos nos ritmos ferozes que criavam. — Ele é muito talentoso — observou o padre Michael.

— Não diga isso a ele. — Sorch se materializou a partir da multidão com Kael ao seu lado. — Se você fizer isso, ninguém no quartel vai dormir de novo, porque Lukas iria tocar a noite toda.

— Ela está certa. — Kael tirou o copo de madeira dos lábios. — Eu sei que você ama elevar nossos espíritos, Padre, mas, neste caso, tenha misericórdia.

— Alguma novidade? — Alistair perguntou.

— Eu acho que estamos prestes a ser surpreendidos pela chuva. — Sorch olhou para cima. O pôr do sol desapareceu atrás de um conjunto ameaçador de nuvens de tempestade.

— É um festival de plantio. A chuva é bem-vinda. — Kael sorriu, lançando um olhar de soslaio para o círculo de dançarinos. — Eu vou dizer o que *me* surpreenderá: se o nosso Barrow conseguirá passar esta noite sem um noivado. Eu acho que tenho observado uma dúzia de empregadas domésticas que disputam sua atenção. O pobre homem não teve chance de comer, ou até mesmo sentar-se, desde que pôs os pés na aldeia.

Apesar de seu peito doer, Ember não resistiu em procurar no borrão de corpos em movimento. Encontrar Barrow foi muito fácil, ele era mais alto do que a maioria dos moradores. Ela viu quando ele levantou uma menina pela cintura, girando em torno dela e soltando-a. A menina sorriu enquanto seus cabelos dourados saltavam, brilhando à luz do fogo.

Ember desviou os olhos para longe, de repente, desejando que estivesse de volta em seu quarto. Ou cega.

— Segure sua língua, Kael — Sorch disse. Ember olhou para ela e ficou surpresa com a simpatia em seu olhar. Sorch sorriu brevemente antes de

empurrar Kael de brincadeira. — Você bebeu uísque demais. Você sabe que Barrow não tem interesse nessas garotas.

— Eu dificilmente bebi tanto! — Kael abaixou seu copo, vazio. — Olha, meu copo está vazio. Alguém quer me ajudar a corrigir esse erro?

Alistair riu e se virou para ela. — Como quiser, por favor, milady.

— Eu vejo a sua verdadeira natureza, escolhendo a linda menina em vez do seu bonito mentor — Kael disse para Alistair. — Vira-casaca.

Sorcha pegou o braço de Kael. — Eu vou te ajudar pobre tolo.

— Uma boa mulher, esta aqui. — Kael deu um beijo estalado na bochecha de Sorcha.

Quando eles se afastaram, Alistair perguntou: — Você quer ir com eles?

Ember balançou a cabeça. — Eu quero dançar.

Embora seu peito ainda estivesse queimando com a visão das mãos de Barrow naquela garota, sabia que ceder ao seu ciúme só provaria que estava tão vazia quanto o copo de Kael. Ela adorava dançar, e era o que ela faria.

Alistair a olhou com surpresa. — Dançar?

— Sim, Alistair — Ember respondeu, pegando sua mão. — Eu posso dançar com meu velho amigo, não posso?

Ela viu decepção cintilar brevemente em seus olhos quando suas palavras desenharam uma linha firme entre eles, mas ele respondeu: — Você pode. E vamos.

Ele tomou sua mão, levando-a para a multidão de dançarinos, que se moviam ao redor da fogueira, com viradas rápidas e rodopios. Quando a música terminou e os parceiros fizeram seus arcos, Alistair puxou-a para a linha.

— Vejo você em um momento! — Ele falou quando a música iniciou novamente.

Ela sorriu. A dança começou, e depois de apenas algumas voltas estava ela fora dos braços de Alistair e nos de outro homem. A alegre despreocupação da dança do país a teve rodopiando e voando abaixo na fila, quando o homem do outro círculo se moveu em sentido horário e suas parceiras se mudaram para a esquerda. Tonta, mas em êxtase, Ember se deleitava com alargamento em suas saias, deixando a música levar seus pés em passos tão rápidos e girando tão rápido que sentiu como se mal tocasse o chão. Seu parceiro pegou seus

antebraços, chicoteando-a e enviando-a em vendavais de sorrisos para o próximo homem.

Seu riso parou quando o reconheceu.

Ela poderia dizer que Barrow estava tão surpreso ao vê-la de pé diante dele como ela tinha estado por de repente encontrá-lo como seu próximo parceiro de dança. Mas é claro que iria – danças escocesas sempre envolviam mudança de parceiros e não sabia que Barrow estava dançando neste círculo? Ela tinha esperado por isto sem admitir para si mesma?

Ambos pararam por um momento. Barrow tossiu em seguida, dando um passo em direção a ela. Ember mordeu o lábio, oferecendo-lhe um sorriso desconfortável. Seu braço envolveu sua cintura e ele apertou a sua mão na dele. Eles começaram a girar no tempo com os tambores batendo.

O mundo desacelerou. A música e os outros dançarinos desapareceram, deixando apenas ela e Barrow movendo-se juntos. Ela podia ver cada faísca saltar da fogueira, escapando das chamas para dançar em direção ao céu da noite. Seu pulso abafou o rufar dos tambores, pulando em suas veias. Ela podia sentir o batimento cardíaco de Barrow também, como se seu coração estivesse correndo ao lado do dele.

Eles estavam dançando, os pés voando enquanto seguiram o padrão do círculo. Mas Ember se movia como se estivesse hipnotizada, seus olhos nunca deixando o olhar firme de Barrow. A cada passo, seus corpos se aproximavam, as mãos segurando um ao outro ferozmente. Logo a dança iria forçá-los a se separarem, jogando-a nos braços do parceiro seguinte. Esse conhecimento fez o seu peito se apertar.

Barrow ainda estava segurando seus olhos nos dele. Eles estavam dançando tão perto agora que cada passo, volta e giro fazia-os escovar novamente um contra o outro. Ember podia sentir o calor de seu corpo contrastando com o frio da noite de primavera.

A melodia cresceu e uma batida golpeou, sinalizando a cada bailarino para renunciar ao seu parceiro por causa de outro. Por um momento, os dedos Barrow cavaram no tecido do vestido como se quisesse agarrá-la em vez de deixá-la ir. Foi quando o céu se abriu.

A chuva caía em gotas inchadas que explodiam na cabeça e nos ombros dela, ensopando-a em pouco tempo. O dilúvio espalhou a multidão. Dançarinos,

músicos e espectadores corriam gritando, desesperados em busca de abrigo. Folhas de chuva ofuscaram a visão de Ember, grudando seu cabelo em seu rosto e pescoço.

— Por aqui. — A mão de Barrow escorregou em torno de seu pulso. Ele puxou-a para longe do fogo, que cuspiam e chiava protestando contra a chuva que tentava apagar as chamas. Barrow estava correndo, e ela estava sendo puxada junto com ele para a floresta escura. Ember enxugou o rosto, lutando para enxergar. Entre as sombras e com a chuva pesada, poderia muito bem estar correndo com os olhos vendados.

Barrow diminuiu o passo e depois parou, soltando seu pulso. Ela apertou os olhos com força, tentando afastar a chuva. Mas de alguma forma não estava mais chovendo, ou pelo menos a torrente inicial tinha parado. A dispersão de gotas batia nela em intervalos irregulares, mas já não se sentia como se estivesse de pé embaixo de uma cachoeira.

Para onde Barrow a tinha levado?

Ember olhou para cima e viu-se debaixo de uma das maiores árvores que já tinha visto. Os ramos do carvalho antigo se espalhavam acima deles, oferecendo um abrigo temporário contra o dilúvio, mas a roupa dela tinha sido encharcada durante a fuga. Barrow encostou-se no tronco largo da árvore.

— Podemos ficar aqui até que a tempestade passe — ele disse, escovando seu cabelo, ainda pingando, do rosto.

Ember torceu seu próprio cabelo pesado em seus punhos, torcendo a água para fora, e depois os empurrou para trás de seus ombros. A sensação de ter o comprimento de seu cabelo cobrindo suas costas era estranha, mas não desagradável.

Os sons da música, da dança e da folia tinham desaparecido, afogados pela batida constante da chuva. Ela se perguntou se os moradores fugiram para as suas casas ou se, como ela e Barrow, eles tinham conseguido abrigos na natureza para se proteger do aguaceiro.

— Você está com frio? — perguntou Barrow.

Perdida como estava nos ritmos da tempestade, sua pergunta a assustou. Apesar de estar escorregadia com a chuva, sua pele estava quente. Seu coração só agora começou a se acalmar depois de martelar com sua fuga do Ceilidh. Ela balançou a cabeça, mas se viu tremendo. Não era do frio da noite, mas por causa

do caminho que os olhos dele estavam tomando de seu rosto ao longo de seu pescoço e para o seu peito.

Ember olhou para baixo e viu que seu vestido encharcado se agarrava ao seu corpo. Alguns pingos de chuva que encontraram o seu caminho através da barreira de galhos de árvores perseguiam um ao outro do colar sobre sua pele, desaparecendo em seu corpete. Ela olhou para Barrow e encontrou seu olhar, embora não tenha reconhecido sua expressão. Se não o conhecesse tão bem, teria pensado que ele estava com dor.

Ele estendeu a mão, segurando levemente os braços dela. Ember estremeceu novamente e seu pulso acelerou.

— Chegue mais perto — disse ele. — Você está tremendo.

Ela deu um passo em direção a ele, querendo falar, mas sua garganta fechou-se. Seus olhos estavam em seu rosto. Ember estava perto o suficiente para ver as gotas que se reuniam em seus olhos cinzas. Ela queria estar mais perto. Seu coração superou a chuva, sua velocidade roubando sua respiração, deixando-a tonta. Quando Alistair a tinha puxado em seus braços e pressionado sua boca na dela, tinha estado ofegante, mas apenas de uma forma semelhante a ter um soco no estômago. A sensação a tinha feito se sentir doente e furiosa.

Mas agora ela estava traçando a forma da boca de Barrow com seu olhar, desejando que pudesse tocá-lo com mais do que seus olhos. A cada momento ela se sentia mais quente, atraída por ele de uma maneira que não entendia. Barrow moveu uma mão até a sua cintura. Ele estava franzindo a testa, como se a sua confusão combinasse com a dela. Sua mão deslizou sobre a curva de seu quadril. Com um mais do que um pouco de hesitação ele a puxou para mais perto. Ele a moveu devagar, devagarzinho, até que sua forma encharcada de chuva estivesse ajustada a dele.

— Ember — disse ele. O nome dela era como um canto de sereia em seus lábios. Ela inclinou-se para ele. Suas mãos se aproximaram do peito de Barrow. Agarrou sua camisa, querendo ouvi-lo falar de novo. Como se ele pudesse escutar os seus pensamentos, inclinou a cabeça mais perto, sussurrando o nome dela mais uma vez.

— Ember. — Quando ele falou, ela pode sentir sua respiração, sutilmente adocicada pelo vinho aromático. — Perdoe-me.

Ela abriu a boca para responder e seus lábios tocaram os dela. Quando sentiu o seu beijo, compreendeu pela primeira vez o que sua irmã havia falado quando a advertiu contra o celibato da Guarda. Nenhuma sensação poderia corresponder a da boca de Barrow se movendo contra a dela. Ember torceu os dedos através do cabelo úmido dele, pressionando-o e separando os lábios ainda mais. A língua dele entrou em sua boca. Quando Alistair a tinha agarrado, esmagando seu rosto no dela, invadido sua boca com sua língua e a empurrado, ela nunca imaginou que um beijo poderia provocar nada mais do que nojo nela. Agora sabia melhor. O calor correndo por suas veias era inebriante.

Ember agarrou-se a Barrow, porque tudo o que queria era estar perto dele, mas também porque temia o que poderia acontecer quando eles finalmente se separassem. Sua mão se moveu em suas costelas, e seu polegar traçou a curva externa de seu peito. Seu corpo tremia e um pequeno som emergiu de sua garganta.

Ele empurrou-a para longe, olhando para o rosto dela. O medo edificado em seu peito estava espelhado nos olhos dele.

Sua pele tinha ficado pálida. Quando soltou sua mão ao lado dela, Ember percebeu que ele tinha tomado seu grito suave como uma objeção ao seu toque.

— Barrow. — Ela agarrou seu pulso, fechando a outra mão sobre o seu punho. Colocou suas mãos unidas contra a pele úmida acima de seu peito. — Eu...

Ela queria dizer a ele que seus lábios ainda estavam quentes com seu beijo. Que seu corpo ansiava por mais do que as pequenas carícias que ele mal tinha dado. Ember ficou olhando para Barrow, apertando o punho dele em seu peito, sem saber como expressar o tumulto de revelações que encheram sua mente.

Ele devolveu seu olhar, liberando seu pulso, mas só para enrolar seus dedos nos dela. Eles olharam um para o outro, respirando com dificuldade, sem se falar. Sua outra mão subiu para acariciar sua bochecha. Então, deslizou seus dedos para até a sua nuca, puxando-a para mais perto. Ember levantou o rosto, lábios separados para receber seu beijo mais uma vez. Mas o beijo nunca veio.

Um grito agudo rasgou o véu pesado da chuva. Barrow e Ember se afastaram. No momento seguinte, estavam correndo pela chuva cegante em

direção ao som, empurrando através de silvas e arbustos quando outro grito e depois outro emergiram no meio da noite.

CAPÍTULO 30

— DEPRESSA! — BARROW GRITOU por cima do ombro quando correu em direção à aldeia. Ember foi ficando para trás, embora seus pulmões parecessem prestes a estourar a partir do esforço que colocou em seu ritmo.

Os gritos eram horríveis. Agonizantes. Incessantes. Apesar de seus instintos gritando, que lhe imploravam para virar e fugir, ela correu em direção aos sons de tormento. Sombras estavam se fechando em torno dela. Tochas e fogueiras que tinham mantido a floresta iluminada com o brilho sutil de fogo tinham sido apagadas pela chuva.

As pernas longas de Barrow correram pela floresta mais rápido do que Ember conseguia. Mal podia vê-lo através do labirinto de árvores e do aguaceiro ofuscante. Cada momento parecia mais escuro do que o último, como se a noite em si estivesse manifestando em uma inclinação que a sufocava.

Estava quase na aldeia, ela pensou, mas agora o tinha perdido completamente de vista.

— Barrow — ela gritou. — Sorcha! Alistair!

Seja lá o que estivesse acontecendo, Ember esperava que fosse algo que iria enfrentar como uma frente unida, especialmente desde que sua única arma era um punhal que tinha escondido no bolso do vestido. Com o canto do olho, viu uma sombra se aproximar, deslizando por trás de um tronco de árvore. Apesar de seu senso lhe dizer que era apenas sua mente pregando peças, ela parou e se virou.

Enquanto olhava, a sombra continuou a vir em sua direção. Ember não podia se mover. Não conseguia respirar. O que era isso?

A criatura não tinha carne. A sua forma era totalmente composta de sombra, ou, talvez, de fumaça preta, que exalava um odor acre de queimado e decomposição. Na escuridão era quase invisível, só o movimento constante de seu corpo efêmero mostrava sua presença.

Ember tirou sua adaga, já questionando se algo não feito de carne e osso poderia ser ferido por uma lâmina. A forma sinistra se aproximou, tentáculos

escuros serpenteando para agarrá-la. Ela levantou a mão para bater quando a criatura de sombra de repente parou, como se estivesse hesitante.

— Ah! — Ember segurou o pingente que estava contra seu peito. Estava quente, queimando sua pele.

A coisa se afastou, sua forma turbulenta como a fumaça de ebulição. E então ele desapareceu.

Ela ficou parada, respirando com dificuldade e com um leve toque sondou a pele macia sob o pingente. A jóia não estava mais quente em seus dedos, e se não fosse pela picada da queimadura em seu peito, poderia ter acreditado que tinha imaginado o incidente.

Para onde tinha ido? Cada sombra agora parecia uma ameaça. Ela tinha que encontrar os outros. Avisá-los.

— Lady Morrow!

Ember se virou para ver Eira vindo em sua direção. Ao contrário de seus companheiros, que tinham participado do festival, Eira usava o traje de batalha completo.

— Você está ferida? — Eira perguntou a ela. — Você está tremendo.

Ember balançou a cabeça. — Alguma coisa aconteceu.

— Eu sei — disse Eira. — É por isso que eu vim.

— Eu pensei que os moradores não deveriam ver mulheres entre a Guarda — Ember disse, franzindo a testa.

— É por isso que eu tenho isso. — Eira vestiu um capacete. — Venha comigo. Fique por perto.

Eira não correu, mas andou em um ritmo rápido em direção à aldeia. Os gritos não pararam, apesar de alguns terem enfraquecido, tornando-se lamentos de desespero. Elas chegaram à borda da floresta, e quando Ember correu para a briga, Eira agarrou seu braço.

— Espere. Você mal está pronta para a batalha.

Ember olhou através da chuva, ainda ouvindo os gritos, mas incapaz de ver o que estava acontecendo. — Temos de encontrar os outros. — Ela brandiu sua adaga. — Vou sobreviver.

Eira olhou para ela. Pensou que notou o olhar de Eira para o pingente que pendia no pescoço dela antes de concordar.

— Sim — ela disse, soltando o seu braço. — Fique ao meu lado.

Em um ritmo cauteloso que Ember achou irritante, Eira abriu o caminho para a aldeia. Elas teceram entre aglomerados de casas com telhados de palha. Os gritos estavam perto agora. Esse som apertou sua garganta.

— Não. — Ember engasgou com a palavra quando apontou para um homem que se contorcia no chão. Seu corpo tinha sido engolido pelo mesmo tipo de criatura de sombra que encontrou na floresta. O homem gritava, suas mãos arranhando a terra quando seu atacante o abraçou, seu corpo sombra pulsando como uma sanguessuga. Parecia não importar que a criatura não tinha peso ou substância; seu alcance parecia inevitável.

Eira começou a se afastar.

— Mas... — Ember ainda estava observando o homem com horror.

— Nosso objetivo é encontrar nossos companheiros — Eira disse. — Nós não podemos ajudá-lo.

Apesar do estômago de Ember se agitar, ela seguiu Eira mais para dentro da aldeia. A chuva finalmente deu trégua, mas não poderia estar grata pelos locais que ofereciam uma visão clara.

As bestas de sombra estavam em toda parte da aldeia, as suas vítimas escolhidas independentemente da idade ou sexo. Alguns aldeões estavam moles, se estavam mortos ou inconscientes ela não sabia. Outros ainda se debatiam, desesperados para escapar de seu tormento. Aqueles que ela viu eram todos estranhos, homens, mulheres e crianças da aldeia. Com cada nova visão temia ver alguém que conhecia.

— O que são eles? — Ember perguntou, a voz trêmula.

— Silêncio — disse Eira. — Não chame atenção deles.

Eles chegaram ao círculo de fogueira. A queima de madeira ainda cuspia e assobiava, fumaça e vapor subindo juntos para o céu à noite.

— Ember!

O som do grito de Barrow trouxe lágrimas aos olhos de Ember.

— Aqui! — Ela gritou, ganhando um olhar severo de Eira.

Ele não estava sozinho. Lukasz e Sorcha estavam com ele, ambos com punhais como o que ela tinha levado em seu vestido.

Lukasz observou Eira com alarme. — Por que você está aqui? E de uniforme?

— Eu ouvi que havia problemas — Eira respondeu friamente. — E a maioria da Guarda estava ausente. Eu pensei que seria prudente tomar medidas preventivas.

— Onde estão os outros? — Ember perguntou. Alistair e Kael ainda estavam faltando, assim como o Padre Michael.

Lukasz balançou a cabeça. — Eu não sei. Vamos esperar que estejam bem longe da aldeia. Se tivermos sorte, a chuva os levou de volta para Tearmun.

— O que é esse mal que veio sobre nós? — Sorchia assobiou.

— Temos de voltar à fortaleza — disse Eira. — Nós não podemos fazer nada de bom aqui.

— Eu gostaria de poder discutir com você. — Lukasz colocou a lâmina de sua adaga contra sua palma. — Eu joguei meu outro punhal em uma das bestas. Foi como atacar uma nuvem.

Eira virou-se e fez um gesto para que a seguissem. — É por isso que não devemos esperar. A nossa única opção aqui é a retirada.

— Eu não sei. — Lukasz hesitou. — Mesmo depois de meu ataque, a criatura não se virou para mim. Eles pareciam com a intenção de atacar apenas os moradores.

— Isso não importa agora — Eira disse a ele. — Siga-me.

Ela os levou para a floresta. Agora que a chuva tinha parado, Ember podia ver figuras amontoadas na mata. Alguns moradores tinham subido nas árvores. Outros agachavam em grupos, olhando aflitos enquanto ouviam gritos dos vizinhos.

— Por que eles não correm para a fortaleza? — Ember perguntou a Lukasz. — Não ofereceríamos proteção?

— Sim — ele disse a ela. — Mas você ficaria surpresa com o quanto pode ser difícil tirar um homem de sua casa. Alguns vão ficar mesmo em face da morte certa.

Este caso provava a verdade de suas palavras, Ember pensou.

Sorchia de repente gritou, apontando para a direita. Uma das criaturas sombra tinha abandonado sua vítima. Agora corria sobre a terra encharcada de chuva, afastando-se em direção ao centro da vila. Sorchia virou-se e correu atrás dela.

— Onde você vai? — Ember gritou, e então viu.

Uma criança, que mal tinha idade suficiente para andar, cambaleava no meio da lama. Ele chorava, encharcado pela chuva e cheio de medo, provavelmente à procura de sua mãe. A criatura sombra manteve seu ritmo inexorável, caindo sobre a criança. O olhar de Ember se moveu da criança, procurando qualquer sinal de esperança para a sua salvação. Seu olhar parou em uma única figura a uma curta distância da criança. Um homem alto encostava-se ao lado de uma casa. Sua pose era casual e com a cabeça inclinada como se estivesse observando esta tragédia se desenrolar de alguma forma divertida.

— Quem é ele? — Ember sussurrou. Mas ninguém a ouviu quando Lukasz xingou e começou a ir atrás de Sorchia.

— Não! — Eira entrou na frente dele. — Eu vou atrás dela. Você deve levar os outros para a segurança de Tearmun.

— Você os leva — Lukasz rosnou. — Eu deveria lutar com Sorchia.

— Eu estou ordenando, comandante — Eira disse, puxando sua espada. — Estou mais pronta para uma luta do que você. Você já perdeu um punhal hoje.

Lukasz olhou para ela, mas acenou com a cabeça. — Vamos ver você na fortaleza.

Eira assentiu. — Boa sorte.

Quando os outros estavam fora de vista, Eira começou a correr, em vez de andar calmamente para a vila. À sua frente, Sorchia mergulhou entre o fantasma e a criança. Rolando a seus pés, Sorchia pegou a criança e virou-se para enfrentar o fantasma.

Com apenas um punhal para se defender, Sorchia cuspiu no chão. — Vá para o inferno, demônio.

Eira levantou a mão e o avanço da sombra parou. Sua forma nebulosa ondulou, deu um súbito estremecimento e depois desapareceu. Sorchia olhou em choque para o espaço vazio onde o fantasma tinha estado. Com a criança ainda lamentando em seus braços, Sorchia ficou muito quieta, incerta de seu próximo movimento.

Atrás dela Bosque Mar endireitou. — A ameaça acabou! — Ele chamou, em um tom de voz que atingiu toda a aldeia. — Vejam suas famílias.

Rangidos e sussurros encheram o ar quando os moradores escondidos surgiram de dentro das casas e sob carrinhos ou pilhas de palha.

— Reúnam-se aqui! Eu tenho o demônio que trouxe esta tristeza em cima de nós! — Bosque pegou Sorchha por trás, o que a fez soltar a criança. Que se sentou na lama, gritando.

Sorchha lutou para libertar-se e gritou, mas os braços de Bosque estavam trancados à sua volta, mais forte do que ferro.

— Eira! Ajude-me!

Bosque olhou Eira, dando um leve aceno de cabeça. Perdendo sua espada, Eira lançou um olhar arrependido para Sorchha. Sabia que a noite iria terminar aqui, mas estava arrependida por isso.

Um sacrifício verdadeiro.

Eira desejava que não tivesse sido Sorchha, mas também sabia que os aldeões eram muito mais propensos a acusar uma mulher de bruxaria que um homem. E Sorchha se provou resistente, hostil mesmo, a chamada de Eira às armas. Isso fez de Sorchha um inimigo. Uma vez que seu plano tinha tomado forma, seu alvo era uma escolha óbvia.

Pelo menos eu salvei a menina, Eira pensou, e Alistair acredita que ela se juntará a nós.

Com um suspiro Eira afastou os olhos de Sorchha e fugiu. Teceu seu caminho entre as casas e finalmente parou, agachando-se fora de vista para que pudesse ver e ouvir sem ser notada.

Curiosos, os moradores assustados começaram a se agrupar em torno do homem alto, que estabilizou rapidamente a mulher lutando.

— Jamie! — Uma mulher gritou, e correu para frente, varrendo o choro da criança coberta de lama em seus braços.

— Pela graça de Deus o seu filho vive — Bosque disse a ela. — Esta bruxa teria levado seu bebê para o sacrifício.

Murmúrios voaram através da multidão que se reunia, pontuada por soluços e tristeza cheia de lamentos.

Sorchha cessou sua luta e seu rosto empalideceu com descrença.

— Eu não sou bruxa — ela sussurrou, mas quando começou a lutar contra ele mais uma vez, sua voz tornou-se um grito. — Eu não sou bruxa!

— Ela é uma bruxa. — Bosque reforçou seu domínio sobre ela. — Só o trabalho do diabo pode trazer tanta tristeza, aqui.

Burburinhos de afirmativa encheram o ar. A multidão aflita apertou mais, homens e mulheres disputavam entre si para obter um olhar para este homem e sua prisioneira.

— Nós todos sabemos que o diabo deve encontrar agentes para fazer o seu trabalho — disse-lhes Bosque. — As bruxas são as servas do diabo. Elas são suas prostitutas!

Esse grito ganhou acenos a Bosque e gritos de "sim!" da multidão.

Bosque levantou a mão direita, capaz de manter Sorcha presa com apenas um braço. — Eu juro que eu vi esta bruxa comandando os demônios que nos atacaram. Quando ela tentou roubar a criança, mandou as criaturas saírem.

— Você viu isso? — A mãe da criança perguntou.

— Na verdade eu vi — Bosque disse a ela. — E os demônios não foram? Será que eles não nos deixaram em nossa tristeza para enterrar os mortos?

— Eu vi também! — Um homem gritou. Ele saiu da multidão e virou-se para enfrentar seus vizinhos. — De onde eu estava escondido debaixo do meu vagão, vi seu comando para os demônios saírem. Ela é uma bruxa!

Lamentos subiram dos aldeões que misturavam com gritos de raiva.

Bosque balançou a cabeça. — E isso não é tudo. Eu conheço essa mulher. Ela não é uma de nós, mas um deles. — Ele apontou para o noroeste para a estrada que levava da aldeia para Tearmunn.

— Ela pertence ao Conatus. As pessoas da Fortaleza.

Um homem gritou: — Mas os cavaleiros oferecem proteção!

— É essa a proteção? — Bosque perguntou. — Onde estão os cavaleiros agora? Eles fizeram algo para impedir isso?

Sorcha debateu-se de seu aperto. — Isso é mentira!

Bosque pressionou o outro braço contra sua garganta, sufocando suas palavras. Ela arranhou seus braços enquanto ele a estrangulava.

— Não suportamos há muito tempo os rumores de sua heresia? — Ele perguntou a multidão, que respondeu com gritos.

— Eu ouvi dizer que eles usam magia de Sarracenos!

— Eles roubam mulheres e crianças!

— Eles deveriam ter sido queimados com os Templários!

O humor dos moradores mudou, sua dor abandonada em favor da raiva.

O rosto de Sorchia foi ficando azul. Bosque empurrou-a para frente e ela caiu em suas mãos e joelhos, com falta de ar.

— E qual é a mensagem que devemos enviar para o Conatus? Como vamos pagar aqueles que enviaram uma bruxa em nosso meio?

A multidão rodeou Sorchia.

Eira baixou a cabeça e saiu da aldeia, cuidadosamente fazendo o caminho de volta para a estrada e tomando cuidado para não chamar atenção. Alistair empurrou para trás o capuz de seu manto ao se aproximar. Ele estava esperando na beira da estrada, segurando as rédeas de dois cavalos.

— Está feito? — Ele questionou.

— Sim. — Eira tomou as rédeas de seu cavalo e montou. — Mas esta noite é apenas o começo.

— Ele nos disse que alguém deve morrer. Que a morte gera vida — disse Alistair reverentemente. — O velho deve entrar em colapso de modo que o novo possa aumentar.

— Bosque Mar é tão sábio quanto é poderoso — disse Eira. — E você ouviu atentamente suas palavras.

Alistair assentiu, observando nuvens de fumaça oleosa negra no céu. Ele sacudiu a cabeça pesarosamente. — Sorchia era uma boa guerreira. Sinto muito por perdê-la.

— Eu também — Eira disse a ele. — Mas sua mente se agarrava aos velhos costumes. Ela fechou os ouvidos às minhas súplicas.

— Não poderia ser salva — Alistair murmurou.

— Não — respondeu Eira. — Ela não poderia. Mas era apenas uma. Depois de hoje os outros vão buscar o abrigo que oferecemos da tempestade que se aproxima... incluindo Lady Morrow.

— Sim, milady. — Alistair sorriu para ela enquanto subia em sua sela. Eles partiram a galope, portadores de notícias urgentes para os cavaleiros da Tearmunn.

Muito mais tarde, muito tempo depois que o fogo tinha morrido e o cadáver carbonizado da mulher foi levado para baixo, os moradores não seriam capazes de lembrar o nome do homem que tinha descoberto a bruxa, nem como ele sabia que

ela veio de Tearmunn – provando por fim, que os rumores de Conatus consorciar com espíritos malignos, até mesmo o próprio diabo, eram verdadeiros. Todos concordaram, no entanto, após a sua boa fortuna que um homem sábio tinha sido enviado entre eles, para que pudessem ser salvos da ira de Deus.

CAPÍTULO 31

CORPOS COLIDIRAM EM Ember enquanto fazia seu caminho em direção a grande sala da mansão. Conatus se reunira para celebrar o ritual de Fidelitas, mas ela não poderia imaginar qualquer cerimônia acontecendo nesta multidão. O corredor lotado estava repleto de sussurros.

Ember poderia não ter sido capaz de chegar ao salão, mas estava seguindo Barrow, mantendo-se tão perto que quase pisou em seus calcanhares. Sua figura alta e forte separava a multidão, e ela aproveitou o caminho que ele limpou antes que a multidão se fechasse novamente.

Barrow empurrou as pessoas de lado até que eles estavam diante dos membros do Círculo que tinham feito o seu caminho até aqui: Claudio, Ewan, Fionn e Cian. O grande cedro apareceu por trás deles, à espera de seu tributo anual. Ainda estavam ausentes Eira, Thomas e Padre Michael. O peito dela se contraiu sem ar. Se Eira ainda estava faltando, isso significava que ela e Sorchá poderiam estar em perigo. Ember também não tinha visto Alistair em qualquer lugar no meio da multidão. Olhando para cima, viu que a galeria estava cheia de observadores ansiosos também. Eles estavam todos esperando, falando em vozes baixas que inundavam a sala com um zumbido constante. Seus olhos continuaram a procurar por seus amigos, ela esperava pegar um vislumbre deles.

— Isto não é um bom modo de ficar sóbrio. — Kael surgiu ao lado dela, esfregando a cabeça. — O que está acontecendo?

— Não sei ainda — disse Barrow. — Você ouviu sobre o ataque?

— Partes — Kael disse. — Eu fiz meu caminho até em casa quando a chuva me atingiu. Encontrar minha cama parecia ser a melhor opção nesse momento. Foi toda a comoção que me acordou.

— Será que Alistair veio com você? — Ember perguntou.

— Não — Kael disse. — Eu não o vi.

Sua pele esfriou.

— Não tenha medo por ele — Barrow disse calmamente. — As criaturas estavam atacando os moradores, não nós. Podemos não saber por que, mas é o suficiente para saber que Alistair deve estar ileso.

Ember assentiu, mas sabia que não iria diminuir seus medos até ver Alistair.

O humor da multidão foi crescendo inquieto. O que havia sido transformado em sussurros, murmúros e queixas, logo se transformou em gritos exigindo respostas.

— Que coisa feia pessoal — Kael disse. — Não estão ajudando a minha dor de cabeça.

Novos gritos chegavam do corredor além do grande salão que enviava ondas de movimento através da massa reunida. A multidão se afastou e duas pessoas vieram caminhando pelo corredor.

Ember foi na direção deles. — Alistair!

— Você está bem? — Perguntou ele, pegando-a em seus braços.

— Sim, sim. — Ela abraçou-o com força. — Quando você não estava aqui, eu temi o pior.

Ela o soltou, recuando. — Onde você estava?

— Quando a chuva começou, me amparei na floresta — ele disse a ela. — Eu encontrei Eira em meu caminho de volta para a aldeia. Ela me disse o que aconteceu.

Embora Alistair tivesse parado quando Ember chamou sua atenção, Eira tinha continuado até o Círculo. Ela virou-se, levantando os braços.

— Paz, amigos! Vocês não devem ter medo. Logo estaremos livres desta ameaça!

Gritos lhe responderam: — O que são eles?

— É verdade que não podem ser mortos?

— Dizem que eles estão vivendo nas sombras!

— Quantos moradores estão mortos?

Eira levantou a voz novamente. — Vocês terão respostas, mas agora eu tenho que implorar por sua paciência. O Círculo deve ser convocado. Deixe-nos lidar com este assunto. Tomem conta de suas vidas e mantenham o trabalho de Conatus em curso!

A multidão agitou-se inquieta, insatisfeita com as suas palavras.

Outra voz do fundo da sala gritou: — Obedeça às palavras de seu conselheiro sábio.

Ember se levantou na ponta dos pés e viu o padre Michael se destacar através da multidão. A forma maciça de Lukasz se assomou atrás dele, alertando qualquer um que pensasse nesta crise como prejudicial à autoridade do sacerdote. — Retornem às suas tarefas ou busquem suas camas. Orem para a nossa libertação deste mal se quiserem, mas não fiquem aqui, onde vocês só iriam agitar o medo, a ferramenta de Satanás. Tenham fé em seus anciãos.

Embora o murmúrio continuasse, a multidão começou a se dispersar. Lentamente, a sala estava limpa.

— Eu não deveria ter acordado. — Kael gemeu. Ele se virou para ir embora.

— Espere, Kael. — Eira veio na direção dele, baixando a voz. — Existem notícias que você deve ouvir.

O alívio que sentiu ao ver Alistair começou a escorrer. Eira estava aqui, mas Sorchá não estava.

Quando o grande salão estava vazio exceto pelo Círculo e os membros da Guarda, Eira acenou para Alistair. Ele deixou-os para fechar as portas amplas, selando o corredor.

— Eira, o que aconteceu? — Cian perguntou a irmã. — Os rumores são verdadeiros?

Eira assentiu. — E há mais para dizer: que é muito pior.

— Onde está Sorchá? — Lukasz franziu a testa para Eira.

— Morta. — Eira virou as costas para eles, andando alguns passos de distância.

— Morta? — Kael balançou em seus pés. — Como?

Quando Eira encarou, seus traços estavam fechados. — Depois que vocês saíram, as criaturas desapareceram. Eu não sei por que ou como, mas eles desapareceram.

— O que isso tem a ver com Sorchá? — Lukasz ficou rígido, com os olhos cheios de raiva.

— Quando ela tentou salvar a criança, se jogou na frente de uma das criaturas de sombra — disse Eira. — E quando fez isso eles desapareceram. Todos eles. Alguns moradores testemunharam... e eles disseram que as criaturas estavam sob a sua influência.

Cian tomou uma respiração afiada. — Você está dizendo que eles achavam que ela era uma bruxa?

— Sem dúvidas — disse Eira. — Eles queimaram-na.

O grupo ficou estático, todos os olhos fixos em Eira, com descrença.

Lentamente Lukasz disse: — Por que você não impediu isso?

— Eu não poderia — Eira respondeu. — Eles a atacaram antes que eu pudesse intervir. Eles estavam loucos por sangue. Teria sido suicídio.

— Você deveria ter tentado — Lukasz sibilou.

Ela olhou para ele. — Você não sabe o que eles estavam dizendo. Eles sabiam que ela era uma de nós. Eles a queimaram com gritos de heresia. Nossa heresia.

— Que Deus tenha piedade de nós. — Padre Michael fez o sinal da cruz. — E nos proteja desse mal.

Ember começou a chorar baixinho. Sorcha foi queimada? Ela sentiu-se mal com a dor.

Ao seu lado, Alistair ficou tenso, seu rosto sem nenhuma emoção.

Lukasz manteve um olhar implacável sobre Eira. Os rostos de Barrow e Kael refletiam o de seu comandante.

Claudio se colocou entre Eira e os cavaleiros. — Esta é uma grande tragédia, mas temos de olhar para o futuro. O que pode ser feito?

— Sua morte deverá ser vingada — Kael disse.

— Iniciar uma guerra na aldeia? — Os olhos de Claudio arregalaram. — Isso serviria apenas para confirmar os medos dos aldeões. Afirmarmos que estamos aqui por vontade de Deus. Nós deveríamos ser seus protetores.

— A espada não é a resposta — Fionn acrescentou rapidamente.

— Eles a queimaram. — Lukasz voltou seu olhar sobre Claudio e Fionn. — Vocês não vão fazer nada?

O Padre Michael suspirou. — A morte de Sorcha é um horrível acontecimento, nascido de um mal desconhecido. Mas buscar vingança só irá gerar mais maldade. Devemos aprender a perdoar.

— Não pode haver perdão para este ultraje. — A voz Lukasz tremeu. — Ela era um de nós.

— Se atacarmos a aldeia, nós traremos a nossa própria destruição — disse Claudio.

Cian assentiu, embora seus olhos estivessem brilhantes de lágrimas. — Nós não podemos fazer nada por Sorchá agora que não seja orar por sua alma. A verdadeira causa de sua morte foi o ataque, a chegada deste novo inimigo.

— Cian fala verdade — disse Eira. — Temos de lutar contra nosso verdadeiro inimigo.

— Um inimigo que se manifesta a partir do nada e depois desaparece sem aviso? — Lukasz disse entre dentes. — Como é que vamos encontrar, e muito menos lutar, contra esse inimigo?

— Nós temos uma maneira de encontrá-lo — Eira disse a ele. — Nós podemos encontrar a origem deste mal.

Barrow franziu a testa. — Você quer dizer a fonte que o prisioneiro falou?

Ela assentiu com a cabeça.

Thomas esfregou sua barba branca curta. — Nós concordamos que a busca por esse caminho é inútil.

— Você ainda acredita nisso? — Eira pediu. — Dado o que está aconteceu esta noite?

Thomas franziu a testa, mas não respondeu.

— Não sabemos nada sobre essa fonte ou se ela existe — disse Barrow. — Essa pesquisa pode levar a nada.

— Eu concordo com Barrow — Lukasz disse. — Temos de lamentar nossa companheira caída, mas o mais sensato é esperar pelo ataque dos aldeões. Os moradores têm saciada sua sede de sangue. Nós temos os recursos por trás de nossas paredes para nos defendermos contra qualquer ataque. Sua raiva vai diminuir com o tempo.

— A menos que haja outro ataque — rebateu Eira. — Você vai correr esse risco?

Lukasz olhou furioso para ela, mas Claudio respondeu: — Eu acredito que você esteja certa, Eira. Talvez este incidente seja um castigo para a nossa incapacidade de agir na licitação do prisioneiro.

— Você acredita que Deus permitiu Sorchá morrer para nos ensinar uma lição? — Barrow rosnou.

Claudio deu alguns passos para trás e o padre Michael colocou a mão suavemente no braço de Barrow. — Infeliz escolha de palavras, talvez.

Fionn rapidamente saiu em defesa de Cláudio, dizendo: — Ele só queria dizer que nós devemos levar mais a sério a ideia de Eira do que nós fizemos uma vez. Eu concordo.

— Existe outra opção? — Ewan, que tinha se segurado, andando abaixo da crista de Conatus, falou: — Não podemos pedir ajuda?

— De quem? — Cian perguntou. — Não podemos pedir aos nossos irmãos e irmãs da ordem. Nós todos juramos lidar com conflitos internos em um local em pequena escala, a fim de manter as nossas conexões em segredo. Trazer cavaleiros estrangeiros para Tearmunh violaria o código.

— E Roma, então? — Ewan disse, virando-se para o padre Michael.

— O que tem a dizer, Padre? — Claudio perguntou.

O reverendo Michael balançou a cabeça. — Não haverá ajuda de Roma, pois não há Roma para apelar. Enquanto a Inquisição dividir nossa Igreja, não temos a quem recorrer.

— Deixe-me falar com o prisioneiro — disse Eira. — Se ele não revelar a origem do ataque, se não tiver nenhum uso, então vamos seguir o plano de Lukasz e selar a nós mesmos dentro destas paredes até que o perigo tenha passado.

Claudio assentiu. — Eu não vejo outra maneira.

Thomas e Ewan murmuraram em concordância, embora tenham trocado um olhar preocupado.

— Padre Michael? — Cian perguntou. — Fionn?

O padre sorriu tristemente. — Eu não sou guerreiro. Eu dependo da vontade do Círculo.

— Eu concordo com os meus colegas — Fionn respondeu. — Temos que buscar a causa da tragédia. E Eira ofereceu a forma mais adequada para prosseguir assim.

Cian se voltou para Lukasz. — Eu não vou concordar com este tipo de ação sem o apoio da Guarda

Lukasz suspirou. — Se tem que ser assim, eu vou concordar.

— E o resto de vocês? — Olhar de Cian varreu os outros cavaleiros.

— Nós servimos a vontade de nosso comandante — Kael respondeu.

— Obrigada — disse Eira. — Estou honrada por sua confiança.

Ela olhou para Lukasz. — Com sua licença, comandante, eu levarei Alistair comigo quando eu interrogar o prisioneiro. Seria prudente ter outra espada na mão.

— Como você quiser — Lukasz murmurou. Embora ele enfrentasse Eira, seu olhar estava em algum lugar distante.

— Por agora, temos de proteger nossa ordem da ira dos moradores — Cian disse. — Espalhe a palavra que nenhum deles pode deixar Tearmunn até novo aviso. Qualquer pessoa da aldeia que implorar entrada deve ser desarmada antes de ser autorizada a passar por nossos portões

— Será que a nossa defesa pode vir a agravar os seus medos? — Thomas perguntou.

— Vou enviar mensagens de boa vontade — disse padre Michael. — A minha esperança é que possamos usar palavras em vez de armas para resolver este assunto.

Thomas assentiu.

— Podemos nos retirar? — Lukasz perguntou asperamente. — Devo informar o resto dos meus cavaleiros que perdemos uma irmã.

— É claro — disse Eira.

— Eu vou acompanhá-lo — o reverendo Michael disse a ele. — Para compartilhar a sua dor e oferecer orações por sua alma eterna.

Cian tomou o braço do padre. — Como eu farei também.

Lukasz inclinou-se para o Círculo e saiu da sala com Kael se arrastando atrás dele. O padre Michael e Cian moveram-se discretamente à porta, falando um com o outro em voz baixa. Barrow caminhava, mas Ember hesitou. Ela olhou para os cavaleiros partindo e depois para Alistair.

— Você vem com a gente? — Ela perguntou a ele.

Foi Eira que respondeu a ela. — Eu não quero atrasar a nossa nova missão, Lady Morrow. Temo que devo pedir que Alistair permaneça comigo.

Alistair assentiu, pegando a mão de Ember. — Eu vou falar com você em breve, Ember. Fique em paz. Agradeço a Deus por sua segurança nesta terrível noite.

Ember ofereceu-lhe um sorriso fraco, achando sua formalidade estranha e fora do personagem.

Com um sorriso muito mais confiante, Eira disse: — Na verdade, Ember. Alegramo-nos com a sua saúde e segurança, para a luta que virá você será muito necessária.

Franzindo a testa em confusão, Ember se forçou a murmurar: — Obrigado, milady.

Alistair apertou seus dedos e puxou-a mais perto, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido. — Lembre-se, Eira está vindo falar com você logo. Nosso mundo está mudando e você deve estar pronta. O caminho de Eira é o único caminho.

Ele se ajeitou e soltou suas mãos.

Perturbada com suas palavras, Ember deu um passo para trás, querendo correr para a porta. Em vez disso, se forçou a sair em um ritmo digno. Alistair caminhou com ela, desejando-lhe boa noite e fechando as portas para o grande salão atrás dela. Quando ficou sozinha no corredor, ouviu o deslize das portas enormes e seus parafusos no lugar. O gemido de metal contra madeira ecoou ao seu redor e foi tomada por uma súbita e fria sensação de que algo estava errado e com a certeza uma fissura minúscula em um ímã poderia derrubar o maior dos edifícios.

CAPÍTULO 32

EMBORA SEUS PÉS estivessem se movendo, Ember não estava consciente de andar. Lágrimas manchavam seu rosto, parecia que chorar também havia se tornado um reflexo involuntário. Luto a anesthesiava enquanto se arrastava da mansão para o quartel e continuava a andar. Não havia mais nada a fazer.

Uma vez dentro do quartel, ela hesitou. Para onde ir? Conatus era uma ordem rica em história e rituais – e que tinha acabado de perder um dos seus próprios. Haveriam preparativos a serem feitos ou ações que deveria tomar?

Essas perguntas deveriam ser feitas ao seu mentor. O seu antigo professor tinha sido Sorch. Agora Sorch se foi. Quando Ember fechou os olhos, viu chamas pulando em direção ao céu, ouviu o crepitar e o silvo de gravetos sendo consumido pelo fogo, e foi sufocada como os tentáculos de fumaça indo para cima, cercando Sorch como as cordas que a prendiam à estaca.

A mente dela muito rapidamente afastou essas visões horríveis. Ela não podia enfrentá-las sozinha.

Se fosse até Barrow, o que ele faria? Não só tinha abandonado o papel de mentor, mas depois do que aconteceu na floresta...

Pensando em seu toque, seu calor compensando a chuva fria, fez sua cabeça girar. Não sabia o que qualquer uma dessas coisas significava.

Lágrimas silenciosas estavam vindo novamente, estas provocada pela frustração, bem como tristeza. Precisando limpar seus pensamentos antes de enfrentar qualquer um dos Guardas – mesmo para se lamentar – subiu as escadas. Iria procurar consolo em sua cela, chorando por Sorch sozinha antes de se juntar aos outros.

Antes que chegasse à porta da cela, o som de um soluço irregular, muito perto, puxou-a brevemente. A porta à sua esquerda estava entreaberta.

Ember caminhou até a porta. Ela podia ver a paleta fina e Kael sentado sobre ela, com o rosto enterrado nas mãos. Seus ombros tremeram.

Embora abafado por suas mãos, seu choro encheu a sala com um som quebrado que fez sua garganta se apertar. Ela observou-o, imaginando se deveria ir até ele. Ninguém deveria ser deixado para afogar nesta profundidade de

tristeza. Quando decidiu deslizar para dentro e sentar-se com Kael, outra pessoa, alguém que estava escondido pela porta parcialmente fechada veio à tona.

Ember apertou-se contra a moldura da porta enquanto Lukasz se ajoelhou na frente de Kael. O comandante tomou as mãos de Kael em suas próprias, puxando Kael a pouca de distância de seu rosto. A mandíbula forte de Lukasz estava delineada pelas brilhantes lágrimas, mas ele chorou silenciosamente. Ele colocou as mãos nos lados do rosto de Kael, correndo os polegares ao longo das maçãs afiadas do rosto de Kael.

— Nós vamos suportar isso. Devemos — Lukasz disse.

— Como? — Kael perguntou.

Lukasz passou os braços em torno dos ombros fortes Kael, puxando-o para baixo até que seus lábios se encontraram.

Ember cambaleou de volta para o hall, seu coração batendo contra as costelas.

Ela sabia que Kael tinha um amante; Barrow disse isso a ela. Mas o comandante? Ela se perguntava se Barrow, sabia ou mesmo suspeitava desta relação.

Mas Barrow não tinha aparecido em sua mente só por causa do que ele disse sobre Kael e os guardas escolhendo para si amantes de sua escolha. A visão daquele beijo carinhoso, mas nascido da dor, fazia seus próprios lábios queimarem lembrando o toque da boca de Barrow na dela.

Ember tinha que encontrá-lo.

Ela correu para as escadas, fazendo seu caminho para a sala do quartel. A maior parte da Guarda se reunia lá. A maioria dos cavaleiros estava agrupados em torno de Cian e do Padre Michael, alguns chorando abertamente, outros silenciosamente com o semblante pesado. Alguns tinham rompido com o grupo maior para se lamentar por conta própria.

Embora tivesse o cuidado de procurar as faces dos guerreiros amontoados, quem procurava estava ausente. Virou-se, andando o mais rápido que podia, sem correr. Uma vez de volta no pátio, começou a correr. Espirrando através das poças, ela correu para os estábulos. Diminuiu a velocidade uma vez que estava lá dentro. Durante a noite úmida e escura, a doçura do grão parecia mais forte. Ela hesitou na borda do corredor longo e escuro que corria entre as baias. Dentro das

sombras podia ouvir a respiração dos cavalos, o farfalhar de suas caudas, a bufada ocasional ou o relinchar macio.

Dando alguns passos à frente, Ember olhou para a escuridão, mas não encontrou nenhuma evidência de que alguém que não fosse os cavalos estivesse passando a noite lá. Mesmo assim, ela continuou andando com cuidado e ouvindo todos os sinais de que não estava sozinha.

Uma lanterna teria sido útil, mas foi obrigada a seguir em frente sem a segurança de uma luz para o seu caminho. Veio em busca da verdade crua, o tipo de verdade que talvez só fosse revelada sob a escuridão.

Ela estava grata que tinha chegado a conhecer bem os estábulos. Se tivesse sido de outra forma, poderia ter fugido das formas maciças que se encontravam atrás das portas. Alguns dos cavalos mostraram-se agitados, observando-a enquanto passava.

Ember andou, e as trevas a cercavam a cada passo. Só parou quando ouviu o murmúrio da voz de um homem. Ao se virar na direção do som, ela caminhou silenciosamente a frente, pisando leve, de modo a se aproximar sem aviso prévio. Mesmo depois de vários minutos nos estábulos, seus olhos enxergavam pouco na escuridão, mas pode identificar quando se aproximou de uma das últimas baias no corredor, ocupada por duas formas distintas, a sombra de um cavalo e a de um homem. Seu coração parecia uma pedra, muito pesado em seu peito.

— Barrow — ela sussurrou.

Uma das formas por trás da porta da baia mudou, vindo em sua direção. Atrás dele, Toshach relinchou baixinho.

— Ember? — Barrow destravou a porta, deixando-a abrir. — O que você está fazendo aqui?

Sua pergunta alfinetou-a, mas ela disse: — Procurando por você.

Ele não respondeu, mas ficou em silêncio, apenas uma sombra que se erguia diante dela.

— Por favor, — A voz dela quebrou. — Eu não sei o que fazer.

Barrow saiu da baia e fechou a porta. Ela não sabia mais o que dizer. Mesmo se tivesse palavras para falar, não tinha certeza se seria capaz de falar. Sua respiração era irregular.

— Estou arrependido de ter deixado o quartel sem encontrar você primeiro — disse ele lentamente. — Eu não sabia... pensei que poderia ser melhor se nós ficassemos um tempo sozinhos.

O estômago de Ember se apertou. — Eu não devia ter vindo aqui.

— Não. — Barrow se aproximou, estendendo-lhe a mão. — Foi errado da minha parte te deixar... mas depois...

Seus dedos se fecharam sobre os dela, segurando-os tão apertado que era doloroso. Ember não sabia se ele estava falando de Sorchia ou de seu beijo, mas deu um passo em direção a ele. Pôs a mão em seu rosto. Os dedos dela tocaram seu rosto até a mandíbula, tornando-se molhado com o que restava de suas lágrimas.

— Eu deveria ter ficado para trás. — Sua voz era áspera.

— Eira nos mandou sair, e até mesmo Lukasz se rendeu a sua autoridade — disse ela. — Seguimos o comandante como fomos mandados. Como poderíamos saber?

— Eu perdi companheiros de batalha — ele sussurrou. — Esse é nosso fardo, a nossa vocação. Mas não assim. Nunca assim.

Ember balançou a cabeça, movendo a mão de sua mandíbula até o pescoço. Descansou a cabeça contra seu peito e deixou as lágrimas virem discretamente, mas livremente.

— Eu temo o que isso significa — disse ele.

Fechando os olhos, Ember podia ouvir sussurro de Alistair. *Nosso mundo está mudando e você deve estar pronta.*

Barrow teceu seus dedos por seu cabelo úmido, segurando a cabeça dela. — Eu não vou pedir nada de você, Ember.

Ember levantou o rosto, tentando entender as suas características familiares no escuro.

— O que você quer pedir de mim?

— Muito. — Ele deu um suspiro trêmulo. — Eu me achava forte, mas descobri que eu sou fraco como qualquer outro homem. Talvez o mais fraco.

— E se eu quiser fazer o que você pedir — ela sussurrou. — Então o que?

Barrow abaixou-se, passando os lábios sobre a testa dela, rente ao nariz. Ele beijou sua bochecha e ela sentiu sua respiração em seus lábios, sua boca

perto da dela, mas ele não a tocava. Percebendo sua hesitação, Ember agarrou sua camisa e puxou-o para ela.

Quando abriu a boca contra a dele, ele gemeu. Sua língua deslizou entre os lábios dela levemente com carinho. Seu corpo pressionado contra ele, o frio úmido da noite fugindo ante o súbito calor de sua pele.

Os braços de Barrow a envolveram. Ele levantou-a, virando-a para que ficasse presa contra a porta da baia. Sua boca deixou a dela para trilhar por seu queixo e pescoço. Seu fôlego perdeu-se quando o beijo dele seguiu a linha de seu corpete.

Quando ele se afastou, ela tentou trazê-lo para perto novamente. Ele gentilmente a manteve distante, dizendo: — Nós não devemos ficar aqui, Ember. Qualquer um poderia vir e nos ver.

— Onde? — Ela perguntou, pensando em encontrar um lugar rapidamente, de modo que pudesse sentir seu corpo contra o dele mais uma vez.

Barrow pegou a mão dela e começou a levá-la em direção à entrada estável. — A Guarda está montada no quartel?

— A maioria — Ember disse, sentindo o peito esvaziar a implicação de sua pergunta. — Devemos unir-nos a vigília?

Ele balançou a cabeça. — Hoje à noite Lukasz informará nossos irmãos da morte de Sorchia e do rompimento do ritual de Fidelitas. A cerimônia de honrá-la terá lugar dentro de alguns dias depois que os preparativos adequados forem feitos.

Quando chegaram ao pátio, Barrow fez uma pausa, atraindo-os para a sombra do estábulo. Seus lábios encontraram os dela, demorando-se, saboreando antes de ele romper e perguntar: — O que você quer, Ember? Eu não vou mais para longe até que saiba o que se passa em sua mente.

Ela estava com medo de falar. Ser honesta era desnudar seu coração. — Eu não quero passar a noite sem você.

Ele pegou o rosto dela entre as mãos. — E eu não acho que eu poderia suportar esta dor se não fosse por você.

Ember pôs as mãos sobre a dele. — Você vai ficar comigo?

— Eu vou. — Ele a beijou suavemente. — Vá para sua cela e eu irei até você... se isso é realmente o que você deseja.

— Não só o que eu desejo, mas o que eu preciso — ela sussurrou, e ele a beijou novamente.

— Vá agora — ele disse a ela. — Eu vou em breve.

Ela atravessou o pátio do quartel, tremendo com a ausência de calor de Barrow. Os guardas do quartel se revezavam, envoltos em silêncio. Ember não sabia se seus companheiros estariam em suas camas ou se ainda estavam reunidos no salão, de luto por Sorchia. Ela subiu as escadas, passando pela cela de Kael no caminho para a sua própria, e se perguntou se Lukasz iria passar a noite com Kael – os dois encontrando consolo em braços um do outro por trás de portas fechadas. O mesmo consolo que desejava partilhar com Barrow.

Pegando uma vela do candelabro no salão, Ember entrou em sua cela, mantendo seus movimentos silenciosos por medo de atrair atenção da Guarda. O que aconteceria entre com ela e Barrow se alguém os visse, era um mistério a ser resolvido. Se alguém testemunhar Barrow vindo para sua cela a esta hora tardia, poderia levantar questões que não queria responder. Ela acendeu a vela que estava na mesa pequena e restaurou a luz do corredor.

No brilho suave de velas Ember desabotoou seu vestido. Meio que se perguntou se deveria esperar por Barrow antes de tirar a roupa. Mas seu vestido estava coberto de lama e ainda úmido. Os tecidos das duas vestes pareciam quase fundidos, pesados em sua pele gelada. Enquanto estava empurrando seu vestido solto por seus ombros, ouviu a porta abrir atrás dela. Seu pulso saltou, mas ela continuou a deixar cair o vestido. Ele deslizou sobre seus seios, expondo-os, quando ela se virou.

Alistair olhou para ela, os olhos arregalados.

Deu um pequeno grito e puxou o vestido de volta, pressionando o tecido para sua clavícula.

— Ember. — Ele soprou o nome dela, dando um passo em direção a ela. — Oh, Ember.

Ela recuou em sua cadeira. — Espere, Alistair. O que você está fazendo aqui?

— Eira me pediu para encontrá-la. Ela é incapaz de vir ela mesma esta noite, mas o que quer dizer é urgente. Eu estou aqui em nome dela — disse ele.

Seus olhos tinham fixado no lugar que ela tinha coberto apenas com a túnica ainda úmida. — Nós precisamos conversar.

— Mas... — Ember tentou uma maneira de tirar Alistair fora de seu caminho antes de Barrow chegar. — É tarde e estou cansada. Pode vir de manhã? Ele balançou a cabeça. — Isso não pode esperar.

— Então deixe-me me vestir de novo — ela disse. — Eu não posso falar com você assim.

Alistair aproximou-se dela antes que pudesse protestar. Suas mãos agarraram seus ombros nus.

— Ouça-me — ele sussurrou. — Ouça o que eu tenho a dizer, por favor.

Ele apressou-se sem esperar por seu consentimento. — Eu entendo agora, Ember. Eu sinto muito. Eu deveria ter visto isso antes.

— Visto o que? — Ember olhou para a porta da cela. Quando é que Barrow iria chegar? O que ele pensaria quando encontrasse Alistair aqui?

— O motivo que você sentiu que tinha me rejeitar — disse Alistair.

Suas palavras afastaram pensamentos de Barrow de sua mente quando seu sangue gelou.

— Você veio para ficar comigo — continuou ele. — Como nós sempre falávamos desde que éramos crianças. Mas é claro que você nunca poderia me ter como um amante. E como um marido, eu não teria nada para oferecer. Nenhuma terra. Nenhuma fortuna.

— Alistair.

Ele pressionou os dedos sobre os lábios dela.

— Deixe-me terminar. Há outra maneira.

Ember não conseguia respirar. O que ele estava falando? Seu pulso se tornou uma batida firme, baixa e rígida, que ecoava em seus ouvidos.

— Lady Eira é uma grande guerreira e uma líder como nenhum outro — disse ele. Seus olhos tinham crescido brilhante de excitação. — Ela simpatiza com a nossa situação. A vida da Guarda é brutal. Nós lutamos tanto e por quê?

Seus dedos cravaram em seus ombros. — Nós protegemos o mundo sem o reconhecimento dele. Nós desistimos de felicidade, riqueza... amor. — Ele levantou a mão para tocar seu rosto. — Não tem que ser assim.

— O que você está falando, Alistair? — A voz de Ember tremeu.

— Uma nova ordem — ele murmurou. — Um mundo onde seremos honrados como deveríamos ser. Onde não estaremos sujeitos à avareza de

homens como o Abade Crichton ou a sede de sangue muda de uma multidão de camponeses.

Sua pele se arrepiou. — Diga-me mais.

Ele sorriu, encorajado. — Eira queria falar com você sobre estas questões pessoalmente. Mas as coisas evoluíram muito rapidamente. Só sei que, quando chegar o momento, você deve aliar-se com ela. Fazer o contrário seria loucura.

Ela não entendeu, mas a aguda torção em seu estômago lhe indicava que algo estava terrivelmente errado.

Uma batida suave veio à porta e Alistair virou. — Quem é?

Ember sentiu como se uma mão invisível estivesse estrangulando-a. Abriu a boca, mas apenas um grasnido saiu.

— Ember? — Um sopro da voz de Barrow chegou até eles.

O rosto de Alistair escureceu enquanto ele caminhava para a porta.

— Alistair, não. — Ember sufocou as próprias palavras em sua garganta, mas não o deteve. Ele abriu a porta, olhando para Barrow.

— Como você se atreve a vir até Lady Morrow no meio da noite, seu bastardo. — Alistair cuspiu aos seus pés.

Com um rosto transtornado Barrow olhou para ele e depois para Ember, que ainda se agarrava a túnica solta.

Ela balançou a cabeça. — Barrow, por favor, não é... ele me surpreendeu.

A pálida pele Barrow se tornou ainda mais sem cor por causa da raiva. — Eu lhe disse para ficar longe dela. E ainda assim você a persegue com sua obsessão infantil.

— Eu a amo, seu bruto! — Alistair rosnou.

Barrow agarrou Alistair pela camisa e jogou-o para dentro da cela, chutando a porta que se fechou atrás deles.

— Eu não traria vergonha sobre Lady Morrow atraindo nossos companheiros para testemunhar esta cena — disse Barrow. — Mas eu não vou tolerar a sua presença aqui.

— Eu tenho pretensões muito maiores para Lady Morrow do que você. — Alistair sacudiu-se livre do aperto de Barrow.

Barrow completou de mãos cerradas. — Ninguém tem direito sobre ela.

— E eu suponho que você está aqui para confortá-la, agora que seu mentor está morto... o mentor que ganhou uma vez que você a abandonou. —

Alistair sorriu cruelmente. — Você acha que irá funcionar essa sua artimanha de levá-la para cama, prometendo guiá-la para a vida adulta?

Barrow investiu contra Alistair, mas Ember chegou a ele em primeiro. Seu punho chocou-se contra mandíbula Alistair.

— Como você ousa reivindicar me amar e falar de mim dessa forma?

Alistair olhou para ela, esfregando o rosto. — Me perdoe, milady. A grosseria deste bárbaro infecta a mim.

— Barrow não fez nada de errado — Ember disse a ele. — Eu pedi a ele para vir aqui porque eu não entendo o que é exigido da Guarda após a morte de Sorchia.

Os olhos de Alistair percorriam os ombros nus dela — E você pensou em receber o seu conselho vestindo apenas sua camisola?

Ember enrijeceu. — Eu pensei que ele tinha decidido que a hora é tarde demais para vir. Sua presença é uma surpresa para mim. Assim como a sua.

Atrás dela, Ember podia ouvir a rápida respiração de Barrow, mas ele não se moveu em direção Alistair novamente.

— Então, talvez a única coisa digna a fazer para nós dois é a oferta de boa noite. — Alistair olhou para Barrow. — Ember falou a verdade. A hora é muito tarde e não precisamos privá-la do sono com nossa briga.

Barrow ficou em silêncio por um momento, mas então disse: — Concordo.

Ember virou, lançando um olhar suplicante para ele. Como poderia se opor, sem fazer as coisas piorarem? Ele deu uma sacudida leve de cabeça.

— Depois de você — Barrow disse a Alistair, apontando para a porta.

Alistair se curvou para ela e disse: — Pense em minhas palavras, Ember.

Barrow levantou as sobrancelhas, mas seguiu Alistair até a porta sem falar.

Ele estava prestes a fechar a porta. — Durma bem, Lady Morrow — disse ele. Então, ele se foi.

CAPÍTULO 33

EMBER OLHOU PARA o teto, incapaz de dormir mesmo que estivesse deitada no palete com uma camisola limpa e seca. Ficou tão atenta para qualquer sinal de retorno de Barrow que seus ouvidos doíam. Mas ele não tinha voltado. Ela brincou com a ideia de ir até ele, mas não pode deixar de pensar que sua ausência era um sinal de raiva em direção a ela. O pensamento de buscar a cela de Barrow e sua cama apenas para ser afastada, a fez sentir como se estivesse doente.

Sua mente ficou dividida por causa do outro assunto também. O que Alistair quis dizer com uma nova ordem? Será que Eira tinha um plano que só o Círculo sabia? Mas se fosse esse o caso, por que Alistair saberia sobre ele e não o resto da Guarda?

Na mata, aquela criatura de sombra tinha se manifestado na frente dela, mas quando o pingente tinha queimado, ele havia desaparecido.

O pingente que Alistair lhe dera. Pingente de Eira.

E o que Eira tinha dito a eles sobre a morte de Sorchá? Disse que os aldeões acreditavam que Sorchá era uma bruxa, porque as criaturas de sombra tinham desaparecido, em vez de atacá-la. E eles a queimaram por isso.

A garganta de Ember ficou seca. Por que as criaturas desapareceram? Teria Eira dado um pingente a Sorchá também?

Ela subiu na sua cama, tateando no escuro pelo o colar que tinha deixado em cima da mesa.

Suas mãos tremiam quando o levantou, tentando decifrar os seus detalhes, apesar da falta de luz para enxergar. Nas sombras, não conseguia ver nada além de um pingente pendurado em uma corrente, mas quanto mais tempo olhou para ele, mais rápido o pulso dela bateu.

Poderia ter sido tomada no lugar de Sorchá? Será que Sorchá queimou só porque tinha sido apanhada na aldeia onde Ember não estava?

A batida na porta a fez saltar. O pingente escorregou de sua mão, suas bordas de ouro tilintando contra a mesa quando ele caiu.

A garganta dela ficou seca. Por que as criaturas desapareceram? Teria Eira estado de alguma forma ligada a isso? Tinha sido a única a testemunhar a

morte de Sorchá. Poderia ter parado, mas não o fez?

Antes que ela pudesse responder, a porta se abriu e o peito de Ember se apertou. Estava certa de que Alistair tinha retornado. Mas a figura que entrava em sua cela era muita alta para ser Alistair.

— Ember, você deve acordar. — O som da voz de Lukasz assustou mais do que a batida em sua porta.

— Eu estou acordada, comandante.

— Isso é um assunto urgente — ele sussurrou. — Se vista e venha para os estábulos. Apresse-se, pois o tempo trabalha contra nós.

— Vou me apressar — disse.

Sem outra palavra, ele foi embora e Ember estava mais uma vez sozinha. Deslizou uma nova túnica sobre seus ombros e puxou suas meias.

Depois que prendeu seu cinto, enganchou o couro para suas armas no lugar, assombrada pelo sentimento de que iria precisar delas. Vestiu seu pesado manto e colocou o capuz sobre sua cabeça.

Quando chegou aos estábulos, Ember encontrou um pequeno grupo reunido em torno de uma única lanterna segurada pelo Padre Michael. Ela olhou por cima da meia dúzia de homens e mulheres, procurando rostos familiares. Lukasz e Kael estavam juntos com os cavaleiros que reconhecia, mas não compartilhou mais do que refeições com eles no corredor. A única pessoa presente que não era da Guarda era Thomas, o membro mais velho do Círculo. Ember continuou sua procura, e seus olhos arderam quando percebeu que estava à espera de ver Sorchá entre eles.

— Ember.

Ela virou-se para encontrar Barrow em pé atrás dela. Lutando contra o impulso de abraçá-lo, deixou os dedos escovarem os dele antes de deixá-los soltos ao seu lado.

Seu sorriso era fugaz. — Eu sinto muito... — Suas palavras sumiram, mas sabia que ele não podia dizer mais.

— Isso não importa.

Ele se juntou a ela no pequeno círculo, ficando perto o suficiente para que seus braços se tocassem.

Lukasz, que estava falando em voz baixa com o Padre Michael e Thomas, olhou para o grupo e acenou com a cabeça.

— Isso completa nossos números — ele acenou, balançando sua cabeça — Nós somos poucos, mas eu não posso ficar surpreso com isso

Um cavaleiro com cara de fuinha, de quem lembrava se chamar Fitch, perguntou: — Os rumores são verdadeiros?

— Eu sinto dizer que eles são — Lukasz respondeu, olhando em volta do grupo amontoadado — Vocês estão aqui, porque vocês vieram até mim depois de Eira visitar vocês com promessas de poder, de uma nova hierarquia em Conatus

Enquanto as pessoas em volta assentiam, Ember franziu a sobrancelha. Quando Lukasz viu sua sobrancelha franzida ele sorriu e disse quietamente: — Ou você está aqui porque é alguém que eu acredito que seja incorruptível.

Ember sentiu a mão de Barrow descansar na parte inferior de suas costas. Ela assentiu para o comandante, mas sua cabeça girou.

Promesas de poder. Uma nova ordem. Alistar tinha vindo esta noite, falando da grandeza de Eira. *Eu queria que você entendesse o quanto eu acredito nela.*

Ele queria que eu me juntasse a eles. Ela pensou enquanto bile subia em sua garganta. *Ele sabia o que Eira planejou para Sorchia? Ele não tinha feito nada para impedir isso?*

— Você prometeu uma testemunha para assegurar suas palavras, comandante. — Fitch lançou um olhar desconfiado ao redor do pouco iluminado círculo. — Onde está ele? Eu quero seguir você, mas eu preciso de provas.

— Lora — Lukasz acenou para alguém no escuro, o que tinha pensado ser uma tenda vazia.

A clériga que convocava parceiros de treino de argila apareceu, ajudando um homem frágil cujo os olhos estavam selvagens de medo.

— Você disse que iria me proteger. — Ele disse a Lora

— Esses são amigos. Senhor Sawyer — Lora disse gentilmente — Nenhum deles irá fazer qualquer dano a você.

— Você não sabe, você não sabe. — Os membros de Sawyer sacudiram. — Todos eles mudam, todos eles o escolhem.

— Quem é esse homem? — Barrow perguntou a Lukasz.

— Um servo do Abade Crichton — o comandante disse a ele — Ele chegou antes de ontem e Lora foi a primeira a falar com ele. Ela teve o bom senso de mantê-lo escondido.

— Escondido de quem? — Fitch perguntou

— Dos meus amigos do Círculo. — Thomas disse a ele — Eu temo que eles não possam ser confiáveis.

Agitação passou e inquietou o grupo

— O que você quer dizer com o Círculo pode não ser confiável? — O cavaleiro chamado Mercer perguntou.

Padre Michael levantou a lanterna, então a luz iluminou sobre sua cabeça — Um grande mal veio sobre nós. A escuridão corrompeu o núcleo da nossa ordem.

Lukasz concordou, apontando para Sawyer — Esse servo trouxe um conto de aflição da propriedade do Abade.

Mercer riu. — Desde quando a desgraça do abade é desgraça para nós?

— Neste caso, a queda do abade poderia muito bem ser a nossa. — O comandante não sorriu.

— O que aconteceu, Lukasz? — Barrow franziu o cenho para ele. — O que se abateu sobre o abade?"

— Diga-lhes, Sawyer. — Lora cutucou o homem trêmulo.

Os olhos de Sawyer percorreram todo o grupo enquanto ele falava. — Eu estava lá quando eles chegaram. Lady Eira e o homem estranho.

A respiração dela tornou-se superficial. Barrow tomou-lhe as mãos, escondendo os dedos entrelaçados nas dobras de seu manto.

— Eles se reuniram em particular com o meu mestre — disse Sawyer. — Mas logo os gritos do abade encheram os salões da mansão e se derramaram nos jardins. Todos nós o ouvimos chorando por misericórdia. Ele não encontrou nenhuma.

— Quem causou o tormento do abade? — perguntou Lukasz, embora o conjunto de sua mandíbula sugerisse que já sabia a resposta.

A boca de Sawyer tremeu. — E-e-le. Nós não sabíamos o que eram. As coisas que ele chamou ao seu serviço. Os monstros. As sombras.

— As criaturas de sombra? — Barrow perguntou com alarme. — Os mesmos animais que atacaram a aldeia?

— Isso é o que parece — Thomas respondeu calmamente.

— E Eira estava lá? — A mão de Fitch estava no punho da espada, como se esperasse um ataque a qualquer momento. — Ela foi até o abade, e ninguém

sabia disso?

— Nós não sabíamos nada antes de Sawyer chegar — disse Lukasz. — Vá em frente com o seu conto, senhor.

— Eles mataram os soldados que tentaram ajudar o abade — disse Sawyer, meio soluçando. — Eles são invencíveis! Nenhuma arma pode prejudicar estes demônios.

— Você acredita que eles realmente são demônios? — perguntou o padre Michael.

Sawyer concordou. — Eles servem ao seu mestre, que não é senão o diabo. Que outra criatura poderia manifestar tais coisas más à vontade?

— O que aconteceu em seguida? — perguntou Merce de sobrelhas unidas — Depois que os soldados foram mortos.

— Havia poucos que se renderam. — Sawyer respirou tremendo. — Eira ofereceu anistia a qualquer um que jurasse sua lealdade a ela e para o estranho.

— Ele tem um nome? Este estranho — perguntou Barrow.

— O nome dele é o Lorde Mar — disse Sawyer. — Lorde Bosque Mar

— É um demônio conhecido? — Mercer virou-se para padre Michael.

O padre sacudiu a cabeça. — Eu nunca ouvi esse nome. Nem de qualquer ser que pode chamar demônios em tal número e com tais poderes.

Barrow respirou fundo. — E Eira foi testemunha de tudo isso?

A voz de Sawyer caiu para um sussurro. — Dizem que ela deleitou-se com a dor do abade... dizem que riu.

— E o abade? — Fitch exigia. — Ele está morto?

— Não — Sawyer disse a ele. — Ele é um prisioneiro em sua própria casa. Por ordem de Eira ele assina cartas e documentos que ela quer, e se resiste, o estranho traz seus demônios para atormentar o abade ainda mais.

— Esta é a nossa desgraça — Fitch murmurou. — Por sua própria vontade Eira deixou Sorcha queimar... ela vai nos destruir.

— Silêncio — disse Lora enquanto Sawyer torcia as mãos e chorava.

— E como nós podemos confiar neste homem? — Mercer olhou para ela. — E se ele veio até nós com esta história só para provocar nossas próprias alianças? Ele poderia dar nossos nomes para Eira.

Sawyer olhou para cima, com lágrimas escorrendo de seu queixo. — Não, lorde cavaleiro, não. Eu só consegui escapar porque sou um lenhador. Quando fui

para o meu trabalho na floresta, eu fugi.

— Você não foi perseguido? — Barrow franziu o cenho.

— O abade tem muitos funcionários — disse Sawyer. — Eu acho que Eira tinha pouco de cuidado para um lenhador simples.

— Ela não quer que ninguém saiba o que aconteceu na propriedade do abade — Mercer argumentou.

— Sim, senhor cavaleiro. — Sawyer concordou. — Mas quem iria acreditar em mim que não seja alguém da sua ordem? Vim aqui na esperança de que Lady Eira acharia impossível para qualquer um dos servos do abade buscar ajuda. Pois ela vive aqui, e se me descobrisse, eu certamente seria morto.

Padre Michael colocou a mão na testa de Sawyer. — Você é um homem corajoso por nos trazer esta notícia. Deus te abençoe, meu filho.

Sawyer começou a chorar novamente.

— O que vamos fazer? — Fitch mudou em seus pés, inquieto. — Confrontar Eira? Se a sua fidelidade com este demônio se revelar, talvez possamos expulsá-la de Conatus e em seguida, procurar uma maneira de derrotar seu novo aliado.

— Eu tenho medo que seja tarde demais para isso — disse Thomas com a voz tensa. — Eira reuniu seguidores. Muitos dentro Tearmunn foram seduzidos por suas promessas de que o acordo com essa criatura de alguma forma vai trazer benefícios a nossa missão.

— Como é que sua mente se tornou tão torcida? — perguntou Kael de repente. — Como pudemos ser tão enganados?

— É realmente preocupante. — Padre Michael inclinou a cabeça. — Talvez ainda mais preocupante que ela tão facilmente ganhou o apoio dos nossos companheiros.

O olhar de Mercer varreu seu grupo, com os olhos arregalados. — Você está dizendo que todos dentro da fortaleza, salvando nós poucos, tem se apoiado atrás Eira?

— Não — respondeu-lhe Lora. — Os clérigos e funcionários não sabem nada sobre isso. Só quando encontrei Sawyer e ouvi seu conto que eu soube o que estava acontecendo.

— Eira lançou seu caso primeiramente ao Círculo e a Guarda, mas não a toda Tearmunn — disse Thomas. — Por que é onde ela acredita que a poder de

Conatus existe. Os clérigos serão os próximos a ganhar sua atenção.

— Mesmo assim. — Fitch tossiu, tentando cobrir o tremor em sua voz. — Dos vinte e cinco cavaleiros, somente nós iremos resistir?

— É o que parece — disse Lukasz cansado. — Eira já foi comandante da Guarda. Muitos ainda são leais a ela. Antes de hoje eu teria me contado entre esse número.

Ember fechou os olhos. O rosto de Alistair a assombrava. Espontaneamente, as suas palavras ecoavam em sua mente mais uma vez. *Eu quero que você entenda o quanto confio nela.*

— M-mas o Círculo? — Fitch gaguejou. — Todos eles também?

— Não eu, obviamente. — Thomas ofereceu-lhe um sorriso fraco. — Cian e Ewan estão com a gente também.

— Então, onde eles estão? — Perguntou Fitch.

— Cian ficou com sua irmã — Lukasz disse a ele. — Para mantê-la ocupada, enquanto nos encontramos e decidimos sobre um curso de ação. Ewan está vigiando. Se fossemos descobertos, isso iria acabar antes de começar.

Mercer perguntou: — Antes do que começar?

O comandante e Thomas trocaram um olhar preocupado.

— Quem quer que seja este Lorde Mar, temos de encontrar uma maneira de expulsá-lo do nosso mundo — disse Lukasz. — Mesmo que isso signifique buscar até o fim do mundo meios pelos quais ele possa ser derrotado.

O encontro tornou-se muito quieto enquanto as implicações das palavras de Lukasz se afundavam.

Barrow falou primeiro. — Quando partimos?

— Imediatamente — respondeu Lukasz. — Assim que os cavalos forem selados.

— Você quer que abandonemos Tearmunn agora? — Fitch sacudiu a cabeça. — Para onde vamos?

Thomas franziu o cenho para ele. — Não há outra escolha. Se você demorar, se arisca a revelar a si mesmo para Eira ou qualquer um de seus aliados.

— E quanto para onde vamos — disse Lukasz — Podemos ter alguns aliados dentro Tearmunn, mas o Conatus vive além destas paredes. Vamos procurar passagem para Krak des Chevaliers.

— A Síria? Você poderia nos colocar nas mãos dos Mamluks? — Fitch ficou boquiaberto com o comandante. — O Sultão, Faraj, é conhecido como um homem cruel.

Padre Michael disse: — Os Mamluks têm sido aliados de Conatus, não importa quem os governa, e será oferecido refúgio em Krak des Chevaliers.

— Como você pode ter certeza? — Perguntou Fitch.

Os olhos de Lukasz estreitaram. — Eu não sabia que você era um covarde, Fitch.

Fitch baixou o olhar, envergonhado.

— Paz, amigos — o padre Michael disse suavemente. — Esses tempos de desespero enfraquecem nossa fé e fazem o nosso coração vacilar. Vamos nos acalmar.

— Padre Michael está certo — Thomas disse a eles. — Nós não podemos dar ao luxo de brigar entre nós mesmos. Fitch, a razão de Krak des Chevaliers oferecer santuário é que vai demorar mais tempo para Eira efetuar tal mudança que está dentro de Conatus, mas fora da cristandade. Pelo que reunimos, ela está contando com os canais disponíveis do Abade Crichton. Isso significa que vai se concentrar no Sacro Império Romano e alguns pontos do Leste antes abordar as terras dos otomanos e mamelucos. Pelo menos, espero que sim.

— E a esperança é tudo o que temos — concluiu Lukasz.

— Eu não sou covarde — disse Fitch, sua voz baixa. — Mas, certamente, não precisamos tomar um navio. Essa viagem vai custar-nos semanas. Já Hamish teceria uma porta para Krak des Chevaliers que possamos viajar para lá com toda a velocidade que precise.

Lora suspirou. — Você não pode se arriscar a trazer Hamish nessa confusão. Nós não sabemos onde sua lealdade vai cair. Se ele se prova simpático à Eira, vai dar o nosso esconderijo.

— Vocês vieram aqui esta noite por sua própria vontade — Padre Michael disse a eles. — E agora vocês devem escolher o seu caminho. Fique aqui e se submeta, ou ficar escondido, ou então fugir dessas paredes até encontrarmos uma maneira de resistir à escuridão crescente.

Mercer perguntou o padre: — O que quer dizer escondido?

— Cian, Thomas, Ewan e eu vamos ficar em Tearmunn — Padre Michael disse. — Vocês têm de ter uma maneira de saber o que acontece aqui.

— Isso é um grande risco. — Barrow franziu o cenho. — E se você for descoberto?

— O custo seria maior se sairmos com vocês — Thomas disse a ele. — Se Cian e eu ficarmos ausente, Eira saberia que sua oposição se estende além de um punhado da Guarda e vai se tornar muito mais perigosa. Quanto mais confiante ela é, o mais provável é que seremos capazes de explorar seu orgulho.

Padre Michael assentiu.

— E eu tenho que ficar aqui e tentar descobrir as origens desta criatura que se chama Bosque Mar. Sem conhecimento não podemos mandá-lo de volta para onde ele veio.

— Leve Sawyer com você. — Lora empurrou gentilmente o lenhador para Kael. — Ele não pode ser encontrado aqui. O escondam em uma cidade ao longo do caminho se você precisar, mas certifique-se que ele está além do alcance da Eira.

— É claro — disse Kael.

O comando de Lukasz veio em um tom abafado. — Aqueles que optarem por sair, aprontem seus cavalos. Vamos iniciar a nossa saída do estábulo e deixá-lo em pares, pelo caminho da porta do pasto na parte traseira do forte. Padre Michael, Thomas, e Lora ficarão vigiando, e nos alertarão se algum dos nossos pares ganhar atenção indesejada.

Sem palavras o círculo se desfez, saindo em uma corrida, outros tropeçando longe como se estivesse bêbado.

— Vá para Caber agora — disse Barrow calmamente. — Há pouco tempo.

Ember assentiu, mas Barrow já estava indo embora, deixando-a encontrar seu próprio caminho para o seu cavalo. Depois de reunir suas coisas e esvaziar os alforjes para amarrar na sela, Ember foi até a baía de Caber. Embora os alforjes estivessem vazios, ela esperava que pudesse encontrar os meios para preenchê-los ao longo de sua jornada. Ember manteve sua mente em branco, focada apenas em preparar Caber. Muito aconteceu em um pequeno espaço de horas.

Eventos que ameaçavam quebrar o coração dela e destruir sua mente. Não podia pensar sobre Sorchia. Ou Alistair. Qualquer fissura em sua parede emocional e entraria em colapso em um entulho de luto. Não havia tempo para deixar isso acontecer.

Caber cumprimentou-a com um grunhido saudável. Sua atitude contrastava com o espírito frágil dela. Um passeio de meia-noite presenteou o garanhão com muito bem-vinda aventura em oposição ao voo assustador que ele representava. Ember selou e colocou o freio em Caber rapidamente, apesar de suas tentativas de divertir-se nos confins da estrebaria. A ânsia do cavalo de estar fora dos estábulos ajudaram a aliviar o seu humor; pelo menos Ember tem um companheiro de bom humor.

— Ember. — Barrow estava do outro lado da porta da baia. Na escuridão Toshach era uma sombra enorme atrás do cavaleiro. Caber relinchou uma saudação para o outro garanhão.

— Silêncio — ela estalou a língua para Caber quando saiu da baia. — Você não sabe que estamos embarcando em uma viagem clandestina?

Caber bufou, sacudindo a juba.

Ember virou para Barrow. — Você está indo?

— Em breve — ele disse a ela. — Mas não sem você. Devemos levar os cavalos para o portão de trás.

— Estamos montando juntos?

Barrow disse calmamente: — A menos que você prefira a companhia de outro.

— Não — ela sussurrou. — Claro que não.

Ember estendeu a mão para ele. Ele pegou os dedos e levantou-os aos lábios. O toque suave enviou um tremor através de seus membros.

Sentindo sua garganta se fechar, ela puxou livre de seu alcance. Não podia deixar as emoções a dominarem, até mesmo aquelas que ela gostaria de receber. Era muito perigoso.

Barrow levou Toshach na frente, dando espaço para Ember tirar Caber de sua baia. Ela trouxe o garanhão até o lado do outro cavalo, e eles caminharam juntos pelos estábulos. Através da noite calma os dois cavaleiros e suas montarias passaram pelo campo de treinamento e na parte traseira do quartel e da mansão.

Lora estava esperando na porta para o pasto.

— Lukasz e Kael estão longe — ela sussurrou, abrindo a porta para eles. — Fitch e Mercer irão seguí-los em breve. Boa sorte.

Ember levou Caber primeiro e depois Barrow foi com Toshach. Lora fechou a porta, deixando-os entre a parede exterior de Tearmunn e o vento frio que varria o vale. Eles ficaram em silêncio, sem se moverem para montar os cavalos.

Quando Ember suspirou contra o vento da noite, Barrow estendeu a mão e tocou-lhe o rosto. O calor de sua mão em seu rosto afastou o medo dela.

— O que vai acontecer com a gente?

Ele soltou as rédeas de Toshach e a puxou para perto. — Eu não sei. Nenhum de nós sabe.

— Você pensaria mal de mim se eu confessasse que eu nunca estive tão assustada quanto estou agora? — ela sussurrou.

— Você pensaria mal de mim se eu oferecesse a mesma confissão?

Um som, parte risada, parte soluço, brotou de seu peito.

Barrow beijou a sua testa, então se inclinou e trouxe sua boca para a dela. Agarrou a camisa dele, pressionando o corpo contra o dele, deixando seu calor brevemente levar embora o hálito gelado do vento.

Quando eles se separaram, Barrow disse: — O caminho pela frente é desconhecido para todos. Não posso oferecer-lhe sabedoria ou orientação. Apenas a promessa de que eu nunca irei deixá-la.

Ember puxou seu rosto para o dela, beijando-o novamente antes de dizer: — Sua força me dá coragem.

Ele sorriu gentilmente. — Não, Ember, essa é toda a sua força e não minha. — Ela hesitou, mas ele a beijou, murmurando contra seus lábios, — E é por isso que eu te amo.

Ainda com um sorriso, mas um que agora insinuava malícia, Barrow a deixou sem fala quando girou e montou na sela.

— Temos de ir, Lady Morrow.

Embora seus membros tivessem se tornado instáveis por suas palavras, Ember levantou as rédeas sobre a cabeça de Caber e subiu para a sela.

Eles partiram em uma corrida, e seus cavalos foram logo entrando no ritmo. Dois pilotos voando sobre a terra como se estivesse tentando escapar da mesma noite.

Ember se virou para olhar por cima do ombro, observando como Tearmunn encolheu com a distância. Afastando o olhar com uma pontada de

arrependimento, ela instou Caber para frente e concentrou sua mente para o leste, para um mundo desconhecido e um futuro não escrito.

- Arma antiga composta de longa haste, que é rematada por peça pontiaguda de ferro, atravessada por lâmina em forma de meia-lua.
- Camisa de manga longa usada como roupa de baixo
- Páscoa
- Um morto-vivo, um zumbi.
- Uma espada escocesa.
- Um tipo de armadura para pernas.
- Casaco medieval que se colocava sobre a armadura.
- O **Kelpie** é um espírito aquático do folclore celta, que habita nos córregos e rios escoceses. Ele normalmente assume a forma de um cavalo pequeno, e atraí as pessoas até o rio para afogá-los.
- Um tipo de anfíbio.
- Mamon representa o terceiro pecado, a Ganância ou Avareza, também o anticristo, devorador de almas, e um dos sete príncipes do Inferno
- Meias.
- Redcap é um duende malévolo, caracterizado pelo seu chapéu vermelho vivo.
- Um evento que tem dança e música tradicional irlandesa ou escocesa.
- Instrumento musical de percussão irlandês.